

A TÉCNICA FUNCIONAL DA LEI DE DEUS

Autor: Pietro Ubaldi

Tradução: Marly de Oliveira e Ruth Maria Chaves Martins

ÍNDICE

Prefácio

I – Verdades e Morais Relativas

II – A Posição do Homem Espiritual Diante das Religiões de Massa e a Religião Unitária e Científica do Futuro

III – A Atual Fase Evolutiva da Sociedade Humana

IV – Um mais Avançado Conceito de Deus e da Vida

V – Arremesso e Correção da Trajetória da Vida e a Terapia dos Destinos Errados

VI – As Três Fases do Ciclo Redenção

VII – A Técnica Funcional do Destino; a Futurologia e a Racional Planificação da Vida

VIII – A Nova Moral e a Técnica da Salvação

IX – A Resistência a Lei e Suas Conseqüências

X – O Problema do Karma e a Justiça de Deus

XI – A Função da Bondade e Amor de Cristo Diante da Rígida Justiça da Lei do Pai

XII – O Homem Diante da Lei

XIII – A Inteligência do Diabo

XIV – O Conceito de Criação

XV – As Conquistas Espirituais do Novo Homem do Futuro

Conclusão

PREFÁCIO

Com o presente volume encerramos a terceira trilogia da Segunda obra, que é uma série de aplicações e conseqüências da teoria em que a obra se fundamenta. Foi possível, desse modo, submeter a teoria a um controle experimental, pondo-o em contato com os fatos, em busca da verdade, que nos oferece um sólido testemunho. O fato de a prática confirmar a teoria, dá-nos total segurança.

Creio, pois, que mantive o compromisso assumido e cumpri o dever de explicar tudo às almas sedentas de conhecimento. Desejo-lhes que seja seu grande júbilo, como foi o meu, tudo compreender e ver com clareza os grandes problemas da vida, saindo do estado nebuloso da fé e do mistério. De volume em volume, conduzi o leitor através do longo caminho do conhecimento e agora, atravessado esse Oceano, creio ter chegado com ele ao porto. Ensinando-lhe a dar à vida um sentido altíssimo, pude demonstra-lhe essa possibilidade, com suprema utilidade; dando à minha própria vida uma expressão que a tornasse digna de ser vivida.

Não ofereci fé, mas segurança; não mistérios, mas demonstrações; não convidei a crer, mas a compreender. De cada afirmação dei uma prova, baseada em fatos, e, finalmente, depois de tê-las exposto, ainda submeti as teorias a controle experimental. Este é o estilo da nova religião científica, aquela que, sem negar as antigas, as continua e as demonstra, tornando-a necessariamente aceitável, assim como para quem sabe pensar é convincente tudo aquilo que é racionalmente demonstrado e experimentalmente controlado. Isso torna uma religião tão positiva e universal quanto à ciência, colocando-a acima das divisões existentes entre suas rivais.

É conhecido o conceito de uma lei que tudo dirige. Mas não basta falar dela em termos gerais. Por isso, neste volume, nos adentramos ao tema, para ver com que técnica funciona esta lei. O conhecimento alcançado é de extrema utilidade prática porque explica as causas da dor e como não semeá-las, evitando suas conseqüências. Desse modo, aprende-se conhecer qual é a gênese de nosso destino e a corrigi-lo quando estiver errado. A vida é canalizada ao longo de sua própria via de desenvolvimento, aprendendo-se, assim, a não viver não loucamente como acontece com os involuídos, mas de forma inteligente como os evoluídos, de acordo com uma técnica, verdadeira arte, técnica essa que se pode chamar a Técnica da Libertação.

Este livro é, pois, prático, utilitário, benéfico, porque através de uma cerrada psicanálise, nos conduz a Deus. É um livro que, por meio de uma racional planificação da vida, leva à redenção e à salvação. Mas, para compreendê-lo, seria bom ler os livros precedentes, os mais recentes que deram origem a este, pelo menos um deles: O Sistema, porque as referências à teoria aí exposta sobre S (Sistema) e AS (Anti-Sistema) são freqüentes. Terminei esse trabalho no meu octogésimo terceiro ano de idade, 1969, atravessando uma enfermidade que ameaçou matar-me. Mas o espírito venceu, a lei funcionou como já descrevi neste volume, e assim posso pôr-me ao trabalho de um novo livro, a fim de que a Obra, nascida no Natal de 1931, esteja acabada no devido momento, isto é, no Natal de 1971.

I

VERDADES E MORAIS RELATIVAS

Na realidade, vemos que a verdade é uma abstração e o que existe, de fato, são as pessoas que nela crêem; observamos ainda que uma verdade só existe na Terra enquanto vivem as pessoas que nela acreditam. Isto porque não existe, no nosso mundo (AS), uma verdade universal. Encontramo-la, às vezes, fragmentadas em infinitas verdades particulares, que são as de cada uma dessas pessoas. Estas, porém, representam o ponto de partida e a matéria prima de uma reconstrução da verdade universal do S, o que se consegue pelo princípio das unidades coletivas, isto é, por reagrupamentos sempre mais vastos de mentes que aderem a uma verdade particular e atraídas, reciprocamente, por afinidade. Evolui-se, assim, em direção a unidades coletivas cada vez mais amplas, mas que antes de unificar-se (S), lutam entre si para destruir-se (AS), uma acusando a outra de erro, enquanto não passam de aspectos diversos da mesma verdade, lutando para entender-se e, enfim, unificar-se. Que a evolução leve à unificação das verdades particulares, vemo-lo hoje em religião e em política, numa universal tendência à unificação, cuja finalidade é sanar o estado de cisão e luta que prevalecia no passado. É assim que, à concepção de uma verdade cada vez mais vasta, se chega através da unificação das verdades relativas particulares. Certamente existe a verdade universal absoluta. Mas esta é a longínqua meta da evolução e hoje, para o homem, somente existe na medida dada pela aproximação que ela atingiu na sua compreensão, em proporção ao desenvolvimento de sua forma mental.

O que de fato encontramos hoje aqui na Terra são, pois, agrupamentos de indivíduos de forma mental afim, que, por isso, defendem uma verdade comum, relativa a eles, e válida para seu grupo. Assim as religiões são reagrupamentos de indivíduos, que, pela raça, história, posição geográfica, grau de evolução etc., se encontram de posse de um dado tipo de forma mental que possibilita seu reagrupamento em torno de um determinado tipo de verdade, pois, em torno de um dado pensador-chefe que a proclamou. Morrendo ele deixa-a no mundo, mas se ela não responde a necessidade e gosto das massas ele, por maior que seja, terá falado aos surdos, inutilmente. O fundador faz sozinho a metade do trabalho do lançamento de uma religião. A outra metade depende da aceitação por parte das massas, que, depois transformam tudo, adaptando-o para seu uso às medidas e formas que suas necessidades e capacidades exigem.

Explica-se, assim, como as várias religiões do mundo concebem Deus e O adoram em formas tão diversas. Deus é o ponto de convergência de todas elas, tão longe do céu, no qual todas se encontrarão unidas um dia no futuro. Uma religião é a construção mental que o homem faz por si mesmo, é concepção de Deus que ele pode atingir segundo o seu nível de evolução, relativamente à sua natureza; concepção, pois, particular, não universal, impotente para conseguir unificações mais vastas dos que as conseguidas pelo próprio grupo religioso. Trata-se de verdades que não superam os limites do grupo. Aponta-se para o absoluto, mas o absoluto está no S, no alto da escalada evolutiva, no extremo limite do grande caminho da subida, enquanto nós estamos no AS, inexoravelmente mergulhados no relativo. É verdade que o universo está cheio de Deus, que não há ponto, momento, fenômeno em que Ele não esteja vivo e presente, tal qual a Lei que é pensamento com direção e vontade que trabalha. Mas, também, é verdade que o AS é um invólucro que encerra em si o ser e o isola e separa como uma barreira da capacidade de sentir aquela presença, ficando aprisionados até que rompamos tal invólucro com a evolução.

O estado atual do homem diante da verdade é, pois, de separação, isto é, de cisão entre tantas pequenas verdades isoladas, egocêntricas e em luta entre si. Enquanto o indivíduo permanecer fechado nos estreitos confins da pequena verdade individual, em antagonismos com a dos seus semelhantes, o evoluído é, ao contrário, levado a conhecer verdades sempre universais. Com a queda, a unidade de conhecimento se fragmenta num caos de pequenas verdades rivais, em posição de concorrência. Assim se explica não só o atual estado divisionista, mas também o processo, hoje em ação, de reunificar essas verdades separadas, em grupos cada vez mais vastos. Na realidade, são apenas aspectos diversos e modos de conceber a mesma verdade, e, no entanto, não se conhecem e se condenam reciprocamente. Mas o processo evolutivo é de unificação, que já se iniciou e se realizará sempre mais no campo religioso, tanto para as nações como no campo político.

Com a queda, o ser se fechou no limite das dimensões espaço e tempo. A forma mental humana, que é o instrumento, construiu-se em função de tal limite. O ponto de partida e de referência para cada concepção foi o terreno de sua propriedade, sobre o qual está a casa em que vive com a própria família. Eis subitamente a idéia de confim e de defesa contra os invasores; são

vizinhos e estranhos que desejam entrar, como se entrassem em seus próprios terrenos. Assim procedem para roubar as mulheres e os haveres, a fim de satisfazer às duas necessidades básicas da vida, sexo e fome, correspondentes às necessidades de convivência, seja como raça seja como indivíduo.

Sobre esse esquema constrói-se o castelo, guerreando contra todos. Hoje, esse castelo não tem muros e fossas, mas barreiras legais, econômicas, morais e sociais. O princípio é o mesmo, quer se trate de indivíduos ou de povos. Luta-se para invadir e para não ser invadido em todos campos e níveis.

O homem levou consigo ao campo espiritual essa forma mental. Assim, ele constrói uma visão da vida, que é a sua verdade, a que mais lhe serve para viver. Ele considera-a sua, de sua propriedade e a defende contra outras verdades, as quais, por sua vez, são construídas por um outro homem, que, igualmente delas se serve e que as defende como propriedade sua.

Temos assim, verdades limitadas para uso próprio, relativas a cada um; ciumentas, inimigas uma da outra. Estão separadas, mas cada uma é um centro de consciência e conhecimento e é um foco em expansão. Cada verdade tende assim a dilatar-se invadindo o campo da consciência e da vida do outro. O princípio imperialista é uma qualidade humana que se revela em cada manifestação, tanto no terreno político como no religioso, dando lugar a guerras, que são, na substância, da mesma natureza.

É assim que, à maneira de cada povo, cada religião tende à conquista, além de ser proselitista, dogmática e querer invadir e dominar as consciências. Daí vem a intransigência e o absolutismo egocêntrico. E nasce assim o fenômeno do imperialismo religioso.

Isto tem uma explicação: com a queda, a verdade se fragmentou em inúmeros momentos separados, egocêntricos, inimigos, em luta para sobrepor-se um ao outro, gerando o caos. Para fazê-los voltar ao estado de ordem em posição unitária não há outro modo senão reagrupar, gradualmente, em unidades sempre maiores, os elementos rebeldes e separados, impondo-lhes à força uma disciplina contra a sua vontade de desordem e separatismo. Esta é, de fato, a história e a técnica construtiva dos agrupamentos humanos, políticos e religiosos. Temos sempre um chefe que, com meios materiais e espirituais, se faz centro e se impõe por um poder superior. Temos a fase do conquistador, depois a do poder, a do expansionismo imperialista. Tudo depende da natureza humana, feita de uma forma mental que aplica em tudo o que faz e constrói. Se temos, porém, um imperialismo religioso, também temos uma verdade em contínua expansão, resultado de uma contínua conquista. A necessidade de evoluir está na base de nossa vida, e por ela se justifica em qualquer campo o método imperialista expansionista e de conquista dominadora, porque esse é um meio para chegar a unificação, que é um dos grandes fins da evolução. Vemos assim como tudo funciona e encontra a sua justificação, com a sua explicação lógica.



Não só no campo da verdade e da religião encontramos os indivíduos que as aceitam, transformando-as para uso próprio em verdades e religiões particulares. Também no campo da moral, não encontramos uma única e universal, mas tantas morais quantas são as consciências individuais. Não falamos aqui da moral oficial, altamente proclamada e pregada, para uso da massa, feita de normas gerais que deveriam regular-lhe a conduta. Isto é o que se diz, que serve freqüentemente para mascarar o que se faz. Falamos aqui da verdadeira moral, a que não se mostra a ninguém, mas que cada um aplica conscientemente segundo sua natureza e forma mental, os únicos meios de julgar e orientar o que se possui. Esta é a moral da qual estamos verdadeiramente convencidos, mas que fica escondida por ser posição de batalha e uma arma na luta pela vida.

Dessas morais individuais existem tantas quantas são as posições de cada um ao longo de sua estrada evolutiva. Os íntimos julgamentos variam de acordo com as posições assumidas, que representam o ponto de vista pelo qual cada um olha o mundo. Assim, um indivíduo julgará tolo um evoluído que se sacrifica pelo ideal, e do sacrifício deste só perceberá o modo de aproveitá-lo em vantagem própria. Por sua vez, um evoluído se ofenderá com o modo materialista

pelo qual o involuído entende a religião, reduzida a prática exteriores, vazias de espiritualidade, e, pior, reduzidas a dogmatismo, fanatismo, proselitismo, intransigência agressiva contra outras religiões. Tais métodos são contra a moral das religiões e, não obstante, essas religiões são usadas porque respondem a uma outra moral, a real, que é a que se aplica aos fatos.

Esta não é a moral ideal, que o futuro haverá de realizar através da evolução, mas é a presente tal qual se vive, é a moral biológica que funciona atualmente, não fundada sobre a compreensão e cooperação, mas luta para impor-se, porque só o vencedor tem direito à vida. Aquela outra é uma moral teórica, repetida em voz alta para esconder o estado de involução que ainda se encontra o animal humano. A praticada, porém, é esta moral biológica, egoísta e estritamente utilitária, anteposta a um fim importantíssimo que é o da defesa da vida num mundo hostil que continuamente a ameaça.

Ora, isto não significa que o homem que a segue seja mau ou tenha má fé, só pelo fato de que não pratica a moral que ele defende em palavras. Simplesmente, ele não está amadurecido para saber viver no nível do ideal, aplicando-lhe os princípios. Ele não é imoral, mas amoral.

Imaturidade não é maldade. Ele não é, pois, culpado. Simplesmente cuida de resolver o problema mais urgente; o de sobreviver – e trata de ser prudente quando não quer arriscar-se em perigosas explorações nas terras desconhecidas do ideal. Deixa tudo isso para o futuro, pensa: havendo a eternidade, para que apressar-se? Fica, então, ligado à matéria, à parte animalesca, porém mais segura realidade biológica. Ele tem boa fé, porque, no seu nível de evolução, toda a consciência que conseguiu formar no passado e que agora possui, a longa experiência através de duras provas conquistadas, lhe dizem que é necessário permanecer utilitarista sem deixar desviar por sinais perigosos; buscar, pois, vantagens imediatas e concretas, sendo positivo antes de qualquer outra coisa.

Tudo o que se faz por instinto é um produto do inconsciente, em que funciona a inteligência da vida substituindo a do indivíduo, insuficiente ainda para orientá-lo. É verdade que o homem faz as coisas mais importantes da sua vida, como nascer, reproduzir-se, morrer, com muito pouca liberdade de escolha, movido por forças que desconhece.

Num tal mundo de involuídos, o evoluído surge como um revolucionário que quer fazer antecipar os tempos e se destaca do nível das massas, pretendendo acelerar-lhe o ritmo evolutivo, evolução a que elas se recusam, porque isso significaria precipitar os lentos deslocamentos de sua maturação. Não obstante vários profetas foram aceitos, significando serem eles também úteis à vida, a partir do momento em que ela os produz e os aceita. Não importam as adaptações necessárias para chegar à aceitação.

Embora, num primeiro momento, isto possa parecer escandaloso pela falsificação dos ideais, depois de um exame mais amadurecido, se vê como tudo não passa de um calculado desenvolvimento de forças, canalizadas em sentido pragmático, a fim de que todas dessem o maior rendimento possível, segundo a sua natureza, para o bem do ser que deve ascender. Ora, se a vida, cujo funcionamento é dirigido pela Lei, que é o pensamento de Deus, aceitou o ideal na sua economia, embora somente na medida que esse ideal podia ser utilizado segundo a maturidade atingida pelo homem, tudo isso prova que é necessário o ideal descer à Terra. Assim, o surgimento de profetas, santos, gênios, produz sempre um certo rendimento biológico, em sentido positivo. Cristo, apesar de tudo, sobreviveu no mundo, em virtude do fato de que as massas, no seu inconsciente, por instinto de evolução, sentiram que Ele num certo sentido, embora percebido de forma nebulosa como aspiração a realizações distantes, representava uma forma de utilidade.

Descem, assim, à terra, os ideais como uma chuva benéfica sobre a selva árida e feroz. Vagam aqui e ali, alimentando o cimo das árvores mais altas, prontas para recebê-los e assimilá-los. Permanece em baixo a selva árida e feroz, onde os seres continuam os mesmos, só podendo ver com os olhos que têm e agir segundo a sua natureza. E ele está certo, dentro da perspectiva da sua verdade, relativa ao nível da sua evolução, uma verdade que pode ser um terrível erro para quem vive em posição mais avançada. Os delinquentes, à sua maneira acreditam estar certos, do mesmo modo que a fera que devora a vítima está certa, isto é, no nível da fera. Que ela esteja vivendo a sua verdade, prova-o o fato de que não se engana, pois com tal conduta resolve o problema maior que é o da sobrevivência. A culpa da besta está apenas no fato de ser obrigada a

resolvê-lo daquela maneira, enquanto que o homem civilizado pode permitir o luxo de resolvê-lo sem catástrofes e risco de vida, chegando a culpar aquele que não procede do mesmo modo. Inclusive ele, porém, se encontra diante do mesmo problema de viver e o sente tão vivo que tenta resolvê-lo não só na Terra, mas também depois da morte no céu e, se faz sacrifícios, é com essa finalidade.

Assim, para um selvagem, na sua inocência, pode parecer justo roubar e matar, quando isso lhe servir para a sua sobrevivência. Ele terá remorso e se julgará inepto se não tiver roubado, matado suficientemente, porque sua consciência animal lhe diz que faz bem quando age em benefício próprio. E que age bem prova-o o fato indiscutível, mas convincente a sua consciência, que matando e roubando tem vantagens. O bom sabor da carne humana e o bem-estar do ventre saciado persuadem de forma indubitável o antropófago de que comer o homem branco é coisa boa; como a posse da botina roubada que permite gozar melhor a vida persuade o ladrão de que é ótimo roubar sem se deixar prender; como saber usar a astúcia para enganar a boa fé dos honestos, pela vantagem que deles obtêm, persuade o astuto de que a hipocrisia é louvável. Cada um no seu nível está certo, e, na sua ignorância, tem razão. Ele é, pois, a seu modo, inocente. Mas isto não impede que cada um receba o que merece, isto é, a pena máxima, que não é, como se pensa, ficar momentaneamente derrotado na luta, mas ser uma criatura daquele nível e o dever de nele permanecer, quem sabe por quanto tempo, mergulhado nas trevas e nas dores relativas a ele.

II

A POSIÇÃO DO HOMEM ESPIRITUAL DIANTE DAS RELIGIÕES DE MASSA E A RELIGIÃO UNITÁRIA E CIENTÍFICA DO FUTURO

“A hipocrisia é o câncer das religiões. Ele as corrói até matá-las”.

Observamos um caso particular de consciência, e do comportamento que deve seguir o indivíduo espiritualmente mais sensível que a média, ligado a uma religião mais de substância que de forma, porém ainda enquadrado na prática, dentro das normas impostas pela forma mental das massas.

Há na sociedade indivíduos profundamente espiritualizados que, por isso, costumam a entrar na corrente em que se encontra a maioria.

Muitas vezes é a força do número é a que estabelece a lei e a verdade. Quando o erro é da maioria, não é julgado erro, mas verdade; e quando a verdade é de uma minoria, não é julgada verdade, mas erro. Parece que a verdade, quando não está imbuída de alguma força para fazer-se valer, perde o valor e se reduz a uma afirmação teórica que não se pode realizar. Retirai de qualquer doutrina a força que lhe confere o número de seguidores e ela ficará uma idéia desvalida e só, que pode ser mais bela e perfeita, mas não é levada em consideração. Por isso cada religião se apoia no proselitismo, que corresponde ao imperialismo no campo político, o valor prático de cada grupo vindo do seu poder de conquista e domínio.

Que deve, pois, fazer o indivíduo em minoria? Ele pode escolher um entre vários caminhos existentes, e adaptar-se às preferências da maioria; mas representa para ele uma religião de forma, escassa em substância. Adaptar-se e aceitar tal mentalidade significaria renunciar à vida espiritual vivida em profundidade, isto é, mutilar-se nas regiões mais altas do seu ser. Isto, para quem é espiritualizado, é a mais penosa e também danosa das experiências, a do retrocesso involutivo que o leva a viver num nível espiritual mais baixo.

O indivíduo mais evoluído tem um outro conceito de Deus, de Quem as massas fizeram uma representação para seu uso e consumo, reduzida às dimensões do que podem conceber. O homem mediano concebe um Deus antropomórfico, feito à sua imagem e semelhança. Ora, uma redução em tão estreitos limites é inaceitável para quem pensa mais profundamente. O homem mais evoluído concebe Deus como pensamento sábio que funciona em cada forma e fenômeno, em toda parte e sempre presente, a Quem é preciso prestar contas em cada movimento. Tal pensamento a todos regula através de uma Lei estabelecida com exatidão, e que não se pode violar sem pagar as conseqüências. Trata-se de conceitos positivos, racional e experimentalmente controláveis, de que a ciência pode apoderar-se para construir uma nova religião, baseada na lógica dos fatos, portanto universal.

Como se vê, neste caso, o problema religioso é colocado de forma diferente. Mas, ao invés de abrir as portas a tais conceitos, mais aceitáveis pela ciência, se insiste nos antigos, que parecem feitos justamente para empurrar as mentes cultas a uma sumária negação, terminando na irreligiosidade do ateu. A esses resultados, podem levar os velhos métodos.

Quando uma religião impõe o conceito de um Deus exclusivamente pessoal e transcendente, o evoluído espiritualizado, embora desejando obedecer pode dizer a si mesmo – “eu não posso aceitar porque os fatos me falam da imanência de Deus em todo o universo. É verdade que Ele é o centro do universo, por isso pode ser entendido também de forma pessoal, o que não me impede de ver que Ele é também periférico, isto é, presente em tudo que existe. Concebendo-o assim, sinto a Sua presença e não posso negá-la para admitir um Deus imensamente distante, que se ausenta da sua criação, isolando-Se na Sua transcendência. Mas se assim fosse, tudo morreria no mesmo instante. E eu preciso desta presença para viver, porque sinto que aquele separar-se de um Deus relegado a tal distancia me mata. Sei que Deus está presente em tudo, como pensamento diretor, como dinamismo que anima todas as formas da existência em que Se exprime. Assim também em mim, como em toda a criatura, Deus está presente. Eu sou célula do Seu organismo vivo em todos os seres; devo por conseguinte, pensar em unísono com o pensamento daquele organismo que dirige os movimentos, e devo funcionar segundo os princípios que o regem, isto é, segundo a Lei Dele. Certamente, Ele é o Eu central do organismo do Todo. Como acontece conosco, o eu central não se isola dos elementos que o compõem, existindo também em cada célula, que só pode viver em função dele, em estreita união e comunhão com Ele. Deus é a vida presente em toda a parte. Retirai do ser este liame e ele morre. Deus é a existência. Um isolamento de Deus na sua transcendência destruirá a criação, porque O retiraria da corrente do existir. Não sei se isto é panteísmo. Mas sei que não posso renunciar a esta presença de Deus, porque é essa presença que me faz vivo na eternidade. Uma tal renúncia romperia o fio da minha vida, que me une a Ele de Quem a recebo”.

Compreender e viver tudo isso é fundamental para o homem espiritual, mas pouco interessa às massas. Não se trata de abstrações teológicas, mas do modo de conceber a vida e de realizá-la diferentemente da maioria, com resultados diversos, aos quais – quem os conhece – não pode renunciar. Muitos solucionam os elevados problemas espirituais, como os da consciência e conhecimento, de modo muito fácil, isto é, ignorando-os ou suprimindo-os, ocupando-se somente do estômago e do sexo. Desse modo se obtém a vantagem de simplificar a vida e de suavizar a fadiga da luta, reduzida às conquistas mais elementares.

Tudo isso se explica. A força da evolução é poderosa e conduz ao S, sendo essa redenção a lei fundamental e a razão da vida. Mas, a tudo isto se opõe uma outra força, também poderosa, a da involução que tende ao AS. Esta conduz a uma descida, sempre mais acentuada. É a negação que leva à perdição, que se opõe a positividade salvadora. Eis o que significa o retrocesso involutivo a que se reduziria o homem espiritual, se se adaptasse ao nível das massas que gostariam de detê-lo no seu plano.

A posição delas é completamente diferente. Elas não possuem a força da evolução, e não saberiam usar a autonomia espiritual se a tivessem, por isso não a desejam. É necessário compreender-se também a sua forma mental. Para viver, a ovelha necessita de um rebanho e de um pastor que a conduza. Deixada sozinha em liberdade, não sabe aonde ir e se perde. A autonomia, que para a pessoa evoluída e espiritualizada tem um valor inestimável, para a ovelhinha não é uma vantagem, mas um perigo ou um dano. Assim se explica como funcionam as religiões, sua estrutura hierárquica de rebanhos e pastores. Esta exprime os valores desses seus termos, e

corresponde à natureza dos vários elementos biológicos que a compõem. Se os pastores comandam é porque as ovelhas não sabem dirigir-se sozinhas, tem, pois, necessidade de alguém que lhes preste este serviço. Por isso, elas são obedientes, porque com sua submissão recebem benefício. A vida é sempre utilitária.

Formam-se assim o grupo e o espírito de grupo que mantém unido o rebanho sob a tutela do pastor. E quanto maior o grupo, maior é seu poder. Por extensão progressiva vai-se realizando gradualmente o processo de coletivização. Mas o sistema é ainda de uma massificação sob um pastor e patrão que impõe a ordem com regras próprias de disciplina. Com esse biótipo (ovelha) não é possível ir mais adiante, isto é, além da estrutura pastor-rebanho, que só atinge o nível atual. Um mais avançado tipo de coletivização, para o qual está pronto o indivíduo evoluído, e que ele poderia realizar se encontrasse um ambiente humano do seu tipo, é composto de indivíduos autônomos espontaneamente irmanados em consciente colaboração para obtenção de uma vantagem comum. Mas as organizações humanas de qualquer gênero não alcançaram ainda tal nível evolutivo.

Segundo as leis da vida, para poder dirigir, é preciso ter as qualidades necessárias, e quem não as tem deve obedecer. Liberdade e comando significam responsabilidade. Inaptidão e preguiça levam a um estado de sujeição. Todos queriam eliminar o reverso da medalha e fazer-se servir gratuitamente. Mas é preciso pagar-se com a obediência o serviço que presta aquele que dirige. Não obstante, é preciso aprender autodirigir-se. Se até ontem as massas ficaram submetidas, isto ocorreu porque, por imaturidade e inércia, preferiram a via da paciência, para elas menos cansativa e menos arriscada.

Uma outra via pode ser escolhida pelo indivíduo mais evoluído que se encontra em minoria; não a que agora se enquadra como uma verdadeira adaptação, mas a de uma falsa condescendência, mimetizando-se externamente na aparência, isto é, o caminho da hipocrisia. A vida costuma usar a mentira, quando não há outro meio, como elemento de conciliação entre opostos. É um acordo na aparência, que se limita a esconder a dissensão que permanece, já não sincero e visível, mas tão distorcido que poderia parecer consenso. Isto se justifica enquanto é uma tentativa, uma antecipação daquela verdade, à qual se chega somente pela evolução. Todavia, mesmo este é um modo de chegar a uma convivência pacífica, o que é preferível a um estado de guerra.

A vida que é utilitária, escolhe sempre o caminho do menor esforço e maior rendimento. Mesmo sendo a mentira remédio de ínfimo grau (os mais evoluídos a rejeitam com desprezo, resolvendo os problemas com inteligente sinceridade), é neste sentido pragmático que a vida aceita a hipocrisia, quando é obrigada a recorrer a ela, porque, em face da involução do indivíduo, neste nada encontra de melhor. Obviamente, mentir não é honesto e é necessária muita insensibilidade moral para adaptar-se à mentira. Mas quando o acordo não é conseguido em sua reta posição, a vida tenta consegui-lo numa falsa posição invertida que, não sendo uma concordância, é, pelo menos, um tácito compromisso que, bem ou mal, já aproxima as duas partes contrárias e permite uma primeira forma de pacífica convivência entre opostos. Eis a função biológica da mentira. Assim se explica como a vida, honestamente utilitária, a ela recorre, seguindo a lógica do seu princípio do mínimo esforço.

O indivíduo pode adaptar-se e assumir a forma mental religiosa imposta pela maioria, quando ele é involuído, detentor daquela sensibilidade que permite tais sedimentos morais. Mas a isto não se adaptará um evoluído, detentor de outra sensibilidade, de modo que o método da hipocrisia permanece impraticável para este. Tal método resulta válido sobretudo para os menos evoluídos, sendo útil para esconder a forma mental que os leva a desfrutar da religião por interesses materiais, tais como obter respeito, autoridade, posição social e o bem-estar que tudo isso traz consigo.

Se nem a adaptação sincera nem a hipocrisia são aceitáveis para o indivíduo mais evoluído que se encontra em minoria, há, para ele, um terceiro modo de resolver seu caso: o isolamento, que pode parecer a muitos como indiferença religiosa, ausência espiritual, descrença e ateísmo; sendo por isso causa de escândalo. Tal método é condenável diante do mundo, mas ele é melhor que os outros dois diante de Deus, porque evita o retrocesso evolutivo do primeiro, e o sedimento moral implícito no segundo. Excelente é o espírito de conciliação que lubrifica os atritos e atenua os choques, mas não dessa forma. Reduzir uma religião a uma forma de hipocrisia é

menosprezar Deus, e é necessário um alto grau de insensibilidade moral para fazê-lo. É preferível um ateísmo sincero e convicto a uma falsa religiosidade.

Como se vê, nos dois casos, o modo de conceber a vida é completamente diverso, levando conseqüentemente a uma ética e a um comportamento também diferentes. As religiões oficiais são o resultado de um longo processo de adaptação da idéia-mãe que as gerou, aos instintos, inclinações e necessidades humanas, desenvolvido no inconsciente das massas. O homem espiritualmente evoluído permanece fiel a idéia-mãe e rejeita as acomodações. Vem daí a dissensão. Ora, esta adesão a idéia-mãe não é utopia, porque ele não a recebe cegamente de um profeta fundador de religião, mas controla-a e aceita-a enquanto lhe é confirmada pela observação do funcionamento que dirige tudo o que existe, isto é, por um fato experimentalmente positivo e universal.

O homem não tem consciência da presença de tal pensamento, não tem idéia do seu poder absoluto e, resistindo-lhe e pondo-se em contradição a ele, não compreende que cataclismas atrai. Na sua ingenuidade, crê até que a Lei de Deus possa ser enganada e que dela possa fugir com astúcia. Esta, no entanto, impõe um equilíbrio inviolável segundo uma justiça calculável com exatidão matemática. Segue-se-lhe uma moral férrea e que realmente funciona, em lugar da moral do mundo, elástica e cômoda, mas enganadora.

Quem segue a primeira sabe que todo abuso produz uma privação na mesma proporção; sabe que, para colher, precisa semear; que para receber é preciso dar. Quem roubou deve restituir, não dar apenas uma esmola, mas tornar a dar tudo o que foi roubado, mais os juros e os ressarcimentos dos prejuízos causados. Até que isso não seja feito, até que não seja mudado o método de ação, aquele roubo produzirá miséria. Pela mesma lei, toda generosidade produz abundância. Isto parece contradição, porque termina obtendo-se o contrário do que se queria. Mas este fenômeno se explica. Se nossa ação tivesse a direção da Lei, os resultados positivos corresponderiam à natureza positiva do impulso que os produziu. Mas, estamos situados no AS, isso significa que a nossa ação vai, de preferência, na direção da anti-Lei. Eis porque, no campo do fenômeno, temos um impulso determinante de sinal negativo ao qual só podem corresponder resultados negativos. O AS é um campo emborcado e só pode emitir impulsos deste tipo. O ser, porém, gostaria de, ao emitir o impulso negativo, conseguir resultados positivos. Ora, é natural que esteja enganado; então grita que a vida é uma ilusão. Mas iludido é somente aquele que entende tudo ao contrário; tudo o que é fatal, dada a posição contrária em que foi construído o AS. Seria absurdo tentar conseguir resultados de sinal positivo, lançando a trajetória em direção oposta. Isso só pode levar a efeitos do mesmo sinal.

Que acontece então? O AS, feito de revolta, pretenderia a vitória do erro. Impossível, porém, porque o senhor é o S, isto é, Deus. A ação produz o efeito contrário ao desejado, em vez de dirigir-se no sentido correto, vai para o sentido oposto e assim, em vez de conseguir o fim desejado, produz a reação da Lei que arrasta ao reendireitamento da posição errada, o que para o ser significa conseguir os resultados opostos aos desejados. Para quem compreende o seu funcionamento, o fenômeno é evidente. Quase sempre é ignorada a presença ativa da Lei que se interpõe entre a ação do ser e os resultados por ele buscados; presença que não se leva em conta, embora seja dela e não de escolha individual que dependa o desenvolvimento do fenômeno. Quando há conflito entre a vontade da Lei e a do ser, então se verifica o choque de força que se chama reação por parte da primeira, tendendo à correção do movimento anti-Lei na direção do S. Trata-se de uma ação salvadora, porquanto reconduz a negatividade à positividade, corrigindo desse modo a posição contrária do AS na direção justa do S. assim, a ação anti-Lei termina por concluir segundo a Lei. É nesta técnica que está o segredo da salvação universal.

Para o ser situado no AS, dirigido em sentido contrário, isto parece um erro, porque ele não consegue a alegria que buscava, mas a dor; não um sucesso, mas uma derrota. Ele não compreende o porquê de não conseguir os seus objetivos, mas aquela dor e aquela derrota o salvam, e é por este caminho que ele alcança os fins da Lei, que são a seu favor e não contra. O fim último é a salvação, e o ser o atinge contra a sua vontade, obrigado pela Lei a mover-se na direção contrária àquela por ele escolhida no início dos seus movimentos. Explicamo-nos assim como a procura da felicidade, feita com os métodos do mundo, termina sempre na dor, isto é, exatamente no devido ponto, seguindo o caminho justo, que é o da correção do erro e não o do sucesso do mal.

Tudo se explica e se resolve quando se compreende este jogo de forças opostas, positivas e negativas, apocalíptico conflito entre o bem e o mal, fatalmente dirigidas para a vitória do bem. É assim que, sem mistérios, com lógica evidente, se pode compreender quais são as vantagens de viver na ordem da Lei, em vez de na desordem da anti-Lei. É assim que viver honestamente, segundo o S, não é uma posição de fracos, iludidos pelas teorias moralistas e condenados pela realidade da vida, mas o método mais vantajoso porque é o único que conduz à vitória final.

Descobrimos, dessa forma, quais os meios de defesa da Lei fornecidos aos justos que parecem inermes no mundo. O S não os abandona porque o S é sempre vivo e está presente também no AS, como uma alma que o sustivesse em seu íntimo. O homem que vive segundo a Lei e com isso se põe no campo de ação direta do S, é mais potente que o homem que vive contra a Lei, na posição inversa e negativa do AS. Deste mecanismo a ciência ainda nada sabe, entretanto ele funciona. Continua a tentativa de mudança do S em AS. Tentativa desvairada, porque só serve para despertar na Lei reações que depois se pagam com a própria dor. No entanto, com uma reta conduta, lançando essas forças na direção justa, poder-se-ia recolher o bem, em lugar do mal, e construir destinos de paz e de alegria e não de ansiedades e sofrimentos.

Queira ou não, o homem vive dentro da Lei como um peixe dentro do mar. Por mais que tente rebelar-se, ele não pode existir senão enquanto está dentro da água, como não pode viver sem a atmosfera terrestre. Em nossa vida, quando fazemos mau uso de uma coisa boa, buscando realizar a inversão de valores, vemos que ela se torna má para envenenar-nos. Diante do abuso não há outro remédio senão o justo pagamento que corrige a inversão recolocando-nos na ordem, de acordo com a Lei. Assim, quem quer libertar-se das conseqüências do mal feito, não tem outro meio senão fazer outro tanto de bem. A compensação entre dois impulsos, positivo e negativo, deve ser exata. Para retornar ao ponto de onde se desceu, é preciso refazer para o alto todo o trecho percorrido até embaixo. Orar e invocar é útil, mas só como acessório. O problema não será resolvido até que todo o trabalho da subida e do pagamento tiver sido realizado.

III

A ATUAL FASE EVOLUTIVA DA SOCIEDADE HUMANA

Na Idade Média o domínio era dividido entre a autoridade espiritual e a temporal, entre o pacífico poder religioso e o guerreiro poder civil, entre a cruz e a espada, entre o papado e o império. As comunidades humanas se agrupavam em torno do templo e do castelo. Prevalciam, pois, os dois tipos biológicos: o religioso e o guerreiro. O único elemento produtivo, o tipo do trabalhador, ficava-lhes submetido como servo e às suas custas eles se mantinham. Somente hoje o tipo do trabalhador foi valorizado. Trata-se de um deslocamento de base que mudou toda a ética e os princípios sobre os quais se apoia a organização da sociedade. Isto deriva tanto das condições de vida conseguidas, dos novos conceitos diretivos adotados agora, quanto da organização do rebanho humano em novas formas. Pela primeira vez na história, a coletividade se encontra em vasta escala, desperta, sente-se a si mesma e como tal se forma uma consciência, de modo que as massas trabalhadoras se afirmam, fazendo valer a suas forças, com reconhecimento do seu valor econômico como produtoras de bens. Disso se segue que seu advento e seu triunfal ingresso na história levou o enfraquecimento da importância e o processo de decadência dos outros dois elementos sociais: o religioso e o guerreiro. E este é, de fato, o fenômeno a que assistimos hoje. A sociedade tende sempre a apreciar os elementos produtivos e a deixar de lado, como inúteis os improdutivos. Pergunta-se a esses dois tipos para que servem, que coisa produzem para a sociedade. E, quando se vê que são passivos, tende-se a eliminá-los. O conceito de produção pode entender-se em amplo sentido, inclusive no de valores espirituais e morais, úteis, também à coletividade. Trata-se utilitarismo “latu sensu”, que não é o restrito à moderna economia dos consumos.

Assim, o problema da vida é colocado em bases totalmente diferentes, isto é, as do trabalho produtivo e não do domínio imposto sobre as massas ignorantes e desorganizadas, por isso mesmo fracas e, pois, facilmente subjugáveis seja com a força das armas materiais, seja com a força das armas psicológicas e espirituais. Mas mesmo aqui, vemos a sabedoria e bondade da Lei de Deus que dirige a vida. Estes estados de sujeição são dolorosos e a dor é o grande mestre que ensina, porque obriga a pensar, a compreender-lhe a origem, para se conseguir evitá-la. A dor desenvolve a inteligência e isto significa evoluir, representando conseqüentemente a solução de todos os males e o maior bem possível. Todos os indivíduos subjugados, por sua própria e triste condição, terminam por ser obrigados a despertar da inércia; eles são levados a reagir, isto é, a fazer o esforço necessário a fim de conquistar um valor, sem o que não é possível fazer-se valer, porque não se podem abraçar direitos senão quando se faz tudo para merecê-los.

Para compreendê-lo, consideremos o fenômeno reduzido à sua estrutura esquelética de realidade biológica. Consiste no fato de que cada um procura viver a seu modo, segundo sua natureza, o melhor possível, e com menor fadiga e mal-estar possíveis, utilizando para este fim, em seu favor, os elementos que encontra no seu ambiente. O fundo do ser humano é freqüentemente feito de preguiça, de egoísmo, de utilitarismo aproveitador. A paciente passividade e a ignorância das massas convidavam, no passado, o fácil triunfo sobre elas, absorvendo-as à vontade, por quem soubesse, usando a força ou a astúcia, elevar-se acima delas. Mas era preciso, moral e legalmente, justificar essa falsa posição, não falsa diante das ferozes leis biológicas, mas falsa diante dos princípios oficialmente proclamados, perante os quais era preciso também salvar as aparências, para melhor ter as massas subjugadas. É assim que, no passado, se usava cobrir aquela dura realidade biológica, feita de instintos nada nobres, com os preciosos mantos das altas teorias e nobres ideais.

Assim, o tipo religioso, para melhor sobreviver protegido pela luta na sua posição de privilégio, se tinha feito representante de Deus, exibindo virtudes e cobrindo-se de investidas divinas. Podia deste modo justificar seu positivismo econômico, apoiando-se em construções ideais impostas pela fé e fundadas na revelação e no mistério, meios utilíssimos, neste caso, porque autorizavam a paralisação da atividade racional que, como inquisidora de verdade, era um meio perigoso, porquanto levava a descobrir e, pois, a suprimir o jogo.

De seu lado, o tipo guerreiro, para justificar-se moralmente diante dos outros princípios, pregados para uso das massas a fim de que continuassem obedientes, e, ao mesmo tempo, para conservar a sua posição de domínio, escondendo o seu parasitismo econômico, mantinha outros ideais que lhe eram úteis, porque construídos para seu uso, à semelhança daqueles do tipo religioso. Assim, neste caso, não somente a preguiça e a astúcia, mas também a força e os instintos agressivos foram cobertos com o ideal do valor, do heroísmo do guerreiro, do patriotismo, com os relativos martírios e sua interessada e partidária glorificação.

Ao homem não é agradável que se percebam os instintos inferiores, que o aproximam do animal. Gosta de escondê-los e para isso lhe servem os ideais, que lhe permitem aquilo que mais lhe interessa, a satisfação dos instintos, enquanto ocultam aquela inferioridade, que por contraste ressalta a bela figura do homem superior que vive de princípios. Adaptações da vida que tudo sabe utilizar, até mesmo o ideal, razão pela qual, quando, pela imaturidade dos indivíduos, não o pode fazer no sentido evolutivo, dele se serve como meio para defender-se na luta pela sobrevivência.

Esse mundo medieval, vivo até há pouco, está hoje desaparecendo por fatal maturação biológica. É verdade que está morrendo, mas dizê-lo desagrada a quem cresceu dentro dele e com ele estruturou sua forma mental. Desagrada porque destruí-lo significa destruir, com ele, a si mesmos. Estas são, pois, verdades que não podem ser ditas, pois acabariam por revelar um sentido de agressividade que não é necessário e nem oportuno. Para concluir o atual trabalho de renovação, não se necessita de velhos bem pensantes. Basta esperar que estes morram por si mesmos. As novas gerações ignorar-lhes-ão a forma mental e os métodos, arrastadas por outros problemas. Houve um tempo em que o passado era liquidado com a violência, cumprindo uma carnificina. Hoje, a passagem do velho ao novo se faz sem barulho, respeitosamente, por graduais transformações, por natural maturação e renovação, sem agressões destrutivas, que implicam reações violentas e com isto a reativação de baixos instintos.

É assim que vemos pacificamente cair, na zona do silêncio, o convento e a fortaleza, os heroísmos de santidade e os de guerra, o conceito do mundo regido por dois poderes: o espiritual e o temporal, que foram, há tempo, base da vida social. Estas duas instituições já não servem para o crescimento. Assim, a vida já está construindo outras. Em seu lugar está surgindo a instituição do trabalho; cada elemento da sociedade deve ser produtivo, e em compensação provido do necessário por toda a vida. Deverá, pois, ser eliminado como anti-social tanto o rico que vive ociosamente de renda, quanto o pobre ocioso que morre de fome; tanto o renunciário improdutivo, quanto o irresponsável que se reproduz além do limite estabelecido por seus recursos e os da coletividade. Com as novas gerações, irá morrendo a velha forma mental, substituída pela nova, razão por que a velha ética, embora continuando na nova, não será compreensível; e, com o progredir da vida, pouco a pouco a sociedade chegará a organizar-se com métodos mais evoluídos e perfeitos.

Tudo isso não significa que o espiritual e o temporal não devem mais cumprir sua função, mas que a cumpram de outro modo. O espiritual será mais positivo, consciente e responsável, como convém ao adulto, para realizar-se na vida seriamente, e não será apenas um sonho ou aspiração; e o temporal saberá lançar com a técnica, as bases da produção dos bens necessários para poder viver num nível civil.

Trata-se de dois métodos diversos de enfrentar o problema da vida. Um tempo, dada a fase atrasada da evolução em que se encontrava o homem, a economia da produção dos bens necessários se fundava no assalto e no furto mais que no trabalho. Hoje ocorre, justamente, por razões de evolução, que o homem prepara-se para superar aquele tipo de economia, com outro superior, que, em vez de valorizar o herói conquistador, ladrão e assaltante, valoriza o trabalhador pacífico, mas que produz; o que foi um tempo função menosprezada do servo, é hoje virtude de cidadão útil a coletividade.

Ao conceito base de uma propriedade imóvel, hereditária, defendida por leis estáticas religiosas e civis, se substitui hoje o conceito fluido e dinâmico da produção e consumo, defendido por direitos e deveres em termos de justiça social. A isso conduziu o desenvolvimento tecnológico, tanto quanto o do sentido orgânico social e espírito coletivista, o que deu maior rendimento ao trabalho, que assim assumiu um outro significado e valor. Este, de fato, hoje não representa mais a condenação dos vencidos, reduzidos a escravos, mas exprime a potência produtora das mãos e da mente do homem. Outrora quem trabalhava era um escravo; hoje é um produtor. A justiça distributiva já esteve confiada à espada; hoje ela depende da organização social.

Estes fatos nos fazem compreender porque, no passado, se exaltava, com o Cristianismo, a religião do sofrimento. Mas se este, então, era virtude, uma vez que era necessário pelo fato de que a ordem social se baseava no desfrutar de uma vítima (mulher, servos etc.), hoje, tal virtude é contraproducente, porque a ordem social é fundada em outros princípios de justiça, com outros direitos e deveres. No passado havia muita gente sem direitos e apenas deveres, gente que era preciso manter quieta na sua posição com esperanças e consolações. E o Cristianismo satisfazia esta necessidade. Com o seu aparecimento, porém, aos párias foi reconhecida uma alma, passando-se a considerá-los como seres humanos, com direito, com preferencia sobre os ricos, ao menos no Céu. Foi um primeiro passo. O caminho foi continuado, depois, pelo comunismo, que, embora com métodos diversos, lhes deu direito também aos bens terrestres.

No passado, a sociedade era composta de patrões e servos e a matéria dos direitos e deveres não era disciplinada e sim confiada à espada. Porém mesmo neste nível se formou um equilíbrio: enquanto ao servo convinha deixar-se dirigir e defender, ao patrão cabia fazer-se servir. No fundo, cada um dos dois tinha como compensação uma vantagem, estabelecendo-se já uma espécie de justiça social. Assim se formou uma simbiose que permitia uma convivência pacífica.

Naquela fase evolutiva, enquanto cumpria uma função, estas relações eram justas. O problema da injustiça e da vítima configurou-se somente hoje, quando se concebe a vida de outro modo, de forma coletiva, numa sociedade organizada. Ocorre então que o indivíduo pode, cada vez menos, isolar-se no seu egoísmo e ficar indiferente ao mal do próximo, porque este mal também é percebido como sendo seu próprio mal, ao passo que lhe era indiferente enquanto percebido como alheio. Na posição separatista do passado, o teu dano era, muitas vezes, o meu bem. No estado de sociedade organizada, o teu prejuízo é o meu prejuízo, pelo qual me devo interessar, para evitá-lo.

Esta transformação está implícita no fato de que se caminha para uma economia unificada, baseada na socialização dos interesses, danos e vantagens.

Tal transformação só é possível hoje através da técnica que torna mais rendoso o trabalho, e paralelamente a novo amadurecimento mental das massas. Houve um tempo em que, a força de compromissos e adaptações, se havia estabelecido uma ordem e a sociedade a conservava de forma ciumenta, porque, não sabendo inventar algo melhor, não tinha outro meio para esquivar-se ao caos. Ora, o fato novo que desloca os antigos equilíbrios em que se apoiava a massa é que esta se tornou mais inteligente, descobrindo a potência da organização e cooperação, que valorizam como número, potência antes desconhecida e inutilizada, porque dispersa em virtude de um individualismo separativista, causa de um contínuo e desgastante recíproco atrito. Houve um tempo em que o povo era obrigado a viver de forma subordinada e em função das classes dominantes e sem interesses, porque, pela própria imaturidade, não sabendo orientar-se por si mesmo, o povo precisava apoiar-se nelas. Hoje, porém, aquele povo se desenvolveu a ponto de dar-se conta de que constitui a base da estrutura social, feita de quem trabalha e produz, portanto, valendo tanto quanto quem comanda. Entendeu que na organização coletiva é um adido a uma função diversa, mas cujo valor não é inferior ao de quem dirige aquele trabalho e produção.

Na sociedade futura não haverá mais pobres, porque se impedirá a sua formação, seja com a regulamentação demográfica, seja com o trabalho organizado e obrigatório para todos, seja com as necessárias providências sociais. O desenvolvimento da inteligência levará a compreensão de que é contraproducente o individualismo levado até à inconsciência, ignorando o prejuízo que o egoísmo inflige ao próximo, pela dispersão de energia que custa, fazendo da sociedade um campo de lutas ferozes. Compreender-se-á que o mal, posto em circulação por quem quer que seja, danifica a coletividade de que cada um faz parte, do mesmo modo que esse mal termina com o retorno àquele que o emite. Compreender-se-á que, no seio de uma sociedade, é impossível isolar-se; que não se pode, sem dano, ser rico entre pobres, e fruir entre quem sofre; que a vida é feita de leis, razão porque não se pode fazer o mal sem pagar depois. Sem teóricos idealismos, que só convencem os que gostam de crer neles, mas objetivando um evidente utilitarismo prático, compreender-se-á a conveniência de superar o antigo método desagregador da luta de todos contra todos, a fim de substituí-lo pela colaboração. O problema não é ético, mas de rendimento positivamente calculável. Este será o novo Evangelho, adaptado às novas condições de vida produzidas pela civilização, convincente, porque racionalmente utilitário. Sem heróicos altruísmos e compensações ultra-terrenas, compreender-se-á que o dano do vizinho não é vantagem para mim, porque redundará no meu próprio dano, não convindo, pois, ocasioná-lo.

Mas há também o reverso da medalha. Houve um tempo em que a arte, a poesia, os valores espirituais ocupavam lugar de honra, deixando que quem cultivasse tão nobres coisas morresse de fome. Hoje se tenta relegá-las a um “hobby”, um passatempo, nas horas livres permitidas pelo trabalho, que é a única coisa que importa, porque é a única atividade produtiva. Houve um tempo em que éramos primitivos e ferozes, mas na desordem havia lugar também para os ideais, um lugar estimado e admirado. Hoje somos mais educados, já nos preocupamos em não deixar ninguém na miséria, mas o ideal desapareceu. Este ficou relegado entre as coisas supérfluas, não necessárias à vida. Assim se conquista o bem-estar, mas como acontece com toda conquista, paga-se sacrificando o melhor.

Eis, portanto, os tipos de valores sociais aqui examinados. Temos: o poder espiritual, o temporal e o econômico, representados por três tipos de homem: o religioso, o guerreiro, o trabalhador, que desempenham sua função unindo-se segundo três modelos de vida associativa – o convento, a fortaleza, a oficina. Cada um destes tipos de vida representa uma instituição que é construção de uma unidade coletiva, na qual segundo princípios e necessidades diversas, se organizam os vários elementos humanos. Ora, o fenômeno a que assistimos, no atual momento histórico, é o desaparecimento dos dois primeiros tipos de vida em favor de um terceiro. Hoje a técnica substitui a cruz e a espada, e o homem não é mais uma alma para ser salva, ou herói habituado a vencer os inimigos, mas um produtor e consumidor de mercadorias. Trata-se de uma transformação profunda, de uma revolução incruenta, que, transformará, porém, o mundo como nenhuma outra precedente revolução.

Hoje, os dois primeiros tipos de vida estão velhos e cansados, exauriram sua função biológica e foram substituídos pelo terceiro.

A grande organização industrial, as contínuas descobertas, a tecnização da vida, tomam o lugar dos antigos ideais tanto civis como religiosos. Tempos atrás, a mecânica da produção era iniciante e movia os primeiros passos à sombra da Igreja e do castelo, senhores do campo. Diante do Papado e do Império, senhores do mundo, o artesanato era ainda uma pobre coisa. o trabalho era atividade servil, desdenhada pelo senhor, armado cavaleiro e conventuais contemplativos. A cruz e a espada dominavam as massas inermes e ignorantes. Mas estas, embora de forma servil, trabalhavam e dessa forma adquiriram qualidades que os dirigentes, no ócio, as perdiam.

A vida sempre caminha. Assim os patrões se tornaram ineptos e os servos hábeis. Estes, com seu esforço, resistindo à opressão dos senhores ominosos e a hostilidade da Igreja, criaram a ciência que leva a uma técnica de vida nova, que, por sua vez, reage hoje, criando um novo tipo de homem. Tudo é concatenado e interdependente. Com a sua mente, o homem fez a ciência, que, por sua vez, refaz a mente do homem. As novas condições de vida, criadas pela técnica moderna, reagem sobre ele, criando um novo tipo de civilização. Ir até os planetas, deslocarem-se milhares de pessoas de avião em alta velocidade, comunicar-se por rádio e televisão, saber logo, em qualquer parte onde se esteja, tudo o que ocorre no planeta, abolir o trabalho físico confiado às máquinas e substituí-lo pelo trabalho mental etc., constrói um ambiente novo. Vivendo nele o homem não pode deixar de transformar-se. Eis então que o mundo do passado se afasta e desaparece, refugiando-se nas recordações históricas e nos museus, circundado pelo respeitoso silêncio dos cemitérios.

Se a forma é diversa, a finalidade mais urgente e imediata é sempre a mesma: a sobrevivência. Houve um tempo em que essa luta se desenvolvia em dois níveis: 1) no plano da existência terrena, ela se travava entre indivíduos rivais que disputavam entre si o espaço vital; 2) no plano da existência depois da morte, esta luta era contra eles mesmos, para assegurá-la, com virtudes e renúncias, superando a própria animalidade.

Hoje, esta mesma luta ainda se realiza: 1) no plano da existência terrena para conquistar o espaço vital, valendo-se da inteligência, a fim de penetrar as leis da vida e utilizá-las em benefício próprio; 2) no plano da existência depois da morte, esta luta é eliminada, pelo fato que a ciência ainda não dá soluções positivas e então, dado que para a mente moderna mitologia e mistérios não são mais levados em consideração. Enquanto se espera uma solução, estes problemas são, no momento, deixados de lado. Assim, hoje, o espírito de luta se dirige para outro objetivo, isto é, muito menos contra o próximo ou contra si mesmos, (o que no passado se fazia com o espírito agressivo característico do involuído), e muito mais contra a ignorância, o ócio improdutivo, o parasitismo; e se surge luta, ocorre num plano mais alto, não mais muscular, de guerreiro feroz, mas nervoso e cerebral, de competição intelectual.

Isto não quer dizer que no passado, no seu terreno e condições de vida, não tenha tido o seu valor ou cumprido a sua função. Os guerreiros tentavam construir e manter a ordem social com as suas instituições; os monges e o clero tinham que defender-se de ataques bélicos, salvar a cultura e fazer orações e penitências para a salvação espiritual. Tudo isso não era fácil e devemos a esse trabalho o fato de a civilização poder chegar ao nível atual. Eis que a função desempenhada no passado não se desvaloriza, mesmo se a civilização hoje lhe impõe a superação. Cada coisa, se coloca no seu lugar, tem a sua importância e seu significado.

Porém o respeito pelo passado e o reconhecimento do valor da função por ele desempenhada não pode e não deve impedir a transformação no sentido de um tipo de vida mais evoluído. A religião que outrora detinha o poder político e hoje se mantém como poder econômico, deverá assumir-se como poder espiritual. Os instintos agressivos, que no passado definiam o herói glorioso na guerra, hoje são concebidos cada vez mais como qualidades anti-sociais, próximas da delinqüência. Mesmo a nova técnica bélica, baseada mais na inteligência que na ferocidade, não convida mais ao desabafo daqueles instintos bestiais, que antes podiam conduzir às mais altas honras. Semelhante moral era justa, enquanto necessária para a sobrevivência, então reservada somente aos fortes. Confirmava-o o instinto da mulher que, na escolha do macho, se sentia atraída por um tal tipo.

A tudo isso substitui hoje sobretudo o trabalhador da mente que, aprendendo e fixando no seu inconsciente capacidades técnicas e culturais, vai construindo a personalidade numa direção diferente, a do conhecimento e a da produtividade, conquistas que no passado estavam em germe, ainda não desenvolvidas, seja em profundidade, ou extensivamente às massas. Os idealistas do passado, tendo alcançado isoladamente altos graus de evolução, poderiam olhar com desconfiança aquilo que lhes pode parecer degradação da espiritualidade na técnica, e do trabalho de elite em um trabalho de massa. Mas é preciso compreender que a humanidade hoje está começando a construir, desde as bases, o edifício de uma nova civilização, e que deste edifício está pondo agora em nível mais baixo, as fundações. Uma vez lançadas estas, continuar-se-á a subir até os ideais, mas, partindo de bases mais solidas, se poderá subir mais alto, até onde não se podia com seus métodos nos séculos precedentes. Do passado nada morre. Tudo apenas continua e renasce de novo para desenvolver-se ainda mais. Poder-se-á então atingir uma espiritualidade positiva subtraída de um conhecimento profundo de um mundo que as religiões tratam hoje apenas como matéria de fé, envolvido em mistério. E assim a evolução avança e se podem realizar os tipos de vida sempre mais altos.

A função da presente obra é a de levar Deus para fora das Igrejas e das religiões, a fim de colocá-lo de forma racional e positiva diante da ciência, de modo que esta, de agnóstica e atéia, não mais O possa ignorar. Para chegar a isso, é necessário elevar o conceito de Deus, fase antropomórfica, com que era pensado no passado, ao conceito da Lei, funcionando em toda a parte, com o qual a ciência não pode deixar de encontrar-se a cada passo e, pois, de prestar-lhe contas. O primeiro passo é o da laicização e universalização das religiões particulares, ainda hoje separadas e inimigas, penetrando em todas as manifestações da vida e não apenas alguns setores particulares. Trata-se de uma abolição de fronteiras, uma ampliação de horizontes, uma tentativa de colóquio para chegar à atualização.

Outros passos virão depois. A evolução chega por aproximações sucessivas. A fase que se constituirá mais tarde por essa orientação geral da ciência em relação aos fins últimos da existência será a do conhecimento e uso da técnica funcional desta Lei. A partir dela penetrar-se-ão os muitos aspectos, para viver as suas aplicações e conseqüências. Será a fase da transformação biológico-social da humanidade, a fase sucessiva à atual, que é de orientação e de preparação daquela transformação. Assim, tudo se prepara primeiro e depois se realiza com lógica, equilíbrio e medida, como quer a Lei.

IV

UM MAIS AVANÇADO CONCEITO DE DEUS E DA VIDA

Quando um leitor apressado vê que o autor volta a determinado argumento, diz: “Mas ele já tratou disto, está repetindo”. E assim fica na superfície. E não compreende que este repetir é devido ao fato de que os nossos conceitos giram todos em torno de um pensamento central que é continuamente retomado, porque é o ponto de referencia de todos eles. O que parece repetição é, antes, um aprofundamento; é busca de precisão para resolver os problemas enfrentados com maior fidelidade; é um penetrar cada vez mais fundo no pensamento que dirige os fenômenos examinados. Assim, a nossa pesquisa segue um caminho em espiral, que busca aproximar-se cada vez mais do centro daquele pensamento. Este centro é Deus, um infinito, irredutível às nossas dimensões, portanto, para nós, inconcebível na sua essência. Mas isto não impede as possibilidades de aproximações sucessivas na tentativa de compreensão daquele pensamento, uma progressiva abertura de nossa mente ao conhecimento. Mesmo que, no relativo em que estamos situados, o absoluto não seja atingível, aquele relativo está sempre a caminho, na tentativa de aproximar-se daquele absoluto. Nestes livros estamos, pois, a caminho, percorremos um trecho dele, ansiosos sempre por avançar.

Já conquistamos o conceito de Sistema(S) e Anti-Sistema (AS) a que nos referimos continuamente, e este se orienta a cada passo. Conhecemos o esquema fundamental da estrutura de nosso universo físico-dinâmico-espiritual com esta bússola nas mãos, podemos saber em cada ponto de nossa navegação no oceano do desconhecido, onde está o Norte e assim dirigir nossa busca com mais segurança. Cada problema pode, de saída, já ser colocado com uma aproximação mais segura de verdade e probabilidade de solução, diverso do cego método da tentativa. E isto acontece pelo fato de que não se parte da dúvida e do desconhecido, mas de um princípio universal de base, já demonstrado e aceito.

Pelos argumentos tratados o leitor poderá deduzir que estes sejam livros de filosofia, distantes, pois, da realidade da vida. No entanto estes livros estão bem ligados à vida, uma vez que não ficam na superfície, mas penetram-na em profundidade. O conceito de Deus, que aqui expomos, revoluciona o capítulo precedente. Não se trata de teóricas análise científica dos problemas teológicos, enfrentado-os com métodos de pesquisa positivos. Foi assim que pudemos falar de uma religião científica unitária no capítulo precedente. Não se trata de teóricas elucubrações ociosas. Se quisermos salvar as religiões, é preciso encontrar um Deus que os ateus não possam negar, como negam facilmente o antropomórfico Deus atual.

Uma vez que o pensamento humano tenha entrado nesta ordem de idéias e canais de pesquisa, podem segui-lo conseqüências revolucionárias, com grandes deslocamentos em nossa vida. A aceitação de tais conceitos diretivos implica na formação de uma estrutura mental diversa da atual, da qual deriva uma ética também diferente e desta de um modo também diverso de comportamento. De uma conduta diferente derivam depois outras conseqüências para o bem ou para o mal, isto é, eliminação das dores e conquistas de satisfações, ou seja, mudanças nas condições de vida, com reações no campo psicológico-espiritual que podem levar a novas mudanças evolutivas e assim por diante. Tais fenômenos são conexos e se desenvolvem encadeadamente.

Assim, a obra é feita de um único pensamento, sempre mais aprofundado. Este pensamento é a Lei. Aproximamo-nos dele em dois momentos: primeiro, para conhecê-lo, depois para obedecer-lhe. Conhecê-lo é importantíssimo, porque isso nos faz evitar os erros que são a causa de nossas dores. Se este conhecimento não é adquirido por esforço da mente, devemos conquistá-lo à custa de sofrimentos. Ninguém pode escapar da obediência à Lei sem pagar as conseqüências. O fim da Obra é iluminar, ensinando com métodos de compreensão, menos duros que os de semelhante escola. A arte de viver consiste no desenvolvimento da inteligência para compreender mais a Lei, e compreender mais serve não só para obedecer-lhe melhor, como também para estar melhor e sofrer menos. O nosso objetivo é prático e utilitário.

Encontramo-nos diante de um fato positivo. A Lei resiste como um muro contra toda desordem. E, atenta à sua integridade, resiste contra quem ameaça desequilibrá-la. Essa Lei não é uma coisa longínqua e genérica. Nos seus princípios fundamentais é como uma árvore feita de um tronco central, de que partem muitos ramos e uma infinidade de folhas. Assim a lei geral se subdivide em muitas leis menores, que são tantas quantas as formas dos seres e dos fenômenos. Estes se reagrupam, segundo o ramo de que derivam, mas, por outro lado, eles se subdividem até chegar aos mínimos particulares que encontramos na realidade. É preciso aprender a mover-se com disciplina, respeitando as normas estabelecidas por essa ordem inviolável dentro da qual estamos situados. Ignorá-lo significa sofrer depois. Só com conhecimento e obediência se pode evitar a dor. Isto é o que a Obra quer ensinar. É inevitável, portanto, girar continuamente em torno do ponto central, que é a Lei, a qual pode assumir mil formas e aspectos segundo o problema particular submetido a exame, dando assim um lugar a um tratamento que é estritamente unitário, embora subdividido em inumeráveis particulares.

Tudo que existe está imerso nessa Lei; não podemos, pois, ir de encontro a ela a cada passo. Devemos compreender que a finalidade da vida é redimir-se da dor, efeito da revolta, e que isto só se consegue através da evolução. Se num primeiro momento a revolta contra a ordem do S gerou o caos do AS, num segundo momento a disciplina da ordem deve reconstituí-lo tal como nasceu no S. Sabemos que o fio condutor do caminho da existência é constituído dos seguintes termos, reunidos no mesmo ciclo: ordem no S, revolta, involução até a dispersão daquela ordem no caos do AS, estado de ignorância, erro, dor experiência, conhecimento, obediência, retorno

à ordem do S. Assim, o ciclo se fecha, tornando ao ponto de partida. Eis que a lei da existência é o avançar em direção ao S, ao longo do caminho da evolução.

Quando se assume esta forma mental, a separação entre a ciência e a fé, entre materialismo e religião, entre ateu e crente, perde a importância. Vê-se, então, que qualquer que seja nosso comportamento mental, a Lei funciona igualmente para todos. O ateu vive imerso no pensamento de Deus tal como o crente. O homem de ciência não faz outra coisa senão estudar esse pensamento numa de suas ramificações. Ele observa seu funcionamento e sabe que, se não lhe segue com exatidão as regras, em leis invioláveis estabelecidas pelo pensamento divino, o resultado que vai obter será um desastre. Quando o cientista quer enviar um míssil à lua, deve estudar todas as regras que aquele pensamento estabeleceu e deve obedecê-lhes, se não quiser ver destruídos os seus mecanismos. A Lei com os fatos fala claro. Se o médico não observa as leis do funcionamento orgânico, mata o doente. Se o engenheiro não respeita as leis da gravidade, de equilíbrio, de resistência dos materiais etc., a sua construção cai. Se um indivíduo pratica o mal, acreditando que vai ter recompensa, esse mal termina por voltar-se contra ele mesmo.

Estas são as respostas da Lei, um diálogo permanente que se mantém com o pensamento de Deus, em todo o campo. Então se vê como ele está presente, porque se não compreendermos a sua palavra, se nos enganamos, então ele no-la repete, corretamente, na língua que melhor compreendemos, a dos fatos, fazendo-nos pagar o erro. É preciso mais que ateísmo para negar as evidências. Este é um Deus, cuja existência ninguém pode deixar de reconhecer, porque, para os surdos, sabe falar bem alto. E isto é verdade em todos os campos, da matéria ao espírito. O conhecimento dos fatos não é senão um prolongamento do conhecimento da existência de Deus. Trata-se, pois, somente de fazer avançar a ciência ainda materialista a fim de que possa chegar mais alto até compreender também os problemas do espírito. Com os seus métodos experimentais positivos, o conhecimento levará também aos bancos de prova dos laboratórios os fenômenos desse tipo, para compreender-lhe a técnica funcional e descobrir-lhe os princípios diretivos, já estabelecidos pela lei geral dada pelo pensamento de Deus.

Trata-se de uma revolução profunda que ocorrerá, antes de tudo, no cérebro humano. Não se pretende dizer com isso que se possa compreender completamente a Deus, conquistando o absoluto. Pode-se, porém, chegar a um contato direto com Deus até onde permitir o caminho percorrido na evolução, em proporção ao desenvolvimento atingido pela nossa inteligência e, pois, capacidade de compreensão. Não se pode superar tal limite, mas, até aquele ponto, o contato é possível e o diálogo pode ser uma real troca de idéias. Ora, o livro da vida já foi todo escrito por Deus, mas ao homem falta ainda olhos para lê-lo e a mente para compreendê-lo. Ele poderá lê-lo, cada vez melhor, à medida que a evolução desenvolve aqueles olhos e aquela mente. A história da humanidade é todo um diálogo com Deus. Diálogo profundo e completo.

Na presente obra, são já quase quarenta anos em que estou empenhado sozinho nesse diálogo, que vejo desenvolver sempre mais, e que deverá continuar cada vez mais estreito na eternidade. Nasci sem conhecer o verdadeiro significado da vida e sem encontrar quem o conhecesse e me explicasse. Agora posso morrer satisfeito por tê-lo compreendido, graças ao diálogo, vivendo com consciência e com conhecimento, e desse modo lançando, na direção desejada por mim, a trajetória do meu futuro destino. Jamais se poderão apreciar suficientemente as vantagens que traz o saber assumir conscientemente as rédeas da própria vida. Significa evitar montanhas de erros e, pois, de sofrimentos. É natural que a ignorância seja um grave perigo, porque leva a desastres contínuos.

A ciência atéia está de fato cumprindo um diálogo com o pensamento de Deus, que se lhe revela cada vez mais a cada descoberta. O ateísmo não é contra Deus, mas somente um anticlericalismo, isto é, contra a concepção eclesiástica de Deus. Em resumo, trata-se da costumeira guerra entre os homens, na qual Deus não entra. Seria ridículo pensar que Deus pudesse ser envolvido em nossas lutas humanas, e que devesse estar à mercê de nossas opiniões. E uma guerra contra Deus é absurda, porque é uma guerra contra a primeira fonte de nossa própria vida. De fato, o Anti-Sistema, por sua negatividade anti-Deus, tende à própria autodestruição. Uma completa ausência de Deus é impossível, porque é uma ausência da própria vida. Assim ateu quer dizer sem vida, isto é morto ou em descida para a morte. O comunismo não é ateu. É só anticlerical. De fato, ele continua o seu diálogo com o pensamento de Deus, pensamento que estuda atentamente quando

busca conhecer o funcionamento da lei para não cometer erros quando envia mísseis ao espaço. Deixemos de lado o Deus fabricado pelas religiões para seu uso eclesiástico. Seus fins e funções são limitados ao grupo que o elegeu como cabeça para satisfazer suas necessidades. É natural que tal Deus não possa ser universal, superando os limites de grupo. E não há razão para cair no ateísmo se tal Deus às vezes parece ilógico e inaceitável. Se desaparecessem as religiões atuais, ainda assim Deus sobreviveria de outra forma, cada vez mais sentido no íntimo, e cada vez mais amplo como universalidade. Este será o melhor canto que a ciência positiva poderá elevar à glória de Deus.

Colocados na estrada de uma religião positiva, toda a vida individual e social poderá ser orientada de outro modo. No campo moral, poder-se-ão prever as conseqüências das próprias ações, controlar a correção da trajetória do próprio destino e o lançar a partir de novo impulso e desenvolvimento nele contido, calculando-lhe a natureza. Em vez de comportar-se como hoje, às cegas, em relação ao futuro, poder-se-á, com uma regulamentação racional da própria conduta, estabelecer previamente uma planificação da própria vida, dirigindo-a conscientemente para os fins pré-estabelecidos, evitando erros e dores que os seguem. A ética poderá tornar-se uma ciência exata e isso é possível porque ela faz parte de uma lei justa. Certamente, então, a conduta humana seguirá métodos diversos. Cada pensamento e ação deverá ser feito com absoluta sinceridade e honestidade, dirigido para fins determinados, porque se sabe que a Lei é justa e responde com a mesma linguagem que se usa com ela. Assim, pois, não é mais concebível uma religião de hipocrisia, porque se poderão calcular os efeitos desastrosos que os impulsos de forças negativas pode produzir, pesando sobre quem as lança. Porque terá base utilitária, o raciocínio será convincente, claro, evidente; sem mistérios e fé cega, tangível nos efeitos, principalmente porque honesto. Compreender-se-ão então que péssimo negócio pode ser semear o engano para recolher engano. A Lei responde restituindo o que lhe foi dado e dando o que foi merecido. Assim, o que conta não é o que se diz, mas o que se faz. O atual sistema de comportar-se como astutos que sabem o que fazem é simplesmente louco. Mas a dor desperta a inteligência e a humanidade cansará de sofrer, até chegar a compreender que convém adotar um tipo de vida diferente.

Por ser maduro, tudo isso é evidente. Mas as velhas formas mentais resistem e se rebelam contra as mudanças. Não queremos correr o risco de perder-nos, saindo dos velhos binários comprovados pela experiência. De fato, o ser, embora situado no AS, tende ao S, o que significa que, apesar de situado no relativo, onde a verdade é relativa e progressiva, sente confusamente uma certa ânsia do absoluto. Busca então realizá-lo como pode, fazendo dele uma imagem que lhe corresponda, declarando e afirmando, com absoluta e definitiva, a sua posição alcançada na progressiva conquista da verdade. Então, cada inovação é julgada como erro, heresia, e condenada, portanto, para que seja destruída. Tudo isso é um impulso instintivo, produzido pelo inconsciente. O novo é recusado porque atenta contra a segurança garantida à vida pelos antigos métodos, que deram prova de ser úteis para tal fim. Assim se explica a resistência do passado, a sua sobrevivência no presente, e a sua predisposição contra o futuro.

O problema se resume em luta pela própria sobrevivência e não em conquista de verdade. O mundo interessa-se mais pelo primeiro aspecto que pelo segundo. Trata-se sempre da velha verdade constituída sob a forma de religiões, mas cujo objetivo fundamental consiste em cada uma manter o monopólio do seu Deus, concebido segundo a forma mental específica, instigando-se a diferença do próprio grupo contra todos os demais.

Como se vê, fundamental na Terra é o problema biológico da luta pela vida, e não o da busca da verdade. Postos um diante do outro, o primeiro vence o segundo. Interessa ao homem a satisfação imediata das suas necessidades, não conhecimento por si mesmo. É com esta realidade da vida que o ideal tem de ajustar contas todas as vezes que busca descer à Terra. Mas é então possível haver obstáculos à grande função biológica do ideal, que é o de fazer evoluir? Quem tem razão? É louco quem, num mundo feito de guerra, enquanto ferve a luta, se põe a fazer pesquisas sobre a verdade; mas louco é também quem, na sua ignorância, violando a lei, atrai tantas dores. No entanto ambos têm a sua parte de razão, porque o realizador prático busca viver bem no presente, e o idealista trata de criar para si um mundo melhor. Estes contrastes entre opostos são inevitáveis numa vida feita de transformismo, razão pela qual tudo é um transformar-se, em fase de transição. Mas podemos perguntar-nos: estará o valor da vida apenas nessa luta exterior? Estará a sabedoria apenas no vencer a luta para viver como vencedores, ou tudo isso não é senão um meio para aprender e,

pois, progredir para formas de vida mais evoluídas? Em suma, será a vida fim em si mesma e valerá mais pelas suas realizações imediatas que pelo futuro, ou ao contrário, valerá por suas realizações longínquas situadas numa outra vida, à qual é sacrificada a presente?

Devemos descuidar-nos dos problemas reais do presente, para cuidar dos hipotéticos do futuro, ou descuidar destes últimos para ocupar-nos apenas dos primeiros? Qual dos dois métodos é mais vantajoso? O ideal é uma inovação ainda não ratificada pela experiência, numa tentativa que pode frustrar-se, um salto no escuro. Por que como imprudentes devemos aventurar-nos por estradas inexploradas?

Pode-se responder que tanto o realizador prático quanto o idealista têm, cada um, sua sabedoria, mas em função de pontos de referência diversos. Cada um faz o seu trabalho: o primeiro o exaure no presente, na Terra, conseguindo aqui seus os objetivos imediatos; o segundo vai além do período de vida física e se estende ao futuro. Mas cada uma das duas posições tem o seu pró e o seu contra. O primeiro se tornará rico e poderoso, terá glória e júbilos, mas chegada a morte, é o fim e tudo cai para ele, que só então se dá conta de que os valores do mundo, entendidos como último e exclusivo fim, são ilusões. O segundo viverá de renúncias e atribulações. Será desprezado como inepto, mas terá tirado da escola da vida uma aprendizagem que não é ilusão, porque, quando chegar a morte, se encontrará no caminho da evolução. O que de fato acontece é que cada um busca realizar-se a si mesmo segundo sua natureza. Assim faz o trabalho a que melhor se adapta e colhe os resultados relativos a ele. Cada um recebe em pagamento pela Lei, com justiça, a recompensa que buscou e mereceu, segundo o destino que com o seu passado construiu com as próprias mãos.

A justa posição é a de usar os valores do mundo, mas não como única finalidade, e sim apenas como meio para conseguir um fim mais alto e longínquo, aquele proposto pelo ideal. Aceitar assim o mundo, mas em função de uma superação. Deste modo a vida na Terra se torna uma escola de aprendizagem. Então, a sabedoria está em servir-se dela para preparar-se, a fim de entrar na outra vida, em uma posição espiritual mais elevada. É respeitada assim a imperiosa necessidade de ocupar-se das coisas materiais indispensáveis para viver, mas, ao mesmo tempo, este trabalho é canalizado num sentido evolutivo, em direção ascendente, para o alto, de modo que não dê apenas um fruto imediato, mas seja também útil para a nossa evolução.

V

ARREMESSO E CORREÇÃO DA TRAJETÓRIA DA VIDA E A TERAPIA DOS DESTINOS ERRADOS

Observamos o fenômeno de nossa vida e destino. Existir, no relativo, significa possuir uma duração própria, como transformismo fenomenico, que é o incessante caminho do devenir, ao longo do qual se move. Este movimento é na direção evolutiva, isto é, na direção do AS para o S. Cada forma de existência, cada fenômeno, cada vida é constituída por uma trajetória ao longo do qual se movem. Esta trajetória tem o seu percurso estabelecido pelos impulsos que a lançaram. Cada fenômeno está fechado dentro da sua lei, que lhe estabelece o desenvolvimento. O mesmo acontece no fenômeno de nossa vida. Pode-se estudar a estrutura da personalidade humana enquanto é constituída por um feixe de forças em movimento.

Observemos o caso de nossa vida. Voltemos a conceitos já observados para tratá-los agora mais a fundo. Já tratamos em outro lugar da estrutura e da formação da personalidade. Do nascimento até os vinte anos, o indivíduo trabalha no seu desenvolvimento físico e mental, repetindo e reassumindo o caminho que sua evolução percorreu no passado até chegar ao ponto em que se encontra. Mas, findo este trabalho de repetição no qual a trajetória da vida retorna sobre si mesma para reassumir todo o passado, na época da maturidade se inicia o lançamento da

trajetória de uma nova vida. Esta se desenvolverá em obediência ao lançamento inicial, até atingir seu apogeu, para depois descer, descrevendo um arco e fechar sua trajetória.

Quais são os princípios que regulam este arremesso em órbita, para seguir o trajeto que chamamos destino? Esse trajeto só chega a ser conhecido pelo indivíduo já velho, com o caminho já percorrido, quando retrospectivamente tudo pode ver. Mas jovem, ignorando-o, ele o segue por instinto, movido por seus impulsos, agindo sem consciência do que faz. Estamos numa fase determinista. Nesse período, com experiência mínima, tomam-se as mais graves decisões e as posições que constituem as bases de toda uma vida, as quais permaneceremos ligados até o fundo. Se fosse justo responsabilizar o indivíduo, lógico seria que ele tomasse suas decisões na velhice, isto é, em estado de maior consciência e maturidade espiritual. No entanto acontece o oposto. Ele faz o arremesso no momento em que é mais inexperiente, incapaz de prever, deixando-se cegamente dirigir pelos seus impulsos. Então nos perguntamos: que significam os impulsos que movem o indivíduo, como existem, quem os construiu? São eles o resultado do passado, porque dependem das qualidades com que o indivíduo construiu seu tipo de personalidade, que permanece definida por elas, como um feixe de forças em movimento, interligadas num campo dinâmico fechado. Tudo isto se formou através de experiências de vidas precedentes e representa o resultado impresso no subconsciente, constituindo o capital armazenado que o indivíduo carrega consigo na vida sucessiva. São essas as qualidades que estabelecem quais são as atrações e as repulsões que determinam, no ambiente, a escolha de uma coisa ou de outra.

Desde o ingresso na nova vida tudo está fixado, o que significa que já estava estabelecida a direção da trajetória, porque o arremesso foi feito desde o final da vida precedente, pelas forças livremente em movimento e que acompanham o indivíduo até a sua exaustão.

Assim tudo se faz segundo a lógica e a justiça. Ocorre no momento devido, corresponde ao mérito, respeitando a devida responsabilidade. Quando o indivíduo atinge a maturidade, não é necessário que ele seja esperto e consciente para escolher, porque a escolha já foi feita, sendo essa mesma escolha consequência do tipo de trajetória que foi lançada. Agora ele já não pode mudá-la, e é por isso que ele se apresenta sob a forma de fatalidade do destino.

Pudemos assim compreender o que é o destino, a técnica funcional desse fenômeno e a lógica de sua estrutura determinística, que, se parece violar o nosso livre arbítrio, na realidade respeita-o plenamente. Ao nascer, a personalidade é nitidamente individuada, não só como estrutura, por suas qualidades, mas também como trajetória em movimento, resultante das forças que nela estão atuando. Isto significa que a órbita do próprio destino já está estabelecida e calculada em função apenas desses elementos componentes. O indivíduo na época de sua maturidade, como consequência da vida precedente e das conclusões deste, fixa com impressão indelével na personalidade os resultados da sua experiência. Nesse momento é preciso ajustar contas com a bagagem que cada um traz consigo, acumulada no passado. É com esse material que vai ser construído o próprio destino. Por isso ele é determinista, e se apresenta com caráter de fatalidade, porque não é senão consequência de resultados já fixados de experiências não em fase de formação, mas realizadas e concluídas. Por exemplo, se explica como irmãos nascidos dos mesmos pais e crescidos no mesmo ambiente, recebendo a mesma educação, percorrem vidas diferentes, com destinos diversos. É que o patrimônio pessoal de um não é o mesmo do outro e, portanto, só podem seguir trajetórias diferentes. Na mesma casa os procedimentos não são iguais, e da mesma coisa farão usos diversos. O que decide mais do que aquilo que a vida nos oferece, é a aceitação do que se prefere e isso depende exclusivamente do indivíduo.

Eis que a parte mais importante da própria vida cada um a traz consigo. Então é inútil dizer depois: “se tivesse feito de outro modo”. Dado que não se pode fazer de outra maneira. Para proceder de outra forma é necessário ter outro destino. Mas como o indivíduo pode ser outro, com outro tipo de personalidade e com outras qualidades? Que se procure, pois, viver corretamente porque tudo recai sobre nós. Uma vida errada nos liga a um doloroso destino de correção, o que significa uma grande fadiga, a que ficamos ligados. Urge corrigir, pois, em tempo, a trajetória, enquanto a percorremos durante a vida, introduzindo nela, com o nosso livre arbítrio, novas modificações, ou melhor, ainda não lançá-la de todo, e não esperar que ela se fixe porque então se torna destino fatal.

É importante o problema da correção de trajetória do próprio destino. Importante para a nossa evolução e redenção. Tal correção não é fácil. Segundo o próprio tipo de destino, as forças que constituem a personalidade atraem as forças afins, com as quais estabelecem uma ligação, formando em torno do indivíduo uma atmosfera semelhante a ele, que ele respira, e de que se nutre, confirmando as suas qualidades, boas ou más. Isso reforça os impulsos que deram origem ao lançamento da trajetória e tende ainda mais a mantê-la ao longo de sua linha de desenvolvimento, resistindo aos desvios, de modo que ela chegue à sua conclusão boa ou má, segundo a direção assumida. Certamente, se essa direção estiver errada, a correção requererá um esforço proporcional a fim de empurrá-la noutro sentido, esforço que somente o indivíduo que vive tal destino pode fazer, porque o projétil lançado é ele e as forças que o movem são qualidades pessoais.

Eis então que se pode estudar uma técnica para praticar uma terapia dos destinos errados, pela correção das trajetórias mal orientadas que levam a espatifar-se contra a resistência da Lei, que não se deixa violar como, na sua inconsciência, o indivíduo quereria. Esta será uma terapia à base de antídotos adaptados para neutralizar as qualidades venenosas adquiridas em vidas anteriormente erradas. As várias morais que a humanidade possui têm justamente a finalidade de impedir, com uma sábia conduta, a formação de trajetórias de tal tipo e, uma vez formadas, corrigi-las, reconduzindo-as à sua justa direção, a estabelecida pela Lei.

Sem dar explicações, tais morais desempenham esta importante função de modo simples, proporcional à ignorância das massas, ditando normas práticas, prontas para o uso, confeccionadas para tal fim. Estas morais são como trilhos oferecidos como guia pré-estabelecida para não errar a direção no lançamento das trajetórias, evitando, dessa forma, a implantação de destinos errados.

Tenha-se sempre em mente que para os seres rebeldes que tentam lançar órbitas erradas do tipo AS, a Lei, que dirige nosso universo já fixou qual é o tipo de órbitas para seguir segundo o modelo dado pelo Sistema. Ora, aqueles que praticam o mal pretendem estabelecer em oposição a órbitas de tipo Lei, órbitas do tipo anti-Lei, na mesma direção, mas em sentido contrário. Ocorre então o que sucederia a um automóvel que se lançasse na contramão enfrentando o tráfego contrário. Então é fatal o choque com a Lei. Mas as forças que a constituem são mais poderosas que as que formam a personalidade do indivíduo, que, deste modo acaba levando a pior, enquanto a Lei continua intacta e triunfante em sua rota. Não é mais conveniente observá-la do que expor-se a sofrer as duras conseqüências a que leva quem tenta infringi-la? É inútil tentar, pois a Lei é mais forte e vence. E, apesar de tudo, o homem é tão ignorante que se julga sábio quando se põe a funcionar contra a Lei.

É fato positivo e inviolável que diante de qualquer desordem está a Lei. Esta fica em seu lugar, quer o homem a compreenda quer não. Deixando-o, pelo contrário, pagar, duramente, com a própria dor o erro de ir contra ela.

É inútil iludir-se. A revolta queria destruir o Sistema, no entanto ,produziu uma zona periférica emborcada. O Anti-Sistema, em cujo centro ficou o Sistema, isto é,, Deus, que dirige o funcionamento de nosso universo, para levá-lo, através da evolução, à salvação com retorno a Ele. Isto significa que no centro de tudo está Lei, incumbida – como o espírito em nosso corpo – da função de dirigir tal funcionamento. Esta não é uma fantasia, mas uma teoria demonstrada em nossos dois volumes: O Sistema e Queda e Salvação. Para redimir-se, é fundamental a correção das trajetórias erradas. Já vimos o caso de um destino isolado, de uma única trajetória. Este fenômeno, lançamento e correção, pode verificar-se para cada um ou para muitos indivíduos, que são milhares e milhares. Será que conseguimos imaginar milhares de vidas lançadas em órbitas, cada uma com a sua trajetória, no oceano das forças do transformismo universal fenomênico, em movimento dimensionado à evolução, orientadas e impulsionadas pela Lei na direção do S? Que rede de reações e combinações poderá verificar-se na aproximação e encontro dessas trajetórias? Cada órbita se encontra numa posição de desenvolvimento diferente, tanto no início, como no apogeu e na sua conclusão. E cada uma é exatamente regulada pela lei, claramente individuada, de modo a nunca perder a sua identidade em qualquer estado de reação ou combinação em que ela possa encontrar-se. A cada conclusão segue-se o lançamento de uma nova trajetória, cada uma ligada à precedente como conseqüência, num encadeamento que se perde no infinito. E não obstante cada reação e

combinação é regulada por um dinamismo calculável com exatidão. E isto é apenas um dos aspectos do fenômeno da vida.

Quando começamos a penetrar um pouco mais na íntima estrutura de tais fenômenos, ficamos perplexos. Ficamos tomados por uma espécie de estupor mágico, encantados na contemplação da técnica desse funcionamento. Tem-se a sensação de ver longe, no horizonte, brilhar o pensamento de Deus. Quando observamos a trajetória de desenvolvimento e o comportamento de um fenômeno, embora limitando-nos a este apenas, observamos a técnica funcional daquele pensamento. Pode-se assim chegar, tanto pelas vias da inteligência como da ciência, aos entusiasmos do místico, agora porém racionalmente calculados. Assim também a mente com a fria contemplação da Lei e daquele pensamento, pode alcançar os êxtases semelhantes aos obtidos pela ascese mística. Nos meus primeiros volumes experimentei os ímpetus mais elementares, os do coração, no plano do sentimento. Mas aqui, nestes últimos volumes conclusivos da Obra, mais maduro depois de tanto caminho andado, experimento os arrebatamentos mais complexos e profundos, os do pensamento, que se apossam da mente implicando em conhecimento. Atinge-se assim um misticismo mais maduro e evoluído, que se elevou do coração à mente, do sentimento à inteligência, do amor a Deus à contemplação do Seu pensamento. Este é o misticismo da ciência, o da nova religião do futuro.

Quando se abrem à compreensão essas espirais de luz, sente-se o abalo de uma poderosa liberação. Quando um cientista faz uma descoberta, naquele momento, ele deve sentir-se arrastado pela onda avassaladora do pensamento de Deus, que lhe falou, num átimo de sublime contato lhe revelou um pouco de si mesmo. Esta também é uma revelação, é adoração, e é o senso de veneração que sentirá vibrar no fundo da sua alma o mais evoluído homem do futuro ao dar-se conta de que nas suas descobertas ele se encontra diante do pensamento de Deus.

Uma religião baseada na fé era necessária no tempo da ignorância,, em que a mente era ainda incapaz de pensar por si mesma e imatura para compreender. Mas hoje tal sistema é contraproducente e leva ao ateísmo. A falta de crença não é mais possível diante do fato positivo da existência de um pensamento sempre, e por toda a parte funcionando, cuja presença é evidente porque é impossível não esbarrar nele a cada passo. E se esse pensamento é Deus, como podemos ser ateus? Que pensamento é este tão evidente que, se lhe propõe quesitos para resolver, ele responde, exprimindo-se na linguagem concreta dos fatos, por meio do funcionamento dos fenômenos, através da evolução do seu devir?

Do panorama restrito dos fenômenos individuais não podemos deixar de passar aos vastos panoramas de princípios universais. Na verdade, tudo é interligado, o particular ao universal, no qual encontramos a orientação e a justificação dos nossos conceitos no particular. Pensamos nos destinos do mundo em relação a esses princípios. É evidente que sua trajetória é mal orientada e que necessitaria de uma correção. Os métodos vigentes de violência e da mentira são contra a Lei e não podem conduzir senão a desastres. Como aplicar aqui uma terapia dos destinos errados? Raciocinar é inútil; a força não serve porque não resolve, como o prova a história. E quando uma trajetória é anti-Lei só há uma solução: o choque contra a Lei, isto é, o esfacelar-se contra as suas invencíveis resistências e ficar massacrados. E depois sofrer, pensar e aprender, através da experiência, uma dura lição. Não é este o método normal de ensino na escola da vida? Pode-se assim calcular onde vai chegar a política mundial, baseada no espírito de domínio que até agora só levou a guerras. É verdade que esta luta desenvolve a inteligência, mas a que preço e em que nível? Se é este, porém, o nível evolutivo da humanidade, como levá-lo a um outro superior? Os golpes da Lei tornam-se, portanto, inevitáveis, porque a essa altura outros métodos educativos não são produtores. Tudo é lógico e está em seu lugar. Métodos e resultados não podem ser diferentes. Há, porém, uma grande reviravolta (contrapartida) a Lei é justa, as trajetórias, as responsabilidades, os destinos são individuais. Quem quer salvar-se pode fazê-lo sozinho, viva do modo em que viver. A Lei lhe responde com a linguagem com a qual se lhe fala, pagando a cada um segundo o seu mérito, restituindo segundo o que se lhe dá.

AS TRÊS FASES DO CICLO DA REDENÇÃO

Vimos no capítulo precedente que a personalidade é constituída por um feixe de forças em movimento e que o destino é a trajetória desse movimento. Pode-se assim estabelecer uma técnica diretiva da evolução do espírito, orientando de forma inteligente esse movimento na direção do S, isto é, Deus, meta de todo caminho. O tipo de trajetória ou destino é estabelecido pelos impulsos que o indivíduo com seu livre arbítrio, tem o poder de lançar no campo fechado da própria personalidade, que assim estabelece o tipo de órbita que ela deve percorrer. Tal personalidade é, por sua vez, o resultado do seu passado, de que se ressentem com todos os efeitos que constituem a sua natureza e dos quais depende a direção do seu movimento. Eis que nosso eu não é uma entidade estática, mas um feixe de forças, cada uma com suas características próprias, bem definidas; feixe que avançando, retrocedendo, se desloca ao longo do caminho da evolução. É o estudo dessa bagagem, é o modo inteligente de manobrá-lo, que haverá de formar o conteúdo de uma psicanálise mais profunda e uma psicossíntese do futuro, como de uma nova ética científica positiva. Assim, o homem poderá viver com consciência e conhecimento, e construir um melhor futuro para si mesmo.

Como se vê, a idéia de uma vida única é simplesmente absurda. A vida é longa e tanto mais longa quanto o for a evolução. Não pode ser de outro modo. A criança nasce com a sua personalidade já feita e com ela reage e se adapta ao ambiente. Mas isso não é novo para ela. O fato de logo sentir-se à vontade, mostra que já o conhece. A infância é uma rápida repetição que resume o trabalho já feito, afim de levá-lo um pouco mais adiante. Os instintos que guiam a criança são o resultado de longa experiência passada, que emergem do inconsciente em que foram armazenados.

O indivíduo encontra-se então com o peso, sobre os ombros, de toda a bagagem por ele acumulada no passado. Este fato estabelece a órbita do seu destino, ligando-o a um certo tipo de trajetória. Mas esse indivíduo tem diante de si o futuro, vazio e intacto, dentro de cujo espaço, ele pode, com sua livre vontade, lançar novos impulsos que desejar. Eis de onde nasce a possibilidade de redimir-se. São estas as bases racionais do conceito de redenção. Significa introduzir, na trajetória do próprio destino, novos impulsos. Por isso afirmamos insistentemente que a própria redenção não pode ser preparada por outros, mas é pessoal, cada um por si mesmo. Individuais, são os destinos, campos fechados como o organismo humano, que pode ter contatos e trocas, mas que nunca perde a sua identidade e é altamente responsável, tanto que rejeita qualquer corpo estranho. O que cada um faz, bem ou mal, fá-lo para si mesmo, por sua conta, sob exclusiva responsabilidade de suas próprias conseqüências.

Eis então que, qualquer que seja o seu passado, é oferecida ao indivíduo a possibilidade de corrigi-lo. Mantém-se, desse modo, sempre aberta a porta da salvação. É questão de tempo. Há a dor, conseqüência do erro, que impele tenazmente o ser a decidir-se, a canalizar as suas órbitas de acordo com a vontade da Lei.

Todo deverão terminar salvando-se. Se um único indivíduo não se salvar, Deus fracassaria no mal, impotente diante dele, e Sua obra estaria falida.

O período em que o campo de forças da personalidade está aberto pela introdução de novos impulsos é o da vida terrestre, no plano físico, no plano de luta em que se encontram resistências, adaptadas, pois, à avaliação das qualidades já adquiridas, e à conquista de novas qualidades através da experimentação. O ambiente terrestre é um campo de trabalho; nele a vida é um período de construção, uma fase da existência em que reemerge todo o passado, retornando nos impulsos instintivos, que originam outros novos, lançados em novas direções. Por isso a vida é também um campo de batalha. Na velhice tudo se acalma, se coagula e cristaliza, fechando-se à nova experimentação, de que é tão ávida a juventude. A ação então se detém, porque termina a sua função, uma vez que se já fixou a posição de partida para o desenvolvimento do novo trecho de trajetória da próxima vida. O canhão já fez pontaria e com isto o futuro trajeto do projétil já

foi traçado. O indivíduo já preparou, com as próprias mãos, o destino que o espera. Este trabalho de preparação será completado e aperfeiçoado no período de reflexão, de interiorização, de assimilação das experiências vividas, que define o interregno depois da morte e antes do nascimento. Isto acontece na fase introvertida do desencarnado, oposta e complementar àquela extrovertida da vida, eis, portanto, quantas coisas trazemos e temos conosco quando nascemos.

Assim estabelece a Lei e quando o ser ainda não se tornou consciente pela evolução, isto funciona automaticamente. A diferença está apenas no fato de que este, em vez de dirigir-se com conhecimento, tendo nas mãos o timão do próprio destino, é arrastado pela corrente da vida. Quando não se conhece a técnica da correção das trajetórias erradas e não se decide a este trabalho espontaneamente, a Lei recai, por meio da dor, manifestando-se desde o erro à necessidade de corrigi-lo. Quanto mais distanciados estivermos da Lei e insensíveis aos seus reclamos, proporcionalmente aumentará a dor devida a este afastamento, até tornar-se um fato tão insuportável que deveremos decidir-nos a eliminá-lo a qualquer preço, reentrando na ordem. Uma tal potência corretiva automática deve-se ao fato de que o afastamento da trajetória individual daquela traçada pela Lei produz no ser um estado de desordem, de desarmonia, de dissonância, que se faz perceber como dor. E isso ocorre em proporção ao afastamento, de modo que quanto maior for, maior será a dor. Adiante explicaremos melhor esses conceitos. Eis, pois, qual a técnica do automático e irresistível reclamo que impulsiona as órbitas desviadas a reentrar na justa órbita da Lei. É assim que esta não teme o mal e sempre termina por vencê-lo, ainda que sob a forma de instrumento de salvação, servindo-se da dor, seguro instrumento usado para correção das órbitas erradas.



Agora que vimos em linhas gerais a técnica desse funcionamento, vejamo-la de modo mais particular, observando como se comporta o homem que deseja conduzir-se a seu modo, mas que está encarcerado dentro daquele funcionamento, observando como se desenvolve a luta entre as duas vontades opostas e como a da Lei termina por vencer, levando o ser à salvação.

Todo o caminho da evolução é uma luta entre AS e S, concluindo, porém, depois de tantas fadigas e dores, com a vitória do S. A concepção apocalíptica da cósmica batalha entre bem e mal corresponde a uma realidade biológica, porque é através do caminho da evolução que tem lugar essa batalha, até reconduzir, através de um transformismo incessante, o ser ao ponto de partida: o S.

A técnica dessa redenção, por meio da evolução, se realiza ao longo de um processo trifásico, que ao nível humano desempenha a função corretora das trajetórias mal orientadas, para levá-las aos trilhos da Lei que seguem na direção do S. Este processo se realiza através de uma típica forma que poderemos chamar o ciclo da redenção. Isso abraça três tipos de experiências, cada uma das quais pode estender-se a uma ou mais vidas. O fenômeno é dividido em três momentos ou períodos. Observá-lo-emos, pois, em seu desenvolvimento, nas três situações distintas.

Se observarmos o fenômeno em seu aspecto evolutivo, como processo construtivo do indivíduo, poderemos definir assim as três fases:

1 – ignorância; 2 – experimentação; 3 – conhecimento.

Se olharmos o fenômeno no seu aspecto corretivo e salvador, isto é, de correção na direção do S daquelas trajetórias erradamente lançadas para o AS, poderemos ver aquelas três fases de outra forma:

1 – fase inicial do erro (lançamento da trajetória errada);

2 – fase curativa da dor (sua correção);

3 – fase resolutive da cura (trajetória justa).

Em ambos os aspectos o processo termina sempre com a chegada ao conhecimento, como à cura, ou salvação, ou redenção, isto é, a um estado em que essas metas são conseguidas.

1ª fase – O ponto de partida do processo de experimentação é a ignorância e o erro. Por que? Se o ponto de chegada do ciclo é o conhecimento, é lógico que no seu extremo oposto, o ponto de partida seja a ignorância. O ciclo se move em sentido evolutivo. É assim que se a meta a que tende é o S, com as qualidades positivas que conhecemos, a origem de que precede é o AS, com as qualidades contrárias. Eis então que, no início de sua primeira fase, o indivíduo vive nas trevas, não tem conhecimento, age por tentativas e isso o conduz ao erro. Mas além disso, pelo fato de que ele ainda está mergulhado no AS, o seu impulso natural é para baixo, na direção do mal. Assim, o movimento tende a verificar-se em sentido contrário.

Como se vê, desde o início, o fenômeno já aparece assentado sobre essas características de negativismo, em que fica enquadrado durante o seu desenvolvimento, mesmo se este leva ao emborcamento delas.

É esse tipo de colocação do processo sobre o erro, em posição anti-Lei desde a sua primeira fase que, seguindo uma fatal concatenação leva a estabelecer desde o princípio, os caracteres da segunda fase, fatalmente destinada a ser de dor. Porque um involuído, privado de consciência e conhecimento, não sabe autodirigir-se com inteligência, sabe apenas deixar-se arrastar pelos instintos que, neste caso, vêm do início de sua evolução, isto é, do AS. Como corrigir, então, tais erros, fazendo-se compreender por quem ainda não tem capacidade? Assim se justifica o aparecimento posterior da dor, necessária na Segunda fase para desempenhar a função corretiva do erro. Dada a natureza do indivíduo, este se torna o único meio seguro para estabelecer um diálogo, e o modo pelo o qual a Lei possa mostrar o verdadeiro caminho a percorrer.

Como se vê, tudo é consequência do ponto de partida do ciclo, do qual depende o lançamento e a direção de toda a trajetória do seu desenvolvimento. Parte-se, em suma, de um estado de involução, isto é, de um edifício destruído. O conteúdo do fenômeno só pode ser, portanto, um trabalho de reconstrução por meio da evolução. O ser só pode encontrar sobre o seu caminho a necessidade de esforço indispensável para realizá-lo. A causa primeira de tudo está na natureza humana egoísta e separatista, que é levada à procura somente da vantagem própria e do gozo nessa procura, e que não se detém a não ser quando obrigado pelo aparecimento do próprio dano e dor. Como frear então, ou parar no caminho da descida para o Anti-Sistema para o qual tende, se não por meio dos seus sofrimentos? É assim que a cada erro a Lei reage com uma dor proporcional, que cumpre a sua função corretiva, atingindo o fim principal que é o de ensinar e, pois, eliminar o erro, com a conservação de resultados tão ruins que faz cessar a vontade de repeti-lo. Aprende-se sofrendo o que não se é capaz de aprender raciocinando. Quando o aluno não possui ainda a inteligência de compreender a sua formação vai-se fazendo justamente a custa de luta e sofrimento, já que a Lei não pode usar outro método na escola. E ensinar-lhes é necessário a fim de que, aprendendo essa lição, se salvem.

É assim a primeira fase, a da ignorância e do erro, é lógica e fatal a premissa da segunda, a da experimentação da dor. Se o homem possuísse o conhecimento das consequências da sua conduta errada, não incorreria nelas e não teria que seguir este longo curso de três fases. Ele não sabe, mas deve aprender às suas custas que, num universo regido por uma lei feita de ordem, uma violação desta ordem, pela própria natureza da infração, inevitavelmente, deve doer em quem a pratica. Isso porque então se produz aquele estado anti-Lei que, traduzindo em termos de vibração, significa um estado arritmico de dissonância que produz no ser situado no organismo do todo como sensação, aquele efeito negativo que se chama dor. Dura consequência, mas segura e mesmo salutar, porque é a dor que, eliminado o erro que a gera, termina por eliminar-se a si mesma, já que funciona com um benéfico processo de auto-absorção dada a repugnância que o homem tem pela dor, o fato de associá-la repetidamente à idéia do erro terminará por fixar na sua mente essa repugnância de modo que assim, eliminada a causa, também possa desaparecer o efeito.

Se o homem tivesse conhecimento, não teria necessidade, para conquistá-lo, de passar através das três fases do ciclo da redenção, poderia assim, poupar-se do erro e da dor.

O mais evoluído não segue este longo caminho para chegar ao estado de salvação, porque a atinge logo, evitando entrar na primeira fase e com isso esquivar-se às premissas do ciclo, que obrigam a seguir o desenvolvimento até o fim. Mas isto só ele sabe fazer sozinho, pois seu ponto de partida não é o estado normal de involução. Não vai por tentativas; conhece e toma, desde o princípio, o caminho justo, razão pela qual não inicia e não lança a trajetória em direção

errada, e em consequência não deve sofrer a ação corretiva do endireitamento. Ele não precisa dessa escola e por isso não se submete a ela. Porém, para quem se encontra na primeira fase, obrigado a seguir as sucessivas, há todavia, a perspectiva de atingir uma futura sabedoria com as relativas consequências, embora com a condição de conquistá-la através de uma enorme fadiga.

Assim, na primeira fase se inicia o ciclo da reconquista do conhecimento. Movido pelos impulso do AS e ignorante dos resultados, o indivíduo é levado a tentar o desconhecido em sentido involutivo anti-Lei, que automaticamente o expõe às reações dela. Ele busca a felicidade, motivado pela sua natureza de origem divina, mas por causa da revolta, age de forma contrária, isto é, descendo em vez de subir, caminhando para o AS, e não para o S. Assim segue os desvios, os enganos, as falsas vias que, convidando ao prazer, levam à dor. Ele é livre, a Lei lhe permite agir e não tendo ainda provocado as reações por não haver cumprido toda a sua ação, essa Lei fica à espera. Dessa forma, o indivíduo em princípio, pode obter um momentâneo sucesso, falseando o seu julgamento, já que, ao contrário, esta aprendendo sua primeira lição, isto é, a vitória do erro. Neste erro ele se afirma, crendo ter vencido, enquanto, em realidade, perdeu. A verdadeira lição, a do endireitamento, virá depois. Esta é a história de quantos fizeram fortuna no mal.

É preciso ter presente que todo o fenômeno do ciclo da redenção é orientado em sentido evolutivo, move-se no AS para o S. É assim que a primeira fase traz consigo todo o sabor do AS, e lança sua trajetória na direção anti-Lei. É natural pois, que, tratando-se de uma órbita em sentido negativo, esta seja feita por engano e não possa levar senão ao emborcamento na dor. É natural também que tal órbita tenha que chocar-se com a Lei, que, ao contrário, segue uma órbita de tipo positivo. Choque inevitável, mas corretivo, pois reconduz ao positivo, isto é, ao caminho da salvação. Esta acaba tornando-se, também, um fato inevitável.



2ª fase – Esta é a fase na qual se experimentam as consequências da primeira precedida pela escola da dor, para uma ação curativa do mal, com a correção dos erros. Em geral esta fase se desenvolve na vida sucessiva. O triunfo obtido na precedente ensinou ao indivíduo que é vantajoso o caminho do erro. Esta vitória fê-lo assimilar no subconsciente as piores qualidades do tipo AS que, aí fixadas, agora ressurgem sob a forma de instintos que o impelem a insistir na órbita precedente de sentido negativo. Então este indivíduo se lançará de novo na mesma direção e a repetição do erro será tanto maior quanto maior tiver sido o sucesso que dele obteve na vida precedente.

Verifica-se, desse modo o choque fatal entre esta trajetória errada e a trajetória da Lei.

O choque será tanto mais forte quanto mais potente é a força negativa do indivíduo, isto é, quanto maior o sucesso com ela obtido e com isso a potência atingida. Quanto mais forte for o choque, tanto maior será a dor do indivíduo que naquele choque se esfacela no momento em que a sua órbita se bate contra a da irremovível Lei. É natural que esta vença todas as órbitas menores que lhe são contrárias, porque ela é a maior do universo, é a órbita da Lei de Deus. As órbitas lançadas no mesmo sentido a acompanham e não se chocam. Isso somente acontece com aquela que é contra a corrente da Lei.

Podemos agora compreender por que o choque advém. No universo temos a grande órbita da Lei segundo a qual se move, em sentido evolutivo, o transformismo de todos os fenômenos, que, partindo do AS tende à recuperação da ordem perdida, indo em direção ao S. Com a revolta e a queda, foi implantado o método separatista, tipo AS, do lançamento de trajetórias negativas, anti-Lei. Indivíduos rebeldes, afeitos ao mal, continuam a lançá-las. Mas, como acenamos acima, essas órbitas navegam em direção oposta aquela órbita positiva da Lei; em vez de seguir fielmente a sua direção, vão-lhe contra. É inevitável então que se choquem e que, sendo a trajetória da Lei a mais forte, seja a do indivíduo rebelde que se quebre e assuma as consequências em forma de dor.

Podemos assim compreender agora mais exatamente que não é a Lei que reage; é o indivíduo que, lançando-se em direção oposta vai contra ela. Então é ele mesmo a causa do

choque. Não é a Lei que inflige a dor, mas o indivíduo que a inflige a si mesmo, indo bater a cabeça contra o muro imóvel da inviolável resistência da Lei. É preciso compreender que tudo que é anti-Lei é anti-Deus e, pois, anti-vida. Isto significa assumir uma posição de morte, implicando numa automática liquidação de quem se põe do lado negativo do mal.

Nesta segunda fase tudo tem o caráter de fatalidade, uma vez que é conseqüência do que foi livremente preparado na primeira fase. Daí advém a importância de nosso comportamento neste primeiro período, porque é nele que se faz o lançamento da trajetória, que, depois automaticamente continua na mesma direção até a exaustão do impulso recebido. Disso depende o desenvolvimento de todo o ciclo desde o início definido e irrevogável. Se a primeira fase é a de livre plantio das causas, a segunda fase é a da fatal colheita dos efeitos nesta o fenômeno se acha mais avançado no seu desenvolvimento e começa a dar os seus frutos.

Se a primeira fase é a do lançamento da órbita na direção anti-Lei, a segunda fase é a do choque com a órbita da Lei, e para o indivíduo, é a hora da experiência da dor. Sacudido pelo choque, ele entra no hospital para fazer a cura corretiva do erro, até sair dele convescente para iniciar a terceira fase do tratamento. Por esse exemplo se vê a utilidade dessa segunda fase que, com a negatividade da dor retificando a negatividade do erro, corrige uma trajetória de enfermidade que tende à morte, com uma outra positiva de saúde que leva à vida.

Na segunda fase teremos então uma vida de tipo diferente, isto é, não de abuso mas de pagamento, não de desordem anti-Lei, mas de reordenamento segundo a Lei. A primeira fase foi a de livre iniciativa do indivíduo, que, embora a seu modo, se ligava por si mesma às suas responsabilidades. A segunda fase é a determinista na qual é a Lei que comanda, curando o mal e reconstruindo a ordem onde foi violada. Este é o momento em que se vê como funciona a presença de Deus ativa em nosso mundo, devido ao fato, já explicado, de que, não obstante a queda e a formação do AS, o S permanece no centro do universo com seu espírito animador e providencial potência curadora do mal.

Como se vê, estes fenômenos individuais de desenvolvimento de destino têm raízes profundas que estão em Deus e só assim eles se podem justificar com uma duradoura motivação que lhes explica a forma e a evolução.

Eis, pois, que o indivíduo se encontra diante do fato de ter de viver um outro tipo de vida. O mesmo cálculo de probabilidade mostra que é difícil que se possa verificar, uma segunda vez, a feliz convergência de todos os elementos favoráveis necessários para obter um sucesso freqüentemente não merecido, porque a ele não correspondem reais qualidades e valores individuais. Então, diante de uma realidade tão diversa, cai a miragem, chocando-se o indivíduo contra a desilusão em que lhe naufragam os sonhos; mas a posição se troca, porque os próprios movimentos, na hora da correção da trajetória, em vez de levar ao sucesso, conduzem ao desastre; em vez de levar à satisfação, levam à dor; em vez de encaminhar-se a um alto grau social levam a prisão. Esta é a resposta que se pode dar a uma fácil objeção que poderia levantar, observando a realidade da vida, que nos oferece o espetáculo de homens malvados e bem sucedidos, que gozam o fruto de sua iniquidade zombando da Lei e da sua justiça. Aqui podemos responder que tal contradição nasce por limitar-se a observação do fato ao exame de um único aspecto do fenômeno sem ver as outras fases.

Eis como funciona a escola. Esta não consiste na exposição de teorias que não se possam escutar e deixar de lado ou ainda torcê-las, dando-lhes uma interpretação própria; os fatos é que não se podem evitar. O método é benéfico porque é uma defesa da vida e embora magoe é uma providência de Deus a nosso favor.

Sem ação corretiva que o detém e remete ao reto caminho, o ser se perderia, tornando-se sempre mais desgastado e involuído. É assim que o S o salva do desastre da queda no AS. E nenhuma tentativa de destruição, subvertendo a ordem, tem sucesso, porque o resultado produz, infalivelmente, a lição adequada para corrigir quem, na sua inconsciência, cometeu aquele erro.

A segunda fase contém uma real experiência feita na própria pele e sem possibilidade de evasão. Tentemos compreender mais exatamente como isso acontece. A vida é como um laboratório químico. Nela encontramos todos os elementos e nos exercitamos na sua combinação de modo mais diverso, mas pela nossa ignorância das leis da química não conhecemos

as reações, os resultados das nossas operações. Assim fazemos contínuos erros, porque misturas e combinações se fazem ao acaso, mas a própria química nasceu assim, isto é, tentando e depois observando o que sucedia. Assim se faz com as experiências da vida. As reações já sabem funcionar por si e as combinações seguem a Lei que já conhecem, o homem, porém, é que não a conhece e deve descobri-la por meio de suas experiências. Tudo já acontece por si mesmo, independente dele. Seu conhecimento diz respeito somente a ele e exista ou não, não interessa, de modo algum ao funcionamento dos fenômenos.

Eis então que a vida coloca o homem no laboratório, afim de que, provando, aprenda. A cada experiência, ele toma conhecimento de uma reação e combinação química nova. Em um certo momento, quando o fenômeno já amadureceu, qualquer estímulo pode funcionar como catalisador. Então o edifício químico se precipita, a combinação se fixa estavelmente num dado composto, registra-se no subconsciente o resultado da experiência e aí o deposita. Assim se enriquece o próprio patrimônio de conhecimentos, que, depois, constituem tantas qualidades adquiridas, que vão fazer parte integrante da personalidade como idéias inatas e naturais impulsos instintivos. É assim que a personalidade se vai construindo através da experimentação e o ser vai recuperando a sabedoria do S, perdida com a queda no AS. Isto é o que se faz do nascimento até à morte. O indivíduo, ponto por ponto, constrói uma sabedoria com o próprio esforço, e esta se torna sua propriedade inalienável, e a mais útil conquista da vida.

A estrutura desta técnica nos faz compreender como ocorre a correção do erro na segunda fase. O resultado de tais experiências forma uma conexão de idéias diferentes da primeira fase, isto é, à conexão entre erro e vantagem própria se substitui a conexão entre erro e dano próprio. Desce uma nova idéia corretiva da precedente, registra-se e aloja-se no subconsciente para ressurgir depois, como foi dito, assimilada sob a forma de instinto, como qualidade adquirida pela personalidade, para dirigir, de outro modo, uma outra vida.

O fenômeno é conduzido por esta via, também pelo fato de que se o indivíduo na vida precedente foi um vencido, ele acreditou, no entanto, ter sido um vencedor, porque, momentaneamente, os fatos lhe davam razão. Ora essa ilusão com que o AS o traiu empurra-o a repetir o erro, continuando na direção involutiva com os próprios métodos. E já notamos que quando mais decidido for o lançamento da nova órbita em sentido contrário ao da Lei, tanto maior terá sido o sucesso até então obtido naquele caminho. Tudo isso, ao invés de levar o indivíduo aos mais evoluídos, leva-o a cair num ambiente de involuídos, ao lado não dos melhores, mas dos piores. Dada a sua forma mental de primeira fase, é natural que, por afinidade, justamente entre estes, ele se sinta levado a nascer e a viver. E destes que poderá esperar de bom, senão egoísmo, traição, assaltos etc., que terminarão por vencê-lo. Se na vida precedente lhe foi fácil aproveitar-se de pessoas simples e boas, enganando-as; dessa vez entre pessoas mais duras, ele levará a pior.

Aqui o jogo dessa correção do erro se torna mais complexo. Qual é, no processo da evolução, a função desses elementos piores que na primeira fase vencem, às custas de quem sofre na segunda fase, embora tenham que redimir-se? A lei, sendo um conceito ou princípio imaterial, não se manifesta em nosso plano, senão através das forças e formas que a exprimem. Quando ela exige do violador compensações para restabelecer a ordem, ela usa, como executor do débito e da divina justiça, um outro indivíduo mais atrasado, razão porque o devedor se apresenta como uma ocasião para satisfazer os próprios instintos maléficos. Para quem a suporta, esta oportunidade é uma prova; e para quem a usa para danificar o outro, é uma tentação e um erro em que este caiu. Assim, quem se encontra na primeira fase do ciclo, que é a dos abusos, é utilizado para dar uma lição corretiva a quem se encontra na segunda fase, que é a do pagamento. O mesmo ato cumpre, em duas direções, funções diversas nas mãos de quem o faz. O mal é culpa e débito para pagar depois à lei; nas mãos de quem o recebe é instrumento de redenção e pagamento da dívida à Lei.

Assim todos trabalham para o mesmo fim em diversas fases do mesmo ciclo. Os da primeira fase preparam, sem querer, a escola para os da segunda fase. Mas deverão receber, por sua vez, a mesma escola, quando atingirem a segunda fase, por parte dos novos que na primeira fase iniciam o ciclo. Aparentemente os dois tipos são inimigos, porque um inflige dano e o outro o recebe, mas na realidade eles fraternalmente colaboram para o bem comum, porque os da primeira fase experimentam através do erro, enquanto os da segunda seguem um curso da redenção.

É assim que, na sabedoria da Lei, mesmo o mal termina por desempenhar uma função de bem. Assim quem acredita que trabalha em sentido negativo para o AS, na verdade trabalha em sentido positivo, para o S. Isso se deve, ao fato, já muitas vezes notado, de que a positividade do S permaneceu imanente no centro da negatividade do AS, com função de transformá-la, com a evolução, na positividade do S. Assim o mal se torna uma escola de dor, que redime do mal e da dor.

Pelo fato de tratar-se de um jogo de emborcamento e endireitamento, assistimos àquilo que os maus podem ver como zombaria. Estes, de fato, pensam que, fazendo o mal aos outros, podem ter vantagem própria. Na verdade fazem-lhe bem, devendo depois pagar o mal que praticam. Assim os inimigos vivem abraçados, ajudando-se mutuamente no trabalho da evolução. O resultado de todo este trabalho não é negativo e destrutivo, como quereriam os cidadãos do AS, mas positivo e construtivo, como o deseja a Lei. Assim, ficando livres para fazer o mal, fazem o bem. Pode-se então compreender, para além da aparência, uma realidade diversa, aquela mesma expressa no Evangelho, no Sermão da Montanha, segundo o qual os vencedores, na perspectiva do mundo, se tornam vencidos e os vencidos, vencedores. Assim, de um inimigo que nos faz sofrer se pode fazer um amigo que nos faz subir. Este nos obriga a evoluir e no evoluir está a salvação. Coitado, pior para ele, porque através dele se pode subir a uma posição melhor, enquanto ele fica atrasado, numa posição pior. Através dele eu paguei, enquanto ele se endividou e deve pagar. É por essa razão que o Sermão da Montanha pode dizer, *“Abençoados os que choram, porque serão consolados... abençoados os que sofrem, alegrai-vos e exultai, porque grande é a vossa recompensa...”*.

Assim se percorre a segunda fase do ciclo e se conquista o conhecimento. Tudo isso não poderá resumir-se a um fato único e imediato, mas a uma reconstrução executada em cada detalhe, por graus, ponto por ponto, em todo campo, seja o do sentimento, seja do intelecto, sob todos os aspectos da vida. O ciclo da redenção, portanto, não se realiza numa única zona do indivíduo, mas é um fenômeno que se repete a cada passo, em cada setor, em tantos casos quantos são os elementos do conhecimento para construir em todos os seus detalhes.

Ainda que varie o conteúdo específico da experimentação fica sempre a técnica trifásica do ciclo com que se realiza a evolução, e permanece na segunda fase a sua característica – a da falência dos métodos da primeira. Permanece a desilusão, pelo fato de se conseguirem resultados opostos aos precedentes, se termina por viver na corrente oposta à da primeira fase, isto é, a anti-Lei. Na segunda fase deve-se obedecer disciplinadamente na ordem do S, em vez de continuar a comandar livre no caos do AS, como se desejaria. Esta é a hora da penitência mas também a hora da reflexão e da mudança, hora preciosa em que se aprende e assim se prepara o lançamento de um novo destino, segundo uma nova e correta trajetória.

Para melhor compreender as relações entre a primeira e a segunda fase, vejamos um exemplo. Imaginemos dois indivíduos que chamaremos homens da primeira e segunda fase, no sentido de que o primeiro vive no primeiro período do ciclo, o do erro, e o segundo vive no segundo período, o da correção na dor. Há dois caminhos: um que desce (involução) e outro que sobe (evolução). O primeiro homem é esperto, sabe viver, escolheu o caminho cômodo, e por ele vai sem fadiga, livre em sua bicicleta, cantando despreocupado, feliz por ter descoberto a vida fácil. Bastava somente um pouco de astúcia e ele, convencido da própria inteligência, de repente fez a descoberta. O segundo homem não é ladino, é honesto. Escolheu o caminho íngreme, que sobe, cheio de pedras agudas, e por ele vai com esforço, empurrando a sua bicicleta, quando não é forçado a carregá-la sobre os ombros. Caminha pensativo, escavando a própria alma, ocupado com profundo trabalho de introspecção a fim de compreender o sentido e valor da vida difícil, a sua função redentora e suas metas longínquas. Ele não é mais tão ingênuo a ponto de se crer inteligente só pelo fato de ser astuto, porque experimentou as conseqüências do deixar-se enganar pelo orgulho.

O primeiro homem, muito contente consigo mesmo, vai correndo sem cansaço pela descida, sem freios. No fim do caminho há uma curva, mas ele não se preocupa em saber o que há depois. Tudo é tão fácil e belo! Que importa? Ele sabe o que faz, é ladino, na sua inconsciência plenamente satisfeita consigo mesma, olha com compaixão o segundo homem cansado na subida e pensa. “Como é possível ser tão estúpido para escolher um caminho tão incômodo, quando se pode tomar este outro tão belo, que eu escolhi?”. E tem vontade de gritar: “Muda o caminho, tolo, que não sabe viver!”.

Por sua vez, o segundo homem olha o primeiro que o julga e pensa: “coitado, com seu modo de agir, está destinado a espatifar-se. Adverti-lo é inútil, porque ele está convencido de ser ele o sábio, e eu o idiota, uma vez que o sucesso imediato lhe dá razão”. Nos lados do caminho estão os pregadores, moralistas que o advertem do perigo, mas ele é astuto e não se deixa enganar. Enfim, a Lei vai ensiná-lo a aprender com a própria experiência e não com a alheia, quebrando a própria cabeça e não vendo a cabeça partida dos outros. Não seria justo que um simples aviso permitisse ao culpado desviar-se e parar a tempo. Ao contrário, uma trajetória, uma vez lançada, deve ser percorrida até o fim. O segundo homem, por sua vez continua a pensar: “Eis que é inútil avisá-lo. De resto, esta é a linha traçada pela Lei e não posso mudá-la. Se ele não se espatifar na curva, como já aconteceu outrora comigo para aprender, ele jamais compreenderá e se decidirá pela via correta segundo a Lei, deixando o caminho do erro. Deixemo-lo, pois, nas mãos de Deus. É necessário provar para crer”.

A conclusão é que, dada a própria natureza do homem, a sua via natural é a traçada pelas três fases do ciclo da redenção, razão pela qual não se pode retornar à felicidade do S senão pela via dura do erro e do pagamento com a própria dor. Construído assim o fenômeno com os elementos que o constituem, ele não pode seguir outra linha de desenvolvimento. Teremos sempre indivíduos do tipo do primeiro e do segundo homem. E os primeiros não compreenderão os segundos senão depois de haver chegado, através de seus erros e relativo choque com a Lei, à segunda fase da dor. Somente depois de ter experimentado pode, quem ignora a estrutura da Lei, compreender que à felicidade não se poderá jamais chegar pela via fácil da descida, mas somente pela via difícil da subida, como é adequado, ganhando a felicidade. Que o universo seja regido, na complexa organicidade da sua ordem por uma lei de fácil e injusto arrivismo, só os involuídos ignorantes da realidade podem pensar.



3^a fase. Como a primeira fase leva à segunda, que a continua, assim a segunda leva à terceira. Na primeira, o indivíduo é alucinado pela visão deformada da realidade, no AS. Ele vê a Lei, não como força vital amiga, mas como inimigo que é preciso vencer, cujo valor consiste em desobedecer. Ele se lança assim, subitamente, numa órbita negativa e o sucesso que obtém o engana, porque o leva a chocar-se com a Lei. Sobra-lhe tempo de confirmar-se no engano, porque aquele choque só ocorre com a trajetória percorrida, isto é, quando o mal está feito. Antes de chegar a esse ponto, deve desenvolver-se todo o fenômeno do movimento, em determinada direção, das forças necessárias. Assim o pecador pode livremente cometer todas as culpas que quiser e concluir sua vida com a convicção de estar com a verdade. E de resto, até certo ponto, os fatos não lhe deram razão? Mas assim ele iniciará a nova vida lançado a toda velocidade, na segunda fase, a da penitência.

Dados estes precedentes, o choque é fatal. Desta vez a experimentação não encontra o caminho livre para desenvolver-se a seu modo, mas em condições opostas, se encontra bloqueado pela resistências da Lei, contra a qual se vai bater, obrigado a corrigir-se. O dano do choque recai completamente sob o indivíduo que o provocou. A correção da trajetória é uma conseqüência do fato que congregou resultados opostos aos previstos. A primeira fase era positiva para o indivíduo, mas negativa diante da Lei. A segunda fase é negativa para o indivíduo, mas positiva diante da Lei. Podemos agora compreender a estrutura destes fenômenos, enquanto os volumes precedentes nos permitem orientá-los em relação ao funcionamento universal. A presença do S no centro do AS, faz com que a desordem deva ser reabsorvida pela ordem, a negatividade pela positividade. Compreende-se que esta fatalidade do choque significa uma fatalidade de correção e de salvação, com o triunfo final do S sobre o AS.

Chegamos assim a terceira fase. O seu conteúdo não é mais um trabalho de correção de trajetórias e de correção do erro em condições de choque, mas é de confirmação da posição correta, conseguida no final da segunda fase. Não basta receber uma lição; é preciso também

absorvê-la. Não basta obter resultados; é preciso também assimilá-los e fixá-los na própria personalidade, transformando-os nas suas qualidades adquiridas. Na terceira fase, cumpre-se o processo da trajetória correta para experimentar-lhe as vantagens e assim confirmar-se na sua verdade. Para ensinar que este é o melhor caminho, é preciso que os sofrimentos passados se acrescentem os bons resultados atuais. Assim, a função da terceira fase é a de confirmar definitivamente um dado campo de experiências, a posição de erro corrigido e de lição aprendida.

Trata-se de construir-se conquistando o conhecimento. A dura lição da segunda fase dissuadirá o indivíduo de repetir os erros da primeira, e a lição da terceira lhe fará ver as vantagens do viver segundo a Lei. Assim, agora, ele poderá ter uma vida de paz e alegria, na qual fará a experiência da ordem e de suas vantagens, vivendo segundo a Lei. E não na anti-Lei. Como na primeira fase se formou a conexão de idéias entre erro-abuso-alegria, e na segunda a conexão entre erro-abuso-dor, assim na terceira fase se forma a conexão entre ordem-dever-alegria. Com isto o ciclo se fecha em forma de tipo mais inclinado ao S, em oposição àquela inicial de tipo inclinado ao AS. Assim, gradualmente se progride no caminho da evolução nas suas zonas mais altas, a moral e espiritual.

Passa-se, deste modo, da ignorância ao conhecimento, do engano à verdade, da falsa alegria à verdadeira, da desordem do AS à ordem do S, percorrendo todo o ciclo nos seus três momentos: erro, expiação, redenção. Isto em correspondência ao ciclo universal da evolução e da salvação nos seus três momentos: AS, dor, S.

Podemos dessa forma, compreender a centralidade da paixão de Cristo no fenômeno biológico da evolução. Eis que encontramos, mesmo no caso particular da reconstrução de cada qualidade da personalidade, mesmo nos seus menores setores, reproduzindo o modelo do grande ciclo da queda e reconstrução do nosso Universo, dado pelas três fases: 1º - Queda involutiva; 2º - Posição negativa do sistema derrotado (caído) e, com a evolução, laboriosa reconstrução dele na luta e na dor; 3º - com a evolução salvadora, retorno ao S.

Se o indivíduo tiver percorrido todo o ciclo, então terá assimilado a lição e consolidada a experiência, por ter vivido seu lado positivo. Partindo da nova posição conseguida, ele poderá iniciar um outro ciclo do mesmo tipo, mas num outro setor mais avançado, ainda não explorado, e assim por diante, reconstruindo-se e avançando no conhecimento sempre em direção ao S; quando serão eliminados todos os erros, arrancados um a um por meio da dor, consequência deles.

Na vida encontramos indivíduos que estão situados na primeira fase; outros na segunda, outros na terceira. Explicam-se desse modo suas diferentes condições. Para facilitar a compreensão, expusemos aqui o fenômeno de forma esquemática, dividindo o ciclo em três fases, vividas em três vidas. Mas pode acontecer que uma fase se prolongue e sobreviva também na nova existência. Pode haver destinos mistos, de passagem, em que encontramos as características das duas fases sucessivas. O indivíduo pode então ficar em poder de dois destinos diversos, o que morre e o que nasce; pode até acontecer que uma fase domine várias vidas. É difícil encontrar uma só das três posições em estado puro, senhora exclusiva do campo. É freqüente a necessidade de repetir a segunda fase corretiva, por ter persistido no erro, sem querer entender. A série desses ciclos de recuperação é tão longa quanto o caminho da evolução, e tão vasta quanto todas as qualidades do indivíduo. Mas o esquema do ciclo com a sua técnica permanece e se repete em cada caso. Este ciclo, porém, sempre com o mesmo esquema erro-dor-redenção, repetir-se-á mas num nível biológico sempre mais alto. Assim, as experiências e as conquistas serão do tipo sempre mais avançado e poderão estender-se, mesmo fora do campo moral do reto comportamento, no do conhecimento com aquisição de outras qualidades constitutivas da personalidade. Insistimos naquele tipo de experimentação porque ele é fundamental para a formação do indivíduo.

Dada a multiplicidade das pessoas e de suas diversas posições, encontramos na terra um emaranhamento de destinos que, no entanto, não se misturam, porém se tocam, se influenciam, se entrelaçam e podem combinar-se entre si. Quem se encontra na primeira fase, a do erro, pode funcionar como carrasco, utilizando aquele que se encontra na segunda fase do pagamento com a própria dor, fazendo funcionar como sua vítima. Ele a isso é levado não só pelos instintos básicos, mas também pelo fato de que os mais involuídos agarram às costas de quem tenta sair do AS, a fim de impedir que isso aconteça, porque não querem tais fugas em campo inimigo que,

na verdade, gostaria de vê-lo destruído. É por isso que os melhores, que buscam superar-se, são assaltados e caem presas dos piores, que os consideram seus inimigos, porque nesses sentem inconscientemente, a potência superior do Sistema que os vence. Este é o poder da justiça, da bondade, da ordem, das qualidades do Sistema, dos seus métodos enfim, que levam os que estão na segunda fase corretiva a aprender e praticar.

Deste modo involuído e evoluído se atraem reciprocamente. Cada um dos dois tem necessidade do outro para cumprir sua experiência. O carrasco, para realizar o mal que depois pagara, tem necessidade de uma vítima para executá-lo, e a vítima para pagar o delito pelo mal que fez, tem necessidade de um carrasco que o faça pagar. Procede-se a troca de serviços opostos, uma vez que são realizados em duas posições opostas, para fazer duas experiências, também, opostas.

Assim, encontramos tanto aquele que, oprimindo, goza às expensas do outro, mas com isso preparando-se para pagar com o sofrimento, e aquele que oprimido, sofre, mas preparando para ganhar o melhoramento ao qual o conduz a evolução.

Com injustiças opostas e compensadas se forma uma justiça. Na realidade, a verdade que poucos vêem, é que no primeiro caso, o carrasco, que experimenta na primeira fase, prepara para si mesmo uma vida de expiação corretiva numa segunda fase, em que ele pagará, tornando-se vítima. E a vítima que viveu a segunda fase, prepara para si uma vida de redenção na terceira fase, onde será compensada pelo que sofreu. Todos, sem o saber ou querer, trabalham juntos, ajudando-se mutuamente. Também nesse campo se aplica a lei das unidades coletivas, que tende a engrenar vários elementos para formar um organismo. Podemos então ter uma série de destinos, que têm entre si uma conexão, ligados em órbitas coordenadas, a fim de realizar o mesmo trabalho. Nessa massa de destinos encontramos o do pecador, o do penitente, o do redentor. O primeiro está no erro, o segundo se corrige na dor, o terceiro goza do resultado dessa lição aprendida. Há vidas cinzentas, em que pouco se faz ou nada, há as que são tempestuosas e destrutivas, há as iluminadas pela redenção. Há tantos destinos quanto pessoas.

Ao longo dessa grande corrente, o ser pode tomar as mais variadas posições. Pode haver quem escolha a da inércia, retirando-se desse modo de toda atividade, evitando o erro e com isso a possibilidade de entrar no ciclo da redenção. Mas nem esta tentativa de evasão exime das provas necessárias para evoluir, pois seria muito fácil resolver o problema com a resistência passiva à Lei, que, ao contrário, representa a exigência absoluta de uma subida do AS ao S, isto é, do retorno a Deus. Há, em nosso universo, uma inadiável necessidade de evolução e quem se lhe opõe é um rebelde, não por violação mas por não cumprimento da Lei, e fica, assim, sujeito as conseqüências, que acompanham toda transgressão dela. Transgressor porque todo o nosso mundo está envolvido no ciclo da redenção, com as três fases descritas acima, das quais a primeira foi a revolta da origem que o iniciou a queda no AS, isto é, a fase do erro; a segunda é a atual correção na dor; e a terceira será a resolutiva da cura no S. Eis então que, mesmo se o indivíduo não tem um erro precedente e pessoal a pagar, ele está situado como elemento no meio da massa que se encontra em tais condições, isto é, de pagadores da segunda fase. É assim que, por justiça, lhe toca inexoravelmente a fadiga da evolução. A vida é um processo de experimentação, que, através da técnica edificante das provações, tende a reconduzir o ser à consciência e conhecimento da Lei. Mesmo se o indivíduo queira assumir uma posição neutra de não culpa, ele se encontra sempre perseguido pelo aguilhão da Lei, que o leva adiante do caminho da evolução.

Explicamos estes conceitos com uma imagem. A evolução é uma pista onde avança o tráfego de automóveis num dado sentido. O seu percurso é o caminho da vida. O regulamento da estrada, isto é, a Lei, estabelece uma velocidade média para todos, velocidades estabelecidas no tempo do ritmo do transformismo fenomênico. O ser, na sua evolução, permanece fechado, não só dentro dos trilhos estabelecidos pelo determinado tipo de forma, mas também dentro de determinado tipo de ciclo de maturação evolutiva próprio dessa forma. Deve-se nascer, crescer, envelhecer, morrer, segundo um certo modelo orgânico e isso a uma velocidade determinada. Quem corre muito sobre a pista vai bater no veículo que está na sua frente. Este é o caso do gênio incompreendido que, antecipando os tempos, na multidão dos medíocres tenta ultrapassar. Então, para adequar-se à média, ele é obrigado a diminuir a marcha. Quem vai muito devagar na pista é atingido pelo carro que esta atrás. É o caso do ignorante inerte que tenta parar o tráfego. Então ele é

obrigado a acelerar. E há ainda o caso do inconsciente que acaba fora da estrada e vai bater por conta própria. Eis em cada caso um erro a pagar.

Nesse capítulo examinamos este caso, mais comum e evidente, do indivíduo que sai da estrada, destrói o seu carro, recolhe os pedaços e reajusta-os depois, paga os danos e se repõe no caminho da evolução. Mas aqui, finalmente, observamos o caso também típico do tranqüilo fugitivo da Lei, que quereria deter-se no meio da estrada e como demente sentar-se para descansar. Naturalmente é atropelado. Esta é a provação que aguarda um tal tipo de homem, se não decide-se a mover-se, ao passo que a provação do que é muito ardente na evolução é a de permanecer entre indivíduos inferiores que lhe sufocam os movimentos. Pode acontecer, neste caso, que ele se encontre na dolorosa posição, merecida por algum erro cometido, de retrocesso involutivo.

Estas observações nos fazem compreender que também é a inércia, diante da Lei, um erro a pagar. Nada a fazer pode constituir a primeira fase do ciclo da redenção e a necessidade de percorrê-lo, mesmo para aqueles que acreditam no fato de que com a imobilidade, não cometem culpas. Podemos assim compreender como indivíduos que nada fazem, nem para o bem, nem para o mal, são submetidos a duras provas, que desempenham a função estimuladora da atividade. Ora, isso acontece justamente porque seu grande pecado é não fazer nada, o que exige pagamento como qualquer outro erro. Este consiste em recusar-se à fadiga da subida, isto é, o esforço necessário para subir a escada que reconduz a Deus. Mas a Lei permite o repouso em função do trabalho, para poder ser continuado, e não a inércia como fim em si mesma. As virtudes negativas, por si sós, são contra a Lei. Desse modo, quem parece inocente por não ter errado, aparentemente, é obrigado à fadiga de experimentar a correção como um pecador. Tentar, com a própria preguiça deter a corrente que sobe em direção a Deus, é também uma culpa a ser corrigida, pela qual é necessário sofrer a lição adequada.

Observamos, assim, os mais variados tipos de destino. Existem tantas quantas são as gotas d'água do Oceano, e esses no imenso laboratório que é a vida, se vão interligando e combinando, cada um seguindo o seu caminho, ao longo da estrada da evolução e da grande onda do tempo. Este oceano é o universo que caminha para Deus.

VII

A TÉCNICA FUNCIONAL DO DESTINO; A FUTUROLOGIA E A RACIONAL PLANIFICAÇÃO DA VIDA

Os conceitos expostos acima nos permitem colocar em foco o problema do nosso destino. Vivemo-lo sem compreender-lhe o significado. Cada um tem o seu e a ele fica inexoravelmente ligado. Que força é esta que fatalmente nos constringe, e que deseja de nós? Por que tudo isso acontece?

A nossa personalidade é um organismo de forças bem definidas que são as nossas qualidades e de cujo tipo depende a estrutura de nosso destino. Se estas estão de acordo com a Lei, atrairão outras forças benéficas, se são anti-Lei, atrairão forças maléficas. Segundo sua própria natureza, cada indivíduo forma sua atmosfera, composta de elementos que lhe são afins e de acontecimentos do mesmo tipo. Tudo isso ocorre segundo a justiça, porque a estrutura de nossa personalidade depende de uma livre escolha desejada por nós no passado, cujos efeitos se fixaram em nós e cujas conseqüências trazemos conosco.

Como ocorre esta atração por afinidade? As forças que constituem o organismo da personalidade são ligadas à maneira de circuito fechado, e desse modo oferecem resistência à combinações com forças de outro tipo, que são repelidas, enquanto atraem e, introduzem no circuito forças do mesmo tipo, que, aceitas, fazem crescer o potencial daquele organismo. A natureza dessas combinações depende do tipo da personalidade, que, segundo a sua

natureza, atrai para si o que lhe é semelhante. Assim, os bons, mesmo se na fase de correção ocorre o contrário, automaticamente tenderão a unir-se aos bons, enquanto os maus são repelidos por ele; aos maus, ainda que estejam na primeira fase, isto é, a do próprio triunfo, acontece o contrário, pois tenderão a unir-se com os maus, já que os bons fugirão igualmente deles, por sua vez repelidos. Depois, cada um, superadas as provas e aprendida a lição, acabará por atrair o novo tipo de forças e de indivíduos a que, através de experimentação, se tornou afim. No entanto, dado o tipo de circuito constitutivo de uma personalidade, a escolha das forças que se anexam é fatal, como é fatal o ter que sofrer-lhes as conseqüências.

Na construção de um destino, temos três momentos de conexão e derivação: 1º) livre-escolha; 2º) conseqüente construção de um certo tipo de personalidade; 3º) decorrência, a partir de uma tal estrutura, de uma fatal sujeição a um tipo de forças e acontecimentos constitutivos do destino atual. Isto se manifesta no terceiro momento, estando ocultas as duas primeiras fases preparatórias, subterrâneas raízes das quais depois se desenvolve a planta. Esta toma formas diversas, de acordo com a sementeira, em direção à Lei ou à anti-Lei. Assim o fenômeno do destino se capta, sobretudo na segunda fase do ciclo da redenção, porque esta é a da correção obrigatória dos erros livremente cometidos na primeira fase. Por essa razão, o destino toma a forma de fato inexorável. Aqui queremos justamente analisar com mais profundidade quais são as causas das razões desta sua inexorabilidade.

Todo o fenômeno tem funcionamento automático. Uma vez feita a escolha dos caminhos a seguir, a órbita deve fatalmente continuar, livremente, o seu impulso. Tudo depende desta primeira colocação. Quando o indivíduo se põe numa dada posição diante da Lei, depois fica encurralado num dado tipo de concatenamento de causas e efeitos, de modo que não pode sair dele, enquanto não haja exaurido todo o percurso. Esse processo passa a ser um componente da sua personalidade; sua própria vida se transforma nesse processo, de modo que dele é impossível escapar. Daí, advém a fatalidade do destino.

Quando um indivíduo enfrenta a sua vida, ele leva consigo as conseqüências de todos estes precedentes, aos quais está ligado. Segue-se que, na série das várias oportunidades que a vida lhe oferece, ele não escolhe livremente ou por acaso, mas se orienta, seguindo preferências diversas, segundo as atrações estabelecidas pelo sua natureza. Disso depende o seu comportamento, o seu tipo de reação, o seu método de pensar e agir, e, por conseguinte, a sua vida. Mas tudo isso depende de sua forma mental, que é a construída por ele no passado. Eis como o indivíduo traz consigo já traçado o caminho que há de seguir. Estes movimentos: escolha, comportamento, tipo de reações, modo de pensar e agir, estavam à espera de desenvolvimento, escondidos no inconsciente do indivíduo, por ele mesmo introduzidos no passado. Dado esse precedente, não é possível que a pessoa seja diferente do que é, ou se torne uma outra e, portanto, que as conseqüências de sua natureza possam ser diversas do que são. Para que isso fosse possível, seria necessário que o indivíduo fosse feito de outro modo. É assim que ele pode seguir uma só via, a do natural desenvolvimento da trajetória do seu destino, tal como esta foi por ele lançada. Uma mudança é possível, mas somente percorrendo toda a órbita, introduzindo, pouco a pouco, com novos agulhões, os corretivos que a modifiquem, depois de haver passado pelos provações, aprendido a lição e as conseqüências do passado. Uma mudança rápida se poderia fazer, desde que se possuísse o conhecimento. Mas o conhecimento não se pode sobrepor à experiência, porque é conseqüência dela.

Este fenômeno do destino nos mostra uma característica. Uma vez que ele é conseqüência do que semeamos, ele golpeia nos pontos precisos e na forma em que semeamos. Constituindo-se na correção das forças anti-Lei, que pusemos em movimento, é lógico que para corrigir-nos, como é sua função, ele o faça de modo específico, isto é, dirigindo-se contra o defeito a ser corrigido, contra o órgão enfermo a ser curado. Assim, cada um é submetido a um dado tipo de provas, duras para ele, porque o golpeiam justamente em seu ponto fraco, de menor resistência, enfermo e dolorido, enquanto que para outros, tal tipo de provas é insignificante, porque estes naquele ponto são fortes, são e inatacáveis. Mas o que não foram atingidos, submeter-se-ão, por sua vez, a provas que lhe serão igualmente duras porque serão golpeados em outros pontos também fracos, doentios e dolorosos; provas, entretanto, que não atingirão os demais seres que nestes pontos são fortes, sadios e inatacáveis.

Eis então que essas forças automaticamente são canalizadas de modo a ferir o ponto justo, particular, de cada indivíduo. Isto se explica com o fato de que esta canalização já está estabelecida pelo direção em que foi lançado o primeiro impulso, automaticamente continuando, através do conhecido concatenamento: erro, seu registro como mau hábito ou qualidade adquirida, com experiência corretiva, e, finalmente correção de trajetória errada. Ora, o destino não pode funcionar, senão permanecendo dentro desse canal em que foi gerado, do qual não pode sair, até que um novo impulso modifique sua trajetória. É assim que o destino é fatal, estritamente pessoal, específico, isto é, exatamente orientado para os pontos pré-estabelecidos, construídos por nós anteriormente. No caso da segunda fase da redenção, é uma escola com finalidade corretiva daqueles erros determinados que quisemos cometer no passado. Tudo isto é bem definido, sem elasticidade e promiscuidade. A cada um corresponde a responsabilidade pela sua culpa e a fadiga da redenção. Tudo segundo a justiça. Cada um paga os próprios pecados e não os dos outros, que pagam somente os seus. Cada um se redime com as próprias dores e não com as dos outros que, por sua vez, não se podem redimir através das dores alheias. A Lei não pode ser senão esta: a Lei da mais exata justiça.

Quando se sofre por um duro destino, se é levado a procurar-lhe a causa nos outros, jogando a culpa neles e não em si mesmo e desse modo acreditando que se pode livrar da própria dívida, enquanto na verdade a culpa é agravada, porque se agrava o erro. Vemos um mal cair-nos às costas e, para defendermo-nos, queremos descobrir quem é o inimigo que no-lo atira. Não compreendemos que se trata do assalto de um inimigo, mas do funcionamento da justiça da Lei. É inútil inculparmo-nos uns aos outros. Cada um sofre as conseqüências do que faz. Quem foi atingido expia e quem o atinge deverá expiar por tê-lo atingido.

Há filhos que maldizem os próprios pais, porque, trazendo-os ao mundo, os condenaram a um vida de sofrimento. Mas esses pais poderiam responder a cada um de seus filhos: “E tu, por que encarnaste naquele feto? Não fomos nós que te obrigamos a escolhê-lo. Por que não nasceste de um outro casal? Poderia esse fato mudar a tua natureza e o teu destino, que dele depende? Nós te demos um corpo, mas não te obrigamos a escolhê-lo entre tantos outros. A alma é tua e não fomos nós que a fizemos. Se foi Deus que assim te criou e desse modo tem-te obrigado a viver, então volta-te contra Ele”.

Depois de tais esclarecimentos, tais reclamações não tem sentido. Mas, para resolvê-los, é necessário sair do mistério e conhecer este funcionamento. Os desgraçados que passam a fazer exame de consciência e, encontrada a culpa em si mesmos, procurem corrigi-la. Como pode a Lei ser tão injusta a ponto de fazer pagar um filho inocente as culpas dos pais? E da parte destes, como podem, por sua vez, ser responsáveis por um destino que não podem prever? Certamente esses pais podem e devem ajudar com a educação, mas já vimos que os destinos não se anulam, senão depois de tê-los percorridos, vivendo, senão depois de tê-los percorrido, vivendo todas as relativas experiências. Como se vê, estamos fechados numa gaiola de ferro que é a ordem e a justiça da Lei. É lógico que ela não nos venha dar essas explicações e imperturbável continue a funcionar em silêncio. Somos nós que, com a nossa inteligência, devemos chegar a compreender.



Procuramos agora compreender, ainda mais profundamente, a estrutura do fenômeno de nosso destino. Veremos que, não obstante possa ser entendido como fatalidade cega, esse é, na verdade, um fato que se pode racionalmente prever, calcular, livremente preparar, mesmo se depois ela se apresenta com desenvolvimento automático e fatal. Segundo a justiça, somos responsáveis, não há como contestar.

É necessário, antes de tudo, compreender que só existimos enquanto somos um vir a ser. O transformismo é a forma da nossa existência, não somos uma coisa fixa, mas uma trajetória em movimento. É este movimento que nos sustém, como é o movimento que mantém os planetas nas suas órbitas. Somos crianças que se tornaram adultos, adultos que envelhecem, velhos que morrem para renascer. Estamos sempre nos tornando alguma coisa diferente e não

podemos deter-nos nunca. Aqui o esquema rotativo da órbita planetária nos exprime o fenômeno com evidência. Existimos hoje, de um modo diverso do que fomos ontem, e seremos amanhã, isto é, sempre em um outro ponto de nosso movimento, que é a continuação do precedente. Eis, pois, que cada um de nós é uma personalidade resultante de um conjunto de qualidades bem definidas, mas em contínua transformação, razão pelo qual, o ser existe em forma de uma trajetória em curso, como entidade que navega através do seu transformismo, individuada pelo típico feixe de forças que a constituem. Daí se conclui que uma personalidade, definidas pelas suas qualidades, é como uma massa lançada ao longo da órbita do seu destino, que fatalmente, tende a prosseguir, porque uma massa, pela inércia, tende a manter inalterada a sua direção.

Afirmamos anteriormente que tais forças formam um circuito individual fechado em si mesmo, mas que se encontra em relação com o ambiente em posições diversas, por afinidade ou dessemelhança, por atração ou repulsão. Aperfeiçoemos estes conceitos. Quando a personalidade se desloca através de seu transformismo e percorre assim a trajetória do seu destino, nesse caminho ele atrai para si as forças afins que encontra e repele aquelas com que não sintoniza. Dessa atração nasce uma aproximação e, depois, uma combinação. Então um determinado evento se verifica.

É a natureza das forças constitutivas da personalidade do indivíduo, com suas bem definidas qualidades que estabelece o tipo de atração, de repulsão, e logicamente de combinações, promovendo depois a verificação de dados eventos na vida do próprio indivíduo. Mas estas qualidades são construídas por ele próprio, com seus pensamentos e ações passadas. No fenômeno estão, pois, presentes estes elementos: 1º) A própria natureza, isto é, a estrutura da própria personalidade com as suas particulares atitudes de atração e repulsão; 2º) A trajetória, segundo a qual é lançada, que a expõe a encontrar as várias forças, entre as quais, dada aquela natureza e qualidade, automaticamente ocorrerá a escolha. Ora, estes elementos são pré-existentes ao evento que se diz desejado pelo destino, e são o resultado de uma nossa originária livre escolha, em seguida à qual eles foram por nós mesmos construídos no passado. Eis que o fenômeno nos parece cego e fatal, somente porque não vemos a sua primeira formação.. esta, no entanto, é o resultado de movimentos concatenados, iniciados pelo indivíduo que livremente os lançou. Ela é, pois, responsável pelos os eventos da sua vida , que, por ignorância, atribui a um cego destino. Assim, finalmente, tudo é justo, porque a primeira causa de tudo é nossa.

Tentemos penetrar a técnica do fenômeno observando seu funcionamento. O destino não é senão o desenvolvimento de uma trajetória lançadas por nós mesmos anteriormente e a cujo percurso estamos inexoravelmente ligados pelo lei de causa e efeito se foi nossa a escolha e nossa a ação que operou como causa, nossas também devem ser as conseqüências. Uma vez que nós lançamos em determinada direção. É impossível não segui-la até o fim. Eis porque o destino se nos apresenta com tais características de fatalidade.

Estabelecida a origem e o tipo desse movimento, tentemos compreender o que acontece no seu desenvolvimento, ao longo do seu percurso. Este movimento consiste no transformismo canalizado em determinada direção, de uma personalidade exatamente individuada como feixe de forças, num circuito fechado e bem definido nas suas qualidades. Eis que cada caso submetido a exame se distingue, seja como tipo de personalidade, seja como tipo de destino, de todos os outros casos em meio aos quais se move. Estabelecido tal tipo e o percurso da sua trajetória, eis então que se pode prever que campos de forças ele atravessará em seu caminho, e a escolha que fará, dado que, segundo a sua natureza, estará pronto e levado a entrar em combinação com forças afins, porque as atrai e é por elas atraído por semelhança e simpatia. Poder-se-á prever que forças poderão entrar no seu circuito, enxertando-se nele e fundindo-se com ele. Poder-se-á, assim, conhecer que tipo de eventos será repellido e qual será aceito e absorvido, logo depois da escolha que o indivíduo é levado a fazer segundo a sua natureza.

Veremos então que, se o primeiro impulso e a trajetória por ele impulsionada é a do tipo negativo, ela será destinada, por recíproca atração, a atravessar campos de forças negativas e a com elas combinar-se, o que significa entrar numa atmosfera de destruição, em virtude de que o fazer o mal aos outros em vantagem própria, levará a sofrer o mal em dano próprio. No seu oposto, se o primeiro impulso e a trajetória é do tipo positivo, ela será destinada, por recíproca atração, a atravessar campos de forças positivas e a combinar-se com elas, o que significa

entrar numa atmosfera construtiva, fazendo não só o bem aos outros, mas também recebendo-o em benefício próprio.

Eis em conclusão, que os resultados do primeiro lançamento livremente escolhido e desejado, como é justo, em cada caso recaem em quem o praticou. Eis que cada um premia ou se pune com as suas próprias mãos, porque o destino é dado pelo tipo de trajetória por ele escolhida e lançada e isto o levará fatalmente às posições que se encontram ao longo de seu percurso. É assim que, dependendo do fato de ser positiva ou negativa, a vida será feita de bem ou de mal, benéfica ou maléfica, auto-construtiva ou auto-destrutiva. Deste último tipo será a vida do indivíduo malfeitor, mesmo que ele se proponha a ser maléfico e destrutivo apenas para os outros. Se estes forem inocentes, não serão atingidos por ele. Ele poderá irradiar forças negativas, mas ele próprio é o que mais está impregnado delas, porque essas forças constituem a sua natureza e, se são prejudiciais para todos, o são, sobretudo para ele, que mais que todos, está saturado. O mal que faz aos outros é muito menor do que o que termina por fazer a si mesmo. E vice-versa o mesmo ocorre em relação ao bem, pelos trajetórias de tipo positivo que são auto-construtivas.

Esta é a técnica funcional do fenômeno, automática, mesmo se o homem tem necessidade de representá-la à sua semelhança sob a forma de um chefe que recompensa ou castiga. Ocorre, desse modo, que as trajetórias semelhantes se atraem por afinidade, portanto se aproximam, tendem a fundir-se, de modo que, no bem ou no mal, as forças que o constituem se somam e assim se reforçam reciprocamente. O contrário ocorre com as trajetórias de tipo oposto. Quando uma trajetória de tipo positivo tem que atravessar um campo de forças negativas, não há a atração que leva à aproximação ou à fusão, mas repulsão que leva ao afastamento e à separação. Somente os circuitos afins conseguem enxertar-se uns nos outros. O mesmo acontece quando uma trajetória de tipo negativo atravessa um campo de forças positivas; verifica-se o mesmo estado de repulsa que leva ao afastamento e à separação. Ocorre então, um processo semelhante ao que encontramos em química, no qual os elementos em alguns casos, se combinam com outros, quando existem as necessárias condições de afinidade. Do contrário, formam apenas uma miscelânea, permanecendo estranhos um ao outro, sempre prontos a separar-se. Assim, as forças de uma trajetória podem unir e colaborar com as de outra; semelhante à combinação química: quando afins é possível a sintonização; repelindo-se, em caso contrário, mesmo se postas em contato.

Eis, então, que o bem atrai o bem e é por ele atraído, e com ele tende a juntar-se e o mal atrai o mal e é por ele atraído, e com ele tende a juntar-se. É assim que, sobretudo para o indivíduo, segundo o seu tipo positivo ou negativo, no primeiro caso tudo tende a mover-se em sentido construtivo e, no segundo caso, em sentido destrutivo. No primeiro caso temos um destino benéfico, que automaticamente, beneficia àquele que o construiu e, no segundo caso, um destino maléfico, que automaticamente, pune quem assim o desejou.

Perguntamo-nos agora: É possível ajudar quem se encontra nas tristes condições desse último? Se sua natureza é negativa e maléfica, como podem ser postos, num circuito de forças de tal tipo, impulsos do tipo oposto, a fim de que possam ser assimilados e utilizados? Eis, então, que é a própria negatividade do indivíduo que repele a positividade de tais ajudas. É natural que a trajetória do seu destino resista a cada desvio de seu caminho, que, se é dirigido para o mal, quer continuar a avançar em tal sentido. Mudar para ele significa uma violação da sua personalidade, de modo que ele, como é negativista e deseja permanecer assim, se rebela a cada movimento de salvação que queira conduzir ao campo positivo. Ele procurará, ao contrário, outros negativistas com que possa realizar melhor a sua personalidade e com que, ao invés de salvar-se, terminará por perder-se. Assim ele se defenderá dos bons que quiserem salvá-lo, como se estes representassem um assalto destrutivo com a intenção de sufocar a realização de si mesmo. Ele interpretará, contrariamente os sábios conselhos. Sendo negativista ele tudo confundirá, entendendo o positivo como negativo, um ato de sinceridade como uma mentira, o que lhe é benéfico como coisa maléfica, de modo que acabará por transformar o que lhe é oferecido como vantagem revertendo no seu próprio dano. Eis qual é a técnica da autopunição e a razão da fatalidade do destino, razão pela qual a trajetória, seja do tipo que for, deverá ser percorrida até o fim. De resto, não seria justo, no caso negativo, uma fácil recuperação sem mérito o que certamente não ocorrerá, pois é o próprio mal agindo, tentando subverter e inverter o bem, transformando-o em negativo. Pode acontecer às vezes até uma nobre tentativa de resgate de quem se tornou com as forças do mal e nada mais deseja além

de arrastar consigo todos ao inferno da perdição. Podemos mesmo chegar ao ponto em que, uma tentativa de corrigir o negativo com o positivo, o indivíduo responde com a tentativa de transformar o positivo em negativo.

Eis então que a boa vontade do homem benéfico, no tocante aos fins a que ele se propõe, pode ficar paralisada diante de inexorabilidade da Lei que exprime a justiça de Deus, motivo pelo o qual o bem não pode passar gratuitamente de quem o quer fazer a quem não o mereceu, mesmo se, por bondade alheia, aquele bem lhe é endereçado. Ocorre então que aquele impulso de bem não prossegue, recai sobre quem o lançou e permanece em seu benefício. E assim o exercício do bem, quanto mais é praticado em benefício alheio, com o próprio sacrifício, tanto mais beneficia aquele que o faz. O mesmo efeito acontece no exercício do mal. Quanto mais é praticado egoisticamente a fim de tudo conseguir para si em prejuízo dos outros, o maior prejudicado será aquele que o pratica. Em suma, pelo justiça da Lei, ocorre que o bem ou o mal não passam a quem o recebe na medida em que este mereceu. Diante dos assaltos do mal, pode-se chegar ao ponto em que estes, encontrando a virtude do bem consigam ser transformados numa escola de purificação e numa prova útil para a sua redenção; ao passo que a quem faz o mal, não é dada a oportunidade de saber transformar, em vantagem própria, tal modificação em bem; assim, tudo o que realiza, danifica com os seus frutos maléficis. Em suma, o que prevalece e fica a cargo do indivíduo com os seus resultados é a positividade ou negatividade do seu tipo de destino.

Assim, segundo a justiça, todas as tentativas de violar a Lei, mesmo que seja sem desejar e até desejando o contrário, provocam a mesma reação; tanto quem faz o bem como quem faz o mal termina por fazê-lo, antes de tudo a si mesmo. Ele poderá transmitir uma parte aos outros, mas a maior parte fica com ele. Assim, quem faz o mal pode até mesmo conseguir fazer o bem à sua vítima, se esta é boa. Isto prova como a Lei de Deus, com a sua soberana disciplina, exerce seu domínio sobre tudo e sobre todos. Em sua ordem, ela quer que, embora os destinos se toquem e se influenciem, as responsabilidades não se misturem, e cada um fique ligado as conseqüências das próprias ações, e não às dos outros. Cada trajetória não pode sair do seu caminho, não pode ser desviada casualmente, mas seguindo apenas as normas estabelecidas pela sua correção, aos devidos impulsos e cálculos de forças. Podemos assim ver com que exatidão, disciplina e justiça é regulado o desenvolvimento de um destino.

As trajetórias das nossas vidas se movem com a mesma ordem que as planetárias e estelares, seguido percursos exatos, calculáveis e previsíveis. Como aquelas, as infinitas órbitas dos nossos destinos não se misturam. Se isso ocorresse, que caos se tornaria o universo! E que caos seria a vida, se tudo, no seu movimento incessante, não fosse canalizado em dados percursos, segundo um plano pré-estabelecido! Nesta ordem, cada elemento percorre a sua trajetória, em equilíbrio com as demais, relacionando-se, com relações, interferindo-se, com ações e reações reguladas, tudo coordenado em um imenso organismo, seja no plano dos corpos celestes e do dinamismo que os move, seja no plano biológico e espiritual. É a presença dessa ordem que torna possível calcular com antecedência, tanto o percurso de uma órbita planetária, com a do destino, incluindo-se os acontecimentos que ele contém. Torna-se, então, possível lançar bases racionais da nova ciência positiva da previsão, que se chama "*Futurologia*".

Essa ciência é possível, após o conhecimento das várias fases que, no seu desenvolvimento, percorre a órbita de um destino, isto é, aquelas que chamamos as três fases do ciclo de redenção. Se a trajetória segue a direção da Lei, aponta para o S, mas disto não se conclui que a evolução leve o indivíduo sempre mais para o bem. Vindo tal movimento do AS, o caso mais comum é que o ponto de partida que inicia um ciclo seja o erro. Verifica-se assim aquele fenômeno trifásico, observado no capítulo precedente, que lembrando, é composto de três momentos: 1º) Ignorância, que leva ao erro; 2º) experiência feita de dor; 3º) conhecimento que leva à cura, isto é, à correção da velha trajetória e início de outra justa.

Ora, submeti esta teoria a um controle experimental, observando muitos destinos e vi que ela corresponde à realidade. Esta teoria é aplicável a cada caso. Não obstante o tipo de forças contido em cada um deles seja diferente, e, portanto, diverso seja também cada trajetória, em que o percurso das três fases estão sempre presentes e pode dividir-se em três períodos. Uns se encontram no primeiro, outros no segundo, e os demais no terceiro e eles se distribuem em vidas sucessivas ao longo de todo o ciclo, que não pode ser exaurido muitas vezes numa só vida. Mas,

examinando-se a posição do sujeito na sua vida presente e conhecendo o andamento do fenômeno, podemos saber qual foi aquele destino no passado, que preparou o seu presente, e que destino será no futuro, preparado pelo presente. Eis como é possível estabelecer uma futurologia racional.

Demos um exemplo. O sujeito é um motorista que guia um automóvel. Ele é inábil, está, portanto, exposto aos perigos do trânsito. Acidentar-se ou não depende das qualidades dele. E delas depende também o tipo de mal que ele poderá fazer a si mesmo e aos outros. Ele pode errar de vários modos e em cada um está implícito o dano correspondente. Tudo depende exclusivamente dele. A primeira fase é da ignorância e do erro. Se houver acidente, eis a segunda fase, a da experiência e do sofrimento. Aquele motorista acabará no hospital, ficará imóvel num leito durante muito tempo, enfaixado para consertar os ossos quebrados. Deve pagar os prejuízos do seu carro e o dos outros. No entanto, ele pensa: “Se não tivesse cometido aquele erro, agora não estaria sofrendo”. Ele fica bom, se refaz e retoma a direção, mas tem cuidado em não repetir o mesmo erro e assim controla e domina os seus impulsos. Ele agora se encontra na terceira fase, a do conhecimento que o leva à recuperação, isto é, a correção de seu velho modo de dirigir para seguir um novo.

Ora, na vida, encontramos alguns que estão na primeira, uns na Segunda e outros na terceira fase, mas em qualquer uma em que a pessoa se encontre, pode-se deduzir quais são as outras duas fases e, assim, do conhecimento de um só ramo de sua história podemos deduzir outro mais completo, mesmo se essa história se interligue a vidas precedentes ou seguintes. Desse modo, se encontramos uma pessoa que corra loucamente na vida, inconsciente dos perigos, pelo conhecimento das suas finalidades, sabemos contra qual obstáculo ela se chocará. Isso é o que tantos chamam de sucesso e triunfo! Encontramos aquele que já bateu e está no hospital, chorando e meditando; e um outro que aprendeu a lição e, já ajuizado, não cai mais no erro. Assim podemos compreender o significado e o valor de cada posição, porque vemos as posições que se completam dentro do mesmo ciclo, e podemos dizer a cada um que coisa ele fez antes e o que lhe sucederá depois. As forças constitutivas da personalidade estão a caminho e na direção estabelecida por sua natureza e com a velocidade estabelecida pelo sua potência. O trajeto de nossa vida é, pois, num certo sentido, pré-estabelecido, e se pode, portanto, prever no bem ou no mal a que posição esse trajeto conduz e quando alcançará. Eis a futurologia. Resumindo, estudemos, pois, o fenômeno em quatro momentos, cada um dividido em duas partes, isto é:

Iº Observar a estrutura da personalidade.	Iº Para conhecer as suas qualidades ou tipo de forças que ela contém.
IIº Observar, dado que essas forças estão em movimento de evolução, a direção delas, estabelecida pelo sua natureza, segundo a qual elas querem realizar-se.	IIº Para conhecer qual serão as futuras posições que alcançará no seu percurso o destino examinado, isto é, onde ele levará o indivíduo.
IIIº Observar qual a potência daquelas forças e, pois, a velocidade de sua realização.	IIIº Para conhecer quando, em medida de tempo, cada daquelas futuras posições será alcançada.
IVº A conclusão da observação, isto é, a análise da trajetória, é a constatação dos seus erros, a diagnose de seus males, enfim a compilação da receita médica com a lista dos remédios que deve tomar.	IVº A conclusão de todo o procedimento (conhecidos os meios de correção a serem usados, isto é, os novos impulsos introduzidos na trajetória para corrigi-la), é a sua correção até que possa construir-se um novo destino correto.



Estes poucos conceitos são apenas um início do estudo de problemas imensos, uma primeira tentativa de orientação para profundas pesquisas introspectivas e de psicanálise, mas já se pode traçar uma teoria positiva do pecado e da redenção, uma explicação racional do destino e da função da dor. Perfila-se a possibilidade de seguir um cálculo das trajetórias dos vários destinos, primeiro descobrindo-lhes as raízes determinantes situadas no passado e, depois, conseqüentemente, podendo prever os futuros desenvolvimentos. Uma vida é um trajeto no tempo, ela depende de como foi assentada, isto é, da posição em que foi posta em órbita. Levando em conta a natureza, potência e direção das forças em ação, se pode calcular o percurso e a posição de chegada ao fim de uma vida, mas para isso é necessário um conhecimento profundo da personalidade humana e das suas qualidades instintivas, intelectuais, morais, analisando-se individualmente cada caso.

Possuindo o conhecimento de todos os elementos do fenômeno, talvez se possa confiar o cálculo das trajetórias dos destinos a calculadores eletrônicos com procedimento semelhantes àqueles que se usam na determinação das trajetórias dos mísseis interplanetários. Dessa forma, será possível introduzir, naqueles destinos, para corrigir-lhes o percurso, os impulsos úteis e assim transformá-los em bem, modificando o conteúdo daqueles campos de forças. Assim o eu poderia ser colocado e preparado para assumir uma órbita mais vantajosa, na melhor acepção da palavra. Eis um método de real planificação da vida, não no sentido restrito, já aludido, de uma única existência terrestre, mas no sentido amplo de vida na eternidade. Quanto dispêndio de energia em tentativas, quantos erros e dores se poderiam evitar! E que rendimento poderia dar a vida se fosse inteligentemente orientada! E como mais rápida e fácil poderia então ser a escalada ao céu, realizada por meio da evolução!

Os métodos de conduta humana, hoje vigentes, são tremendamente ilógicos e contraproducentes. Podemos comparar o trajeto de nossa vida a um trecho que percorremos dentro de um túnel. Nós, e tudo o que existe nele estamos fechados, de modo que os nossos movimentos, livres no seu âmbito, são limitados por suas paredes. O caminho que percorremos dentro do túnel é o da evolução. De fato, quanto mais se vai para trás, mais ele é estreito e escuro, e quanto mais se vai para a frente mais é amplo e luminoso, até que no ponto final do túnel, na saída, se encontra o espaço livre e esplende a luz do sol, a luz do S. Durante o percurso, vemos aquela luz de longe, como um ponto, enquanto estamos mergulhados nas trevas. Avançamos, penosamente na escuridão de nossa ignorância. Agitamo-nos ansiosos de liberdade, mas não sabemos fazê-lo, porque nos falta a luz da inteligência. Assim nos movemos por tentativas, enganando-nos a cada passo e chocando-nos contra as paredes do túnel que lá estão, duras e inflexíveis. Nós mesmos as fabricamos com nossa revolta, fechando-nos nelas em posição anti-Lei no AS. Dentro desse cárcere fizemos o caos, e este permanece para nós, prisioneiros do túnel, o nosso inferno. Desatinados por causa da felicidade perdida, agitamo-nos para a direita ou para a esquerda, mas cada movimento errado damos um golpe nas paredes do túnel.

O mal que nos fazemos não vem das paredes, que ficam quietas e não nos assaltam, mas vem dos nossos movimentos errados. É evidente que, não obstante o espaço restrito, se nós soubéssemos mover, não iríamos bater e não nos faríamos mal. Isso, pois, depende de nós e não das paredes, depende de nossa conduta errada e não da Lei. Para eliminar a dor bastaria compreender quais são as suas causas, e não provocá-la mais, semeando-a isto é, sabendo comportar-nos sem bater nas paredes, seguindo a disciplina da Lei, o homem que tem feito tantas descobertas, ainda não é capaz de compreender uma coisa tão simples: o funcionamento da Lei. É pois, inevitável que ele continue a sofrer, enquanto não conseguir compreender. Porém a Lei já havia previsto que a decidida vontade do ser era a de estabelecer no AS uma revolta definitiva, de modo a ficar dentro dele, ignorante e sofrendo. Em vez de inserir-se na ordem estabelecida, queria romper

as paredes do túnel, subvertendo a Lei. Mas ele não possui um poder tão grande. Então, em vez de romper as paredes, arrebenta-se a si mesmo. O resultado da sua revolta é a cabeça partida, que quer dizer dor. Ora, justamente nisso está a sabedoria da Lei, porque é aquela dor que ensina a não repetir o choque e com isso saber mover-se. O percurso do túnel, isto é, da evolução, torna-se então uma escola para aprender a mover-se, porque este conhecimento é indispensável para tornar a entrar no S, que é regime livre, mas feito de ordem. De fato, somente a ordem é possível ter, sem prejuízo, uma liberdade completa. Essa não se pode conceder na desordem, porque seria desastrosa pelo fato de que gera subitamente abuso, o que, somente num regime de perfeita disciplina não ocorre. Assim, a liberdade só se poderá conseguir no final do túnel, onde o espaço é livre e luminoso, e dessa liberdade se poderá fluir por ter se aprendido a fazê-lo na indispensável ordem e disciplina, aprendidas na escola da evolução.

O homem é ainda uma criança que não sabe caminhar e que, para aprender, deve cair a cada passo, mas cada queda ensina, até que a criança não cai mais. Certamente para um adulto seria absurdo um tal modo de caminhar, isto é, tendo que cair e levantar-se a cada queda. Apenas se evolui um pouco, passa-se a compreender que estranho modo de mover-se é este. Mas para isso é que há a evolução. Quanto mais o homem evolui tanto mais se aproxima da saída do túnel, onde termina o AS e o espera o S. Então, com o avançar, as trevas se tornam menos densas, a luz aumenta, abre-se a inteligência, vê-se tudo mais claro e assim as quedas e os choques, como as dores que deles derivam, podem diminuir até cessar.

Quando se tiver compreendido tudo isso, poder-se-á chegar a uma nova moral científica, que se ocupará do justo lançamento das trajetórias da vida e da correção das erradas, impedindo assim a formação de destinos de dor. Trata-se de uma medicina preventiva no campo moral, baseado nas normas de higiene espiritual, que previnem contra o mal, eliminando os centros de infecção, impedindo-lhes a formação, o que é mais prudente que corrigir e reprimir depois, correndo as reparações, quando o mal já está formado. Assim o problema é assentado sobre lógica, sem apriorismos fideísticos, mas com critérios práticos e utilitários, portanto, compreensíveis para todos, sem rivalidades de partido ou religiões, baseando-se em princípios de alcance universal. Poder-se-á fruir da imensa vantagem de evitar tantas dores, vivendo com seres conscientes e inteligentemente orientados.

VIII

A NOVA MORAL E A TÉCNICA DA SALVAÇÃO

Falamos em uma nova moral. Aprofundemos este conceito. Segundo a velha forma mental, invocava-se a liberdade para ir em direção ao AS, com o abuso, lançando a trajetória de tipo negativo em descida involutiva, e não para ir em direção ao S, com disciplina, lançando trajetórias de tipo positivo em ascensão evolutiva. Com a nova, moral não são possíveis tais distorções porque é uma moral de substância, uma moral de honestidade e não de formas inimigas prontas a fazer a guerra, no sentido de vencer nas lutas pela vida no plano animal. Trata-se de uma moral que não é fundada nesta ou naquela religião ou ideologia, mas nas leis da vida, portanto, positiva e universal, verdadeira para todos como aquelas leis, funcionando, pois, as suas conseqüências indiferentemente, seja para os crentes, seja para os ateus. Moral reduzida à sua essência, despojada de formas tendentes a transgredi-la. Moral que consiste em ser sinceros e honestos, sem admitir hipocrisia diante da Lei.

Esta Lei regula tudo em nosso universo e o rege no plano moral, com a mesma exatidão com que o rege no plano físico e dinâmico. Diante da constatação positiva de uma sabedoria que dá prova indubitável de saber coordenar e disciplinar o funcionamento orgânico dos fenômenos nesses dois planos, impossível seria admitir que aquela sabedoria não funcione igualmente com a mesma ordem e disciplina naquele outro plano de existência de nosso universo: o moral e espiritual. Se na sua primeira parte a Lei se mostra tão ampla, comprovando tal potência e inteligência, não é possível, que ela mude de método e natureza, justamente quando se trata de dirigir essa última parte, a mais alta, a mais importante, e mesmo a mais preciosa, por se tratar do fruto do

trabalho que o ser, com a evolução, teve de realizar para poder chegar àquele nível. A Lei é uma só: o universo físico, dinâmico e psíquico é um só, a regulamentação do seu funcionamento deve ser só uma.

Com a nova moral caem as distinções fictícias humanas de forma e fica a substância. Chega-se então à conclusão de que ser ateu ou crente é a mesma coisa quando o somos honestamente. Salva-se quem é honesto, ainda que ateu, e perde-se quem é desonesto, mesmo se religioso e crente. Compreende-se assim que as religiões de nada valem quando não são vividas honestamente, e que a hipocrisia representa para elas um perigo mortal, um mal que termina por matá-las. Para esta nova moral mais valem as intenções que as formas exteriores. É condenado quem, por astúcia, consegue parecer irrepreensível, porque sabe agir de forma escondida, e é perdoado aquele que, por não saber disfarçar, parece culpado.

Quando um míssil é lançado, deve atravessar os mesmos espaços, com os mesmos perigos, e superar os mesmos obstáculos. Os problemas a resolver são portanto os mesmos, trata-se de um míssil comunista ou do ocidente democrático. Diante das leis dos fenômenos, as ideologias de nada servem. Só por ignorância se pode crer que nossa fé e nossas opiniões podem mudar alguma coisa no funcionamento da realidade. Por isso se vê quanto a nova moral é diversa da antiga, que acreditava em Deus não através da mente com que se pode raciocinar, mas entendia-o antropomorficamente, nele vendo um senhor que, pelo direito do mais forte, de forma arbitrária recompensa ou castiga segundo os seus planos escondidos no mistério. Com a nova moral, o destino, segundo o qual se desenvolve o percurso de nossa vida, se torna uma trajetória calculável, segundo o lançamento realizado por nós, do qual se podem prever e inteligentemente corrigir as conseqüências.

Introduzimos, no capítulo precedente, o problema de ser possível alguém sacrificar-se, violando a inexorável justiça da Lei, em benefício de quem não tenha merecido tal vantagem. Esta é a posição em que se encontra o idealista que se sacrifica para salvar um mundo que não tem a menor disposição de se deixar salvar por ele. Vejamos agora quais são as fases que ele atravessa na sua tentativa de beneficiar o outro.

1º) Dada a sua natureza honesta, o idealista crê num mundo semelhante a ele, isto é, que à aparência corresponde uma realidade, que as palavras sejam verdadeiras, que a religião, moral, espiritualidade e idealismo sejam coisas vividas seriamente.

2º) A esta fase, que se poderia chamar de inocência, segue-se a do descobrimento de que, sob aquela aparência há uma realidade completamente diferente. Daí provêm a amarga surpresa de constatar que a sabedoria do mundo consistia em fingimento e engano. Este descobrimento, no entanto, é uma superação da fase precedente de ingenuidade.

3º) segue-se um estado de terror pelos possíveis conseqüências a que pode levar o percurso de tal trajetória negativa e destrutiva em descida para o AS, em vez de positiva e salvadora, em ascensão para o Sistema. Assim se explica, dado o ânimo honesto do idealista, a sincera preocupação de advertir o próximo do perigo que corre, a fim de que mude de rumo.

4º) Há uma resposta hostil da parte de quem, incomodado nos seus métodos, aborrecido por vê-los descobertos e denunciados, prontos a reagir contra aquelas tentativas de redenção espiritual, que não lhe interessam, sendo entendidas como um ato de agressão contra o qual há que defender-se, eliminando o incômodo moralista. Mas, analisando-se a outra face do problema, é necessário também compreender que ao homem comum, tão mergulhado na sua involução, lhe é difícil atravessar a vida sem ficar de algum modo massacrado, não lhe sobrando espaço para fadigas suplementares, como as que lhe quereria impor o ideal, a serem acrescentadas às sua já duras penas pela luta da existência.

5º) Segue-se uma nova queda da ingenuidade do idealista, tão sabedor das coisas do céu, mas tão pouco conhecedor no tocante às bem diversas coisas da Terra. Além do mais, a sua função biológica não é, como para as massas, a conservação da espécie, mas sobretudo a sua evolução. Assim, o idealista aprende às próprias custas, a conhecer o ambiente terrestre, tão diferente do seu. Com as novas experiências supera o seu estado de inocência, e não comete mais o erro de pretender coisas superiores da animalidade humana. Por isso, é lógico que o ideal na Terra seja utilizado sobretudo para fins concretos e imediatos da vida, como é lógico também que, num

regime de luta, o nobre desejo de salvação por parte do idealista seja entendido como ato de agressividade, ou, no mínimo, como sem sentido.

6º) Sem mais ilusões, há o reconhecimento da verdadeira natureza do homem, não evoluído e nem desejoso de evoluir; mantendo absoluto respeito pelo sua liberdade de escolha e decidida vontade de permanecer naquele nível. Há o reconhecimento da impossibilidade de forçar a correção do percurso da trajetória, já lançada e estabelecida, dada a necessidade de que tais correções não podem ocorrer a cada um senão por suas duras experiências pessoais, isto é,, aprendendo exclusivamente às próprias custas, e não por meio de prova alheia ou de conselhos gratuitos. Em suma, uma evolução justa, conseguida com o próprio esforço e suportando as conseqüências dos próprios erros.

Essa posição final, está em concordância com a justiça. Com isso o idealista se despoja de sua ingenuidade e aprende a conhecer o mundo. Assim não tem mais necessidade de defender-se de um inoportuno estado de luta, que o aborrece, mas de alcançar um outro de compreensão e pacífica convivência. A evolução, porém, que a febre do idealista gostaria de acelerar, se detém e espera, enquanto o involuído pode afundar-se nos baixos planos da matéria. Esta é a vitória do mundo, que, em seu ambiente, tenta afastar o ideal como um intruso. Esta é a realidade e a mais importante coisa deste mundo. O problema mais urgente para resolver é a sobrevivência e isso a qualquer preço. A moral, os princípios, a religião vêm depois. Primeiro a necessidade de defender-se contra todos; somente mais tarde, com o aperfeiçoamento, se vai pensar em justiça. Primeiro os meios materiais para manter a própria vida na Terra; depois a religião e o ideal para assegurar o próprio aperfeiçoamento a uma vida no céu. O fim é sempre o mesmo, o de sobreviver. Por isso, dado que o Além e as religiões que dele se ocupam são em grande parte mistério, jamais sacrificar o certo pelo duvidoso. É medida de sabedoria, antes de tudo, fazer os próprios negócios neste mundo, e somente, quando for oportuno, ocupar-se daqueles do outro, dos quais há tão pouca certeza.

Assim a evolução é lenta, porque a vida é prudente e não se arrisca no inexplorado, em tentativas plenas de incógnitas. A evolução pede esforços e o indivíduo, que tem recursos limitados, calcula-os preferindo pensar nas vantagens imediatas que percebe melhor e que lhe parecem mais seguras. A providência presume um estado de ordem, enquanto que o nosso mundo ainda está envolvido no caos do AS. Por sua parte, o idealismo se torna mais consciente da dificuldade e menos propenso aos fáceis entusiasmos tão comuns em tal campo. Ele aprende que o ideal, para frutificar, deve trabalhar mergulhado na imundície humana e então não se expõe a insucessos, pelos quais o mundo depois o ridiculariza. O idealista, também se torna mais potente, evitando expor-se irrefletidamente como um cordeiro, somente para deixar-se devorar. Ao contrário, será um cordeiro que não se desperdiçará mas fará multiplicar para o bem de todos o seu sacrifício.

Falamos há pouco de um novo tipo de moral positiva e universal, e dissemos que ela é objetiva, funcionando tanto para os crentes quanto para os ateus e materialistas, porque o fenômeno se realiza indiferentemente para todos, sem levar em conta suas opiniões. Trata-se de uma moral que depende dos fatos e não de nossa fé neles; uma moral que, se for compreendida, pode revolucionar o nosso louco modo de viver, transformando-o em outro mais sábio e, portanto, menos doloroso. Por quê?

Já explicamos, anteriormente que, quando um determinado tipo de personalidade ou circuito de força, percorre a sua órbita, se ele é bom atrai do ambiente forças boas e com elas se combina, produzindo bons acontecimentos e favoráveis ao indivíduo. Mas se é mau atrairá do ambiente forças más e com elas se combinarão as forças do seu circuito, produzindo maus eventos, que lhe serão desfavoráveis. E isto será automático e fatal, porque a atração ou repulsa e as combinações que delas derivam, dependem do tipo de forças de que o indivíduo é feito, porque ele próprio com elas construiu a sua personalidade. Eis porque o destino é realmente fatal. Ele é fatal, porém, na sua fase de efeito e não na fase de causa.

A moral que deriva de tais constatações é que se torna necessário ter uma conduta reta, porque as nossas obras nos seguem, e suas conseqüências não nos deixam mais até que as tenhamos exaurido plenamente. Cada impulso nosso, se é relativamente livre para iniciar novas trajetórias no momento em que são lançadas, é logo posto no canal causa-efeito, em que o movimento se torna determinista. Sobre a nossa liberdade prepondera a Lei, que, se não nos limita na

escolha das causas, nos liga aos seus efeitos, de que não nos permite evadir. Permanecemos então fechados dentro do percurso da trajetória lançada sem possibilidade de fuga, e deveremos fatalmente segui-lo até o fim, isto é, até o ponto em que ele, divergindo da Lei, nos leva a bater contra as paredes do canal, dentro do qual ela impõe que tudo se mova. O choque que então receberemos será o golpe corretivo que nos levará a abandonar a velha trajetória e a iniciar uma nova, e este desastre será a nossa salvação.

Quantos destinos, que parecem venturosos, não se estão movendo nessa direção! Isso ocorre quando eles são lançados no sentido anti-Lei, fundados no engano, no abuso, no egoísmo, com vantagem própria e dano alheio. Outros destinos estão em fase de golpe corretivo, outros em posição de trajetória corrigida, e todos vão sendo inexoravelmente canalizados dentro da norma, para o seu desenvolvimento, estabelecida pela Lei. Por mais que o ser goste de ficar no caos, natural ambiente do AS, no fundo dele está sempre a ordem do S, que ninguém pode anular. Diante da Lei, para qualquer um que a transgrida, não há salvação, trate-se do mais poderoso ou o mais astuto da Terra.

O mundo não compreende tudo isso, e paga duramente pela sua ignorância ou vontade de não compreender. Somos livres na escolha, porém, responsáveis pelos conseqüências; liberdade e responsabilidade que nos ligam, inexoravelmente, aos efeitos das nossas ações. Se compreendêssemos tudo isso, estaríamos bem preocupados em não fazer o mal. Deixamos de ser inteligentes quando o praticamos, iludindo-nos com o fato de crer que isso ocorra impunemente, só porque não vemos logo surgir as conseqüências, das quais acreditamos poder fugir. É preciso olhar mais longe. Somente os muito ingênuos acreditarão que os efeitos do mal possam anular-se gratuitamente sem que ninguém pague. Apenas eles crerão que uma força lançada se possa deter no vazio sem ter de percorrer todo o seu caminho.

Essa moral revoluciona o modo normal de conceber a vida, como luta para vencer. A realidade é uma outra. É vencedor não quem sabe conquistar domínio glória, poder e posses terrenas. O verdadeiro rico e poderoso é aquele que é proprietário de um bom destino, é o indivíduo cuja personalidade é composta de forças benéficas, positivas, sadias que, por sua vez, lhe atraem eventos favoráveis. Entretanto é pobre e miserável quem é proprietário de um mau destino, um indivíduo cuja personalidade é composta de forças do tipo ruim, negativo, doente, que, pois, atraem forças e eventos desfavoráveis. O mundo está cheio de coisas, tanto boas como más, e que venham a nós umas ou outras depende de nós mesmos, isto é, daquelas que atraímos. Um homem pode ser o senhor do mundo, mas se possuir somente as qualidades que atraírem o mal, tudo lhe será desfavorável, até que esteja arruinado.

O que rege a nossa vida são estas forças interiores. As verdadeiras riquezas são de outra natureza. O que conta é o que temos dentro de nós, aquilo de que somos feitos, e não o que está fora, ligado somente ao exterior. Eis o nosso verdadeiro patrimônio, inalienável, que ninguém nos pode roubar. Eis um método para tornar-nos independentes dos vencedores por meio da força. Estes podem empobrecer-nos e matar-nos, mas não podem deslocar um ponto em nosso destino. E se estes nos empobrecem e nos massacram é porque merecemos. Eis que ao princípio da luta pela vida com o triunfo do mais forte se substitui o princípio da Lei e da sua justiça.

Estejamos atentos em não lançar trajetórias na direção do mal, porque depois teremos de percorrê-las até o fim, pagando com o nosso sofrimento. Seremos, então, perseguidos por uma série de acontecimentos hostis, dos quais fomos a causa: primeiro por nos termos construído de modo ruim; e, como conseqüência, por termos atraído somente as forças do mal, das quais, no entanto, os que se construíram bem ficam imunes, já que atraíram as forças do bem. Atentos, pois, porque não há coisa que doa tanto quanto o ter que corrigir uma trajetória lançada contra a Lei. A esta altura, podemos compreender toda a técnica deste fenômeno. Com uma conduta reta, construamos um patrimônio de forças boas, porque então todo o bem virá a nós. Se, ao contrário, quisermos forçar a Lei, pondo-nos contra ela, construindo-nos um patrimônio de forças negativas, todo o mal virá e estaremos inexoravelmente ligados a um destino de desgraça.

É preciso compreender: tudo o que pertence ao AS é negativo, destrutivo, mesmo para o seres que nele vivem. Trata-se de um reino invertido, onde a ordem do S se transformou em caos, a sua unidade, em separativismo; o seu poder construtivo, em força destrutiva, isto é, fraqueza e enfermidade. Os elementos constitutivos do AS são rivais que vivem em disputa,

não amigos que ajudam reciprocamente. Estes se irmanam somente para tirar proveito uns dos outros e suas uniões se desfazem tão logo cesse o interesse de cada um. Esta sua estrutura é o ponto do AS, por isso ele não pode deixar de desagregar-se.

Quando um indivíduo, com sua conduta errada, viola a Lei, inevitavelmente ele entra em negatividade, caos e separatismo do AS, o que o põe em posição de inferioridade, de fraqueza, de doente diante da vida. Então a vida tenta eliminar tal elemento de corrupção, que se colocou fora da lei. Em vez de protegê-lo em seu seio, ela, a vida, abandona-o sozinho, ao seu desejado destino de rebelde, em razão do seu negativismo destrutivo. Como amigos, ele só encontrará seres do tipo AS, isto é, aliados egoístas prontos em traí-lo. Quanto mais avançar no caminho do mal, tanto mais afundará nesse ambiente.

A salvação está somente na recuperação, retomando o caminho do bem. Para fugir àquela vontade de morte que está no AS, basta livrar-nos do mal que nos torna vulneráveis. O micróbio ataca o ponto débil. O destino nos assalta onde pecamos e por isso é que se torna necessária a retidão para nos curarmos. Se Cristo tivesse aceito o AS, embora como lhe foi oferecido, teria caído dentro dele, tornando-se rei na Terra, teria perdido a oportunidade de mostrar-nos, com o próprio exemplo, como fugir do AS para o S, que era o verdadeiro objetivo da sua paixão.

Eis que a verificação do que ocorre em nossa vida não depende do acaso, mas é tudo pré-ordenado segundo esse jogo de forças, sua natureza, atração e repulsão. O destino é construído por nós mesmo e está em nossas mãos. Verdadeiramente, ainda que não estejamos conscientes, vivemos num mundo livre e responsável, em que não domina o fado cego, mas a inteligência de Deus; não o acaso, mas a justiça. Procuremos, pois, lançar uma boa trajetória para o nosso futuro. Uma vez que se faça o esforço de lança-la, ela irá por si mesma, segundo a sua natureza, na direção de nosso bem ou nosso mal, e nos arrasta comparativamente à maneira de veículo em que viajamos, levando ao ponto devido, segundo o mérito e a justiça.

Em substância, a nossa vida é um destino em movimento, que percorre o seu trajeto estabelecido pelo tipo de forças que contém. Infeliz é o afortunado que tem sucesso enquanto segue a sua trajetória anti-Lei, dirigida para o mal, porque tal sucesso o reforça naquela direção. Deverá, pois, ser mais forte e doloroso o golpe corretivo necessário para reendireitar-se e salvar-se. A mais profunda realidade da vida é que os acontecimentos que a constituem não ocorrem de forma desordenada e por acaso, antes estão logicamente ligados, para cada indivíduo, ao longo do fio de seu destino. É que tal fio é constituído por um desenvolvimento de forças ao longo da linha causa-efeito, segundo uma trajetória bem definida, numa dada direção. Tais acontecimentos não são isolados, e quem compreendeu vê que a vida é feita de um concatenamento em sucessivos momentos, ao longo de um único percurso, razão pela qual eles adquirem uma direção, uma meta, um significado.



Continuemos a falar da construção de um novo tipo de moral, positivo e universal. Essa moral pode ser preventiva, constituída por normas de boa conduta, pelo lançamento de trajetória sadias, isto é, construídas segundo a Lei, e seus correspondentes destinos; e pode ser também corretiva constituída por métodos que endireitam as trajetórias erradas e os correspondentes destinos. Como se vê, trata-se de uma moral diferente da antiga, que se limitava ao exterior, e intervinha quando o fato estava realizado, sem chegar a raiz do fenômeno. Trata-se de uma nova moral, que penetra profundamente no íntimo da consciência, respeita-lhe a liberdade mas impõe-lhe a responsabilidade, enquanto a deixa livre para toda a escolha, e, pois, inexorável na exigência do pagamento de suas conseqüências. Uma moral que nos ensina a segurar o leme na travessia da vida, a dirigir a trajetória do seu percurso, lançando-o na direção justa, ou se errada, obrigando-a a corrigi-la. Pode-se assim dispor de medidas preventivas e corretivas do mal, antes desconhecidas, impedindo-lhe o nascimento ou dele afastando-se a tempo, evitando assim chegar-se ao choque fatal com a Lei. Trata-se em suma, de uma moral das causas e não só dos efeitos, mais sutil e inteligente, mais sábia e poderosa que a atual, com ação mais penetrante no interior, com efeitos decisivos, o que torna possível uma correção tempestiva, sem chegar àquele choque com a Lei, que pode ser

catastrófico, mas que representa a natural solução do fenômeno quando é lançado no seu fatal desenvolvimento.

Esta se pode chamar a moral das intenções, porquanto atinge o ato no seu nascimento, no momento espiritual da sua gênese, já que está na raiz de cada movimento nosso, momento do que tudo mais deriva. É nesse primeiro tempo que, com a nova moral, se pode intervir, no do lançamento, quando este ainda não estabeleceu uma trajetória e tudo é mais maleável porque ainda está em fase de formação. Quando a trajetória é lançada, o erro básico já foi definido e o dano está em ação. Então é tarde, a correção terá que ser muito mais laboriosa do que antes, quando tudo isso ainda não tinha ocorrido e podia ser prevenido, impedindo-lhe a primeira formação. Consegue-se assim chegar antes do mal, como por exemplo, se usa a desinfecção e higiene, que previnem a formação e a difusão de enfermidades, evitando um ambiente inadequado.

Estes novos métodos podem levar a um deslocamento fundamental em nossa vida, pelo qual nos tornamos senhores de nosso destino, ao invés de sofrê-lo passivamente. É certo que o destino pela lei de causa e efeito, é fatal; porém se soubermos lança-lo na direção justa, ele será fatal a nosso favor, ao passo que o é em nosso prejuízo se, como freqüentemente acontece, o lançarmos na direção errada. É necessária, porém, uma psicanálise da personalidade e um conhecimento do tipo de forças benéficas, uma espécie de medicina preventiva do espírito, que cure os males a tempo. Ela os previne antes de se formarem, evitando agredir o enfermo com punições (cárcere, inferno), que seria uma autodefesa tardia, uma forma de vingança, que não adianta porque confirma e consolida o mal, ao invés de eliminá-lo. Este é um método de guerra e responde a um princípio de luta para subjugar, e não de cura para restabelecer, que se rebela contra o atingido pela enfermidade, para eliminá-lo; não vai contra a doença que o atingiu, contra as causas, mas contra os efeitos. Trata-se apenas de uma reação egoísta contra uma ameaça ou uma ofensa produzidas por aquele mal, e não por interesse na sua cura. Para livrar-nos do perigo que ele representa, busca-se eliminar, em lugar do mal, o enfermo.

Quanto mais o homem se civiliza, tanto mais aguda se torna sua inteligência e aumenta a sua capacidade de penetração até às raízes do fenômeno e, conseqüentemente, a capacidade de dominá-lo. Assim, com o progresso da civilização, se vai sempre substituindo ao conceito de justiça positiva “a posteriori”, o de educação preventiva, primeiro e depois, corretiva do mal. Este é de fato critério que, em matéria penal, vai conquistando espaço, tentando eliminar a formação de uma dupla fila, a dos culpados passíveis de punição e a das suas vítimas, isto é, vai-se eliminando a relação entre o mal realizado e o mal recebido.

Formou-se uma nova moral alicerçada na compreensão e não no temor, na convicção das vantagens que ela oferece a todos, e não na imposição da autoridade. A vida, que é utilitária, não poderá deixar de aceitar essa moral, compreendendo a conveniência que há no conviver pacificamente, tornando leves os perigos e as fadigas da luta, o que permitirá o trabalho e a conquista de um mais alto nível evolutivo. Houve um tempo em que a moral existia em função daqueles que comandavam e que, visando à própria vantagem se faziam representantes da ordem e da justiça e constituíam a classe das pessoas honestas. Hoje, em lugar dessa moral egoísta de classe, a nova moral existe em função da utilidade coletiva. Houve um tempo em que uma pessoa valia na proporção de sua riqueza, de sua classe social, de sua posição de comando, isto é, segundo o domínio que podia usar para submeter os outros a si mesmo. Hoje se começa a apreciar o indivíduo em razão do rendimento que ele pode dar como produção e atividade em benefício de todos. É por isso que no passado se glorificava a virtude da obediência, porque se buscavam servos para subjugar e não colaboradores.

Foram exaltadas as três virtudes franciscanas: a pobreza, a castidade, a obediência, que queriam podar o indivíduo no plano animal humano, na esperança de poder elevá-lo a um nível evolutivo mais alto. Mas hoje, à virtude da pobreza ociosa e improdutiva, se substitui a virtude do trabalho, indispensável para elevar o nível de vida, base de uma civilização mais avançada. À virtude repressiva da castidade e da renúncia, um dar de contas às paixões baixas e ferozes então dominantes, mas que induzia à posição negativa do não fazer, se substitui hoje a virtude positiva motivada no dinamismo criativo do fazer, isto é, o exercício de uma paixão mais alta no plano da inteligência. Deixam-se em seu devido lugar as funções fisiológicas e nervosas, e se desloca o centro da vida para um outro nível mais evoluído. À virtude da obediência, referida acima, se substitui a da

produtividade e da recíproca compreensão necessária para consegui-la. O exercício dessas três virtudes valia enquanto funcionava como correção das trajetórias mais comuns naqueles tempos, dirigidas no sentido oposto: abuso de riqueza, de sexo, de domínio. Então a autoridade, não só para corrigir, mas também para manter-se em pé, tinha que exercer a função de domador. Mudadas, porém, as condições de vida, encontrando-se esta em mais avançada fase de evolução, é natural que a moral evolua e surjam virtudes de tipo diverso.

Encontramos hoje ainda habituados à antiga moral convencional, que resiste em adaptar-se ainda às mudadas condições de vida. Aquela era peremptória, ameaçadora, preceptista, ao passo que hoje necessitamos de uma moral de compreensão. Os problemas analisados mais a fundo assumem outros aspectos e perdem seu absolutismo. Por exemplo, condenava-se o egoísmo. Mas se quisermos ser sinceros, como se pode não reconhecer que o egoísmo é a primeira condição de sobrevivência em nosso baixo nível biológico? Como suprimir o egoísmo, se ele desempenha a função de defender o indivíduo? Como se pode, honestamente, propor como virtude o que num regime de luta é antivital? É assim que nasce a hipocrisia, por parte do falso altruísta que exalta uma tal virtude, mas só para os demais, buscando mesmo desenvolvê-la nos outros para aproveitar-se deles em função do seu próprio egoísmo. É natural que quanto mais os outros se sacrifiquem em seu benefício exercitando o altruísmo que eu incentivei, tanto mais poderei utilizar deles a favor do meu egoísmo. Eis uma das razões pelas quais, no passado se inculcavam certas virtudes cristãs com tanto zelo, e porque rechaçá-las provocava uma espécie de escândalo e de condenação contra quem não as praticava. Tudo isso é lógico conforme às leis da vida.

A velha moral nada mais resolve. Melhor será deixar de pregá-la hipocritamente e, em lugar de reprimir um egoísmo necessário à vida, aumentado-lhe assim o estado de luta, a inteligência está em desenvolver esse sentimento, redirecionando-o em sentido coletivo, para defender-nos todos juntos, em vez de esganarmo-nos para nos destruímos. Respeitar então o vital impulso egoístico, mas levá-lo a dilatar-se até abranger um grupo cada vez mais vasto, capaz de suprimir a cada ampliação, um limite divisório e um setor de guerra, lucrando todos em paz e bem-estar. Pode-se, pois, passar do egoísmo a um verdadeiro altruísmo sem hipocrisia, levando em conta a realidade biológica e pedindo apenas o que a vida pode dar. Só se pode passar do egoísmo ao altruísmo, através da dilatação do primeiro, e jamais por sua negação antivital, contra qual o ser se rebela, concedendo apenas uma aceitação fictícia em forma de mentira. Neste caso não é mais útil uma virtude de tal tipo. Mas ao contrário, se for redirecionado o seu movimento ele não toma uma direção negativa, agressiva, destrutiva; mas positiva, enquanto desenvolve, em sentido construtivo, um natural impulso de vida, tendo em vista uma vantagem, e não assumindo uma forma de opressiva mutilação. Então o indivíduo aceita o melhor, porque satisfaz o instinto de crescimento, que está na base da evolução. Repensando o problema do egoísmo em termos de desenvolvimento de amplitude, em vez de repressão, ele se resolve de modo natural no sentido evolutivo.

Já tratei alhures desse assunto. Ao leitor superficial há de parecer repetição retomar não só este como também outros. Mas retornar a um tema é levá-lo sempre um pouco adiante, vê-lo mais a fundo, completá-lo e aperfeiçoá-lo. Assim o leitor assiste o seu contínuo desenvolvimento.

É interessante ver como a sabedoria da vida resolve certos problemas, manobrando o homem ignorante através de seu inconsciente. Os psicanalistas afirmam que as motivações “reais” são as instintivas, inferiores e que as outras, ideais, superiores, nada mais são que coberturas para justificar aquelas diante dos princípios. A realidade seria, pois, a das motivações mais baixas, vizinhas da animalidade. Não acusamos tais movimentos instintivos. Observamos a técnica do fenômeno. De que modo a vida resolve a contradição entre o ideal e a realidade biológica, entre Cristo e o mundo? O primeiro quer que sejamos cordeiros, mas se formos cordeiros o mundo nos devora. Então, o Evangelho, tão cheio de amor, nos empurraria para a morte? E porque nos escandalizamos quando a essa pretensão se responde com a hipocrisia?

A questão está nestes termos: existe um antagonismo absoluto entre o Evangelho e o mundo, isto é, entre o ideal de Cristo e as leis biológicas vigentes no nível evolutivo do animal humano. Obrigados os dois opostos à convivência, é inevitável a hipocrisia, isto é, uma posição de contradição entre o que se prega e o que se pratica. A Igreja, devendo representar Cristo no mundo, não podia deixar de ficar prisioneira dessa contradição. Há fatos que não podem ser

deslocados: 1º) Os ministros de Cristo devem pregar o Evangelho, porque este é o seu dever de ministros e nisto consiste a sua função e a sua missão; 2º) É verdade que há contradição em pregar sem praticar; porém praticar o Evangelho, num mundo ainda não civilizado como o nosso, isto é, oferecer-nos como cordeiros aos lobos, leva ao fim de Cristo, isto é, a sermos rapidamente eliminados; 3º) Quando se morre, embora na condição de mártires e santos, não se pode cumprir a função e a missão de pregar o Evangelho; 4º) Portanto, para poder pregar o Evangelho, é necessário não o praticar; 5º) Dessa forma a contradição e a hipocrisia são inevitáveis.

Deste modo a Igreja é justificada, porque se vê obrigada a recorrer a tal solução. Nasce assim o consórcio entre a religião e a hipocrisia. Mas esta não é uma solução desejável. O mal permanece. Então, para não culpar a Igreja, termina-se por culpar Cristo que pregou um Evangelho que está em contradição com as leis da vida vigentes no plano humano, e, pois, inaplicáveis às massas. Para justificar a Igreja temos que culpar o Cristo, o que é uma solução mais grave. Isso demonstraria que o ideal é impraticável na Terra e acarretaria a queda total, porque sem o conceito de evolução, sem um telefinalismo, a vida perderia o significado.

Será culpa da Igreja e dos cristãos que não seguem Cristo, plenamente, até à Cruz, ou foi Cristo, que propôs um método de vida que a conduz à morte? E, no entanto, há uma solução que justifica tudo sem inculpar ninguém: consiste em aceitar a contradição, reconhecendo-lhe a existência e o dano, mas aceitando-a como um mal necessário, justificado por ser transitório, uma fase evolutiva, feita para ser superada e depois abandonada pela vida. O Evangelho é de fato aplicável num mundo mais civilizado, que pratique métodos mais progressivos de vida, dos quais já estão detectando os primeiros sintomas. É verdade que o fenômeno só é concebível em função de um completar-se numa futura fase hipotética. Mas é também verdade que a isso nos levam a nossa razão e a lógica da vida.

A Igreja, por ora, resolveu o caso, usando o método conciliatório, o único que pode permitir a pacífica convivência dos opostos no mesmo terreno, sem que um destrua o outro como gostaria. Claro que se trata de dois inimigos. Mas essa convivência é necessária, porque o ideal deve cumprir a sua função evolutiva, por meio de uma lenta penetração no mundo, que gostaria de eliminá-lo e que, no entanto, deveria ser por ele transformado. Este resultado não se poderia atingir com o método unilateral da vitória de um termo sobre o seu oposto. freqüentemente a contradição é um casamento entre opostos, a fim de que estes, como pólos da mesma unidade, ligados no mesmo circuito, possam colaborar para um fim comum. É assim que a sabedoria da vida terminou por casar o ideal e a realidade biológica, evoluído e involuído, Cristo e o mundo. Desse modo, o primeiro termo não deixa sozinho, embaixo, o segundo, mas desce ao seu nível e a ele se junta para elevá-lo a um outro plano de existência. Trata-se de um trabalho de milênios, de lenta penetração dos princípios do cristianismo no âmbito terrestre, realizando, sob o manto do ideal, uma obra de civilização da besta, sempre pronta a reaparecer tão logo surja a necessidade de defender-se na desesperada luta pela sobrevivência neste mundo.

É assim que se pode compreender, sem culpar ninguém, a posição de um cristianismo, que não pratica o que prega. Compreende-se também a sua função de progressiva realização do ideal por sucessivas aproximações. Entende-se o seu trabalho de transformação evolutiva, situando a atuação plena do Evangelho não no presente, que não pode oferecê-la senão em pequenas doses percentuais, mas longe, mais adiante, no futuro. De fato, este é um caminho que se está percorrendo, sempre mais avançado no sentido daquela atuação. Compreendido assim o fenômeno, cessa a culpa das adaptações que tanto depreeiei nos escritos precedentes, pelo fato de que, sem um recíproco ajustamento, não era possível uma aproximação entre dois extremos opostos e sem isso um deles ficaria eliminado. Então o mundo teria ficado sem o ideal como impulso de evolução, enquanto para o ideal descido à terra não haveria outro estado senão a morte. A realidade é que Cristo está no céu e a Igreja na Terra, e o comando pertence ao mundo. Cristo está no S e aqui estamos no AS, reino do involuído, no seu baixo nível biológico. Assim se explica e justifica tudo: o antagonismo entre os dois opostos, Cristo e o Mundo, a contradição em que se encontram os cristãos que de fato não seguem Cristo, por isso a necessidade das adaptações que constituem hipocrisia, e não se pode acusar quem as pratica, nem julgá-lo culpado. Eis porque, sem eles, o ideal ainda em estado teórico, não poderia existir e ser conhecido na Terra. Estaria faltando a idéia de evolução e de um telefinalismo para o ideal.

Se essa contradição existe, se a vida aceita tal fenômeno, é lógico que este deveria ter a sua função útil que só agora, indo mais fundo, podemos ver. Confirma-se a convicção de que a vida é feita de uma sabedoria que tudo dirige do melhor modo possível, com maior rendimento útil, mesmo que possa parecer o contrário, a que não conheça todos os fatores do fenômeno. O elemento que não se tomara em conta era o estado involuído do ser humano, razão pela qual era levada a exigir dele uma excessiva e avançada aproximação de Cristo, o que na Terra, no AS, é impossível. Assim se explica que, embora traído sob a forma de hipocrisia, o Evangelho subsista neste mundo, sem há muito ter-se evaporado nos céus. Embora iluminando, apenas do alto, a estrada a percorrer, ele permanece ainda que de fato esta estrada não seja percorrida.

Que encontramos então na Terra, por trás das aparências? De um lado vemos os lobos, à procura de cordeiros evangélicos sequiosos para devorá-los de outro, vemos que a sobrevivência só se torna possível quando os lobos se disfarçam em cordeiros, isto é, assumem a auréola de pessoas honestas, justificadas pela sagrada necessidade de sobreviver. Em tal mundo é necessidade vital, portanto, biologicamente não é culpa fazer do Evangelho um uso diverso daquele pelo qual foi entendido, isto é, utilizá-lo como um manto para esconder a verdadeira natureza. Mas se não há outro meio para não sermos devorados e se estas são as regras do jogo da vida no baixo nível humano, concluir-se-ia que tudo é justo e ninguém culpado.

O problema é colocado pela própria vida de tal modo que não se pode resolvê-lo senão por uma destas duas vias: 1º) Ou negamos, por orgulho, que o homem se encontra ainda numa fase involuída de animalidade, perdendo-se a única atenuante de suas necessárias evasões diante dos ideais superiores, que nos induziria a concluir que, sendo um ser superior e consciente, como se afirma, é um mentiroso, porque não faz o que diz; 2º) Ou reconhecemos que o homem está ainda numa fase involuída de animalidade, e então podem ser justificadas as evasões necessárias à sua sobrevivência, não se vendo culpa na hipocrisia de que se vale como indispensável arma de luta. Mas então ele não é o ser superior e consciente como se pensa. Em suma, há um erro na contradição entre a teoria e a prática, cuja causa é preciso encontrar. Não há outra escolha: ou devemos ser perdoados, porque na condição de involuídos somos inconscientes; ou somos conscientes e evoluídos, mas culpados de mentira. Cada um pode escolher a interpretação que lhe convier: ou somos desgraçados que miseravelmente lutam no nível animal, usando todos os meios de que dispomos, inclusive o ideal; ou, na verdade, somos superiores, o que implica na responsabilidade e obrigação a um adequado tipo de vida, com deveres que os outros não têm, embora traidores do ideal caso não o observemos. Não é possível qualificarmo-nos como seres conscientes sem ter que assumir as relativas responsabilidades e deveres. Se assim não se procede a hipocrisia é evidente.

Qual é a solução? Aquela já escolhida pela vida, deixando o ideal como está, em seu estado teórico, e a realidade como é, em seu estado prático? Ou procurar induzi-la através de lenta maturação a aproximar-se cada vez mais de sua realização? Sem dúvida tentar aproximar-se da perfeição, embora vivendo num estado imperfeito, é a solução. Não é necessário que o homem compreenda aquilo que faz. A vida se ocupa de obrigá-lo a fazer aquilo que para ele é melhor e isso automaticamente. Quando a hora está amadurecida para que tal fato ocorra, trata-se de uma revolução, de uma descoberta de novas idéias, ou de mudanças de todos os campos, o homem o faz sem saber por que, e onde irá acabar; chegando a conclusões, muitas vezes, totalmente diversas daquela em que ele acreditava. Ele assim procede de forma inconsciente, crendo que é ele próprio quem quer e escolhe, enquanto na realidade apenas obedece. A vida deixa ele mascarar tudo com outras razões, deixa-o dizer o que quer, mas na verdade ele só faz o que ela (a vida) permite. O que conta são os fatos e não as palavras. A evolução se faz com as próprias experiências, cada um com as suas. Aprende-se a não mais cair no erros somente depois de ter caído neles e tê-los pagos com as próprias dores. Tudo funciona normalmente; tanto faz ignorar ingenuamente ou mentir com astúcia, enfim, qualquer comportamento pode deslocar a posição do indivíduo, mas permanece inviolável a Lei e a ordem das coisas, que continuam o seu caminho. Assim o homem vai experimentando e com isso conquistando consciência, que é o mais precioso produto de tanto trabalho.

O homem é livre, mas de tudo o que fizer, advirão conseqüências e deverá prestar contas à Lei. Esta o deixa livre para cometer qualquer erro, uma vez que o deve corrigir

depois, num experiência instrutiva, porque ensina, com a dor o caminho certo. Trata-se uma conquista de conhecimento, o que significa evolução. O ideal representa um tipo de vida do mais alto nível, isto é, mais civilizado e feliz. É por isso, por constituir um bem maior, que a realização do ideal é assegurada. A vida recompensa somente quem luta para subir, porque isso está de acordo com a Lei, que arrasta consigo quem a segue, ao passo que abandona quem diverge do seu caminho. Se um preguiçoso ou inerte se veste de pacifista para esconder seus defeitos, a vida não se deixa enganar e o não o protege. É inútil mentir-lhe. Diante dela não tem valor tais virtudes baratas, negativas, feitas de inércia. Aqueles que se fazem evangélicos por comodidade são liquidados. A mentira volta-se contra quem a usa, quando é usada contra a vida. A vida quer a luta pela conquista e o ideal é uma luta no mais alto nível, pela conquista de mais altos valores. A hipocrisia, que desejaria usar o Evangelho como um refúgio para poltrões, pode valer no plano humano diante do mundo, mas jamais diante da Lei. É a própria Lei que lança os lobos contra os falsos cordeiros, que quereriam enganá-la. A veste de cordeiro, usada por muito tempo, torna os indivíduos gentis, mas os enfraquece. Obrigamos a assumir as pacíficas atitudes do cordeiro, e isto os torna ineptos para a luta, beneficiando o lobo. No plano humano a vida permite a esses indivíduos agirem desse modo porque isto serve para civilizá-los, mas terminada essa função, manda os aristocratas para a guilhotina das revoluções.

É antiga a história do ideal escondido. O lobo prepara suas reservas, sobe na escala social. Estabilizada legalmente a posição conquistada, ele se torna uma respeitável pessoa honesta; o homem da ordem, defendida por ele porque é sua, torna-se conservador, defensor da sua posição, honesto e generoso porque agora pode agir sem incômodo. Ele chegou limpo ao bem-estar e agrada-lhe completar a obra, ostentando a auréola de benfeitor, situação que agora pode desfrutar para satisfação do próprio orgulho, luxo moral não concedido aos pobres, que ele pode gozá-lo, dada a posição que ocupa, aumentando apenas um pouco ao que já conquistou. Ele tranqüiliza sua consciência, sente-se bom, pratica o Evangelho, dá provas de amar ao próximo, é respeitado na Terra e pode até preparar-se para subir ao céu e gozar a eterna beatitude.

É verdade que ele se esforçou, lutou para subir, pensou, soube vencer. A vida o recompensa com o sucesso terreno, no nível em que trabalhou. Apesar de tudo, ele fez um esforço para subir e a Lei lhe dá crédito. A retidão da Lei é indiscutível, recompensa cada um proporcionalmente ao esforço realizado em sua direção evolutiva. Esta direção é a da própria Lei que atrai e protege o ser. Mas quando este, com a máscara da mentira se põe a desfrutar o resultado obtido, buscando enganar a Lei para ter mais que o merecido, então a falsa virtude se torna nociva para quem a aplica. Não se pode condená-lo, porque se soubesse as conseqüências que o esperam, não escolheria tal via. Sua opção é fruto da ignorância, que se pode chamar também inocência. Mas a inocência não impede que se cometa o mal. Muito ao contrário, leva-o a cometê-lo, e todo o mal deve ser corrigido, porque diante da Lei representa desordem e, sem correção, voltaria a repetir, o que seria prejudicial para quem o comete. Automaticamente, a ignorância leva a experiência que a elimina; experiência necessária para eliminar a ignorância, que, por sua natureza, representa involução, enquanto a Lei quer justamente o contrário, não a estagnação do ingênuo, mas a laboriosa experimentação do conquistador de conhecimento. A inocência não exime das provas, sendo o estado que mais precisa da escola para aprender. Não se pode voltar ao céu do S situado no mais alto da escala da evolução senão depois de ter atravessado todo o inferno do AS, e por experiência direta, ter atingido os pontos mais degradantes da involução, com o fim de superá-los e suportar o trabalho de purificação, neutralizando todo o mal com que, o ser se confundiu, por ter vivido nele.



Vimos assim, num determinado aspecto como funciona a Lei. Ela é um pensamento diretivo e uma vontade de realização. As características fundamentais desta Lei são: a inteligência, o poder, a vontade. Os seus movimentos são exatos e atingem a finalidade. A sua técnica não é aquela incerta da tentativa característica do ser decaído no AS. O homem ainda primitivo, na sua inocência, não soube conceber tal lei senão antropomorficamente, sob a forma de um Deus que ajuda cada um. Quando um corpo cai não podemos admitir que Deus esteja lá para regular o fenômeno da queda, porque este é regulado automaticamente pela lei da gravidade; similarmente

devemos admitir que assim ocorra no campo espiritual. A Lei funciona igual para todos, segundo as condições em que cada um se põe diante dela. Esta funciona com inteligência perfeita, sem errar um movimento e falhar um instante, com força irresistível contra a qual não adianta rebelar-se; mas com bondade absoluta, que exige, a qualquer preço, a nossa salvação.

Para esse fim ela usa sempre dois métodos, segundo o tipo de trajetória que o indivíduo escolheu e percorre. Se este se lançou contra a Lei, esta, com seus empurrões, o leva a chocar-se com ela; isso se faz necessário para o bem dele, como única solução, embora dolorosa: a correção do erro, que, de outro modo continuaria a levar o indivíduo, cada vez mais, para o mal, piorando as suas condições.

A Lei o sabe e encaminha para o choque porque, para a salvação do ser, este é o único fato que pode reendireitar sua trajetória. A dor não deve, pois, ser entendida como uma punição por parte de um Deus ofendido, mas como uma benéfica salvação daquele que se queria perder. Mas, se a trajetória em que o indivíduo se lançou segue a direção da Lei, então esta o prende na sua corrente e o eleva. E ajuda-o, se ele está em fase de correção de uma trajetória errada.

Em suma, a Lei está sempre presente e ativa e visando ao bem, embora sobre formas opostas, segundo a posição positiva ou negativa em que se coloca diante dela. O ser se movem em meio a essa Lei como os peixes no mar. Quem segue a corrente da Lei, é por ela transportado, quem vai contra, é arrastado. Esta corrente é a evolução, dirigida para o S. quem quer andar em sentido oposto, involuindo para o AS, encontra todas as resistências da Lei, até o choque resolutivo, expresso em forma de dor e de um sufocamento da vida. A dor é a voz da Lei que diz: “Erraste, corrige o teu erro”. A Lei nos diz isso, porque é nessa correção que consiste a salvação do ser, o que se chama redenção. Todo caminho da involução não é senão uma trajetória errada, lançada na direção anti-Lei. Neste caso máximo, cada erro nosso, embora pequeno, desencadeia o mesmo processo de experimentação, dor e correção. O caminho evolutivo não é senão a correção do grande erro da revolta, através da experimentação e da dor. Depois de uma cansativa subida que neutraliza a queda, voltaremos ao S, mas conscientes das conseqüências de cada violação da Lei, e com uma sabedoria tão duramente conquistada, que nem se deseja mais cometer o erro. Este é o método que a Lei usa e que se poderia chamar a técnica da salvação.

Procuramos aprofundar o conhecimento dessa técnica, observando-a ainda mais nos seus particulares. Estamos apenas começando a penetrar o canal da Lei, mas, ao percorrê-lo, desde o início, descobrimos incríveis maravilhas. Perguntamo-nos a que coisa esse exame nos poderá levar, e se poderemos ou outros poderão continuar a percorrer aquele canal?

O eixo conceitual em torno de que se move o universo, em outras palavras, o pensamento diretivo do seu constante funcionamento orgânico, é a Lei. Ela representa o seu cérebro, isto é, o modo pelo qual o universo existe no plano mental, do qual dependem outras formas menos evoluídas de sua existência, que estão no nível dinâmico, como a energia e, no nível físico, como a matéria. Com relação ao nosso corpo a Lei é o espírito. No universo, mais ampliado, encontramos o mesmo modelo, de que o homem é uma cópia ou caso menor, com a mesma disciplina, dependência hierárquica e funcionamento orgânico. Como no espírito está o nosso pensamento, assim também na Lei está o pensamento de Deus. E assim como em todo o funcionamento de nosso organismo encontramos a presença de um pensamento, de igual modo a presença do pensamento de Deus é encontrada no funcionamento de todo o universo, e podemos identificá-lo por toda a parte.

Vemos então que o homem é um átomo que se move ao longo de percursos estabelecidos por determinadas leis; as que estamos observando. Os seus movimentos podem assumir duas direções principais, canalizando-se ao longo de dois tipos de trajetória: a que se afasta da Lei, seguindo a direção negativa; e a que segue a Lei, indo, pois, na direção positiva. Este segundo caso se verifica mesmo quando é necessário inverter o percurso para corrigir o precedente afastamento da linha da Lei, realizado em direção negativa. Direção negativa quer dizer avançar no caminho do mal; positiva, quer dizer no caminho do bem. Temos, assim, dois percursos opostos, o da trajetória que se afasta de Deus pelas vias do mal, e o que vai em direção a Deus pelas vias do bem. Como se vê, o dualismo expresso pelos dois sinais (+ e -) existe em nosso universo até ao mais alto plano da existência, o espiritual.

No centro de tudo está Deus, que é uno, acima de todo dualismo, que se encontra somente na criatura caída pela revolta. Diante do ser pulverizado no relativo, Deus é o pensamento único e central, a Lei, de que já observamos as qualidades. Vimos que, além da inteligência e bondade, é a Lei também uma vontade absoluta de manter o percurso de todas as trajetórias na direção positiva, no caminho para o S. É vontade de fazer avançar o ser ao longo do caminho da evolução, que é a via natural de salvação. Então, quando uma trajetória se afasta da Lei, porque é lançada na direção negativa, direção do AS, aquela mesma Lei age em sentido corretivo, subtraindo o ser do caminho de involução que é a via da perdição. Ora, das duas forças, a do extraviado e a da Lei, a primeira é mais débil e limitada e deve acabar exaurindo-se; a segunda é mais potente, inexaurível, e deve, pois, acabar vencendo. O impulso atrativo da Lei deve prevalecer sobre o impulso repulsivo do ser. Nesse afastamento está implícito um limite de resistência do impulso negativo, que funciona a favor da vitória do impulso positivo. Inevitavelmente, há de chegar um momento de saturação do fenômeno, isto é, do exaurimento das forças malélicas do circuito rebelde. Chega-se assim, naquele movimento centrífugo, a um ponto calculável, além do qual dispara, prevalece e entra o impulso oposto, o positivo, um tropismo em direção à Lei, destinado a recolocar as coisas na ordem por ela estabelecida.

É nesse momento que não funciona mais a vontade do indivíduo, mas, com finalidade corretiva deste, prevalece a vontade da Lei. Então se dá marcha a ré e o débito, contraído com os equilíbrios da sua justiça, é pago por quem o contraiu. Nesse momento começa o percurso invertido, o da redenção, então, ao afastamento se substitui a reaproximação; à revolta, a obediência; ao furto de um bem não merecido, o pagamento da pena correspondente. O percurso de ida se resolveu no choque contra a Lei. Pela súbita ruína, o ser compreende o seu significado, e então, para salvar-se, aceita voltar atrás. Posto na direção positiva, a Lei, sempre saneadora e benéfica, sempre construtiva, por ser positiva, ajuda-o a pagar a dívida. Ajuda porque é boa, mas não presenteia nada, porque é justa. Ela não abandona o pecador ao seu destino, mas o atrai e ajuda para salvá-lo, permitindo, porém, que expie a sua pena, a fim de que compreenda o mal feito e não recaia no erro. O fim é sua salvação e não uma vingança pela ofensa recebida. Deus não pune e muito menos se vinga, porque ninguém tem o poder de ofendê-Lo.

Acontece então nesta fase o emborcamento da posição precedente. Enquanto, no trajeto de afastamento, as vantagens eram todas escamoteadas à justiça da Lei e esta, diante da iniciativa contrária do indivíduo, se encontra em posição de resistência, no trajeto de reaproximação, a dívida é toda paga àquela justiça e o indivíduo, em lugar de impulsos de resistência da parte da Lei, encontra apoio. Isso lhe facilita o caminho, convida-o e impulsiona-o a percorrê-lo, ajudando-o tanto mais quanto mais houver sofrido, quitado, purificado e redimido. Tornou-se assim mais apto a poder gozar dos bens a que tem direito aquele que se move segundo a Lei.

Esta é a técnica funcional dos movimentos e relações de forças entre os dois termos: Lei e indivíduo, e dos deslocamentos de ida e volta por parte do indivíduo em relação à Lei. Esta permanece estável no seu sinal positivo, isenta das oscilações (+ e -) do indivíduo, porque ele apenas está sujeito a erros e correções (afastamento e reaproximação). Isso é o que ocorre quando observamos os dois termos, Lei e indivíduo, nas suas relações. Vejamos agora que fenômenos se verificam quando este segue uma trajetória que se move em sentido negativo, anti-Lei. A Lei é positiva; cada afastamento dela é negativo. Esta é a qualidade fundamental daquela trajetória, qualidade exclusivamente sua, característica própria do seu campo de forças. Assim se explica o fato de tal trajetória ser levada, entre as forças que encontra em seu caminho, a atrair, no seu circuito de tipo negativo, somente forças do mesmo gênero, isto é, malélicas, repelindo as outras positivas, isto é, benéficas. Esta é a condenação, que o indivíduo, situado em tais condições, automaticamente, leva consigo e impõe a si mesmo. É dessa forma que ele não pode deixar de encher a sua vida de mal e de desgraças, que tendem a destruí-lo e acabarão por consegui-lo, já que com sua própria natureza negativa antivital, é incapaz de resistir diante da positividade da Lei. No S há uma vontade fundamental de livrar-se do maligno tumor constituído pelo AS, recuperando-se com o retorno ao estado do S.

Estas forças negativas são lançadas também contra os campos de forças de tipo positivo, tentando torcer para o sentido negativo o seu percurso gerado em sentido positivo. Ocorre porém que, sendo esses circuitos de sinal oposto, eles repelem tais forças, de modo que

aqueles impulsos de tipo negativo não conseguem penetrar e não são instalados nos circuitos de tipo positivo. Eis porque o mal não pode fazer o mal a um bom que não o mereça, mas pode acrescentar o mal a quem o merece, somando-se a ele, porque, neste caso, são-lhe abertas as portas para entrar, em vez de fechá-las para impedi-lo. Ocorrem então dois fatos: o mal lançado não entra no campo do bem, que é automaticamente protegido pela sua positividade; ele volta-se para trás e, sendo negativo, vai enriquecer o campo do seu próprio sinal negativo, aumentando o dano de quem o lançou. Assim, os impulsos negativos além de não penetrarem no circuito positivo, somam-se com os impulsos negativos do circuito de origem, reforçando-se a potência destrutiva que redundava em prejuízo de quem a possui.

De tais constatações deriva uma moral que responde à perfeita justiça da Lei, razão pela qual, por mais que se tente fazer o contrário, não é possível fazer o mal senão a si mesmo, nem fazê-lo a um bom que o não tenha merecido. A medida com que o mal pode passar de um indivíduo a outro e a negatividade a ser inserida num dado circuito, é estabelecida pelo mal merecido, grau de negatividade de que se saturou o próprio circuito receptor. Em suma, a Lei não permite a injustiça, nem que se sofra sem culpa, porque não há sentido em corrigir um erro não cometido. Logo se pode verificar a injustiça de que ao ser mau seja concedido o poder de fazer sofrer o bom e inocente, somente porque aquele malvado é mais forte e mais esperto. Se o bom tiver de ser atingido, isso só poderá ocorrer na proporção em que o circuito de suas forças permitir a introdução de impulsos negativos e maléficos. Tal moral nos garante que essa inserção não será possível quando o indivíduo bom não tiver merecido o mal que o assalta, mas se torna possível desde que o mereça. Diz-nos também que aquele mal não merecido e, pois, não recebido, não é uma força que se anula, o que é impossível, mas uma força que se volta contra, e atinge aquele que a lançou. Esta é a justiça da Lei. O que vemos em superfície, pelo fato de desconhecermos as raízes profundas e as origens longínquas de tantos acontecimentos humanos que pode enganar-nos.

O contrário ocorre no caso de trajetórias que seguem a direção da Lei, isto é, um percurso em sentido positivo. Estas, entre tantas forças que encontram em seu caminho, atraindo e poderão absorver no seu circuito apenas aquelas que têm o mesmo sinal positivo. Assim, que se encontra em tais condições, terá uma vida abençoada e frutificante, que o levará para o alto, porque a Lei da vida, para quem quer evoluir, é mover-se em direção do S.

Se tais impulsos positivos forem, porém, dirigidos para campos de forças de tipo negativo, essas forças positivas não poderão ser inseridas naquele circuito de sinal oposto, sendo, pois, repelidas. Assim o bom não pode fazer o bem a um mau que o não haja merecido, e, quando pode fazê-lo, isso só acontece na medida em que este o mereceu. Quando esse bem não pode entrar, porque encontra as portas fechadas, então ele volta para trás e retorna ao circuito de forças positivas do emissor, enriquecendo-o de positividade; vantagem para quem fez o bem.

A moral que deriva de tais constatações é a mesma exposta acima, mas com resultados opostos, permanecendo de pé a justiça da Lei. Como se vê, esta nova moral se baseia neste princípio de justiça, mais avançado que o da antiga moral, que tudo explicava sob a perspectiva da ofensa a Deus e de uma ação pessoal punitiva contra o transgressor. Tal conceito, que tem muito de egoísmo e de vingança, corresponde a forma mental e psicológica do passado, situado ao nível de uma mitologia antropomórfica proporcional à ignorância dos tempos. Porém, enquanto aquela velha imagem de Deus convier à vida, ela vai ser respeitada, apesar de bastante primitiva. Ser destrutivo é trabalho negativo característico dos atrasados, inseridos no AS. Quem é positivo não faz jamais um trabalho negativo, mas somente o positivo de mostrar a nova visão das coisas, pondo-a junto à antiga, de modo que os mais amadurecidos a encontrem pronta e possam escolhê-la e pô-la em atuação. A destruição do antigo compete ao tempo, superando-o e deixando-o morrer de morte natural.

Traçam-se aqui as espirais de luz, premissas introdutivas, suscetíveis de grandes desenvolvimentos, de uma nova moral científica e racional, universal, porque verdadeira para todos, como verdadeiras são as leis do plano físico e dinâmico. Assim, para os ateus como para os crentes, não há uma moral diferente, como não há uma lei de gravidade diferente. O lançamento das trajetórias é livre, mas para todos em qualquer tempo e lugar, cada movimento é regulado por leis e, apenas iniciado, é canalizado em um dado sentido, a que fica ligado segundo as direções que lhe são imprimidas, permanecendo prisioneiro da disciplina da ordem soberana, e não podendo escapar do

canal escolhido até que a sua trajetória seja toda percorrida. As transgressões levam ao choque destrutivo e doloroso com que se paga o erro.

Essa nova moral não será aceita por quem está habituado à velha moral. Porém, para o homem mais evoluído, representa uma grande satisfação chegar a conceber com exatidão essa lei e poder-se situar e funcionar no seio, isto é, num plano de justiça mais alto do que o humano plano da luta pela seleção do mais forte e astuto. Para o evoluído, é consolo constatar de modo positivo que, no nível mais avançado, existe também uma lei bem diferente daquela de tipo animal vigente em nosso mundo. Esta, com a sua relativa moral e sistema de vida, permanece com herança somente para o involuído, destinada a desaparecer com a evolução. Surge uma biologia mais avançada, em que, à feroz lei do mais forte se substitui a justa lei do mais honesto, de modo que a seleção ocorra em outro sentido, num nível mais alto. Será introduzido na Terra, inclusive para os menos atrasados, e poderá começar a ser reconhecido o valor social de quem é mais avançado. Não mais se condenará o inepto o tipo dominante inferior de vida. Assim o evoluído conhece qual é a sua posição biológica e cada um está situado no lugar que lhe cabe por justiça, em obediência à lei do seu plano de evolução.

Encontra-se finalmente um ponto, uma posição biológica, em que se permite ao ideal cumprir sua função vital, em vez de ser utilizado de modo hipócrita, como meio de esconder a realidade e obter melhor vitória na feroz luta pela vida. Finalmente, alcançar-se-á uma posição biológica situada, além do nível normal humano, num nível mais elevado, em que o ideal seja realizado e atuante, não só como teoria e hipocrisia. Definir-se-á, finalmente, na escala biológica, um lugar em que o evoluído se encontre no ambiente que seja adequado ao seu tipo feito de inteligência e de bondade e não de força e agressividade, reconhecendo-se-lhe o direito à vida.

Resumamos e apliquemos estes conceitos ao momento histórico atual. Há na Terra três modos de viver, usando três métodos: 1º) O da força, que consiste na opressão do fraco; 2º) O da astúcia, apoiado na inocência do ignorante; 3º) O da sinceridade e clareza, dirigido à compreensão recíproca com fim de colaborar.

Estes três métodos são distribuídos em três degraus sucessivos ao longo da escala da evolução. O primeiro é o mais antigo, hoje superado e condenado. O segundo é de uso mais recente e ainda em vigor. O terceiro é um método mais inteligente, que se expandirá no futuro. Hoje vivemos uma fase de transição, que vai do segundo ao terceiro método.

É natural que, no passado, quando a vida se encontrava diante de um fraco ou ignorante, pela lei do mínimo esforço e maior rendimento, permitisse que quem tivesse capacidade de consegui-lo, dela se valesse. Embora muitos pensem dessa forma, o método é injusto, segundo a atual e mais amadurecida moral dos países civilizados, ao passo que poderia parecer justo no passado menos evoluído. Outrora não existiam problemas de justiça com deveres e direitos, mas só duas posições: a do vencedor, o forte que comandava, e a do vencido, o fraco que obedecia. A primeira coisa que fazia aquele que detinha o poder, para assegurar-lhe a continuação e consolidá-lo, exercia-o em nome da justiça divina, afirmando a sua legitimidade; que se defendia à força, com as armas da sugestão e do domínio psicológico. Pregavam-se como virtudes o respeito e a obediência, investindo o poder de um caráter sagrado, coadjuvados pela autoridade religiosa, aliada ao trabalho de manter subjugados os povos. É natural que, em tal fase evolutiva ainda feroz, a mais forte preocupação de quem detinha o poder fosse conservá-lo, defendendo a própria posição.

Do outro lado, o pobre não vencedor era induzido a permanecer sujeito, não só a um tal tipo de educação, que lhe era imposto, mas também uma natural idéia de superioridade do mais forte. Tal tipo, que para Nietzsche representava o modelo do super-homem, estava, porém, naquele baixo nível de evolução em que a humanidade se encontrava no passado, pelo uso das velhas leis biológicas, baseadas na força, na superioridade, no maior valor – valendo-se, naquele plano, das mesmas razões pela quais o leão é o rei da floresta, e merece respeito. Essa superioridade não era, pois, só inculcada por sugestão, mas sentida realmente pelos fracos.

Hoje em outra fase da evolução, tudo isso não é mais considerado justo, como no passado. É natural que a moral dependa das diversas condições de vida. No passado se tinha um outro conceito de justiça, porque era medido em função de outros pontos de referência. Não há dúvida de que, se o mais forte não representava um maior valor espiritual, constituía, no entanto, um maior valor biológico. É por isso que o pobre se inclina diante do rico, ainda que com ódio e

inveja, mas também com admiração e avidez em imitá-lo, ansioso de aprender os métodos de vitória. Para a vida isso é sadio, porque funciona com a evolução, embora em nível baixo. O pobre sabia que era um fraco, que valia pouco. Sabia que a sugestão era justa, e que ele devia aceitá-la por culpa própria. Era sua fraqueza, que ele não sabia superar, que o impedia de ter direitos. De fato, ele se deu conta de tê-los só agora quando está mais evoluído e já conquistou a força para fazê-los valer, sem a qual é inútil ter direitos, embora justos. Antes não lhe restava senão a virtude da obediência e resignação e, consolo do vencido na Terra, a esperança de recompensa com uma vida melhor nos céus.

É óbvio que, naquelas condições de vida miserável, era impraticável ao pobre o exercício da bondade. Pode-se pensar nos outros somente quando não se falta o indispensável para si mesmo. Para poder ampliar-se, é preciso que não falte o necessário; para poder dar, é preciso primeiro possuir; para sermos generosos, precisamos ser fortes; para poder beneficiar, é preciso sermos ricos. É preciso não sermos mais inocentes para podermos permitir o luxo de sermos bons sem cair em todas as armadilhas da vida. Os deveres dizem respeito àqueles que os podem cumprir. Porém isto não significa que hoje o pobre esteja passando para a outra margem; ele tem de assumir suas responsabilidades. As previdências sociais dão uma nova orientação de tipo coletivo. As classes e os povos, outrora em estado de sujeição, estão se organizando, vão conquistando forças e se fazem valer. É suficiente este fato que nada tem de teológico, filosófico ou moral, para chegar-se a um novo conceito de justiça, antes impraticável. Hoje podemos constatar como fortalecer-se com base no direito que realmente se tem, fazendo surgir-lo, quando era apenas teórico e não funcionava na prática. Entretanto, um fato nada espiritual, mas concreto, como a aquisição da força, pôde transformar a velha moral numa outra tão diversa.

A atual transformação nos faz ver como a vida tinha suas razões, quando, no passado, deixava que aquelas injustiças fossem cometidas, porque isso ocorria somente até o momento em que o fraco, sofrendo, aprendia a tornar-se forte; e o ignorante, a tornar-se mais inteligente, isto é, até o momento em que a vítima alissaje de si mesma o defeito que a tornava vulnerável. Assim a vida atingia a justiça percorrendo uma longa estrada, mas a única possível, permitida pelas condições de então. Na verdade, para livrar-se dos próprios sofrimentos, a vida obrigava os mais atrasados a fazer o esforço de evoluir, superando suas inferioridades na luta pela seleção do melhor, sendo justo essa ocorrência. Depois, nas revoluções, as vítimas se revoltassem contra os opressores, fazendo com que estes pagassem as próprias culpas, o que é também um ato de justiça. Vê-se como tudo é lógico e tem suas razões.

Cada um paga pelos seus defeitos: o fraco ou ignorante, pela sua fraqueza ou ignorância; o forte ou astuto, pelo abuso da sua vitória, e todos, indistintamente, cursando a mesma escola, alternativamente, são obrigados a evoluir como quer a Lei. Assim, cada um sofre um período, enquanto o outro goza; e goza um período enquanto o outro sofre. Na escola da Lei há lugar para todos. Esta era a única forma de justiça que se podia praticar num regime de inimizade, onde a justiça não pode ser obtida sob a forma pacífica de concordata entre companheiros, mas somente através do equilíbrio entre rivais em luta.

Por mais que se busque escondê-la sob belas teorias, esta é a realidade da vida. Vejamo-lo num outro caso, também de justiça, mas noutro sentido. Hoje nasceu um fato novo na história, isto é, um estilo de generosidade, pelo qual as classes ricas se ocupam das pobres; os povos de alto nível econômico, daqueles subdesenvolvidos. As raízes de tudo isso se encontram num outro fato também novo: é que o comunismo organizou os pobres e estes se tornaram uma força e então tornando-se fortes, têm direitos que antes não tinham e que agora o têm pelo fato de que hoje sabem fazê-los valer. Um direito não alimentado de força que lhe imponha o reconhecimento, na prática não é direito, é só um piedoso desejo, cuja satisfação depende do capricho do patrão. Hoje já se pode falar tanto de justiça social, porque existem os que estão prontos a exigir seu reconhecimento, enquanto antes ninguém se ocupava disso. Somente agora os pobres tornaram uma ameaça, e então, nas classes e nos povos abastados, nasceu o amor pelos deserdados, se ressuscitou o Evangelho. E no entanto há séculos já se falava desses deveres para todos os cristãos, mas que só excepcionalmente os praticavam. Entretanto como se podia pretender o contrário, se a parte oposta não sabia impor-se, fazendo reconhecer os próprios direitos?

Hoje o grande amor pelo pobre se tornou moda, é usado como bandeira, como se o pobre tivesse surgido só agora, como se não tivesse existido antes e não tivesse sofrido. O mundo se deu conta de sua existência somente hoje, depois que o pobre constitui um perigo, sem o que ninguém o veria. Até ontem seus direitos não existiam, seu problema não tinha importância, se hoje existe é porque se tornou o problema do rico, isto é, da sua segurança e da sua paz. Foi daí que surgiu esse novo amor, não por questão de bondade, mas de luta.

Ora, para que acobertar-se com mantos de idealismo, se essa é a realidade da vida e em tais disfarces ninguém crê? Por que insistir no velho método da astúcia, enquanto o mundo quer passar – não porque esteja melhor, mas porque está mais inteligente – ao método da sinceridade e clareza? A ingenuidade está em crer que os velhos sistemas possam ainda valer num mundo que se renova profundamente; está em crer que um determinado tipo de trajetória, constituído por um modo de pensar e de viver, se possa rapidamente corrigir só com a tomada de consciência de tudo isso. A quem conheceu a técnica desses fenômenos, explicada neste volume, poderá vir à mente esta pergunta: não será muito tarde para que uma trajetória, percorrida por tanto tempo no passado e fixada como forma mental e costume social, possa ser corrigida com tais paliativos? Não estará implícito nos equilíbrios da Lei, sendo portanto fatal, que não se poderá chegar àquela correção, senão depois de ter sofrido o choque com aquela Lei e todas as suas conseqüências?

Num regime de luta, pode surgir a dúvida de que no passado tenha sido exaltada a virtude da inocência, porque essa significava ignorância, que permite melhor dominar, ao passo que a vida quer e premia a virtude do conhecimento, necessária para vencer a luta sem cair na armadilha da astúcia humana. Com a queda, perdeu-se aquele conhecimento que vai sendo trabalhosamente reencontrado através da experimentação – e nessa conquista consiste a solução. Vimos como se procede à correção do erro devido à ignorância. Por isso a vida é um contínuo experimentar, justamente porque o seu fim é a reconquista do conhecimento. Assim se explica o instinto humano de aventurar-se em toda a sorte de experiências.

Muda então o tradicional conceito de evoluído. Ele não é um santo, um anjo, ingênuo e inexperiente, mas um ser que provou e conhece a vida, mesmo nos seus planos mais baixos, de que, porém, fez o esforço de emergir. A superioridade deve ter consciência também do seu oposto, pois, deve ser o fruto de um conhecimento adquirido pela experiência indivíduo. Assim o santo deve conhecer todas as insídias do diabo, porque, se for ingênuo, será vencido por ele. Trata-se uma guerra e o santo deve ser o mais forte e o mais preparado. O evoluído deve conhecer as conseqüências do erro por tê-lo cometido, se não quiser recair nele. Deve ter-se livrado, com seu esforço, da grande punição que o ser infligiu a si mesmo com a queda do AS, isto é, no estado de ignorância da realidade expressa pela Lei. O involuído vive em posição invertida, isto é, no engano, na ilusão que foi chamada a “Grande Maya”. Ele é cego, mas crê que vê, e assim se engana e paga. Enquanto não houver corrigido a sua posição de AS, não terá paz.

Deus entende o pensamento de Satanás mas Satanás não entende o pensamento de Deus. A evolução consiste na reabsorção do erro pela dor, do pecado pela penitência, da ignorância pela experiência, do negativo pelo positivo. A evolução é o trabalho de correção, na direção do S, isto é, Deus, da trajetória da vida invertida em direção ao AS. Isso só se obtém com uma série de tantos lançamentos de trajetórias menores quantas são as vidas, as experiências de superação e as lições a aprender. As condições são desvantajosas porque o lançamento se faz na posição de AS, isto é, emborcado para o negativo. Pelo o fato de os impulsos serem errados, há a necessária de corrigi-los um a um.

Mas vejamos agora o que está sucedendo hoje que se está realizando a passagem do segundo ao terceiro momento, isto é, do método da astúcia e do engano para aquele da sinceridade e compreensão. Vivemos numa fase de destruição dos valores do passado. Com ela não se entra mais em discussão. Quer-se apenas retirá-lo do mundo para recomeçar de zero. O castelo das velhas construções não comanda mais a crítica. Há porém o fato de que, no transformismo universal, nada pode deter definitivamente. No conflito entre as gerações, às novas, terminada a destruição, cabe-lhes a tarefa de recomeçar a reconstruir, porque não se vive no vazio e ninguém pode parar a vida. Que saberão fazer os inovadores de hoje quando, superada a fase negativa da destruição, tiverem que entrar na subsequente e positiva fase de reconstrução?

Não há dúvida de que estamos em estado de revolução. A história nos habituou com a idéia de revoluções à base de catástrofes. Esta, porém, parece uma revolução mais evoluída, que se processa diferentemente. Nem por isso se pode dizer que não seja revolução, porque o é, de uma forma mais profundas que as outras. Hoje se depõe reis e chefes que o eram, outrora, pela graça de Deus e vontade da nação, mandando-os retirar-se sem matá-los, coisa antes inconcebível. Esta forma de revolução mais civilizada parece-nos mais sadia, construtiva na ordem, e não o habitual desabafo de vinganças e de agressividade por parte dos oprimidos. Trata-se de uma revolução que aceita a destruição como um mal necessário para limpar o terreno, cuja finalidade não é negativa, mas antes positiva, porque se trata de construir num plano mais alto, de acordo com a lei da evolução. Essa forma que em nosso Ocidente civilizado é pacífica nada retira à profundidade do fenômeno, que poderíamos chamar biológico, porque é transpassado de fase evolutiva, tocando, portanto, os pontos vitais da humanidade, dirigindo-a no sentido de um mais avançado tipo de civilização. Não estamos tratando da habitual revolução de classe, o assalto dos famintos contra os abastados. É um processo que procura desenvolver a inteligência até que se compreenda que peso representa para todos tal método de vida. É, pois, uma revolução de libertação da segunda fase, liberação das falsidades, que enchem a vida de alçapões. É uma guerra contra a moral de hipocrisia, produto do passado em todos os campos, que se transformou em sistema de vida, de que tanto se aproveitou quem a usou e que tanto pesou sobre quem a sofreu. Um hábil homem de negócios dizia a filho para educá-lo: “Conviva sempre com as pessoas honestas, são as mais fáceis de serem enganadas”. Eis o que se lucrava com a honestidade.

O problema agora é reconstruir. Jamais teve tanto vigor o revisionismo como neste nosso tempo de ideologias. Os jovens precisam de quem, especializados em tais trabalhos, tenha preparado e possa apresentar um plano já completo. Têm necessidade de encontrar um filosofia já feita, positiva, com que se orientar e dirigir a ação. A hora atual não é mais de elucubrações, mas de realizações. Vivemos num momento maravilhoso da história humana, que é o de aceleração evolutiva, isto é, de um transformismo mais rápido em sentido ascensional da vida, para formas mais evoluídas. Agora sabemos que determinados conceitos novos não nascem por acaso em algumas consciências isoladas, mas que representam o reclamo das exigências do momento evolutivo, que se polariza, sobre aquelas consciências porque satisfazem uma necessidade vital, encontrando, no inconsciente coletivo o terreno adequado para vingar e frutificar. Eis que, entre tantas, nossa Obra, da qual este volume faz parte, poderia ser utilizada para esse fim. O momento é adequado. A oferta é desinteressada, e já foi feita em 1966, oficialmente, até na Câmara dos Deputados, em Brasília, ao Brasil e aos povos da América Latina. Esta Obra não nasceu hoje. Ela está completando agora, depois de quarenta anos de trabalho; tem suas raízes no passado e se projeta no futuro, do qual representa uma antecipação. Pode assim funcionar como ponte entre a segunda e a terceira fase do transformismo evolutivo. Ele não destrói, como hoje se desejaria; ao contrário, salva e utiliza do passado tudo o que é bom e que não é novo, mas alija tudo o que é mau, enquanto se amplia para frente, com conceitos novos, lucidez, sinceridade, como exigem os tempos atuais. Trata-se de conceitos revolucionários, enquadrados na ordem da Lei de Deus, exposta com lógica e demonstrada à razão através de provas.

A fim de que uma coisa se desenvolva, não basta que seja boa e bela. É necessária que seja também útil, satisfaça uma necessidade do consumidor, que só então a aceita. Tal Obra é um plano de trabalho para os reconstrutores. Ela é publicada em livros que são de domínio público. As novas gerações aí encontram, com o estilo de franqueza que desejam, a solução racional dos fundamentais problema do conhecimento. Trata-se de conceitos sadios e dinâmicos, de uma idéia que não se impõe, mas se oferece pelas vias da convicção sem agredir ninguém; uma idéia jamais negativa exclusivamente reconstrutora, deixando a outros a parte destrutiva. Trata-se de conceitos que induzem os seguidores do velho estilo a um exame de consciência, e os jovens seguidores do novo estilo a uma conquista de consciência. Os primeiros. Para que mudem o sistema diretivo, os outros, a fim de que assumam a responsabilidade de posições que querem conquistar. O mundo está farto de enganos, exploração e injustiças, de pessoas que se tornam pesadas à coletividade porque dela tomam mais do que dão, e assim a danificam, porque ainda não compreenderam quanto infortúnio causam a todos, e não somente a elas próprias. Por serem desonestas e injustas em qualquer campo, provocam as que são honestas e justas. Trata-se de

verdades positivas, separadas, calculadas nos efeitos, racionalmente controladas e suscetíveis de experimentação, verdadeiras tanto no Oriente como no Ocidente, sob qualquer religião ou ideologia, porque estão escritas nas leis da vida e, como tais, por toda a parte as vemos funcionar.

Os mais evoluídos já começam a compreender que o sistema intimidatório não resolve, e a violência provoca outro dano. Hoje se pode demonstrar a quem sabe compreender quanto aflição deve suportar pelo mal feito o mesmo indivíduo que o faz. Pode-se demonstrar que o dano recai principalmente sobre ele, que a mentira engana quem a pratica e isso automaticamente, por um jogo de forças que não se podem deter e das quais não se pode fugir. Entende-se, pois, que é estúpido aquele que pensa vencer com tais meios, porque em lugar de ganhar, como crê, perde e paga.

O novo mundo a construir deve ser, antes de tudo, sadio. Isto é o que a vida quer. Se se deseja a tão cobiçada justiça, para poder usá-la como um legítimo direito, é preciso antes praticá-la como legítimo dever. Só assim pode cessar o estado de luta que atormenta tantos. Trata-se de uma renovação de base. O problema da injustiça tem solução, mas a humanidade está ligada aos antigos hábitos. Terão as novas gerações a força de arrastá-la até à outra margem? Conseguirá o homem compreender a estupidez de querer sofrer inexoravelmente, fazendo da Terra um inferno de condenados, atormentando-se reciprocamente, enquanto tudo isso poderia ser evitado e estarem todos melhor, se fossem menos maus? Trata-se de passar da era do patrão-servo, em que se usavam os primeiros dois métodos, força ou astúcia, que se escudavam na injustiça, à era de direitos e deveres, em que se usa o terceiro método, o da sinceridade e honestidade, que se alicerça na justiça. O momento é grave e comprometedor. Trata-se de mudança de fase evolutiva, do salto de um nível biológico a outro mais alto. Quem está habituado aos velhos sistemas resiste. Mas se as novas gerações souberem ser fortes, inteligentes e honestas, haverão de consegui-lo e então poderão dizer que fundaram uma nova civilização.

IX

A RESISTÊNCIA À LEI E SUAS CONSEQÜÊNCIAS

O maior problema de nossa vida consiste nas relações que cada um estabelece com a Lei, porque é dos recíprocos contatos e choques que se seguem, que depende o próprio destino. Continuemos, pois, a aperfeiçoar as observações deste fenômeno, embora sob outros aspectos. Começemos por orientar nosso pensamento para uma diferente posição, em relação ao esquema geral que rege o funcionamento de nosso universo.

O seu centro dinâmico e conceitual é Deus. Inesgotável fonte de poder e de sabedoria, irradia-se continuamente mantendo em vida tudo o que existe, como resultado dessa permanente irradiação divina. Ele é o princípio e a primeira fonte da vida. Reciprocamente tudo gravita na direção de Deus, que se constitui não somente em centro irradiador, mas também em centro de atração universal, para o qual tende tudo o que existe. O ser, com seu impulso de rebelião, procurou separar-se e afastar-se deste centro que é o S, construindo seu anticentro no AS. Mas, assim fazendo, se isolou da fonte de sua vida e, se não quiser morrer deve voltar a ela. Eis então que o caminho de afastamento ou involução teve de inverter-se, corrigindo-se no caminho de reaproximação ou evolução que, por parte do espírito obscurecido, representa um processo de reabertura ao conhecimento perdido. No conflito entre a vontade anti-Deus do ser rebelde e a vontade de Deus, o impulso da segunda, sendo inesgotável, porque é infinita, não podia deixar de vencer o impulso da primeira vontade, naturalmente fechada num limite. Superado assim o impulso rebelde, predomina a atração para Deus, que é aquela que, não obstante todas resistências do AS, dirige o nosso universo. O grande fenômeno da evolução é devido a essa atração.

Exemplifiquemos. As águas que descem dos montes vão todas para o mar, que as espera para recolhê-las no seu seio. Mas não encontram um caminho traçado que as guie, e, no entanto, movem-se todas na mesma direção do íntimo impulso de atração. Encontrarão dificuldades, mas resolvê-las-ão. Avançarão por tentativas, explorando o desconhecido caminho a percorrer, mas sempre orientados pela certeza absoluta da presença, da meta para a qual as leva essa

atração. Eis o que significa gravitar para Deus e porque, à semelhança dos rios que vão para o mar, aquela meta final, pelo caminho da evolução, deve ser atingida, apesar do estado de ignorância do ser, das trevas em que vive, da incerteza das suas tentativas e dos obstáculos que procuram detê-lo. Agora, depois de percorrido o caminho do S até o AS, se percorre o oposto, do AS ao S.

A evolução é uma força viva em movimento, porque animada pela vontade de Deus, que exige o retorno a Ele. Mas do lado oposto, fica a vontade do ser não ainda redimido por sua evolução, e que resiste em posição anti-Lei, impulsionado por resíduos daquele primeiro impulso de revolta a continuar a por-se contra a corrente de atração que tende a levá-lo de volta a Deus. Pretendemos, neste capítulo, estudar o fenômeno dessa resistência, a sua técnica e conseqüências, observando como se comporta o ser de tipo anti-Lei e o que ocorre quando se verifica o choque com ela.

É lógico que possa acontecer tal fenômeno de resistência à atração do S, porque a revolta e a queda foram devidas a um impulso oposto, ainda não totalmente extinto nos níveis mais baixos. Assim, a evolução não é pacífica, mas se desenvolve numa luta entre dois contrários, S e AS, isto é, entre o impulso unificador do primeiro e o impulso separatista do segundo. É assim que quanto mais involuído é o indivíduo, isto é, próximo do AS de que deriva, mais ele procurará opor-se à corrente do endireitamento evolutivo, fazendo prevalecer o seu instinto de inversão. Com a sua vontade rebelde, ele se porá em posição anti-Lei, para deter-lhe o funcionamento, buscando com as próprias forças construir um dique que detenha essa corrente. Isso se verifica sobretudo na primeira das três fases do ciclo da redenção, a do erro com o lançamento da trajetória errada.

Observamos o que acontece. Os dois impulsos, um de natureza positiva, o da Lei, e outro de natureza negativa, o do indivíduo, agora em posições opostas, estão frente a frente. É lógico que isso não acontece no caso em que se siga a corrente da Lei é, por natureza, de poder ilimitado, portanto, inesgotavelmente rico de reservas. Este é o impulso do S, tão superior ao do AS, até no fato de que permaneceu vivo e atuante no íntimo deste, para dirigi-lo em direção à salvação e curá-lo por meio da evolução. O outro impulso, o anti-Lei, não é bem direcionado porque nada tem de positivo e afirmativo, mas ao contrário, é um impulso invertido, porque traz a negatividade da posição de rebelião e resistência. Enfim, não é produto de um sistema orgânico de forças, mas de elementos individuais ou de seus agrupamentos. Seu poder é, pois, limitado sujeito a exaurir-se; a resistência que o indivíduo opõe não pode ultrapassar um determinado limite. Suas reservas não são infinitas, chega o momento do cansaço e da rendição.

O que acontece então? O indivíduo que trabalha em sentido anti-Lei procura fortalecer a sua resistência contra a corrente da Lei. Constrói um dique que se manterá em pé enquanto puder, porque está do lado oposto. Mas a corrente não se detém e a água continua a forçar o dique, que gostaria de deter-lhe o curso. Mas o nível da água cresce e aumenta cada vez mais a pressão. Por mais alto e forte que seja o dique, cada vez mais se aproxima o momento da catástrofe, com a vitória da corrente, afundando e destruindo o dique. Então, o impulso da Lei, isto é, o das forças do bem, vence finalmente o impulso da anti-Lei, isto é, o das forças do mal.

O dique se rompe. Este é constituído pelo feixe de forças que formam a personalidade do indivíduo, situado contra a Lei. O romper-se significa que naquele momento ele recebe os efeitos do choque contra a Lei, quer dizer, a reação dela. Significa também que aquela personalidade se precipita, porque a corrente da Lei arrasta a sua inútil resistência. As pedras que formavam o dique são as forças que constituíam a personalidade do indivíduo rebelde. Elas não flutuam e não são levadas pela corrente, salvando-se portanto. Ao contrário, acontece quando, pelo seu peso, mergulham na Lei e são arrastadas pela sua corrente, atritando-se a cada momento contra aquele fundo pedregoso. Nisto consiste a reação da Lei, que não se detém com a queda do dique, mas prossegue com a sua função de forma educadora. As pedras continuam a rolar no fundo e assim as suas angulosidades se suavizam, elas se arredondam e podem avançar um pouco melhor obedecendo à corrente, embora penosamente nas trevas e com grandes baques. Esta é a hora da dor da expiação, da lição salutar. Com esse método mesmos os cegos vêem e os surdos ouvem. Este é um método de avanço penoso e forçoso, ao passo que o mesmo caminho poderia ser feito muito mais suavemente, flutuando na superfície da corrente.

O processo da redenção se realiza quando buscamos seguir espontaneamente a corrente, em vez de procurar resistir-lhe na pretensão de detê-la. Para aprender isso, para quem não conhece a estrutura do fenômeno e não tem a intenção de seguir-lhe o desenvolvimento, é necessário construir diques, vê-los partirem-se e depois ir para o fundo, sofrendo as conseqüências desejadas. Assim, à força de construir diques e vê-los cair, se aprende que aquele sistema é contraproducente, e deve-se abandoná-lo porque é anti-Lei, para seguir o oposto que, na condição de Lei, é muito mais vantajoso. Feita essa opção, a própria Lei funciona como ajuda, só podendo auxiliar a quem segue a sua vontade salvadora, já que é sua natureza jamais impor-se à força contra o ser rebelde. Então Deus vem ao nosso encontro para levar-nos em direção ao S.

A sabedoria do mundo consiste em construir diques com esses resultados. Este é o método dos astutos que sabem viver. O seu exagerado senso de egocentrismo os faz crer que podem fazer a Lei, enquanto estão na verdade fechados num sistema de normas que custa caro violar. Ocorre de fato que, com tal forma mental, quanto mais cremos ganhar indo contra a Lei, tanto mais nos destruímos sobrecarregando-nos de dores. Não se trata de uma abstração da realidade daquilo que vemos acontecer no mundo a cada dia. Eis qual é a estrutura do mecanismo da reação da Lei da compreensão de tais fenômenos é evidente que nasce uma nova moral, armada de sanções automáticas a que ninguém pode fugir, tenha a fé que tiver, e sobre o qual nenhuma autoridade humana tem poder. Uma moral convincente, porque redutível a um cálculo de forças. Moral alicerçada na autoridade cujos princípios todos compreendem e sobre os quais se baseia a vida.

Assim, o mundo é dividido em duas partes. De um lado, os espertos, fabricantes de diques, mas abandonados pela Lei e defendidos apenas por suas próprias forças; e do outro, os honestos, que agem de acordo com Lei, desprezados como tolos, mas defendidos por ela. Os primeiros se esforçam em construir dique gigantescos, cuja queda é, porém, desastrosas. Se fizermos o cálculo utilitário do rendimento do próprio trabalho, vemos que o tipo anti-Lei se cansa muito mais, para obter depois péssimos resultados. Entretanto, quem segue a corrente da Lei nada perde do fruto dos próprios esforços. Cada braçada que ele dá, nadando a favor da corrente, leva-o adiante no caminho da evolução, atraindo e multiplicando a seu favor tudo o que é positivo, alijando progressivamente tudo o que é negativo e lhe causaria prejuízo. Ele obtém, pois, do seu trabalho o rendimento máximo, enquanto o contrário ocorre para quem nada contra a corrente. Aquele que pretende inverter a Lei, é antes por ela invertido. O mecanismo do fenômeno processa-se de tal forma que a tentativa de inverter redundando na inversão de quem tenta fazê-lo, obrigando-se o indivíduo a restituir à Lei na mesma proporção em que tentou lesá-la. É assim que quem faz o mal fá-lo sobretudo a si mesmo, ainda que creia tê-lo feito aos outros. Quem assim procede está demonstrando o próprio egoísmo, e jamais a sua inteligência. Tudo que é negativo é perseguido pela vida, com o objetivo de eliminá-lo, e esta perseguição só terminará quando o objetivo for alcançado. Trata-se de princípios biológicos, que fazem parte das leis da vida e que estão sempre ativos em nosso mundo. Quem opõe um dique à corrente da Lei, opõe-no à corrente da vida, que ninguém pode deter.

Os dique são construídos por nós, com nossos pensamentos e obras. Estas não são feitas com pedras, mas com as forças que lançamos. Cada impulso nosso coloca em seu lugar uma pedra, lança uma força que, somando-se às outras, constrói aquela resistência que representamos com a imagem de um dique. Tanto a construção, como a queda e o choque contra a corrente, são fenômenos de caráter dinâmico e espiritual. Concebendo-os como forças, pode-se calcular o seu valor, os seus impulsos, movimentos, trajetórias, direção, potencial, tipo de estrutura etc. Todos esses fenômenos nos poderão transmitir a verdade, se submetidos a controle experimental.

O mundo nada sabe do funcionamento de tais fenômenos, no entanto os vive, cometendo contínuos erros, que depois deve pagar com contínuas dores. Por isso insistimos neste argumento, a fim de que, ao menos, alguém isolado que nos leia se salve por sua conta. De Deus, fonte infinita de forças benéficas, flui continuamente, uma corrente positiva vital que sustém tudo o que existe. O fluir dessa corrente é disciplinado por uma lei própria, que é necessário respeitar caso deseje que o fenômeno se verifique. Ora, o rebelde construtor de diques, opondo-se com a sua negatividade, pára esse fluir no seu campo de forças, de modo que, numa atmosfera de ilimitada abundância, ele se encontra na mais esqualida miséria. Ele não percebe que eleva o dique contra as forças que alimentam a sua própria vida. Deus não se nega, Ele continua sua irradiação. Mas nada

pode chegar quando se impede a corrente de entrar, fechando-lhe as portas. Abre-as, no entanto, aquele que vive segundo a Lei, e então é alimentado. Fecha-as quem vive contra a Lei, e então não passa mais nada e morre de fome. Pobre de quem interpõe um diafragma de negativismo ao fluir da positividade do S. Se quem pratica o mal soubesse o que vem depois, quando se trata de pagar, ele ficaria aterrorizado. Mas isso só compreende quem pagou e, pois, sabe o que significa pagar.

Tais afirmações parecem ser desmentidas pelo o fato de que vemos desonestos sem escrúpulos gozar impunemente do fruto de suas proezas. É preciso, porém, também reconhecer que essa sua posição não é estável, porque se mantém apenas enquanto duram as reservas de força que possui o indivíduo anti-Lei, o qual não recebe abastecimento e, pois, está como um abandonado no deserto. O jogo tem duração limitada. O que nos parece impunidade nada mais é que a momentânea riqueza do jogador que termina por perder tudo, pois se vê continuamente assediado pela Lei, que exige justiça, e, conseqüentemente, a prestação de contas e o pagamento. Trata-se de um equilíbrio instável em virtude de ser injusto e a Lei o fará desabar, porque quer a posição estável, alicerçada na justiça. Se a posição do indivíduo não é mantida por tais íntimos equilíbrios, o esforço humano a sustentará por um período, mas, ao longo do tempo, o seu vício de origem a rói e ela terminará esfacelando-se.

É preciso compreender que nossa culpabilidade anti-Lei é um diafragma que nos separa das origens de tudo o que é benéfico. É assim que os auxílios chegam à zona onde não somos culpados e nada acontece naquelas onde a culpa e a rebeldia nos deixa abandonados ao nosso livre arbítrio de revolta. Eis porque razão o nosso mundo está em poder da feroz lei animal da luta pela vida. Esta significa: cada um por si, sozinho contra todos, sem defesa além das próprias forças, e salve-se quem puder. É um regime de inferno, baseado na força, no engano, na injustiça, que só um estado de revolta anti-Lei pode ter criado, porque não se pode admitir que obra tão terrível possa ter saído das mãos de Deus. O nosso mundo representa, de fato, a reviravolta da positividade do S.

O pagamento se faz de acordo com a justiça. Em cada uma das zonas das forças e qualidades constitutivas de nossa personalidade, há uma balança estabelece até que ponto a privação deve funcionar como compensação e pagamento do respectivo abuso com que infringimos a Lei. É assim que o destino nunca atinge globalmente, mas apenas em dados pontos, poupando-nos, favorecendo-nos e até mesmo ajudar-nos em outros. É a natureza das forças com que somos construídos que atrai aquelas que nos devem depois punir ou premiar segundo a justiça. Assim, em cada ponto recebemos segundo o mérito.

Estes conceitos nos fazem compreender como funciona a Divina Providência. Esta, pelo fluir das irradiações de Deus, está sempre aberta e em ação. Mas ela só pode chegar até nós quando encontra livre o caminho. O segredo, pois, para sermos ajudados por tal Providência é o de encontrar-nos ajustados com a Lei. Para o rebelde anti-Lei, não há ajuda. Este poderá invocá-la, ter a ilusão de poder aproveitá-la, mas se não tiver agido segundo a Lei, não receberá auxílio, permanecendo abandonado às próprias forças, que terminada as ilusões chegará ao fim. Se, ao contrário, ele tiver agido segundo a Lei, esta o ajudará abundantemente. O rebelde, ao contrário, põe-se fora de sua ordem e fica excluído do seu organismo de energias positivas. Ele forma, no próprio campo de forças das zonas da negatividade, vazios antivitais que atraem forças maléficas da mesma natureza para enchê-los. Este procedimento é automático, independe da vontade e do conhecimento do indivíduo, e verifica-se todas as vezes que o livre fluir da corrente da Lei seja impedido por forças negativas lançadas pelo indivíduo, que resistem ao benéfico fluir.

A simples conclusão é que, quando somos justos, Deus nos ajuda e, para sermos ajudados, é preciso tê-lo merecido. Colocada essa premissa e encontrando-se o indivíduo nas condições ideais da justiça, o resto é fatal e automático. O universo foi construído por Deus, com perfeição feita de forças benéficas. Mas é a criatura rebelde que vira de cabeça para baixo em seu prejuízo e impede a sua chegada; é ela que, pondo-se contra a Lei, se põe contra a vida. O universo está cheio de Deus. É a nossa própria loucura que nos impede de gozar de seus benefícios.

O PROBLEMA DO KARMA E A JUSTIÇA DE DEUS

Da doutrina da reencarnação já nos ocupamos no livro *Problemas Atuais*. Restringir-nos-emos a vê-lo aqui apenas sob alguns aspectos. A seu favor há o fato de que nela crê uma boa parte da humanidade, e que tal teoria permite enquadrar e resolver muitos problemas sobre significados e finalidades da vida, de outra forma insolúveis.

Muitos temem que tudo isso não seja compatível com a ortodoxia cristã. Cristo não negou tal doutrina, tratou-a como coisa óbvia, sobre a qual não era necessário insistir. A igreja primitiva aceitou-a até o Concílio de Constantinopla, em 553 d.C. Repeliu-a depois por três votos contra dois. Orígenes, Santo Agostinho, S. Francisco de Assis a aceitaram. Para citar apenas alguns outros, sabemos que nela creram Pitágoras, Platão, Sêneca, Cícero, Goethe, Schopenhauer etc. O consenso de tais mentes não pode deixar de constituir um testemunho de verdade para tal doutrina. Nós a aceitamos plenamente, porque é a única que pode justificar, pelos argumentos da lógica, a justiça e a bondade de Deus, justificação que, de outro modo, não se conseguiria encontrar na sua criação tão cheia de males e de dores. Considerando-se o princípio evolucionista de retorno de tudo a Deus, a reencarnação se torna um fato indispensável, a fim de que essa subida se possa realizar. O próprio cristianismo é todo baseado nessa ascensão do espírito, e não se compreende como se possa realizá-la sem um longo tirocínio, que permita repelir e, desse modo, corrigir as experiências enganosas, fazendo das vidas repetidas uma escada de degraus sucessivos. É incompreensível que somente com rápido exame de uma única vida possa ser inapelavelmente, definitivamente julgado um ser que nasceu ignorante, e inocente. Não se compreende por que as mãos perfeitas de Deus originem o nascimento de seres tão imperfeitos.

Mas então por que o Cristianismo repeliu essa doutrina? A maioria que a refutou não foi muito forte: apenas três contra dois. A provável razão foi que muitas verdades não podem ser ditas e isso por motivos práticos. Somente excluindo a reencarnação, a Igreja poderá deter nas próprias mãos o monopólio absoluto e definitivo da outra vida, o poder de decidir para sempre sobre a sorte da alma. As massas ignorantes estão sempre prontas a fazer mau uso mesmo das melhores doutrinas e das maiores verdades, que, conseqüentemente devem ser-lhes sonogados. Assim, um problema de fundamental importância, como a reencarnação foi posto de lado, deixando lugar a problemas sem importância, mas que encontraram ressonância nos instintos do inconsciente coletivo, pronto a interessar-se e aderir a semelhantes temas. Referimo-nos a problemas de fundo sexual, como o da virgindade da mãe de Cristo. É que até mesmo as coisas de Deus são elaboradas na Terra pelo homem. Ele as faz a seu modo, segundo os seus instintos, seu uso e consumo. Não se pode, portanto, condenar a Igreja, porque ela não pode ser diferente do elemento humano que a compõe.

No caso da teoria da reencarnação, que interesse podia ter a Igreja de entrar em tal assunto, quando era mais fácil obter um consenso geral com a teoria da vida única que, embora absurda, permite satisfazer o humano instinto utilitário da máxima vantagem com o mínimo esforço? É mais cômodo acreditar que apenas com uma vida, que é um átimo, se asseguraria o direito a uma felicidade eterna. É verdade que com tal sistema se corre o risco de garantir um inferno eterno, mas isso faz parte do jogo em que o astuto se crê hábil, sabendo evadir-se de pena com intempestivos arrependimentos. Assim se explica como se omitiu a doutrina da reencarnação. Hoje, com a psicanálise, é fácil descobrir que ela é a íntima razão de tantos atos nossos.

Dissemos que uma das razões pelas quais a Igreja fez calar a espinhosa questão da reencarnação foi a de que certas verdades não se podem dizer pelo mau uso que as massas ignorantes estão prontas a fazer, mesmo das melhores doutrinas. O ponto que ora queremos localizar, para entender a conduta da Igreja, é, justamente o mau uso da teoria da reencarnação ou do Karma.

A realidade da vida, escondida atrás das mais belas e santas doutrinas, é que na Terra não vigora um regime de justiça, mas de egoísmo e rivalidade. É por isso que a visão do sofrimento do próximo, em lugar de provocar um sentimento de piedade e induzir a ajudar, desperta o instinto de luta que leva a ver em que sofre um vencido e, com isso, um inimigo a menos, o que é já

uma vitória, porque, cada vida alheia suprimida significa maior espaço para a própria vida. Entretanto o homem sente a vergonha desses baixos instintos que o reaproximam do animal. Por isso quer recobri-los com justificativas morais, que o autorizam a manifestá-los sem os descobrir.

Então diante daquele que sofre, comparece não o irmão que ajuda, mas o juiz que julga, dando uma explicação lógica para aquele fato pela teoria do Karma, justificando aquela dor e pondo em paz sua consciência. A posição atual não é efeito de causas situadas no passado? Basta então imaginar causas que correspondem a tal efeito, de que é consequência, e o caso está resolvido. A justiça é perfeita. A Lei automaticamente corrige com aqueles sofrimentos os erros passados. A culpa é de quem sofre. Chega-se a tal conclusão tirada de altos princípios, porque ela convém a lógica dos mais baixos instintos de luta pela sobrevivência, que querem que o fraco vencido seja eliminado.

É instinto humano pôr-se do lado do juiz que condena e não do pecador que deve pagar. Quando se encontra o sofredor – e o mundo está repleto deles – é-lhe explicado que sua dor se deve às culpas do passado. Com este juízo de culpa dos outros, satisfaz-se o próprio senso de justiça às expensas do próximo, livres do dano que cabe inteiramente ao pecador. O mesmo não ocorre quando se invertem os papéis: a pena é nossa e o próximo é o juiz que, em nome da justiça (já que o dano pertence somente a nós), nos faz notar a lógica de nosso débito. Compreende-se então a diferença entre tornar-se juiz às custas alheias e suportar quem se faz juiz às nossas custas. A luta pela vida faz com que cada um descubra a culpa no outro a fim de poder erigir-se comodamente em juiz e superá-lo, ao passo que se escondem as nossas culpas para não sermos condenados pelo mesmo sistema e pelas mesmas razões.

É esse o uso que se faz da teoria do Karma. Com isso não criticamos a teoria mas sim o mau uso que dela se pode fazer. A presença das culpas cometidas nas existências precedentes e funcionando como causa determinante dos efeitos de agora, não é matéria suscetível de observação positivamente controlável. Trata-se antes de uma suposição que, embora racional e válida como princípio geral, é muita incerta no caso particular. Conhecemos apenas uma parte do fenômeno, a fase do efeito, através da qual procuramos deduzir a fase oposta e desconhecida da causa, derivando-a por correspondência ao efeito. A culpa-causa é, pois, apenas dedução nossa. Não sabemos exatamente qual é, onde, quando, e como foi cometida. Nada de seguro como base. Ninguém pode garantir que os seus juízos correspondam a verdades. O certo é que, valendo-se de uma lógica suposição de culpa baseada na lei do Karma, se pode condenar o próximo e desse modo agravar injustamente a sua pena, aproveitando-se de seus sofrimentos para acusá-lo. Uma teoria de justiça não se pode servir-nos de instrumentos para cometermos um ato de injustiça. Mas, de qualquer modo, a culpa não é, certamente, da teoria do Karma.

Mas o caso não está encerrado. Que novos efeitos produzirá essa intervenção de novas forças inseridas no fenômeno, funcionando como novas causas, que operam no terreno dos efeitos já em ação? Ora, quem condena se inculpa. O mundo é feito de pecadores e ninguém tem o direito de jogar a primeira pedra. Assim, o Karma pode ser utilizado para lançar muitas pedras por quem não está sem pecado, piorando-se assim o próprio Karma, que exigirá depois o resgate dessa culpa.

Poder-se-ia, porém, objetar: quem é atingido deveria ser grato a quem condena, porque, quanto mais sofre, mais rapidamente resgata e com isso se libera. O pior é que quem condena é levado a atingir o culpado, tornando-se, por sua vez, culpado, ao passo que para o seu bem melhor seria que o condenado se insurgisse contra o juiz, impedindo-o de pecar e de criar um mau Karma. Quem condena deveria ser grato ao condenado por sua revolta que o salva de tristes consequências, já que, impedido de fazer o mal, não cria um mau Karma, que depois terá de pagar. Ações e reações são independentes e de todos os lados se expande o concatenamento de causas e efeitos. Eis que o complexo jogo pode produzir o errado uso da teoria da reencarnação, servindo de reforços aos argumentos daqueles que não a aceitam.

A A A

Estas simples observações levam-nos a olhar mais profundamente o funcionamento da Lei de Deus. Podemos assim enfrentar tal problema em termos sempre mais amplos. É verdadeiro o fundamental princípio de justiça, mas em nosso baixo nível evolutivo é também verdadeira a lei da luta que recompensa o mais forte, o vencedor. Trata-se de dois princípios opostos, um, pertencente ao S, outro ao AS; princípios que em nossa fase intermediária da evolução, se digladiam, disputando o campo de batalha. Vejamos então o que ocorre nesse embate.

Quanto mais me sacrifico e sofro com paciência, mas me purifico e devo, por isso, ser grato a quem me fere, uma vez que, com isso ele me faz expiar as minhas culpas e pagar meus débitos à divina justiça. Devo, então, ver nele um salutar instrumento da Lei que assim me educa, pelo fato de que me habitua, através da minha própria experiência, a unir a idéia de chicotada com o mal feito. Induz-me a não cometê-lo mais, porque agora que senti o peso do açoite, sei a que está ligado. Por outro lado, é também verdade que, quanto mais os outros me fazem sofrer para que expie e me redima, tanto mais eles ficam devendo à Lei, porque a culpa do mal praticado recai sobre aqueles que o praticaram, tornando-se estes conseqüentemente responsáveis, mesmo se a sabedoria de Deus os utiliza como justiceiros e instrumentos de expiação. Para quem faz o mal sempre há o que pagar. O fato de eu ter merecido o sofrimento que me inflige não apaga a culpa de quem o inflige, porque ninguém o obriga a perseguir o próximo autonomando-se executor da Divina Justiça. Suas razões não o isentam pelo fato de beneficiar a vítima, resultado que é independente das intenções do verdugo. Assim o mal cumpre a sua função de bem, mas de forma inconsciente, portanto sem mérito, garantindo a vantagem alheia, ao passo que o ideal do perseguidor era beneficiar-se a si próprio e prejudicar o outro.

De tudo isso se conclui que a cada santo é necessária a colaboração de um diabo. Este, com a sua perdição, se sacrifica como instrumento agressor – necessária condição daquela santidade – instrumento que funciona como resistência a vencer, prova a ser superada, a fim de que se estabeleça o triunfo do santo. Para o glorioso sacrifício de Cristo pelo bem da humanidade, era necessária a traição e a condenação de Judas, e a maldição de Deus sobre um povo até ontem chamado de deicida. Não se pode negar que estes fossem elementos necessários para a verificação do fenômeno, tanto quanto o era o sublime sacrifício de Cristo. Afim de que os mártires cristãos pudessem ganhar o paraíso, essa sua beatitude deveria ser paga com a eterna pena do inferno dos seus assassinos pagãos. A fim de que possa existir a vítima sacrificada inocente, mas destinada à eterna felicidade, é necessário o delito de quem a sacrifica, depois execrado e condenado à eterna dor. Mas, na verdade quem é a verdadeira vítima? Quem sofre durante uma curta vida o temporário martírio, mas é feliz depois para sempre ou quem, por um passageiro ato de agressão que não leva certamente à felicidade, deve depois sofrer para sempre? O que é certo é que a função santificadora, que beneficia o bom, deve, por último, ser paga pelo malvado que a executa, com a sua perdição. O verdadeiro danificado é aquele que permanece enganado, porque movido apenas por seu egoísmo, acaba trabalhando em benefício de sua vítima e em seu próprio dano. Então, quem pagou o preço da redenção da humanidade não foi Cristo, que sofreu poucas horas e logo subiu triunfante ao céu; foram, sim, Judas, os hebreus, os pagãos e todos aqueles que foram julgados responsáveis pela morte Dele, e por isso condenados ao eterno inferno. Onde esta pois a justiça de Deus?

Para eliminar essas contradições, compreender o que ocorre e resolver o caso, devemos deixar de lado a teoria do prêmio e penas eternas, e observar a realidade do fenômeno, colocando-se diante da justiça da Lei. O mérito de transformar o assalto do malvado em meio de santificação pertence ao bom, ao passo de que a culpa de querer fazer o mal fica para o malvado. É ele que se rebela, portanto é justo que pague, como também é justo o prêmio da vítima por ele sacrificada. O rebelde terá uma pena proporcional a culpa, nunca ilimitada, mas limitada segundo a justiça, tanto mais que a finalidade da Lei é educar, corrigir e não usar de inútil crueldade. Na realidade, o fenômeno tem um outro significado. Este representa uma prova para o mau, isto é, uma oportunidade de fazer o bem, que lhe é oferecida, de que ele poderia fazer bom uso, ajudando a vítima em lugar de agredi-la. O mau, porém, deixa-se vencer por seus baixos instintos e dessa oportunidade faz mau uso. Culpa limitada, mas sua. É-lhe oferecida uma possibilidade de redimir-se e ele se aproveita dela para fazer um mal ainda maior. Assim, a experimentação fracassa para ele e justamente em seu prejuízo. É justo também que a vantagem seja a favor da vítima, que soube fazer bom uso da oportunidade que lhe foi oferecida. O tolo, aquele que não sabe cuidar de seu interesse, é

o próprio mau, que se vale da bondade do bom para vencer. A sua vitória é feita de uma momentânea construção, que logo após desaba, porque é contrária a lei, orientada em sentido evolutivo. A derrota do mau favorece, em contrapartida, uma construção que permanece, porque foi feita segundo a Lei, em sentido evolutivo.

Em nosso mundo regido pela lei animal da luta pela seleção do mais forte, a bondade é entendida como fraqueza e representa uma tentação para o forte, um convite ao assalto. Mas pior para ele se crê hábil, ao valer-se da ocasião que lhe permita explorar o bom; oportunidades que lhe favorecem o uso para o bem e no entanto ele as aproveita para o mal. Podia subir e desceu. Ele podia aderir à corrente da Lei e preferiu colocar-se na anti-Lei, carregando-se de forças negativas. As conseqüências são fatais. Involuir é piorar, é caminhar para a dor. A vida quer ascender ao S, e ele insiste em retroceder para o AS. A vida quer chegar aos métodos de coexistência mais civilizados, de tipo evangélico, altruísta, colaboracionista, orgânico. E ele procura impor-se individualisticamente, com os métodos egoístas e separatistas do primitivo. A vida quer construir unidades sempre maiores, numa ordem cada vez mais complexa e compacta, e ele opta pela imposição da luta e do caos. Então a vida expelle do seu caminho ascensional esses rebeldes, que vão para os degraus mais baixos da involução do AS.

Que fenômeno se verifica, quando na Terra se encontram o bom e o mau? O primeiro, usando o método do S, perde, sofre, mas sobe; o segundo usando o método do AS, vence, frui, mas desce. Este, porém, não poderá subtrair-se ao impulso da evolução, que depois o prenderá nas suas espirais a levá-lo para cima. As experiências sempre mais dolorosas que vai encontrar na descida separá-lo-ão dos seus métodos de vida, que lhe dão frutos tão amargos, que ele tentará subir. Então à força de evoluir, ele se encontrará na Terra, no grupo dos bons. Usará, pois, os seus métodos, e seguirá o seu destino. Por obra dos outros maus emergentes do AS, caber-lhe-á fazer a mesma experiência salvadora que os bons, quando estavam no seu nível, fazendo suas vítimas.

Assim, a maré da evolução sobe, levantando uma camada de todos os seres, entre bons e maus, santos e diabos, todos interligados num processo comum de colaboração às finalidades da evolução, que os abraça a todos e os arrasta compreende-se então que o princípio da luta, que no AS é separatismo desagregador que produz caos, contém no fundo, um princípio de cooperação para atingir o mesmo fim comum: o de evoluir para a ordem. De fato a luta no AS não é senão uma ligação com o negativo, enquanto o amor, no S, é um ligar-se ao positivo. Mas a evolução impulsiona o mesmo ato da posição invertida no negativo à posição retificada no positivo. Entretanto, os seres, numa ou noutra posição, ficam sempre ligados pelo mesmo vínculo nascido do princípio originário da unidade, mesmo se no AS a revolta e a queda tiverem tentado despedaçar essa unidade no caos do separatismo.

Deste modo bons e maus, santos e diabos, funcionam todos eles como instrumentos da Lei, para a mesma finalidade evolutiva, oferecendo-se, reciprocamente, provas que devem ser superadas, tentações, oportunidades para o bem ou o mal, material experimental que cada um utiliza a seu modo, sofrendo-lhe depois as conseqüências. Se a Lei os utiliza como seus instrumentos, isso não os isenta de responsabilidade por sua livre escolha, porque a Lei oferece, mas não impõe posições. Assim, imparcialmente, todos não podem subir e redimir-se senão através da própria dor. E são eles mesmos (que a causaram com a sua própria revolta) que vêm a ferir-se como se estivessem ligados a uma condenação de recíproca perseguição, produto de desobediência da criatura; condenação que, com a experiência da dor, conduz, porém, a redenção e salvação, o que é produto de sabedoria e da bondade de Deus. Tanto os rebeldes do AS se atormentarão entre si, que acabarão por amar-se como criatura do S. Com isso, o bem triunfa sobre o mal; a ordem sobre o caos da revolta e Deus vence, sempre senhor absoluto de tudo.

XI

A FUNÇÃO DA BONDAD E AMOR DE CRISTO DIANTE DA RÍGIDA JUSTIÇA DA LEI DO PAI

Imaginamos uma família composta de Pai, mãe e muitos filhos. O pai provia tudo e representava a ordem e a justiça, a Lei. E fazia-a respeitar, porque ele era o princípio masculino da potência. A mãe, seguindo aquela ordem e apoiando-se sobre aquela potência, criava os filhos com bondade e sacrifício, em completa dedicação. Ela era o princípio do amor. Os filhos, ainda pequenos, não chegados à maturidade, ficavam em casa, confiados à mãe. Mas movidos pelos instintos rebeldes próprios da natureza humana, tentavam aproveitar-se do amor de mãe, para desobedecer às sábias ordens do pai. Porém a noite o pai voltava. Então, prestavam-se contas e a justiça tomava lugar do amor. A cada violação da ordem estabelecida pelo pai, já não respondia o amoroso perdão da mãe, com a qual, valendo-se da sua bondade, poderiam fazer o que quisessem. Mas não compreendiam quanto para eles era necessário, aquele pai de quem, de bom grado, se libertariam; necessário, porque a tudo ele provia. Não compreendiam que, se ele impunha uma ordem, assim procedia porque era necessário à vida de todos, para não terminar no caos.

Deus é o Pai com função de justiça, Cristo é a mãe com função de amor que completa a função do Pai. Ou melhor: o Pai é Deus, no seu aspecto Lei; Cristo é Deus, no seu aspecto amor. Os filhos são os cristãos, ainda crianças, protegidos como num ninho pela bondade de Cristo. Esta situação é necessária para os imaturos, que devem ficar livres para as finalidades da sua experiência, mas ignorantes dos furacões que poderiam desencadear com sua louca conduta diante da Lei de Deus. Sua natureza não deseja a ordem, mas o livre arbítrio; não deseja a obediência à Lei do Pai, mas a revolta. Ei-los então prontos para aproveitar da bondade da mãe, para fugir das rígidas ordens da lei do Pai. E que bondade, maior que a de Cristo, que se ofereceu para pagar por nós, obtendo-nos a eterna redenção? Considerando o homem como é, e as leis vigentes em nosso mundo, de que serve a alheia bondade, se não para utilizar em benefício próprio?

Há dois mil anos a humanidade procura aproveitar-se da bondade da mãe para fazer o que lhe convém. Mas chega a noite e eis que o Pai volta. Então o discurso se torna diferente. Ele usa o seu poder segundo a justiça e ao amor se substitui a Lei. Prestam-se contas e os resultados são executados. Esta é a posição atual dos filhos diante do Pai. Era tão bom depender apenas da bondade da mãe, o que permitia tantas acomodações, mas infelizmente, por trás daquela bondade, que tudo adapta e ajusta com a sua elasticidade, que ajuda e conforta, há a firme rigidez da Lei, que se volta contra o infrator quando a medida está cheia, e então golpeia inexoravelmente, porque ela não admite que a elasticidade se transforme em violação. Infelizmente, a natureza humana é levada a dirigir as coisas neste sentido, jogo perigosíssimo, devido à ignorância do real estado das coisas. Com tal forma mental age-se loucamente, enquanto tudo no universo, da matéria ao espírito, funciona enquadrado dentro de leis exatas, fixadas por uma inteligência suprema que tudo dirige com ordem. É natural então que quem se move seguindo um regime de caos num ambiente intimamente regido por uma ordem perfeita, se choque a cada passo com barreiras impostas por essa ordem, determinadas pelas normas que a regulam. É natural também que o choque provoque aquelas reações da Lei que se fazem perceber sob a forma de dor. Trata-se de leis positivas, que a ciência descobrirá e a que, no entanto, ainda que as ignorem, todos estão submetidos. Só a ingenuidade do homem infantil pode crer que é suficiente ser astuto para fraudar a Lei de Deus. Seria como se pudesse, com a astúcia, enganar a Lei da gravitação, evitando a queda quando nos lançamos no vazio. A história está cheia de catástrofes que representam a pena que se segue por reação a tantas tentativas de violação da Lei. O problema não é pertencer a esta ou àquela religião, nação ou partido, mas é de retidão. A Lei presta atenção à substância não à forma. Pela Lei nada modifica o fato de que se creia nela ou não, de que se tenha conhecimento dela ou não. A Lei funciona permanentemente para todos.

O grande erro que se cai freqüentemente e que revela o tipo invertido do AS é ter mudado a bondade de Cristo como um meio de fraudar a Lei de Deus. Não se compreendeu que, por trás do amor de Cristo, doce, cheio de compaixão, feita de sacrifício, há a ordem estabelecida por Deus, ordem feita de justiça, que exige obediência e reage a cada violação. O fato de que se tente, com a própria vontade, substituir a ordem pela desordem, demonstra em que grau de inconsciência o homem ainda se encontra. O fato de Cristo ser bom é uma outra coisa; tentar enganar a Lei é outra. A bondade de Cristo tem a sua função, mas subordinada à da disciplina estabelecida pela Lei. Ora, antepor a bondade à disciplina e substituir a primeira pela segunda é subverter a ordem, é uma

enganadora tentativa de inversão, de tipo AS. Para salvar-se, não basta apenas amar Cristo, é preciso, antes de tudo, saber funcionar, exatamente enquadrados na ordem do organismo do todo.

Todos sabem quão grande foi a bondade de Cristo. Mas sabem também como ele foi recebido na Terra e como por dois mil anos o homem respondeu àquela sua bondade, como foi aplicado seu Evangelho. Para não ser acusado de maledicência, cedo a palavra a um escritor não suspeito, o Doutor Giovanni Albanese. No seu pequeno volume *Assim disse Jesus*, editado pela Pro Civitate Cristã, Assis, 1959, aprovado pelo devido “Imprimatur” e “Nihil Obstat” da autoridade eclesiástica, esse escritor diz algumas verdades que não se poderiam dizer: (. . .) *“no mundo, tu, Cristo, és um pobre vencido, um iludido, um falido” (. . .), amaste, fizeste o bem (. . .), com que resultado? Os Teus não Te reconheceram e não Te acolheram (. . .), dedicaste-Te à Tua missão com extremo sacrifício, sem repousares. Que obtiveste? Não creram em Ti, não Te seguiram e Te repeliram. Escolheste um grupo de colaboradores com afetuoso cuidado; Te pagaram com o abandono, a fuga, a negação, a traição, e Te venderam pelo preço de um escravo (. . .), e dizes teres vencido o mundo. Os Teus adversários Te tratam como um delinqüente, Te fizeram processar, condenar, insultar pelo povo. Crucificar entre ladrões e malfeitores (. . .), e Tu afirmas que venceste o mundo. Fizeste-Te proclamar rei e a Tua coroação foi uma burla feroz; Te proclamaste filho de Deus e foste condenado como blasfemador; Te chamaste o Messias e foste julgado um sedutor da plebe; Te proclamaste o Salvador e não conseguiste salvar sequer a Ti mesmo (. . .), ainda dizes que venceste o mundo?*

Estas palavras afirmam, devidamente aprovadas pela autoridade, que Cristo, ao menos na Terra, é um falido e confirmam uma nossa asserção – defendida em outra obra – de que não foi Cristo Quem venceu o mundo, mas o mundo que, além de não se haver deixado vencer pelo Cristo, por enquanto, O tem vencido. Triste constatação que leva a terríveis deduções, que fazem parte das chamadas terríveis verdades que não se podem dizer. A falência maior de Cristo está no fato de que seu Evangelho não foi, de fato, aplicado. E se alguma tentativa de justiça social foi iniciada, deve-se isto principalmente à revolta dos deserdados. As conquistas deveram antes à força que ao amor e generosidade evangélica. Quando o amoroso convite de Cristo não funciona, então explode a Lei que irrompe nas revoluções e o Evangelho se aplica obrigatoriamente. A atuação da justiça é primeiro oferecida com o método doce de Cristo, que age com bondade. Mas quando a bondade da mãe não é ouvida, e dela se vale para desobedecer à Lei, então chega o poder do Pai que não admite que as astúcias humanas possam enganá-Lo, violando impunemente a sua Lei. Isso significa que, por trás da bondade – mesmo se esta, como diz aquele escritor, fez de um Cristo vencido – há a Lei que não pode falhar, porque ela sabe desencadear-se e vencer o mundo. Então o Cristo se retrai, desaparece o amor, prestam-se contas e, sobre a cabeça de quem se aproveitou da bondade, explode, inflexível, a sanção da justiça. Vêm as horas terríveis duras, mas necessárias, a fim de que os surdos ouçam, e a triste raça dos rebeldes que zombaram do amor seja castigada como merece, porque é delito valer-se da bondade para fugir a justiça.

O uso da liberdade concedida pela bondade, por ter violado a ordem estabelecida pela Lei, faz parte da primeira culpa de origem que gerou conseqüentemente a queda do ser do S no AS. É sempre o mesmo pecado que se repete, o de querer obter sem merecer, sem ter antes feito o esforço para ganhar. O grande sonho do ser decaído é o de destruir a Lei para deixar em seu lugar a Anti-Lei. Mas é justamente isso que revela a sua ignorância, que o faz crer numa coisa tão absurda. Ele não vê que a injustiça que gostaria de implantar, pode existir apenas temporariamente e de forma superficial. Não percebe que no fundo da Lei, o seu objetivo máximo é tenazmente perseguido, é a justiça a quem toca a última palavra e a solução definitiva. Ele não vê que dentro do AS ficou Deus imanente, isto é, a Lei do S, que dirige também o AS. Assim, não é possível fugir à Lei. Quem se mete a esperto acreditando de tal modo conseguir a felicidade sem esforço, viola a ordem, vai contra a justiça, faz o mal e assim termina, na realidade, por fazê-lo a si mesmo, colhendo ao contrário, a dor. Pode-se ser mais tolo? No entanto, é nisso que consiste grande parte da sabedoria humana. Isso nos mostra o que é o homem. O motivo é sempre o mesmo da primeira revolta: violar a ordem, agir no lugar da Lei e assim terminar emborcado a fim de pagar o mal feito. Para quem conhece o funcionamento do universo em todos os seus planos, dá para ver com quanta inconsciência se cometem os erros mais grosseiros, semeando as causas dos maiores desastres. De nada adianta advertir. Mas assim deve ser, porque não seria justo que a lição salvadora se pudesse

gratuitamente tomar da ciência alheia, enquanto a justiça quer que aquela lição não se possa aprender senão por experiência própria, através da própria dor.

Agora podemos compreender qual a função da bondade e do amor de Cristo diante da rígida justiça da Lei. Cristo é piedade e misericórdia. Ele não castiga, pelo contrário perdoa, mas quando chega a hora da Lei, Ele nada pode fazer. Então desaparece a bondade e fica apenas a justiça. Esta não é doce e elástica como o amor, mas férrea para não errar no golpe. Trata-se de duas funções diversas, ambas necessárias. Não nos desencorajemos, pois, se Cristo, como disse aquele escritor, é um falido. Se na Terra a bondade fracassa, nem por isso fracassa a justiça. A Lei sempre triunfa. Que seja possível subverter, com astúcia, a ordem de Deus, pode acreditar, na sua inconsciência, somente quem ignora a realidade dos fatos. Por trás do amor de Cristo há, inexorável, o poder absoluto de Deus, a Quem cabe a última palavra.

Felizes daqueles que sabem interpor o amor de Cristo, entre o seu erro e a rígida justiça da Lei. Então o pagamento é facilitado, prorrogando-se as quotas, tornando-as proporcionais às forças do indivíduo, sem, por isso nada subtrair à exatidão desse pagamento. Assim presta-se contas à justiça, mas as culpas são abrandadas, porque a Lei, embora não atingida na sua integridade, pode funcionar também pelos caminhos do amor e não apenas pelo da justiça. Entretanto para os que não aceitaram o método da bondade de Cristo, a ação da Lei não é doce, mas rígida e inexorável. Quanto mais amor pusermos no pagamento de nossa dívida, tanto mais a Lei se adaptará a nós, às nossas necessidades a fim de ajudar-nos, já que o nosso amor lhe permitirá tratar-nos mais docemente. Cristo é o amor da mãe que se interpõe entre a Lei e o culpado, e modera a severidade do Pai, uma vez que representa o princípio de elasticidade que acrescenta à firmeza da justiça sem violá-la, funcionando como substância que lubrifica e acaba facilitando o funcionamento da máquina da Lei. Adaptando este funcionamento à nossa vida, Cristo humaniza a concepção da Lei, para nós terrivelmente profunda. Cristo a transporta das inacessíveis alturas do absoluto até ao nosso nível, a fim de que possa melhor funcionar no caso particular de nossa vida. Diante do Pai, Cristo representa a função materna do amor, que funciona por intermédio entre a violação e a ordem estabelecida pela Lei. Assim esta, enriquecendo-se de novas qualidades, se aperfeiçoa e se completa na forma, acrescentando à dura lei de Moisés (Velho Testamento) a do Evangelho (Novo Testamento)

Tentemos compreender ainda mais o significado da presença de Cristo na Terra. Encontramo-nos diante de dois grandes dramas: 1º) O da paixão de Cristo, como representante do ideal descido à Terra para cumprir o necessário sacrifício, colocado à frente do movimento de evolução redentora da humanidade. 2º) O drama da futura paixão da humanidade com que ela deverá pagar o delito de, em lugar de aceitar tal oferta de amor, ter-se aproveitado da bondade de Cristo como de uma fraqueza do Deus-senhor, para insistir na própria revolta (AS), contra a ordem da Lei (S). trágico drama este, porque não pode desviar-se da inevitável conclusão. Eis como isso aconteceu.

Com a vinda de Cristo, o homem viu Deus humanizado naquele rosto e acreditou que este aspecto de Deus como bondade e amor, exprimisse toda a divindade, porque seu outro aspecto abstrato de Lei foge à capacidade de compreensão do homem comum. Então, como verdadeiro rebelde, rebeldia que ocasionou a primeira queda do ser, o homem, no seu inconsciente, disse de si para si: Deus, pois, é bom. Que esplêndida ocasião para aproveitar-se disso! Outro instinto não pode ter quem é cidadão do AS, crendo portanto, não na justiça, mas na força ou astúcia; não no poder da honestidade, mas no do engano. Não é esta a forma mental que nos impõe o mundo, regido pela lei da luta pela vida, no seu nível? Aqui o bom é tido como fraco, um tolo de quem se pode aproveitar. Entendendo a bondade como fraqueza, por dois mil anos, em vez de usar-se para o bem a oferta de Deus, dela se abusou como mal, já que lá estava a vítima inocente encarregada dos pagamentos diante da Lei. Cristo viu-se reduzido a pagador dos pecados alheios, quitando-se os débitos com a justiça divina e ficando-se em paz. É natural que na Terra os bons devam ser de algum modo utilizados. De outro modo de que serviriam? Existiram e existem exceções, mas são a minoria. Fala-se muito, mas esta é a dura realidade. Assim, a oração que não se baseia em fatos é uma falsa superestrutura que nada vale sozinha, porque o que conta diante de Deus são as obras e não as palavras. O mal camuflado se torna mais corrosivo do que aquilo que é escandalosamente visível.

O fato de a humanidade, por comodismo, ter-se aproveitado da bondade de Deus, que, piedosamente, toma a mão da desgraçada criatura para salvá-la, abrindo-lhe o caminho da

redenção, a fim de que ela se encaminhe, e amparada se redima com o próprio esforço e o fato de ter respondido com a mentira e a traição, como fez Judas a uma oferta de amor, conduzem ao pior pecado que se podia cometer, o jogo mais perigoso, porque leva à mais dolorosa das conseqüências: o retrocesso involutivo. Então é retirada a oferta de amor, desaparecem a bondade e a ajuda, afasta-se o Cristo intermediário, posto em defesa da miséria do culpado diante da rígida inviolabilidade da Lei. O homem se encontra sozinho e nu diante da justiça do Pai, nem Cristo poderá mais impedir que se dispare o mecanismo da reação da Lei, porque foi ultrapassado o limite suportável, e o homem tentou o absurdo, isto é, que a bondade de Deus pudesse ser utilizada ao contrário, ir contra a Lei e subverter a ordem. Como poderá acontecer isso? É oferecido o perdão e se aproveita para fazer o pior. Qual será a nossa culpa e a pena a pagar quando estivermos diante do tribunal? Então não se poderá mais invocar o amor e pedir piedade, porque as portas da misericórdia estarão fechadas. Cristo cala-se, porque chegou a hora do Pai, a hora do juízo. Quando Judas traiu Cristo com um beijo, este lhe perdoou. Mas tal perdão não pôde impedir que a culpa da traição devesse ser paga à divina justiça. Tal exemplo nos mostra os limites dos poderes do amor de Cristo como redentor diante da justiça da Lei, que permanece inviolável. Na Lei tudo é disciplinado, de modo que não pode haver conflito entre bondade e amor de um lado e justiça do outro. Se isso ocorresse, a redenção, obra do Filho, estaria em oposição à Lei, obra do Pai. Comodamente o homem entendeu como uma evasão a essa Lei, tornando-a vã, e Cristo em vez de salvador seria um violador. Amor e justiça não são senão dois modos de agir da Lei, igualmente ascendentes ao S, duas estradas para atingir o mesmo telefinalismo: Deus.

Somente Nele está o verdadeiro poder e a salvação. Mas é natural que o nosso mundo, existindo em posição invertida e vendo tudo através de tal perspectiva, creia no contrário. Assim ele não compreende que a maior força está na fusão com a Lei, na conduta retilínea pautada por ela, e que fraco e vencido é o astuto, e não o homem bom e justo, como freqüentemente se crê. Aquele, cego pelo orgulho, crê no absurdo de que se possa ser tão hábil a ponto de saber fraudar a Lei, e é tão tolo que lhe provoca a reação em seu próprio prejuízo. O não saber compreender uma coisa tão simples custa a muitos seres uma incalculável soma de dores, merecidas, porque tal ignorância e incapacidade para compreender é o efeito da queda no AS.

A realidade é diversa. Vivemos num universo regido por um organismo de leis também espirituais, que lhe regulam cada movimento. Tudo funcionaria perfeitamente, mesmo para nós, se soubéssemos mover-nos segundo a ordem estabelecida. Mas, inconscientes dessa ordem, usamos nossa liberdade para violá-la a cada passo. Chocamo-nos, pois, contra mil forças e provocamos a sua reação, para nós significando dor. Cremos que se possa obter o que desejamos, transigindo com todos os meios. Grande cegueira a nossa! Só é válido o método de recebermos segundo a justiça, sem a qual nada se obtém. Porque nos movemos em direção errada, os nossos planos falham, os nossos esforços são vãos, produzindo resultados contrários. Ilude-nos a vantagem imediata, mas tal resultado é momentâneo. Abusa-se do princípio do mínimo esforço e do jogo de atalhos que parecem facilitar o sucesso, métodos que nos atraem, mas depois se resolvem, invariavelmente em traição.

Uma outra afirmação que fizemos e o mundo não compreende é que, por trás do amor e da bondade de Cristo, está a rígida justiça de Deus, e é inútil tentar aproveitar-se daquele amor e bondade para violar a justiça. Esta é inviolável e o fim daquele amor e bondade é o de ajudar-nos a cumprir aquela Lei e não um meio de nos valermos dela para desobedecer-lhe. A estrutura sólida que rege o universo é a Lei, isto é, o pensamento e a vontade de Deus. A última palavra, a decisão final é reservada a essa Lei. Por trás da doçura, há a solidez e por isso é inútil tentar usar a primeira para fugir da segunda. O homem não compreendeu e faz erradas tentativas. Que imensa oportunidade lhe tinha sido oferecida, e ele não a teria perdido, se a tivesse utilizado no devido sentido, afim de redimir-se com o próprio esforço, em vez de tentar acomodar-se, crendo que pudesse ser gratuitamente redimido pelo sacrifício de Cristo! Poucos O tomaram seriamente. O homem não entendeu que não se pode evoluir através de outrem, nem jogar sobre os ombros alheios a merecida fadiga de ir do AS ao S. Mas, como isso era cômodo, ele iludiu-se com a sua possibilidade. Uma redenção gratuita seria uma violação da justiça do Pai. O amor não pode violar a ordem da Lei. Se a Lei fosse observada, a ajuda teria se multiplicado em proporção à nossa boa vontade e nosso esforço. Buscando, ao contrário, torcer a Lei, secaram as fontes da ajuda divina. E

pode ser que tenha chegado a hora em que o amor e a bondade se retraiam, ficando apenas a rígida justiça de Deus.

Poder-se-ia objetar: mas se o mundo não compreende, bastaria explicar-lhe. Inútil. Para compreender é necessário ter a forma mental adequada e a do mundo está emborcada, levada, pois, a conceber e entender tudo segundo uma perspectiva deformada. O que quer que se diga, é tudo deturpado pela mente humana, que representa o órgão de julgamento, o único meio de compreensão que se tem à disposição. Nisso está a fatalidade do destino, que exprime a inexorabilidade da Lei, e, assim, fecha as portas a toda a possibilidade de evasão. Ninguém pode reagir diversamente da própria natureza e, quando chega o golpe, é inevitável que caiam as máscaras, mostrando-se o ser tal como realmente é. É assim que, no momento do perigo, o louco fica mais louco, o ladrão mais ladrão, o viciado mais viciado; em contrapartida, o bom revela a sua bondade e o inteligente a sua inteligência. Desse modo, quem está contorcido, quando se acha em apuros, se torce ainda mais, quem está na descida acelera a sua corrida para a perdição.

Isso ocorre porque se trata não de uma intervenção do exterior, por parte de seres ou forças estranhas ao fenômeno. A Lei não intervém para premiar ou punir. Trata-se de forças inseridas no próprio fenômeno, fazendo parte da sua própria estrutura e funcionamento o fato de que estas forças, automaticamente, se ponham a funcionar segundo os impulsos que o ser livremente pôs em movimento. A Lei é tão engenhosa que o indivíduo, queira ou não, saiba ou não, nela está imersa como um peixe no mar, e é obrigado, a produzir, faça o movimento que fizer, efeitos que recaem sobre si mesmo, de modo que automaticamente quem faz o mal por si se autocastiga e quem faz o bem se autopremia. Definidas as premissas, as conseqüências são para ele fatais.

Daí se conclui que a Lei se realiza sempre, toda e inteira, seja qual for o movimento que o ser faça e a posição que queira assumir. Assim ele é livre, mas ai dele se violar a ordem que sempre permanece. Em substância, ele é livre somente para escolher e semear aquilo que deseja, mas nunca para fixar a causa dos efeitos que depois devesse sofrer. Se se explicam essas coisas ao homem comum, responderá ele que não lhe interessam, e não compreenderá que elas representam a técnica do navegante, necessária para atravessar o mar da vida. Assim ninguém se preocupa em dirigir a própria rota, crendo-se mais lógico deixar o leme a deriva sobre as ondas.

Há, porém, o fato de que mesmo ignorando tudo isso, o homem rebelde está fechado dentro da Lei que não permite evasão, e o reconduz duramente à ordem, fazendo-o para seu próprio bem. A Lei é por natureza, positiva, isto é, construtiva, e por isso tende sempre à salvação. Assim, embora seja rigidamente justa, enquanto justa é implicitamente boa e benéfica. Aparentando punir, no fundo, educa, reordena a desordem, põe o bem no lugar do mal, leva ao S, isto é, à alegria e à vida, e afasta do AS, isto é, da dor e da morte.

Esta sua finalidade a Lei a atinge sempre e a possibilidade de evadir-se é apenas uma das tantas ilusões humanas. Diante dela o homem pode assumir três posições, mas, qualquer que tenha sido a escolha, não poderá evitar a correspondente reação. A primeira posição é a do indivíduo honesto que, sem evasões, segue a Lei. A segunda posição é a do pecador que violou, mas se arrependeu e se dispõe, com boa vontade, a pagar o seu débito à Divina Justiça, ajudado pelo amor de Cristo. E, finalmente, a posição do pecador impenitente, decididamente rebelde, que tenta enganar a Lei, valendo-se da bondade de Cristo. Este é reenviado ao terreno da Justiça, diante da qual será obrigado a pagar inexoravelmente toda a sua dívida. Nos três casos, qualquer que seja a posição que o homem quiser tomar, a Lei será sempre aplicada em plenitude e sem falhas. No primeiro caso, isso ocorre sem esforço, por espontânea adesão, sem erros e reações. No segundo caso, penosamente, mas com retidão, isto é, o erro receberá da Lei uma reação moderada pela ajuda do amor. No terceiro caso, tudo ocorre à força, por constrangimento, por rígida coação da Lei, até que o erro seja todo pago. No primeiro caso, nada há a pagar. No segundo, paga-se por amor. E no terceiro, deve-se pagar à força. Mas em todos os casos é sempre a ordem e a justiça da Lei que triunfa.

XII

O HOMEM DIANTE DA LEI

Tudo o que existe é um fenômeno em movimento, dirigido por uma Lei que, distinguindo-se em tantas modificações particulares orienta os movimentos de todos os fenômenos. Esta Lei constitui o código que regula o seu contínuo transformar-se. Pelo fato de representar uma inteligência e uma vontade de ação realizadora, podemos concebê-la como uma manifestação da personalidade de Deus transcendente que deste modo se manifesta imanente nas formas de nosso universo, cujo funcionamento depende daquela Lei que estabelece as normas, segundo as quais o processo do existir se deve desenvolver. Ela abarca também a conduta humana, através da qual fixa uma espécie de trilhos, ao longo dos quais deve atuar. Há, pois, inserido na vida, para além de todo separatismo religioso, um único regulamento de estrada, igual para todos, segundo o qual se deve desenvolver o tráfego, seguindo uma ordem pré-estabelecida. Assim é traçada a via a percorrer, a da evolução do AS para o S, e, como ocorre com as normas do trânsito, tudo é disciplinado a fim de que não haja desastres.

Enquadrado em tal rede de regulamentos, o ser permanece livre nos seus movimentos, gozando de plena autonomia e não como uma peça passiva na mecânica universal. Esse livre arbítrio facultava-lhe a possibilidade de erros violando a Lei. Como evitar que a liberdade transforme a ordem em caos? Este perigo é tanto mais grave não só pelo fato de a natureza rebelde do homem filha do AS, levá-lo a impor-se à Lei, como também pelo fato de que conhece pouco o regulamento da estrada, razão pela qual o transgredir a cada passo. Podem-se imaginar as conseqüências de tais métodos, que acarretam movimentos desordenados em a um tráfego intenso. Isso é o que está ocorrendo em nosso mundo.

Que se passa então? Temos batidas, lutas, processos, danos a pagar e questões similares. Eis os efeitos da desordem. Pode-se violar a Lei, mas ninguém se pode furtar às conseqüências, proporcionais à violação. Tudo isso funciona como corretivo e tem a finalidade de reconduzir o violador às normas e aos limites do regulamento. O dano que ele sofre ensina-o a não mais transgredir a Lei. Esta, com as suas sanções impostas aos violadores é também mestre que ensina, porque age não apenas para manter a ordem entre os que obedecem, mas também para reconduzir à ordem os desobedientes. É assim que, às próprias custas, aprendem a conhecer a Lei, a saber usar a própria liberdade com conhecimento e responsabilidade. Depois, não ocorrendo novos danos, não há conseqüências a pagar. Tudo corre bem quando o ser sabe mover-se disciplinadamente. É que na Lei, ao erro está automaticamente ligada a sua correção, e com isso a eliminação dos males a que cada erro conduz. Isso mostra a sabedoria de quem instituiu tal Lei, e prova-nos que a finalidade da dor, não é a vingança nem a punição, mas a de ensinar, para não repetir o erro e assim evitar o próprio dano a fim de seguir na direção do bem e da própria felicidade.

A Lei é como um trilho sobre o qual a vida caminha e que estabelece para cada movimento a estrada correta a seguir. Quando se sai dela ocorre um enguiço no funcionamento, percebido sob a forma de dor, a sensação que nos adverte da presença desse desajuste. Basta evitá-lo bem como se deve evitar o erro que o produz, para que se evite a dor. Constatamos este fato também em nosso organismo. Cada ser existe dentro de uma forma, como cada fenômeno é individuado por um dado tipo de transformismo. Esta forma ou tipo é o veículo por meio do qual o ser e o fenômeno desenvolvem a sua atividade. Esse veículo é um meio para alcançar esse fim, que representa um enquadramento obrigatório na ordem. Cada veículo é diferente, expressa um determinado modo de existir, correspondente a uma determinada ordem particular. Mas a Lei responsável pela ordem é igual para todos.

Esta ordem da Lei são os trilhos da existência. Esses trilhos permitem a oscilação, conseqüência da liberdade do ser, necessária também para seguir a escola da sua experimentação. Funcionam como se fossem trilhos elásticos para permitir os deslocamentos colaterais. Mas elasticidade não significa violabilidade da Lei, isto é, definitiva saída do reto caminho. significa ao contrário, maior impulso de atração de retorno para a justa posição desse caminho, quanto mais o ser dele se afaste. É assim que, quanto mais se erra, tanto mais se é corrigido e tanto mais se aprende a não errar, porque quanto maior o afastamento da Lei, mais se obrigado a voltar a ela e a ficar-lhe ligado. Assim, a ordem num certo sentido, é violável, mas tende automaticamente a reconstituir-se. A Lei é um fato verdadeiro, real, continuamente em funcionamento, sempre atuante.

Podemos exprimir-nos também com uma imagem. O trabalho do homem que atravessa a vida pode ser comparado ao daquele que, entre duas paredes, ao longo de um corredor, aprendesse a andar de bicicleta. Não sabendo ainda equilibrar-se. No meio da estrada está assinalado o caminho correto a seguir, mas o ciclista inexperiente ora vai para um lado ora para outro. Assim ele vai bater de um lado, cai, se machuca, mas aprende a não jogar-se mais para aquele lado. Então fortalecido por essa experiência, evita repeti-la, mas se deixa ir para o lado oposto, de novo cai e se machuca, mais aprende a não jogar-se mais também para aquele lado. Batendo e tornando a bater, caindo e sofrendo, o ciclista com essa técnica educativa aprende a não chocar-se com as paredes laterais que fazem seu caminho e manter-se na justa via a seguir, assinalada no meio da estrada: o caminho da Lei.

Substancialmente, esta Lei representa a presença de Deus e, sem aparecer, deixa o ser enquadrado num sistema de forças, que, por ações e reações, o obrigam a transformar por si mesmo – queira ou não, tenha ou não consciência disso – o erro na sua correção, o mal em bem, a dor em felicidade. Esse processo de cura de todo o mal existente é a grande obra de Deus dirigida a reconduzir o ser do AS ao estado de S, e se desenvolve por concatenação de momentos sucessivos, segundo a lei de causa e efeito, isto é, de golpes e contragolpes, uns como conseqüência dos outros. Nessa concatenação, a correção do erro não é instantânea, mas uma vez semeado o mal, inicia-se o ciclo que o leva a produzir seus tristes frutos. Inicia-se a trajetória do seu desenvolvimento, que pela velocidade adquirida, resiste e não se apaga até que não tenha sido exaurida nos seus efeitos corrigida por um impulso contrário. É assim que a humanidade arrasta, por milênios, os seus pecados, antes de conseguir digeri-los e livrar-se deles. Muitas vezes é necessário um tempo longuíssimo antes de poder neutralizar os erros cometidos contra a Lei, e pode-se imaginar a natureza desses erros cometidos por um ser situado nos antípodas dela, isto é, no AS.

Para explicar melhor, tentemos concretizar, focalizando o problema de um caso particular, a título de exemplo. O eterno antagonismo entre ricos e pobres deriva do fato de que a coexistência foi assentada desde o princípio, em posição invertida (AS). o pecado de origem deveu-se ao fato de que a convivência não se baseou na recíproca compreensão e acordo, mas no egoísmo e, portanto, na luta e no atrito. Assim, ricos e pobres, em lugar de se ajudarem e se entenderem, buscaram organizar-se em dois grupos, um contra o outro. Porque assim se dividiram, foram lançados em caminhos opostos, iniciaram duas trajetórias divergentes, tendendo a resolver-se não através da colaboração, já que com o triunfo de uma só se conseguia com o arrasamento de outra. Aplicando ambos o mesmo princípio do “Tudo para si” o rico procurou subjugar o pobre, e o pobre, sempre que lhe foi possível, vingou-se do rico.

Os dois têm as suas culpas e, se se quiser ser imparcial, é necessário reconhecê-la em ambas as partes. Suas trajetórias já foram lançadas nessa direção. Em lugar de tentar remediar o mal, os ricos, detentores do poder e da cultura, tinham o dever de assumir a iniciativa de corrigi-lo. Entretanto o rico buscou escondê-lo, a fim de que não fosse percebido e pudesse impunemente, continuar a gozar as vantagens de sua riqueza. Para estar de acordo com o Evangelho e salvar a alma, o rico inventou o sistema da esmola, que deixa o pobre tal qual é, à mercê da beneficência do rico, sem uma educação para trabalhar e produzir, mantendo-o como seu servo, sem direitos nem independência. O sistema de caridade e beneficência paternalística de fato é muito conveniente para o rico, porque enquanto implica na superioridade e magnanimidade de quem é generoso, satisfaz o seu orgulho, sem impor-lhe qualquer laço, porque o deixa livre para distribuir benefícios segundo seu capricho. Entretanto, aquele que recebe, fica sendo devedor e obrigado a gratidão. Com esse estratagema foi encontrada a forma de escapar, salvando-se as aparências, dos próprios deveres, parecendo justos sem fazer sacrifícios. Por sua vez, o pobre tem respondido curvando-se moralmente, com a inércia de quem se habituou a mendigar, com a multiplicação demográfica levando ao assalto, por força de brutal massa de carne. Agora, porém cada um dos dois grupos já se lançou ao longo de sua trajetória.

Para deter-se e mudar de itinerário seria preciso anular toda a velocidade, fazer marcha à ré e iniciar uma outra trajetória. Seria necessário destruir as antigas posições, efeitos das causas já assentadas, e semear novas causas diferentes. Quando se cometeu um erro e se insistiu nele, as conseqüências não se desfazem facilmente, porque já se formou a relação causa-efeito, que, como uma cadeia em que cada anel se liga ao outro, vai sempre gerando novos anéis. É

preciso desfazer o emaranhado, neutralizar o impulso, reabsorvendo todo o mal feito e substituindo-o com criações de tipo contrário. A experimentação mal dirigida foi assimilada pelo inconsciente, fixando na personalidade qualidades maléficas. Por isso se vê quanto em tais casos é longo e cansativo o caminho da recuperação. O desenvolvimento da evolução é um gigantesco trabalho de reconstrução, devido ao maior erro do passado, o da revolta, que originou a queda no AS.

É fundamental o conhecimento desta Lei, que é o próprio Deus, e que preside o desenvolvimento de nossa vida. Segui-la representa a nossa salvação. Violá-la é a nossa perdição. Ela é o código do funcionamento orgânico do universo, disciplinadora da matéria ao espírito. Como todo transformismo fenomênico que constitui a evolução, define o caminho de retorno que vai do AS ao S. a Lei não é coercitiva. Mas respeitando, embora, a liberdade do ser, ela o persegue, expulsando-o, através da dor, do AS e atraindo-o, através da alegria, para o S. age, pois, indiretamente. A evolução não é uma realização ociosa, mas uma vontade obstinada, uma tendência constante a realizar-se. Se a liberdade do ser lhe opõe obstáculos, ela espera, circunscrevendo-os, contorna-os para superá-los. Se é paciente e elástica, nem por isso é menos decidida no seu impulso para o alto. Conhecemos tão pouco esta Lei que não a levamos em consideração. E não obstante, ela funciona a cada instante, sem jamais parar, sempre presente à nossa volta, dentro de nós, para todos. Respiramo-la, devemos vivê-la, porque essa é a nossa vida, dela somos feitos, ela é Deus. Funciona em todo lugar, até nas mais longínquas galáxias, do cosmo ao átomo, da matéria ao espírito, em todas as dimensões do ser, mesmo nas profundezas do inferno, no AS como no S, sempre ativa, lógica, boa, justa, para tudo sarar e reconduzir do caos à ordem, do mal ao bem, da dor à alegria, do ódio ao amor.

A Lei funciona em todas as possíveis posições do ser, em alturas ou níveis de evolução que vão do AS ao S. mas ela é diversa em cada ponto, embora permanecendo sem contradição, sempre verdadeira e sempre a mesma para todos. Permanece justa quando funciona no nível animal, tanto quanto no nível angélico, sempre em proporção à natureza do indivíduo, à sua sensibilidade, compreensão, necessidade evolutiva, a tudo isso adaptando-se para atingir seus fins. São as qualidades do ser que estabelecem a forma em que a Lei se manifesta. Esta sabe responder a todas as chamadas com a mesma linguagem; sabe tomar todas as posições segundo a situação do ser dentro dela. Vemos, dessa forma, permanecer a mesma, igual para todos, funcionar diversamente para o justo e o injusto, o evoluído e o involuído, o santo e o delinqüente, o anjo e a besta. Quem inicia os movimentos é o ser, usando a sua liberdade. A Lei simplesmente responde, como se continuasse o mesmo movimento, mas assumindo-lhe a direção que se transfere então para suas mãos. Assim ele passa da sua livre fase de causa à fase determinística do efeito. Ocorre que a Lei se comporta diante do indivíduo segundo a sua natureza e posição evolutiva. É ele quem, com o seu tipo de ação, aciona o julgamento da Lei, provocando uma correspondente reação. E a Lei, que as contém todas, devolve ao ser a reação correspondente à ação que a provocou.

Esta Lei representa o S, que a revolta não pôde destruir, é a presença de Deus no AS. mas já vimos que o instinto do homem (AS) é o do rebelde que o leva a tentar enganar a Lei, para tomar o seu lugar (S). Então esta lhe paga com a mesma moeda, isto é, fazendo retornar sobre ela a mesma fraude com tentou violá-la. Mas a Lei não frauda ninguém. Ela apenas restitui o que recebeu, razão pela qual o que lhe foi lançado é repellido e devolvido ao emissor. Eis porque a vida é cheia de enganos e ilusões. É o homem que as fabrica e não a Lei. Conforme o que se semeia, que mais se pode colher? Quando não pode valer da astúcia, o homem tenta fugir da Lei pela inércia. Ele é levado a estabilizar, de forma hereditária, as suas posições de vantagem, transformando-as em instituições protegidas pelas leis. Mas nem esta escapatória serve. A Lei deseja a evolução, retirando os preguiçosos da sua inércia, provocando o movimento, desencadeando o assalto de quem está faminto contra as posições conquistadas, como ocorre nas revoluções. Quando a vida é carregada de excessivas superestruturas contra a Lei, esta explode e as destrói. Quando o ciclo de uma instituição, ou religião, ou civilização é exaurido, a Lei o faz cair e inicia um outro, a fim de que aquele cumpra a sua função.

Funcionando a justiça: a fraude trai o fraudador; a inércia não é uma estratégia que consiga eximir ninguém da contingência de ter que mover-se, e ao homem cabe o dever de mover-se, isto é, de evoluir, que é livre para fazê-lo como quiser. Mas ele é ignorante diante da Lei e comete, pois, contínuos erros, contraindo dívidas que deverão ser resgatadas.

Conseqüentemente, o homem, estando enquadrado na Lei, embora livre e ignorante, tem de acabar seguindo-a e aprender a conhecê-la, se quiser evitar todas as dores atraídas com os seus erros. O fato de que cada erro se paga, obriga-o a desenvolver a inteligência até chegar a compreensão da Lei. É exatamente o que hoje está fazendo a mente humana com as descobertas científicas, com a conquista da ordem moral e social, com o progresso da civilização em todos os campos. Cada conquista significa uma diminuição de erros e, pois, de dores. Assim se vai do AS para o S e a compreensão da Lei se resolve na compreensão de Deus.

Todo o universo avança fatalmente para Ele. Poder-se-á negar o Deus antropomórfico das religiões, mas não pode negar a evidente presença de um Deus como aqui O concebemos. Como fugir-Lhe? Caso se tente enganá-Lo, engana-se a si mesmo; se se resiste inerte a sua atração, essa nos obriga a avançar; se não O conhecemos, temos de pagar com a nossa dor os erros de nossa ignorância. Tudo o que existe está compreendido na ordem da Lei. Ela dirige todos os movimentos, dos astros e planetas aos elementos do átomo, dirige o desenvolvimento da vida e dos destinos, canalizando cada fenômeno para uma inconfundível linha de desenvolvimento, que o individualiza diante de todos os outros. Os fenômenos são infinitos e as respectivas linhas de desenvolvimento são enquadradas nas dimensões de espaço e tempo, ao longo de uma ilimitada concatenação de causas e efeitos. Dentro da grande Lei, cada fenômeno obedece a uma lei particular que Lhe define a trajetória, estabelece os limites e disciplina os movimentos. O desenvolver-se de todas essas trajetórias segue uma ordem suprema, que permanece inabalável mesmo diante dos núcleos de desordem que aquela ordem circunscreve, isola e corrige. Cada uma dessas trajetórias se enreda com as outras sem perder-se, repercute e ecoa, sem no entanto, confundir-se com elas. Tudo é livre, mas guiado; autônomo, mas interdependente; individualizado e definido por si mesmo, mas colocado no seu lugar, na devida posição dentro da ordem universal e em função dela.

A Lei está em tudo o que existe, como princípio que anima as formas por meio das quais ele se torna manifesto. Este princípio é a sua vida, porque estabelece o nascimento, o desenvolvimento, o fim daquelas formas, para depois reproduzi-las e cumprir o ciclo de tipo estabelecido para cada uma delas, seguindo um determinado ritmo de desenvolvimento no tempo. A Lei não é um código morto escrito, mas uma corrente viva e pensante, sempre em ação, funcionando no íntimo de tudo o que existe no incessante processo do seu desenvolvimento. Tudo isso, se se expande em uma infinita multiplicação de ramos particulares, deriva, no entanto, do tronco de um conceito único extremamente complexo e regido por um princípio simples de base. Pode-se assim subir da periferia ao centro, onde, além do imensamente múltiplo, se encontra o uno que o rege. A maravilha não está, porém, só em encontrar a simplicidade no fundo da complexidade, mas sim no fato de que a multiplicidade constitui um grande organismo, que a mente de Deus pensou e assim criou o que agora move, constituindo-se no espírito animador e no impulso salvador que alimenta e reconstrói em cada instante da vida. Essa mente tudo sabe, em tudo tem a capacidade e o poder de atuar e trabalhar continuamente, em sentido construtivo. Este é o Deus que a ciência não poderá deixar de descobrir com as suas pesquisas, o conceito que Dele uma humanidade mais iluminada haverá de ter.



O mundo está mergulhado na ilusão, longe da compreensão da realidade, embora até isso se explique e se justifique. O problema da dor é problema de ignorância da Lei porque é esta ignorância que leva ao erro e este à dor. No S conhece a Lei, portanto, não comete erros, não existe, pois, a dor. Com a revolta e a queda, o ser perdeu o conhecimento, desse modo se autopuniu, porque se tornou cego, e sem a visão para orientar-se, vai sempre chocando-se com a Lei, determinando assim as contínuas reações e contínuas dores. O jogo é simples e evidente, mas os seres com os olhos vedados não o percebem. Disso surge a necessidade de trabalhosamente reconquistar o conhecimento com a evolução. Através de uma longa experimentação, que diante da vida se poderia comparar ao método primitivo do tato, de que se valem os cegos para chegar a conhecer o mundo. É triste, mas para os cegos não há outro método. De resto, o ser se colocou por seu livre arbítrio em tais condições, e se quis cair com a involução, é justo, portanto, que Lhe caiba

agora a obra de reconstrução com a evolução. Ele não compreendera que revoltar-se contra Deus não era aumento de vida, mas suicídio, erro que continua a repetir a cada passo. É loucura buscar a vida que está em Deus, na morte, como faz aquele que de Deus se afasta, opondo-se à Lei, em lugar de unir-se a ela. Ninguém pode deslocar estes princípios fundamentais da existência.

Com a queda o conhecimento se afundou no inconsciente em que ficou latente e de que é desenterrado através da experimentação da vida feita de erros e dores. No inconsciente vão-se armazenando as novas experiências, assimiladas à personalidade sob a forma de novas qualidades adquiridas, que assim a enriquecem e desenvolvem. A zona do consciente é a do trabalho que leva à novas aquisições. Quando o ser começa a funcionar no superconsciente, então ele está superando o método cognitivo do tato e então de novo florescendo nele as perdidas funções da vista, que é outro tipo de instrumento para o conhecimento.

Dessa forma o conhecimento, soterrado no inconsciente, se faz através de três fases de progressiva conquista do conhecimento e consciência; 1º) o subconsciente que representa a parte mais baixa do consciente, onde estão armazenadas as experiências já vividas, embora do tipo animal; 2º) o consciente, que representa a parte ativa de experimentação e aquisição de novas qualidades mais evoluídas de tipo humano, a nível de vida atual; 3º) o superconsciente projetado para atividades futuras e dirigido a realizações hoje imaginadas sob a forma de ideais. Todos os seres, porém, no degrau evolutivo que atingiram, estão empenhados, de acordo com o nível e grau de desenvolvimento, nessas reconstruções de consciência. Cada forma de existir representa um determinado plano de evolução conseguida, isto é, um dado grau de reconstrução realizada, do reino mineral ao vegetal, ao animal, ao humano e ao super-humano. Cada vida se eleva no substrato das suas experiências passadas vividas nos planos mais baixos; tem dela, no íntimo, o fruto que constitui a sua sabedoria, isto é, a sua emersão do inconsciente e conquista da consciência na subida do AS para o S. É por estas razões que o homem guarda consigo a sabedoria da vida mineral, vegetal, animal, através das quais se reconstruiu até à sua atual fase humana; e agora, percorrendo-a, prepara-se para a super-humana que entrevê na luz do ideal longínquo.

Estas observações nos permite melhor compreender o fenômeno da evolução que deverá ser completamente percorrido em toda a sua extensão, em todos os seus particulares, a fim de que a reconstrução seja completa em cada ponto. Tijolo por tijolo devemos construir a casa derrubada. A montanha do Sistema, dos lugares mais baixos do AS, é toda escalada com as nossas pernas e a nossa fadiga. Daí se concluem que são improdutivas as atitudes ascéticas, tentativas de encurtar as distâncias, assaltos contra a própria natureza inferior a fim de queimar etapas. O ascetismo só é válido quando se trata da última etapa de uma longa maturação interior, quando não mais se admitem formas improvisadas. É preciso fazer todo o caminho. Não é possível atingir subitamente a zona do ideal sem ter antes vivido as experiências terrestres necessárias à maturidade. Se a vida é um escola, porque nela, naturalmente, nos exercitamos. É preciso compreender que não se pode chegar ao espírito simplesmente jogando fora a matéria, como se tratasse apenas de uma superestrutura postiça. Mas desta matéria somos feitos em grande parte, ela ainda está na base de nossa natureza, ela é o ponto de que partimos no caminho do retorno, e é ainda o centro de atração de nossa vida. É ingenuidade pensar que nos podemos livrar facilmente dela. Tomamos então uma atitude de antagonismo em relação a ela e no santo zelo de ascender, nós a agredimos como a um inimigo. Mas, se somos feitos de matéria, matando-a, matamo-nos a nós mesmos. É assim que um arremesso para a santidade pode assemelhar-se a uma tentativa de suicídio.

Não podemos matar a matéria que está em nós sem ir contra a vida, o que significa ir contra a Lei de Deus. Tal matéria não morre, deve ser transformada. O trabalho da evolução consiste exatamente nesta transformação. Tarefa dura, lenta, imensa. O trabalho do ser é o de reconduzir ao estado de S, todo AS pelo qual ele mesmo optou. Em outras palavras, seu trabalho será espiritualizar o universo decaído, reconduzindo-o ao estado original. Se esta é a tarefa do ser, se esta também é a estrada que a Lei traçou para a evolução, tentar evadir-se dela é o mesmo que traí-la. E no entanto este é um erro no qual o ser – que se tornou ignorante por causa da queda – tende a cair com frequência, devendo sofrer, portanto, as conseqüências de cada um de seus erros.

Na ascensão evolutiva, a Lei não admite fugas fáceis do cumprimento do dever que nos compete. A estrada está toda traçada passo por passo, o progresso é um fenômeno

vasto e complexo e não pode ser feito de forma unilateral. Contribuem para ele todas as várias espécies de atividade humana, são todas interdependentes sem que nenhuma possa se isolar da outra. O progresso espiritual está ligado ao intelectual, econômico, científico, técnico, político etc. Cada passo adiante em qualquer ramo leva sempre ao S. é preciso compreender que o S não é uma espiritual abstração paradisíaca, mas um perfeito estado orgânico a que deve chegar por evolução o nosso universo; é seu estado de consciência unitária, de conhecimento e consciência, de recíproca compreensão e colaboração entre os seus elementos, de ordem e harmonia, de que ainda estamos imensamente longe. Com esta finalidade é preciso trabalhar firme; todas as experiências terrestres são necessárias e as místicas fugas, salvo condições especiais do ser, são contraproducentes.

Certos tipos de santidade do passado se justificam como reação a excessos bestiais involutivos, tais como matar, roubar, farrear, tão comum àquela época. Mas num mundo onde se tende sempre mais a eliminar tais excessos, por exemplo, no mundo moderno feito de uma economia disciplinada de trabalho e consumo, a pobreza de S. Francisco não tem mais sentido e não é mais virtude. A tendência para baixo hoje continua, mas de outras formas. Essa tendência se explica com o fato de que a evolução é uma cansativa subida do AS, ao S, e subir é difícil; mas, enquanto a descida é fácil, demorar-se no passado é repouso. De fato aqueles que invocam a liberdade, a entendem como liberdade de fazer o mal, dando razão à sua baixa natureza, não à liberdade de fazer o bem; entendem a liberdade no aspecto de gozá-la animaismente, não no subir espiritualmente.



Com a queda, a existência se fragmentou num dualismo: a) conhecimento, que significa ordem segundo a Lei e alegria no S; b) ignorância, que significa desordem anti-Lei e dor no AS. assim, surgiu o método dualístico de cisão conhecido no S, isto é, da ação do ser contra a Lei e das opostas reações dela, o método dos contragolpes corretivos do erro através da dor. A Lei só pode atuar com o sistema da compensação entre contrários. Assim a sua justiça se compensa com a reação contra a injustiça. Explicando melhor, quem rouba à Lei se endivida primeiro, e depois paga, obrigatoriamente, de acordo com a sua justiça. É um sistema de luta, revoltado contra si mesmo, negativo, danificador, absurdo, capaz de produzir somente fadiga e dor. É um sistema invertido, em que foi fragmentada a unidade original, sistema, evidentemente, derrocado da sua primeira posição, e que com a sua forma revela derivar-se de uma inversão que lançou o ser em direção autodestrutiva.

De tal inversão, é conseqüência o nosso universo, obrigado por isso a percorrer, com a evolução, o caminho do endireitamento. É assim que o caminho certo só se pode achar, corrigindo o caminho errado; a verdade corrigindo o erro; a justiça corrigindo a injustiça; o bem eliminando o mal. Ora, no AS é abundante o material negativo a purificar, do qual devemos livrarnos, utilizando o máximo possível a disciplina da Lei, embora seja do caos da anti-Lei que evoluiremos para a ordem. Assim caminhamos todos marcados por uma imensa fadiga, conseqüência do mal que fizemos e pelo qual devemos pagar, tendo sempre que refazer tudo desde o começo, avançando penosamente sob as chicotadas da Lei; por força da rebeldia contra o método que ao abuso responde a privação; à culpa, a punição. Jamais o equilíbrio da justa medida. Sempre rechaçados pela disciplina a reações dentro dos limites da Lei, todos livres e, no entanto, autopunindo-se com o inferno por nós mesmo procurado, tão sábio é o mecanismo dessa Lei. Quando numa vida se usou como fórmula da justiça a do “Tudo para mim e nada para os outros”, é lógico e fatal que depois numa outra vida se imponha como fórmula da justiça o “Tudo para os outros e nada para mim”. Assim, o peso é exato como deve ser na balança da Lei.

Com a evolução, o ser se afasta dos métodos do AS e vai assimilando os do S. assim, gradativamente, se vai apagando o estilo do contragolpe, isto é, dos opostos em luta, pois, com a evolução, o ser se afasta do AS, o qual vai perdendo a força porque a evolução o mata. A tendência dela é eliminar tal contraste, reconduzindo o ser da cisão à unidade. Então, as violações e as correções se tornam sempre menos grave, quanto mais o ser se disciplina e, reentrando na ordem, se aproxima do S. Quanto mais o homem se civiliza, menos ferozes são os delitos e as punições,

reciprocamente influenciando-se, condicionando-se e ajustando as proporções, de modo que a suavização de um lado permite que possa ocorrer outro tanto do outro lado. E assim se caminha para formas de vida melhores. O mesmo ocorre também com as religiões, que, com o civilizar-se, se preocupam mais com o desenvolvimento espiritual, isto é, com o lado positivo ou S, do que com o sufocamento da parte material do ser através de duras penitências, isto é, com o lado negativo ou AS.

Desse modo tudo se desloca, reentrando na ordem do S; os cegos chegam a ver a Lei; concebe-se então a vida de outro modo, mudam-se seus pontos de referência e finalidade, tudo vai girar em torno de outro centro. Os elementos de todo o processo, cuja existência é positivamente controlável em nosso mundo, são: Lei, ignorância, erro, dor, sabedoria. O homem não pode sair dessa estrada. Quanto maior a ignorância, maiores o erro e a dor, que aumentarão à proporção que o ser estiver mergulhado no AS. mas também sabemos que: quanto menor é a ignorância, menores serão o erro e a dor, que diminuirão a proporção que o ser tiver ascendido ao S. Uma vez atingido o S desaparecem a ignorância, o erro e a dor. O produto da evolução é a sabedoria, último termo do processo, que atingido, desaparecem os outros.

Podemos assim compreender que a grande função da evolução é a de curar e salvar, livrando o ser do mal e da dor e reconduzindo-o ao S. É uma evolução biológica e mental, e não uma opinião, filosófica ou fé, mas um fato positivo universal, próprio da existência, independente das crenças raciais e religiosas. A evolução se incumbirá de desenvolver a mente humana até conduzi-la a compreensão da Lei, isto é, de um Deus que é pensamento, em toda a parte e sempre presente, diretor de todo o funcionamento orgânico de nosso universo, em todos os níveis, da matéria ao espírito. Esta será a grande religião do futuro, muito diferente da mitologia, produto do inconsciente e da fé infantil, incapaz de compreender, mas há de ser fato positivo confirmado pela realidade de fenômenos e compreendido por uma mente adulta. Esta realidade dos fenômenos já existe, enquanto funciona, dirigida pela Lei. O que falta é a mente com que o homem possa vê-la, porque até o momento em que ele não a vir, perder-se-á, em inúteis fantasias. Mas cabe ao trabalho da evolução desenvolver aquela mente e está escrito naquela mesma Lei que, fatalmente, o homem tem de atingir a maturidade. E, quando tiver compreendido como estão verdadeiramente as coisas, não cometerá tantos erros e não pagará com tantas dores. Ver-se-á então como é importante compreender e seguir a função salvadora da evolução.

Encontramo-nos às portas de uma nova e maior civilização, diante da qual hoje somos subdesenvolvidos. A evolução está amadurecendo a mente humana para reconduzi-la a compreender. Isto possibilitará a realização de vidas sempre menos ferozes e mais elevadas. O homem aprenderá a conhecer a ordem universal e mover-se nela com disciplina sem transformá-la, com sua louca conduta, num inferno. Existimos dentro de um grande organismo. É preciso aprender a conhecer-lhe a estrutura e o funcionamento, e também a mover-nos com destreza e sabedoria dentro dele. Hoje o homem tende a violar aquela ordem. Ora, quando qualquer elemento sai do lugar, a vida grita ofendida e naquele ponto dói, porque essa desordem é um atentado contra ela. Aquela dor é uma campanha de alarme que adverte quanto ao erro e tende a fazê-lo cessar, obrigando-o a reentrar na ordem, porque, até que isso ocorra, o alarme continua. Trata-se de um previdente, automático, salutar meio de defesa e salvação. A sabedoria da Lei deu à vida os meios para proteger-se à sua conservação e desenvolvimento. Então, tendo lugar o erro, o violador é obrigado, para afastar a dor, separar as suas custas o mal feito, e isso não se pode eliminar senão reabsorvendo-o com o esforço de uma severa disciplina.

A grande descoberta da humanidade futura consistirá no fato de dar-lhe conta da presença dessa lei e em conseguir ver-lhe o funcionamento em cada detalhe, desde os grandes fenômenos cósmicos aos pequenos fatos de nossa vida cotidiana. Será então superada a fase de inconsciência em que atualmente vivemos, ignorantes das conseqüências de nossa conduta, guiados por uma moral, produto dos instintos e não do conhecimento. Poder-se-á então prever o resultado de cada ato nosso, e, guiando-nos com inteligência, evitar tantos desgostos. Poder-se-á então calcular a trajetória de cada destino e, examinando as forças que estão em funcionamento, conhecer a natureza e o desenvolvimento do destino de cada um. Conseguir-se-á assim descobrir onde e em que forma se realiza infalivelmente a justiça de Deus. É absurdo pensar se possa deter o desenvolvimento daquela trajetória em curso com a morte, como imaginam os ateus, ou os crentes que pensam que o fim da vida desemboca numa eterna imobilidade de inferno ou paraíso. A trajetória

do destino deve continuar a desenvolver-se, completando a fase das causas na fase das suas conseqüências. Isso deve, pois, ocorrer em ambientes pelo menos semelhantes aos atuais, e com efeitos do mesmo tipo das causas postas em movimento na Terra, porque é óbvio que deve haver uma correspondência entre as conseqüências e os fatos que a provocaram, já que ela representam sua continuação. Tudo isso dar-se-á por lentas transformações até chegar ao S.

Se o homem compreendesse tudo e pusesse esse conhecimento em ação, sua vida seria outra coisa. Mas ele tem nas costas todo o seu passado bem diverso, com o qual se formou a sua forma mental, a que hoje possui e o guia. Nem ele tem outra, nem conhece verdadeiramente a sua, à qual está ligado. Conduz-se, pois, no modo errado que dela deriva, e o leva aos desastres que vemos. Mesmo aqui a justiça funciona, porque seria injusto que o homem pudesse redimir-se somente ouvindo um belo ensinamento que outros gratuitamente lhe oferecem. A justiça, no entanto, quer que tudo seja conquistado e merecido. Só o ensinamento não serve, como de fato ocorre. A lição não se dá com palavras, mas com a dor que atinge cada um, individualmente, em proporção ao erro cometido e adaptado ao caso particular, dor imposta sem possibilidade de fuga, em forma de lição obrigatória, à qual não se pode ser surdo, porque todos a entendem. Somente assim se pode realizar, plenamente a justiça da Lei.

É claro que o instinto do homem seria o de fugir-lhe, mas, automaticamente, é entretecido de modo a tornar isso impossível. Porque a Lei está dentro das coisas, é, portanto, intocável pelo homem que age no seu exterior, ignorante de sua essência. A real direção da sua vida não é confiada ao homem. Se lhe fosse confiada, seria um verdadeiro desastre, a história se desenvolveria ao acaso, ao passo que, contrariamente, vemos como é orientada para as suas metas, sabendo seguir o caminho necessário para atingi-las. Assim as forças da vida são movidas pela única e verdadeira inteligência que existe no universo, a da Lei de Deus. Mas quando a mente humana estiver amadurecida e capaz, então poderá assumir aquela direção, por ter compreendido a Lei e aprendido a saber mover-se de acordo com ela, segundo a sua ordem, colaborando com o que chamamos a vontade de Deus.

XIII

A INTELIGÊNCIA DO DIABO

Foi-me feita uma inteligente objeção. Em vários pontos da Obra tem-se afirmado que a queda do S no AS, isto é, a involução, leva a uma perda de consciência no estado da matéria, que representa a tumba do espírito. Destacou-se também o fato de que, quanto mais alta a posição do ser maior a sua potência, tanto mais profundamente ele fica sepultado na matéria, e, tanto mais denso o invólucro em que fica aprisionado.

Dessas afirmações se pode deduzir que Satã deva ser o espírito reduzido ao máximo de inconsciência e de inércia. Ora, o que se constata é que Satã, entendido como personificação das forças do mal, em vez de permanecer projetado na matéria no ponto extremo da involução, não é nada inconsciente ou inerte. Ao contrário, ele dá prova de muita vitalidade, de um poderoso dinamismo, de uma astúcia incomum, a ponto de desafiar Deus. Como resolver essa contradição? Voltamos aqui a este argumento justamente para melhor explicar, a fim de que tudo fique claro.

O princípio geral de que a queda no AS, isto é, a involução, leva a uma perda de consciência na matéria. Isto é o esquema geral do fenômeno na sua primeira parte, a involutiva, necessária premissa à segunda parte, a evolutiva, que é a que ora constatamos em nosso universo atual. Mas, quando se desenvolve uma teoria, é necessário ater-se às suas linhas gerais, sem

divagar em detalhes e exceções que obstam à clareza e à unidade de exposição. Só num segundo momento se pode fazer esta outra parte do tratado, entrando nas particularidades e assim podendo dar um conceito mais exato do fenômeno.

Trata-se de fatos de um caso particular. Devemos pensar que a queda da grande massa se tenha já realizado, porque vemos o nosso universo em fase evolutiva, ao menos até onde podemos conhecer. Na verdade, as qualidades do ser em evolução são limitadas, mas em via de retificação do tipo AS para o tipo S. no caso particular que ora examinamos, temos qualidades de potência e inteligência de tipo S, mas na direção invertida para o AS. Deve-se tratar então, não de emersões evolutivas vindas de baixo, mas de resíduos que no processo involutivo subsistem, porque ainda não foram precipitados na sua fase mais profunda. Estes seriam constituídos pelos elementos que, por serem mais potentes, sendo mais alto seu ponto de partida, têm melhor podido resistir à ação destruidora da queda, mas continuam impulsionados para baixo, ocupados com a construção do AS, e empenhados em arrastar todos para ele. Neste caso particular, aquilo que chamamos inteligência do diabo, típica por suas características, seria um resíduo daquela inteligência de origem, não destruída ainda, mas empenhada na descida e em via de destruição. Quando encontramos a inteligência unida ao mal, isto é, em posição invertida do AS, devemos admitir que estamos no caminho da descida. A presença da inteligência e sua potência nos mostram que o ponto de partida é o S. O seu emborcamento no mal comprova-nos que a direção é o AS. Assim se explica o poder do mal e a sua inteligência, fato cuja presença é inegável.

O ponto central da contradição está no fato de que a involução leva à inconsciência, entretanto o mal que nesse caso a exprime e dá prova de muita inteligência. Ora, perguntamo-nos: é inteligência a que encontramos no mal? Seu modo de agir é o de um ser consciente ou de um inconsciente?

Neste caso temos duas qualidades opostas que não podem estar juntas: a inteligência é qualidade do S e o mal qualidade do AS. aqui, entendemos por inteligência a verdadeira, sã, honesta, altruísta, construtiva, que é do S. a inteligência positiva, a do bem, não deve ser confundida com a negativa, do mal enferma, desonesta, egoísta, destrutiva, a da revolta. A do diabo é uma inteligência deste segundo tipo, isto é, invertida, revirada, perigosa não só para os outros, mas também para quem a usa, porque, fazendo o mal, o ser faz sobretudo a si mesmo. Mas então uma tal inteligência, que só prejudica a si mesma pode-se chamar inteligência ou não seria antes uma inconsciente loucura? Pode-se considerar inteligência ou não seria antes uma inconsciente loucura? Pode-se considerar inteligência esta que atinge o fim oposto ao desejado, trazendo o mal a si e aos outros? Mas essa é a luz das trevas, é a maior ignorância, que só serve para enganar e prejudicar sobretudo aquele que a possui, e que com ela se fere a si mesmo. E o próprio dinamismo, a outra qualidade do mal, serve para este fim, de autodestruição; ele também é negativo, lançado na direção involutiva. O dinamismo neste caso é invertido; não é vital, mas mortífero; não serve para conduzir à alegria, mas para aprisionar-se sempre mas no inferno da dor. Este é, de fato, o último resultado da inteligência e dinamismo de Satã: construir para si o próprio inferno.

Eis em que consiste, na realidade a inteligência e dinamismo de Satã. A sua inteligência não passa de um resíduo corrompido daquela que foi a sua verdadeira inteligência no S, a que se empenha na felicidade do bem e não no inferno do mal. O mesmo se pode dizer do seu poder. Eis, pois, que temos uma inteligência e um dinamismo em descida, fortes ainda, que servem somente para enterrar-se, mas que estão em vias de enfraquecimento e anulação. Seus resultados invertidos para o mal e a dor nos mostram que aqui as trevas se estão fechando, porque estamos na via da descida.

Recordemos que a queda não é a destruição do indivíduo, mas de suas qualidades. Este resiste, mas em posição invertida. Na matéria, de fato, a inteligência não está morta, porém somente aprisionada. Ela permanece, mas o indivíduo não é mais um senhor dela, é o seu servo. A involução leva a esse aprisionamento. O átomo é uma máquina complexa, bem calculada em cada parte e movimento. Mas a inteligência que dirige tudo isso não é mais a sua e sim a de Deus. A liberdade não pertence mais ao ser, que do próprio funcionamento não tem mais consciência nem poder diretivo. Nesse nível, vemos que desapareceram as qualidades do S, que voltarão a aparecer no homem reconquistadas com a evolução. Fica no átomo uma inteligência, mas não lhe pertence; fica em movimento, mas de forma obrigatória.

Ora, a inteligência e o dinamismo do mal estão-se transformando nessa direção. Então, esta qualidade do S vai-se fechando, até tornar-se, como no átomo, um movimento automático, sem consciência e sem liberdade, dado que nisto consiste a inversão da positividade do S na negatividade do AS. Satã é já escravo do mal, não tem mais liberdade de escolha diante do bem, assim se está aprisionado no seu cárcere, que é o AS. Tal tipo de inteligência se fecha sempre mais no seu jogo astucioso. Em lugar de abrir-se para a luz do conhecimento da verdade, aquela inteligência naufraga na arte do engano. Então, quanto mais o ser desce, mais se torna faminto de vida insaciável como um câncer para roubá-la dos outros, porque cortou o canal do alimento vital que o ligava a Deus no S.

O fato de que tal tipo de inteligência e de dinamismo seja de caráter maléfico, prova que eles pertencem à negatividade de AS e que estão em descida involutiva afastando-se do S. A posição é evidente. Se essas qualidades estivessem em ascensão para o S, deveriam ser do tipo benéfico, como aquelas que já aparecem no pecador que se está redimindo, mas que estão totalmente ausentes em Satã e seus companheiros. Mas nada impede que ele, Satã, também possa um dia redimir-se, iniciando o caminho da evolução. Esta não é, porém, a sua posição atual. O que está ocorrendo é justamente o contrário. Ele insiste deliberadamente no mal com todas suas forças, usa toda a sua inteligência para abismar-se no AS.

A explicação é lógica. Os rebeldes de menor potência caíram mais facilmente, atingindo mais rápido o fundo da trajetória da própria queda. Para as grandes massas o período de involução terminou. Mas os rebeldes de maior potência, dispondo, pela própria força, de maior possibilidade de resistência diante dos efeitos da queda, conservaram mais tempo suas qualidades de origem, embora em posição invertida do bem em mal. A sua descida está em curso, o que significa que estão lançados para a inconsciência e a escravidão da matéria, nas quais é fatal que caiam.

Não há dúvida de que a atual inteligência e potência de satã atuam no sentido da revolta, usadas para confirmá-la, dirigidas, portanto, para baixo, o que só pode levar ao aprisionamento de todas as dimensões do ser. Outro destino não pode ter uma inteligência usada na direção anti-Lei, isto é, anti-Deus.

Eis a natureza de inteligência do diabo. Quando se fala de inteligência, é preciso ver de que tipo se trata. Tem a aparência de verdadeira, mas na realidade pode ser apenas astúcia. É evidente que a inteligência que serve apenas para prejudicar os outros e àqueles que a possuem, não é inteligência, quando muito é a inteligência do louco, cuja finalidade é unicamente a autodestruição. Este tipo de inteligência quer enganar e acaba enganada. Pensando tirar vantagem quer fazer o mal aos outros e se não percebe que precipita na involução, fazendo-se mal a si mesma, enquanto a vantagem passa para os ofendidos que, com o sofrimento, podem redimir-se. Mesmo os loucos, a seu modo, são astutos. Mas seria justo chamar-se isso de inteligência?

XIV

O CONCEITO DE CRIAÇÃO

Do ato de Deus na criação o homem só poderia fazer para seu próprio entendimento um conceito dualista e separativista, sobre o qual se baseia a estrutura do AS, já que sobre ela o homem construiu a sua forma mental e o seu modo de conceber. Ele concebeu, à sua imagem e semelhança, um Deus que cria fora de si. Ora, enquanto o homem não pode criar senão tomando do exterior a substância e imprimindo-lhe uma forma, para Deus o ato de criar só pode consistir em dispor da própria substância de que é constituído, num estado diverso da criação humana. A criação que o homem faz é exterior, a de Deus é interior. Nos dois casos a posição do criador apresenta fundamental diferença. O homem é uma parte do todo, pode, portanto, tomar de fora o material para criar. Deus é o todo. Se houvesse alguma coisa fora Dele, não seria mais Deus. Assim, Ele não pode tomar coisa alguma fora de Si, mas apenas dentro de Si mesmo, da sua própria

substância. Já o homem não podia sair dos esquemas que o seu mundo lhe oferecia e que constituem tudo o que pode conceber.

Deus está situado no S, o homem no AS. Isso modifica tudo, porque quem está no AS se encontra em posição invertida diante daquele que se encontra no S. O divisionismo dualista que existe no AS, não existe no S, que é regido pela unidade. No S não existe cisão entre criador e criatura, nem separação, nem oposição. O homem, seguindo sua própria natureza de tipo AS, concebe um Deus que cria fora de si mesmo o seu universo e depois se ausenta dele, destacando-se da Sua obra, isolando-se dela no próprio egocentrismo. Mas na realidade Deus criou segundo os princípios do S, quando o AS não existia. Segundo estes princípios Deus criou do único modo que lhe era possível, isto é, criando dentro de si, um universo que, na sua substância, continuou sendo Deus no estado de S, representando-lhe a estrutura orgânica conseguida depois da criação. Este “dentro de si” significa o infinito que é o todo e não pode, portanto, ter limites ou alguma coisa fora ou além de si que se lhe possa acrescentar.

Podemos então compreender por que o homem foi levado à concepção de um Deus transcendente, antropomórfico, comumente personalizado, separado da criação que Ele dirige como um acessório, como emanção de Si mesmo. Em realidade, no S, ainda no estado espiritual antes da queda, Deus que é o próprio universo, foi transformado, pela criação, de um todo homogêneo, num organismo de elementos que funcionam segundo o divino princípio de ordem, codificado numa Lei que lhe exprime o divino pensamento e vontade. E no mesmo AS, depois da separação do S, Deus ali permaneceu e constitui ainda a alma que o mantém em vida, sem o que, em vez de salvar-se com a evolução, o AS seria destinado a morrer. Eis então que Deus não está presente apenas no S, mas também em nosso universo ou AS, no qual ele se mantém plenamente ativo. Apesar da tentativa de inversão, mesmo aqui a Lei de Deus funciona plenamente.

Esta imanência não é concebível com a forma mental comum que, à própria imagem, pensa num Deus pessoal transcendente, que só dirige do alto, de fora, ausente do seu universo. Tal presença se faz viva e atual quando concebemos Deus como supremo pensamento formulado em uma Lei, que estabelece os fins e as trajetórias de desenvolvimento do transformismo de tudo o que existe. Esta Lei é um pensamento que está dentro de todos os fenômenos e dirige do íntimo o incessante movimento. Tal presença é, pois, atual, real, experimentalmente controlável, o que permite entrar em contato com Deus em forma positiva. Se não podemos conhecê-Lo diretamente na sua essência, podemos ao menos conhecê-Lo no seu pensamento e vontade expressos pela Lei.

Assim o AS, embora decaído e corrompido, fica como o S, criação de Deus, da qual Ele nunca se separou. O ser, por mais que esteja afundado no AS, e por isso em oposição a Deus, continua a ser substancialmente, como os elementos do S, uma criação de Deus. Por mais que estejam situados nos antípodas, a separação não conseguiu fazer de criador e criatura coisas diversas, tão mais verdadeiro quanto se sabe que se destinam a reencontrar-se e a reunir-se finalmente.

É verdade que o ser do AS, pela própria rebeldia, se acredita um anti-Deus, destacado Dele e capaz de construir em oposição a Deus um AS, regido por uma anti-Lei, tão poderosa quanto a Lei de Deus, a ponto de vencê-la e subjugar-la, substituindo-se a ela. Acontece, no entanto, que é a Lei de Deus que continua a comandar no AS, porque aquela tentativa de substituição é um ato absurdo e louco, que só pode realizar quem está de todo cego. É ato absurdo, porque o menos forte não pode dominar o mais forte; o que está invertido não pode valer mais do que o direito, colocado no seu devido lugar; um universo criado sobre o princípio da ordem e da unidade não pode acabar pulverizado pelo princípio do caos e do separatismo. É ato de loucura querer construir imitando, ao contrário, o trabalho do construtor. Disso nasceu o AS, com a pretensão de ser um outro S de outro tipo, ao passo que na verdade não é uma criação nova, mas uma repetição: é o mesmo princípio aplicado ao contrário, pura paródia do S. É como uma casa tendo o teto como base e as fundações no alto, isto é, uma subversão de todas as normas da lógica e do equilíbrio, o método com o qual se pretendeu construir.

Observamos então o que ocorre quando alguns princípios próprios do S são aplicados segundo os critérios do AS. vejamos, por exemplo, o que se torna o princípio de ordem e hierarquia; ao invés de constituir uma força coesa e unificadora, transforma-se numa força que desagrega e separa. Ordem e hierarquia no S se apoiam na adesão espontânea,

convicta, a fim de colaborar. No AS só podem ser fruto de imposição forçada contra rebeldes, para arrasar e tirar proveito. É que o princípio aplicado é o mesmo: apenas neste último aparece invertido, produzindo, portanto, resultados opostos. Os dependentes são escravos dele, o poder não serve para ajudá-los, mas para dominá-los e oprimi-los. Estes, por sua vez, são inimigos do chefe, ansiosos por rebelar-se e destruí-lo. No AS o poder se fundamenta na força; e no S, na justiça. Desse sistema implantado de forma invertida é que nascem as revoluções. É por isso que as construções humanas terminam por desabar, corroídas interiormente pela inversão de sua estrutura. Outro resultado não se poderia obter com elementos que não querem estar unidos, com iguais direitos e deveres, mas vivem tentando cada um subjugar o outro, arrogando-se todos os direitos e deixando os deveres para outros. Um organismo não se pode construir senão sobre a coesão, entre termos que se atraem, nunca sobre a guerra, entre termos que se repelem.

Como o conceito de ordem é no S completamente diferente do vigente no AS, o mesmo ocorre com o conceito de autoridade. No S, a autoridade responde a um princípio de harmonia, que une todos na mesma Lei de justiça e que ninguém pensa em violar, respeitando-se todos mutuamente. Quem comanda não o faz exclusivamente visando à vantagem própria, prevalecendo-se da condição de senhor, de forma caprichosa, sem outra lei que não seja a sua vontade. Quem comanda o faz para cumprir uma função de utilidade coletiva, e segundo uma Lei a que antes de tudo obedece. No AS ocorre o contrário. A autoridade responde a um princípio de antagonismo que une a todos de forma invertida, isto é, repelindo-se, segundo a própria lei de luta. Cada um pensa em violar os direitos dos outros e não em cumprir os próprios deveres em relação a eles. Neste caso a autoridade significa cisão entre patrão e servo: o primeiro com todos os direitos, o segundo com todos os deveres. Nenhuma lei, só a vontade do patrão; nenhum direito, salvo o seu beneplácito. Os dependentes não tem direitos. São educados para a adulação, a mentira, o favoritismo, a corrupção, resultados de tal sistema.

Aplica-se assim a moral do AS, que não é a da justiça, mas a que inculca a obediência como virtude, ao passo que reconhece no comando um direito, privilégio do mais forte, que lhe pertence porque na Terra domina ainda a lei involuída do homem animal, a da luta para vencer a qualquer preço. Em tal sistema, diante de uma autoridade exercitada em forma de abuso, praticar o próprio abuso de desobediência, por lei de justiça, pode constituir um direito. Isso porque, num regime de egoísmo, somente armando-se com força que luta para corrigir a outra força oposta, se pode chegar a eliminar o abuso, e atingir o equilíbrio entre contrários, o respeito recíproco, a justiça.

No atual momento histórico, a humanidade vive ainda os princípios do AS, mas já entrevê os do S, e está tentando as primeiras aplicações dele. Assim se tenta fixar um novo tipo de autoridade, que corrija o antigo, substituindo o privilégio do mais forte, entendido como direito, por uma autoridade entendida como função social possuída em razão do interesse coletivo. A própria disciplina jurídica, armada de sanções que a autoridade estabeleceu a seu favor em detrimento dos seus dependentes, hoje busca transformar-se em uma função de justiça. Deve-se culpar o passado? Mas como, num regime de egoísmo, se podia impedir que surgisse um tal abuso de autoridade, se as massas, comodamente para quem comandava, praticavam a virtude da obediência que lhes foi sabiamente inculcada?

Correspondentemente, há dois tipos de liberdade, ou melhor um duplo modo de entendê-la. Há a liberdade do tipo S e a do tipo AS. No sistema ela é entendida em sentido orgânico de colaboração na ordem; no AS, em sentido de revolta individualista e imposição no caos. Geralmente invoca-se em nosso mundo a liberdade entendida como licença para violar a Lei, subverter a ordem, manifestando em baixo nível evolutivo, em que triunfa o AS. Esta é a liberdade em cujo nome, em geral, se fazem as revoluções, que por sua forma violenta pode tornar-se injustas, mesmo quando as causas são justas. Assim acontecem quando a autoridade que exaltam é exorbitante e sua ordem é injusta, de tipo AS camuflado em S. Se não houvesse um mal do qual é preciso libertar-se, sem exorbitância, mas com o método justo do Sistema, na evolução não haveria liberdade alguma a invocar.

Quem está situado no AS, entende por liberdade a de desobedecer, semeando a desordem e criando o caos, enquanto que no S só há liberdade de mover-se organicamente de acordo com todos os outros seres, como sucede com as células em nosso

organismo. O S unifica e constrói; o AS separa e destrói. Assim, o AS é como uma enfermidade do S, enquanto o S é o médico que trata do AS. O AS é o fruto da descida involutiva, ao passo que o S é o ponto de chegada da subida evolutiva. O homem deve viver o contraste entre estes dois impulsos opostos, mas os trilhos do seu caminho são traçados pela Lei. O rebelde do AS gostaria de evadir-se dele mas como ele não aceita espontaneamente a ordem do S, fazem-no aceitar a prisão e o inferno, feitos para manter em seu lugar o seres do tipo AS. Então, à força de golpes, se percorre o caminho de retorno a Deus. Faça a criatura o que fizer, ela permanece ligada ao Criador, pelo fato de ser Sua filha, feita da sua mesma substância. Por mais que se afaste, essa criatura terá que acabar retornando a Deus, que a gerou.



Depois destas elucidações, voltemos ao tema da criação. E para quem a entende no sentido humano, isto é, como criação exterior ao criador, é difícil admitir no S um ato criativo, porque a do S foi criação íntima de Deus, dentro de si mesmo. O homem pode destacar-se do produto do seu trabalho, porque opera sobre uma matéria que lhe é exterior. Deus não, porque opera sobre a sua própria substância. Então, a que nós, situados no AS, chamamos de criação, não passa de uma queda involutiva do S no AS, do espírito na matéria, que constitui a substância básica de nosso universo; dessa forma, se houve criação no ato constitutivo do S, esta não foi no sentido humano, mesmo que, para consegui-la imaginá-la, o homem a representa em tal sentido

Há outros esclarecimentos, porém. Não é necessária o conceito de uma primeira criação, a do S, isto é, a passagem da divindade do seu estado homogêneo a um estado diferenciado. A divindade pode ter existido sempre nesse seu estado orgânico, resultante da ordem de seus elementos componentes, isto é, no estado de S. Assim, não teria ocorrido uma criação do S, porque Deus teria sempre existido no estado de S, e, como tal, eterno e imutável. Desse modo a criação teria sido uma só, a constituída pela queda no AS, o que na realidade não seria uma criação, mas um desabamento de uma parte do S, uma descida involutiva, a ser reequilibrada com uma correspondente ascensão evolutiva, para retornar a Deus, no S. E o homem teria chamado criação a esta queda na matéria e, com a própria força mental, feita à semelhança do próprio modo de criar, teria atribuído essa criação a Deus, como o autor. A do universo físico (estrela, planetas, luz etc.) é de fato, o efeito de um processo involutivo ou queda do espírito na matéria, e a criação dos seres vivos não é senão o início de uma subida evolutiva. Eis que o conceito de criação, quando aplicado ao S, pode não ter razão de existir e, se aplicado ao AS, pode ter todo um outro significado.

Então o S representa o único modo de existir de Deus, um estado perfeito que não admite mudanças, transformações, portanto criações. Não há necessidade de imaginar em Deus o chamado fenômeno interior de auto-elaboração, quando Deus poderia sempre ter existido no seu estado orgânico perfeito. Daí poder-se concluir também que não houve nenhuma criação verdadeira. Esta idéia de criação seria então apenas uma imaginação do homem, uma construção do tipo mitológico para explicar a origem das coisas que via, origem devida ao fenômeno da queda. O homem tirou essa imaginação do único campo que lhe era acessível, o do seu concebível, estabelecido por sua experimentação no seu próprio ambiente, isto é, do seu modo de proceder na produção das coisas. Assim o homem pensou que o universo físico tivesse sido criado pelo mesmo processo que ele usava nas próprias construções. Então o homem caiu na mesma ilusão psicológica que o fazia acreditar na estabilidade de uma Terra parada e no movimento do sol em torno dela.

O que de Deus e do S fica conosco, em torno a nós, dentro de nós, funcionando sempre, portanto suscetível de observação e experimentação, é a Lei. Esta exprime, em forma tangível, a presença do S no AS, a imanência de Deus em nosso universo. A sua tarefa é de dirigir e solicitar o processo evolutivo, isto é, a retificação do AS no S, a correção do precedente processo involutivo, processo que representava a imersão do S em AS. assim a Lei representa a direção de nossa conduta no caminho da salvação, porque no seio do AS representa a posição direita

do S. A Lei estabelece os trilhos sobre os quais a evolução avança, e nesse processo consiste a redenção.

Cristo se referia à vontade do Pai, isto é, à Lei, à qual obedecia e à qual ensinou a obedecer, propondo-a como superior norma de viver, como emanção do S, que penetra no AS, para induzi-lo ao retorno ao S, através da obediência corretiva da revolta. A Lei é disciplina porque remete cada coisa no seu lugar, restabelecendo a ordem no caos, e exprime a vontade do Pai, que é vontade de cura e reconstrução. Essa Lei, no S, está em plena eficiência, em perfeito funcionamento. No AS ela é uma força que empurra para este estado e tenta, por todo o meio, reconduzir ao S o AS. Deus, S, vontade do Pai e Lei são a mesma coisa. No AS eles são o mesmo pensamento e força que se opõem a que o ser se perca e o empurram a fim de que ele se salve.

Esta série de conceitos aparecem agora, no fim da Obra, depois de um maior amadurecimento. E se podem acrescentar como conclusão da teoria exposta no volume: O Sistema. Agora o leitor pode ver como o nosso pensamento, através de aproximações sucessivas, avança na direção de uma verdade cada vez mais profunda. Ele pode assim acompanhar e controlar o próprio progresso dessa conquista, e ver como a realidade se revela cada vez mais distante das representações com que tentamos imaginá-la.

No entanto à medida que a mente humana amadurece por evolução, mais vasto se faz seu conhecimento. As revelações das religiões são visões da Lei, percebida pelos homens mais sensíveis e evoluídos, que, depois, as transmitem às massas ignorantes. Quanto melhor o homem perceber essas visões, mais terá progredido. Deus se torna sempre mais conhecível, quanto mais se desenvolvem os meios do conhecimento. Não se pode entender Deus completamente, mas a parte de seu pensamento que se relaciona conosco, porquanto nos faz funcionar a seu lado, é acessível à nossa compreensão. A ciência, estudando as Leis dos fenômenos, vai, cada vez mais, investigando aquele pensamento, para vê-lo revelar. Assim, a ampliação do campo de nosso conhecimento de Deus e da sua Lei aumenta cada dia com a evolução, a ciência, o progresso, a civilização. O homem situado no AS é um anti-Lei, mas está destinado a reconquistar a sua perdida consciência da Lei. Quem percebe o pensamento dessa Lei, vê e sente Deus.

Nós também, nesta Obra, na sua segunda parte, quisemos penetrar na visão da Lei mais profundamente que na primeira. Tentamos conceber Deus não só no seu aspecto místico, de amor, mas também no seu aspecto de pensamento e vontade, dirigidos no sentido de estabelecer a ordem e a disciplina. Trata-se de uma penetração mais profunda, reveladora de outros aspectos da Lei, mais positivos e complexos. Obtém-se uma aproximação maior de Deus, agora também pelas vias da razão, com uma compreensão mais realista do que a atingível apenas pela nebulosas do sentimento. Assim, podemos dizer que, no fim da Obra, a visão está completa, porque considerada em seus dois aspectos fundamentais: o seu lado místico e o seu extremo oposto, objetivo e racional. De fato, aos movimento do coração, realizados com a correspondente forma mental a eles adaptados acrescentamos agora o controle positivo feito com um trabalho de reflexão, observando no seu conjunto o pensamento que a Lei exprime ao dirigir o funcionamento dos fenômenos de nosso mundo.

XV

AS CONQUISTAS ESPIRITUAIS DO NOVO HOMEM DO FUTURO

Os conceitos expostos neste volume correspondem a uma nova forma mental, a do adulto, enquanto a precedente era infantil. O homem hoje está superando esta fase

para chegar àquela. Ele atravessa uma crise de desenvolvimento, que o conduzirá a um nível evolutivo mais alto.

No passado, o homem era movido sobretudo pelos instintos e a inteligência era usada para satisfazê-los. No velho estilo, a religião, a fé, a moral, instituições e toda a organização social implicitamente permitiam a obtenção de tal fim, embora isso fosse um inocente produto do inconsciente de um primitivo, que ainda não tem consciência da justiça ou da moralidade de sua conduta. Assim, tudo se explica e justifica, mas se compreende hoje a sua falsidade porque já foi superada aquela fase de evolução; o velho mundo desaba e se procura viver de modo diferente. Ser criança e comportar-se como tal não é culpa enquanto se é criança, porque não pode ser de outro modo. A infância é uma fase necessária na evolução dos indivíduos, dos povos e da humanidade.

Hoje, porém, se começa a entrar na fase da maturidade, pela qual se verifica uma mudança de forma mental e de relativa conduta. Quando essa transformação tiver conquistado a maioria, o homem do velho estilo, que antigamente constituía a normalidade, será julgado um subdesenvolvido e a sua conduta será reprovada. A grande diferença entre os dois estilos de vida consiste no fato de que no novo, a inteligência não é usada a serviço dos instintos, mas com a finalidade de compreensão. A parte melhor, a que está à frente da evolução, de serva passa a senhora, de dependente dos impulsos do inconsciente a dirigente deles. Quando o homem não tinha ainda conhecimento nem consciência para autodirigir-se, não havia outro sistema para fazê-lo funcionar segundo os fins da Lei, se não que ela o dirigisse por meio de impulsos instintivos como um autômato. Vejamos como ocorre a transformação.

Começar hoje a usar a inteligência para compreender a Lei que tudo dirige, em vez de usá-la para satisfação dos próprios instintos significa entender o pensamento dessa Lei, conhecer as suas diretivas e poder colaborar livre e responsavelmente com elas, em lugar de tolerá-las cegamente. Com este passo adiante, a posição do indivíduo diante da vida muda completamente.

As conseqüências de tal mudança de forma mental e da conduta que se lhe segue são importantes. O homem se torna consciente da presença do pensamento diretivo da existência, compreende a técnica do funcionamento de tudo, pode, portanto, inserir-se nele, harmonicamente, dirigindo-se para os fins aos quais tende, sem os erros e as dores que acompanham o processo. Em lugar de ser dirigido sem saber, o homem pode dirigir a sua vida, sabendo. Em vez de receber inconscientemente a orientação das forças da Lei, ele pode conscientemente funcionar paralelamente com elas, permanecendo de forma espontânea na ordem ao invés de ser a isso obrigado pelas sanções corretivas. Quando se conhece a técnica funcional da Lei, estando-se de acordo com ela, secundando os seus movimento, se pode avançar ajudados pela corrente em que se navega, em vez de ser dificultados pelo impulso contrário. Então a própria vontade não é anti-Lei, mas está de acordo com a Lei; e o próprio eu não é mais isolado, rebelde, repellido, mas se torna um elemento do grande organismo universal dirigido pelo pensamento de Deus. Em vez de evoluir à força, chicoteados pela Lei que quer que se avance, se sobe, levantados por sua corrente ascensional na qual somos inseridos.

Eis as vantagens da nova posição mais avançada de adultos à qual conduz a atual maturação evolutiva. Esta começou com a ciência moderna. As religiões representam, ao contrario, a fase infantil da humanidade. Mas elas são úteis no seu tempo, justificadas pelo fato de constituírem um degrau necessário para chegarem, ela também, à fase adulta, em que fundirão com a ciência. Esta, como movimento de vanguarda, arrastará consigo mesmo as posições mais atrasadas, elevando-as ao seu nível, em que viverá o novo homem adulto.

A ciência exige um desenvolvimento mental que as religiões não exigem e de que até mesmo, podem prescindir. O choque entre a ciência e a fé é devido a distancia que há entre as suas formas psicológicas, situadas nos antípodas como duas posições, uma mais avançada e a outra menos, em relação à fase evolutiva hoje percorrida pelo homem. É por isso que a ciência se fez materialista e atéia, em oposição à religião, e freqüentemente no último século elas se guerrearam mutuamente, sem compreender a razão do seu antagonismo, que é o de distancia e oposição de posições ao longo do caminho da evolução. Prova-o o fato de que a religião está morrendo na sua velha forma e a ciência está triunfando pronta a arrastar consigo para frente a religião, tão logo o permita a maturação mental do homem.

Para o adulto tais antagonismos desaparecem, a religião se torna científica e a ciência se torna religião. O antagonismo se encontra só na mente do involuído que não compreendeu o fenômeno. Por sua natureza, a ciência não pode ser atéia. Como poderia sê-lo se a ciência perscruta continuamente o funcionamento de todos os fenômenos? Ninguém mais do que o homem de ciência pode sentir a presença de Deus no material que estuda. O ateísmo da ciência, hoje bem diferente, não é uma negação de Deus, mas é apenas negação do Deus de tipo antropomórfico, que as religiões construíram para uso das massas atrasadas, que exigiam uma tal imagem porque dela necessitavam para seu próprio uso e consumo. É natural que a forma mental da ciência, racional e positiva, repelisse tal imagem. Por isso, quem não a aceitou, foi declarado ateu, já que essa imagem representava o próprio Deus.

A ciência não é contra o espírito e Deus. Ela só não pode aceitar os produtos de uma forma mental de sonho, e as relativas e instintivas construções fideísticas não fundadas na realidade. Bastará dar tempo à evolução, a fim de que as massas atinjam um nível mais alto e o antagonismo entre a ciência e a fé desaparecerá. A ciência não é contra a religião, mas somente contra a forma mental infantil que ela usava nas suas concepções.

Assim nos explica a atual crise religiosa que, na verdade, é problema de forma mental, e não de religião. Não se aceitavam mais os produtos das formas mentais do passado e a religião está entre elas. A religião está se transformando, morrendo na sua forma antiga para assumir outra nova, mais próxima da ciência. De fato, apenas aparece a cultura, desaparecem o fanatismo e a superstição. Não se trata de uma religião ou de outra, mas da velha forma mental que desaparece em todas as religiões. A atual crise das religiões não é senão um caso particular de uma crise universal de valores. Agora é inútil agarrar-se ao velho. O homem começa a raciocinar de modo diverso em todos os campos, inclusive no religioso. Do mesmo modo que com a chegada dos novos tempos não teremos o fim do mundo mas o fim do velho, para nascer um novo, assim o fim do velho modo de conceber a religião faz nascer um novo.

Este fenômeno, que hoje é natural, porque hoje vivemos numa fase ativa de transformismo, era inconcebível quando se vivia em posição estática. Foi assim que se acreditou que a verdade fosse imutável e eterna. Mas depois se via que, não obstante tais afirmações, ela mudava. Até que isso ocorresse, porém, não se podia compreender que a verdade é relativa, e está em evolução, entendimento já alcançado hoje, porque a vida nos mostrou esta posição diferente. Assim é explicável a surpresa de quem agora ainda pensa com a velha forma mental. Trata-se não da clássica luta entre religiões ou contra uma heresia, ficando no mesmo nível mental, mas de uma passagem para outro nível, razão pela qual, sem ataques destrutivos, o velho cai por si, abandonado pela vida às margens do caminho da evolução. Está acabando o espírito anti-religioso de outrora entre grupos guiados pela mesma forma mental. Esta transforma-se em todos, assemelhando-os no mesmo modo de pensar, muito diverso do que foi no passado. Hoje as diferenças e antagonismos percebidos não acontecem entre os diversos métodos e verdades de planos e tempos diversos, isto é, entre aqueles que opunham ciência e religião e aqueles para os quais a religião se torna ciência e a ciência religião.

Somente hoje se compreende que o velho estilo de vida estava errado. Mas para chegar a isso era preciso tornar-se adultos. Não se pode compreender os erros das crianças senão quando nos tornamos diferentes delas, apartando-nos da velha forma mental para adquirir uma outra. Enquanto o homem permanecer criança, ele acha justa a sua conduta infantil. Para dar-se conta de um erro, é preciso experimentar-lhe as consequências. Enquanto isso não ocorre, tudo vai bem, porque os resultados são favoráveis e não perturbam. Antigamente bastava que se tivesse uma boa fachada, sem se importar com o que estava atrás. E por muito tempo esse sistema andou bem e ninguém o acusou de hipocrisia. Se hoje não se houvesse compreendido os danosos efeitos daquele sistema, ninguém pensaria em corrigi-lo, e estaríamos ainda satisfeitos com as velhas posições.

Isso não quer dizer que a fé, sustentáculo da religião, deva acabar. Se existiu, significa que tem uma função, que deve ser reconhecida, porém situada no lugar que lhe cabe. A ciência, com a mente racional e objetiva, desempenha a função de indagar para compreender e depois aplicar com a técnica as suas descobertas, utilizando-as para a vida. A fé, como o sentimento e a intuição, desempenha a função de revelar realidades espirituais inacessíveis à razão,

lançando pontes para o futuro da evolução. São pois funções distintas, as da ciência e da fé, mas complementares. O conflito nasce quando uma quer substituir a outra, invadindo o seu campo: isto é, quando a fé quer eliminar o trabalho da razão, impondo mistérios e a ciência procura paralisar o trabalho da fé, suprimindo suas intuições. A função de ambas é, no entanto, a de colaborar, ajudando-se mutuamente para o mesmo fim, que é o de avançar no mesmo caminho.

A passagem da fase infantil à posição de adulto leva a um modo de perceber e comportar-se diferente. O método do passado, de luta entre as religiões rivais, se substitui o da compreensão e colaboração. A maturação evolutiva leva à criação de uma imagem diferente de Deus. A vida deixa que o homem crie aquilo que mais lhe convém para progredir. Um Deus constituído por um pensamento abstrato, que é lei diretora do funcionamento universal, era um conceito inimaginável para o primitivo do passado, conceito, pois, que não servia à vida. É assim que esta permitiu que se imaginasse para seu uso um Deus antropomórfico mas acessível, um Deus que satisfizesse à sua forma mental. Mas é assim que hoje, por idênticas razões, já se pode passar a um outro conceito de Deus, aceitável para o homem da ciência moderna. Quando as velhas representações da verdade não convêm mais à vida, esta as abandona e as substitui por outras, mesmo se as aceitou no passado, quando lhe convinham. Isso não impede que ainda possam servir aos povos e indivíduo subdesenvolvidos aquelas velhas representações que os mais evoluídos já superaram. Tudo, pois, está certo, porque cumpre a sua função a seu tempo e em seu lugar.

A essa progressão de sucessivas representações se deve o ter-se podido obter uma sempre mais verdadeira concepção da divindade. É preciso também reconhecer que a presença de uma fase inferior precedente é necessária, para poder superá-la. É o que ocorre hoje. Encontramo-nos, de fato, num período de passagem do velho ao novo. O primeiro é feito de fé e sonho (fase mitológica, infantil); o segundo é feito de razão e realização (fase científica, adulta). O primeiro poder-se-ia assemelhar à intuição dos poetas, aos contos de ficção científica; o segundo, à técnica realizadora das descobertas dos cientistas. O primeiro é fantasia que antecipa, mas sonhando (Julio Verne descreve a viagem à lua). O segundo é ciência que concretiza o sonho (os primeiros astronautas desceram na lua em 20 de junho de 1969).

Para conhecer qual poderá ser a nova religião do futuro, podemos estabelecer as seguintes proporções:

Os romances de ficção científica preludiam a positiva realização da técnica científica, assim como a fé na mitologia religiosa antecipa a positiva religião científica do porvir.

Por analogia, da primeira parte da proporção,, isto é, do conhecimento dos dois primeiros termos e suas relações, se pode deduzir o valor da incógnita, que é o quarto termo. Este não contradiz o terceiro, mas confirma-o, uma vez que é constituído pelo seu desenvolvimento. Assim, o novo tipo de religião não destrói o velho, mas continua levando-o mais adiante.

Chegado a esse novo nível, o homem atingirá uma compreensão que hoje ainda não tem. Deslocar-se-á o plano de seu conhecimento, ele se tornará consciente do funcionamento universal e de sua posição nele. Compreenderá, com forma mental positiva, que a desordem do caos do AS em que está situado, é apenas aparente e de superfície. Ele descobrirá que, na fenomenologia universal, há uma íntima realidade, constituída pela presença do S na profundidade do AS, isto é, da presença de uma ordem perfeita e inviolável à qual a desordem do AS está sujeita, ordem que enquadra e disciplina aquela desordem, dominando-a.

Então o mal que reina no AS constitui apenas uma posição periférica do ser, ao passo que a sua posição central é constituída pelo S, o que significa um núcleo vital que é o oposto do mal, isto é, o bem. Se assim não fosse, o AS, com o seu negativismo, já teria sido destruído há tempo. Eis que, no centro desse negativismo, há o positivismo do S. Isso significa que, dentro desse invólucro de mal, há o positivismo do S. Isso significa que, dentro deste invólucro de mal, dores, ignorância, morte, trevas etc., há um centro feito de bem, felicidade, conhecimento, luz, vida etc. Não fomos separados dos mananciais da existência, eles continuam a irradiar-nos, através da cortina da negatividade do AS e podem alcançar-nos, mas na medida em que permite a transparência de nossa atmosfera, que se faz cada vez mais sutil, quanto mais evoluímos subindo para o centro S.

Este atrai e tudo o que existe movimenta-se em sua direção. A atração determina o movimento evolutivo de retorno e o canaliza para o centro S. Em outras palavras, a grande esperança é esta via de salvação, dada pela presença do Deus imanente que realiza esse prodígio, que é o fenômeno da evolução, com funções universais curadoras de todo o mal e negatividade que existe no AS. Eis que neste subsiste a presença de um fundamental impulso sadio, que irradia vida e saúde no organismo enfermo para curá-lo. A grande descoberta do homem já adulto consistirá em adquirir consciência da presença do S no fundo do AS, isto é, da primeira fonte do existir. Então a ciência compreenderá a Lei e terá encontrado Deus.

Os astronautas russos se gabaram de não ter encontrado Deus no céu, onde se diz que Ele está. Pensavam talvez em encontrar um Deus com imagem humana? Mas eles encontraram leis, leis e leis, que revelam a presença de um pensamento sábio e expressas por uma vontade de ferro, às quais prestaram obediência. Isto é Deus. Eles O tocaram e não O viram.

É que Deus não pode ser procurado no exterior, fora do ser, mas no seu íntimo, no interior das coisas, dos fenômenos, da ciência, de nós mesmos. Esta afirmação é confirmada pela existência destes fatos concomitantes e já explicados por nós: a evolução vai do AS ao S; o sistema está no interior do AS; então a evolução procede para o interior, onde está o S; este é de natureza espiritual; a evolução leva à espiritualidade. Assim se explica por que a evolução consiste num desenvolvimento nervoso, cerebral, mental. Deus que é pensamento, está e deve ser procurado no íntimo do ser.

Assim a evolução é um despertar de qualidades espirituais, é uma reconstrução da parte interior do ser, a decaída e pertencente ao S. A evolução consiste, antes de tudo, naquele despertar e naquela reconstrução, isto é, no desenvolvimento psíquico da personalidade. Só como consequência do desenvolvimento psíquico a evolução cuidará do desenvolvimento do organismo, que é apenas um instrumento de manifestação e experimentação dessa personalidade. É assim que, em substância a evolução consiste numa espiritualização do ser, entendido como desenvolvimento psíquico. Conceituemos aqui a espiritualidade “latu sensu”, como faculdade de pensar e compreender pela aquisição de conhecimento e é neste sentido que a ciência conquista seu espaço.

Assim se explica por que o homem deva procurar Deus dentro de si mesmo, mas se explica também por que ele O procura fora. Trata-se de um comportamento próprio do AS; é, pois, natural que isso seja feito de modo invertido, centrífugo e enfermo. Justamente porque o não invertido, são e centrípeto, está dirigido para o S do qual não procura fugir. Por essa razão sabemos agora qual a postura correta que se deveria assumir. Mas é natural que o homem comporte-se justamente de modo contrário, porque ele está mergulhado no AS e não pode senão seguir-lhe os métodos.

Tal posição dos elementos do fenômeno leva também a uma outra consequência. Da presença do S no centro do AS, isto é, do Deus imanente em nosso universo, conclui-se que tudo, no seu íntimo profundo, isto é, nas suas raízes que estão no nível do S, é perfeito, ainda que essa perfeição fique escondida por uma crosta de imperfeição, tanto maior quanto mais o ser está envolvido no AS, isto é, longe do S. Isso significa que, mesmo se na superfície ocorre o contrário, e na aparência é diferente, tudo, em substância, funciona para o maior bem do ser e para o melhor rendimento para o seu progresso.



Observemos agora as consequências práticas a que levam tais conceitos. Deles deriva uma nova visão da vida, que leva a assumir uma nova posição diante dela, trazendo por conseguinte resultados diversos. Conhecer a técnica de tal fenômeno pode ser útil na procura do sucesso, problema hoje considerado de maior importância. O homem em geral segue o método egocêntrico, separatista, próprio do AS, isto é, se faz centro e luta contra todos para superá-los e sujeitá-los. Ele se sente elemento isolado no caos, em que busca impor a própria ordem, impondo-se como centro dessa ordem, tentando dobrar tudo à sua vontade. Ora, um tal comportamento, num mundo regulado por leis que não admitem ser violadas, isso é absurdo e desastroso, porque o

homem se choca, continuamente, com a vontade das leis, também decididas a impor a sua ordem. E quem paga é o mais fraco. A vida sabe o que quer. Ela maltrata quem desobedece, mas ajuda quem a segue.

O rendimento do próprio trabalho é completamente diverso quando se realiza indo contra a Lei, ou quando se realiza seguindo a sua corrente. Enquanto no primeiro caso este se consome em atritos contra ela, no segundo caso evitando o desgaste, o rendimento é maior. Viver no AS não quer dizer que não se possa viver, desde que se seja evoluído, em profundidade, na ordem do S, seguindo-lhe os métodos. Mas é preciso ter compreendido que há uma Lei e saber viver em função dela em lugar do próprio eu. O ponto de referencia da vida nos dois casos é completamente diverso. Num caso esta referencia é a Lei; no outro, o eu. Resultam dois tipos de vida diversamente orientados, com as relativas conseqüências.

Em nosso mundo o melhor é o mais forte, aquele que, com a sua potência, sabe vencer a todos num regime de caos. Segundo o outro tipo de vida, o melhor é quem tem mais méritos por ter conquistado valores pessoais, que põe a serviço de todos num regime de ordem. Tal indivíduo sabe que tudo é controlado pela sabedoria da Lei, que não admite violações e os castiga. Muitas vezes o homem acredita vencer porque é inteligente e forte e não se dá conta que é a vida que o lança para o alto, porque, põe suas qualidades, é usado como instrumento para fazer um trabalho útil à vida e para o qual ele é adequado. O problema não é mais o de saber vencer sozinho, mas de conhecer a Lei, a sua vontade, a própria posição em consonância com a realização de seus fins, as razões pelas quais cumpre tais lances, o impulso e a estrutura da onda pela qual se deve ser ou não ser, porque e como, levados ao alto.

Então o sucesso na vida e em todo campo depende de um cálculo mais complexo, que não leva em conta somente as próprias forças e as resistências do ambiente contra o qual deve lutar, mas calcula também a estrutura, direção e impulso propulsivo das correntes da vida às quais deve juntar-se para subir. No futuro, diante de uma empresa de qualquer gênero, bélica, comercial, política, religiosa etc., se levará em conta, com uma exata técnica das previsões, também estes fatores, hoje confusamente relegados ao imponderável. Se Napoleão e Hitler tivessem feito este cálculo, não teriam falido, porque a vida não os teria abandonado, quando tentaram impor-lhe o próprio egocentrismo para seguir os seus egoísticos fins, sobrepondo-os à finalidade da vida. Eles ciaram porque faltou a razão do impulso que os tinha lançado para o alto. Se eles se houvessem retirado a tempo, logo que tivessem terminado o trabalho para o qual a vida os protegia, não teriam falido como ocorreu, desde que subverteram a própria missão para tornar-se o centro do próprio desejo de grandeza.

Entretanto alguns indivíduos, mesmo que sejam personagens históricos considerados de pouco valor, fizeram sucesso pelo fato de terem sido elevados pela onda da vida, porque servia à sua finalidade. Assim se explica também que homens de grande valor não tenham sido reconhecidos porque, vivendo fora do tempo, se encontraram na descida da onda.

Há uma outra diferença entre os dois métodos. O do mundo, de tipo AS, produz resultados transitórios, tanto mais instáveis quanto mais baixo o nível biológico em que se opera; pelo menos, aparentemente, é mais forte o AS, o seu transformismo, o estado de caos e de luta. De fato o mundo está cheio de falências e desilusões e não se sabe o que valem as suas conquistas já que estas não duram. Ao contrario, o método de quem se ajusta à Lei, pelo fato de que se projeta na direção do S, produz resultados duradouros, definitivamente nossos, de que ninguém, sequer a morte, poderá privar-nos. Eles não são como os do mundo, anexados ao exterior, mas assimilados como qualidades nossas, constituindo valores espirituais definitivamente adquiridos.

Tentemos aplicar estes conceitos de forma ainda mais particular. Estas observações não são para aqueles que, embriagados pelas fáceis vitórias, crêem numa vida terrena de triunfo, mas para aquele que mais experimentaram a dureza da realidade. À luz das precedentes considerações, vejamos se é virtude ou defeito o desprendimento do fruto do próprio trabalho. Num mundo em que tudo é aleatório, o problema da durabilidade é fundamental. A primeira mais espontânea resposta a esse quesito é que tal separação não é uma virtude, como os moralistas podem sustentar. Cada trabalho deve prefigurar um fruto, como resultado que o justifique. A própria vida é utilitária e não gasta suas energias para não produzir coisa alguma. É a ligação a esse fruto

que nos sustém no esforço de cumprir aquele trabalho. Então aquela distancia passa a ser um mal, porque elimina até mesmo a nossa vontade de trabalhar e nos leva a inércia.

É inegável, porém, que vivemos num mundo de tentativas, onde não há garantia de se conseguir a posse do fruto do próprio trabalho. É fácil então ficar desiludidos, de mãos vazias, depois de ter feito tanto esforço. Encarado sem egoísmo, desprender-se pode até ser-nos útil. Mas se ele nos retirar a vontade de trabalhar, e, para evitar desilusões, não se fizer mais nada, caímos no pior dos sistemas. Como se resolverá o problema?

A maior parte dos resultados que se propõe conseguir na Terra pertence a esse plano de evolução e são de natureza caduca e ilusória. Acabam freqüentemente, num engano: ou porque se trabalha mas não se chega ao resultado e com isso a satisfação sonhada, ou porque eles não são por natureza duradouros. O melhor seria dirigir-se à conquista de valores superiores, não exteriores, mas íntimos, fazendo parte da própria personalidade, porque consistentes nas suas qualidades adquiridas e permanentes. Isso porém não impede que mesmo o trabalho para resultados falhos ou fictícios não deixa de ter sua utilidade, porque serve como experimentação e vale como frutos de experiências que fixam na personalidade do indivíduo. É neste sentido que até mesmo a corrida atrás de glórias, riqueza, poder, prazeres, pode ter sua utilidade, se bem que tais coisas redundem sempre em ilusão.

Devemos condenar quem trabalha nesse nível? Não, porque este é o seu plano evolutivo e ele não saberia fazê-lo de outra maneira. Não se pode culpar uma criança de ser inexperiente e de não saber trabalhar de outro modo. Além do mais, este ser está sujeito a sofrer provas, erros e sanções que lhe são úteis porque lhe servem para experimentar e evoluir, em proporção ao seu nível, ignorância e sensibilidade. Assim também ele se realiza a si mesmo tal como é, pois, mesmo enganando-se, atinge os fins que a vida deseja.

Vejamos agora como funciona o indivíduo do outro tipo. Antes de tudo, os resultados que ele consegue são independentes do juízo, aprovação ou condenação, por parte do mundo, atitude rara, já que a maior parte teme este juízo e, para evitar o contrário, se obriga ao conformismo, impondo-se limitações. Mesmo esse tipo de homem, como todos os demais, está ansioso de sucesso. Mas sucesso em que? Ele está preso ao fruto do próprio trabalho, mas que fruto? Este outro tipo de homem está livre da opinião alheia, porque tem consciência dos próprios deveres, e do que faz, presta contas, diretamente ao tribunal de Deus, o que diante do mundo o torna autosuficiente. O seu sucesso, o fruto pelo qual trabalha é superior, espiritual e mais íntimo, consiste em valores imperecíveis, que não se podem perder. É certo que o crescimento é fundamental instinto da evolução. Crescer é desenvolver-se e subir. Mas cresce de verdade aquele que cresce nos valores espirituais, e não quem cresce apenas nos valores materiais. Concentrar-se em si e para si é anti-social, o é contra as leis da vida, porque queira ou não, vivemos coletivamente num organismo, cada um como uma roda num relógio, que não se pode tornar egoisticamente maior sem turbar o funcionamento e a ordem, sendo, pois, obrigado por essa ordem a reentrar nas suas justas dimensões. Uma tal roda desajustada acaba sendo jogada fora do relógio. Será vantagem, no entanto, aperfeiçoar-se dentro dos seus limites, tornando-se assim sempre mais valorizada porque apta a melhor cumprir a sua função.

Devemos esclarecer que crescer como valor espiritual não é entendido aqui no sentido de isolar-se do mundo, a exemplo do místico ou anacoreta, que se ausentam da realidade da vida. Por valor espiritual, entendemos também o fruto da atividade mental do cientista e do pensador, do dirigente industrial ou de qualquer outra organização social. Como valor espiritual entendemos o fruto de toda a atividade que desenvolve a inteligência. É indiscutível que a nossa vida atual se pode ter verdadeiro valor se vivida em função de uma meta a atingir, sem o que a vida fica sem sentido. Cuidemos, portanto, de vivê-la com inteligência, percorrendo orientadamente e não de forma cega, o caminho evolutivo que a constitui. Mas estamos longe de negar a vida terrena, fazendo dela um exílio, enfrentando-a somente de forma negativa, para fugir ao trabalho criativo que ela, com a sua experimentação, representa. Se a vida terrena existe, é porque tem os seus fins. É preciso evitar o excesso de quem a apresenta como fim em si mesma, usufruindo dela todo o prazer, com o argumento de que tudo acaba com a morte. Mas é preciso não cair também no excesso oposto, que apresenta a vida como a suportaçãõ de um mal, que é necessário sofrer para subir aos céus. Na idade

Média se pecou no segundo sentido. Hoje se peca pelo oposto. A Lei, no entanto, engloba tudo e funciona na Terra como no céu.

Então continua-se a trabalhar no mundo como quem é do mundo, mas com outro ânimo, com uma outra visão da vida e seus fins. Funciona-se aparentemente como os outros, mas evitando a fazer-se centro de tudo, mantendo-se, ao contrário, em posição subordinada à Lei e aos fins da vida. Faz-se isso não por princípios ideais ou morais, em que se pode crer, mas porque este é o caminho mais seguro, e portanto é útil segui-lo, argumento que todos compreendem. A posição de quem está orientado é completamente diferente de quem está sem orientação. Sucede então que, se um indivíduo chega a defrontar-se com o insucesso, no plano material, ele não se sente atingido por isso, porque o que ora perde não é o fruto que queria conseguir. Tendo em mira outra realização, em outro plano, ele atinge o seu fim, mesmo que no mundo tenha falido. Isto lhe confere uma força e uma superioridade, que o outro tipo não possui. Quando se cumpriu fielmente o próprio dever diante de Deus e se sente que Ele, no mais fundo de nossa consciência, o aprova, a finalidade maior já foi alcançada e o fruto melhor fica conosco. O que ficou perdido é o resultado do exterior, o transitório, destinado a passar e que mais cedo ou mais tarde fatalmente passará. A perda é, pois, leve e fácil de ser consolada, porque o ganho maior fica conosco, intacto e definitivo.

O fruto espiritual obtido com o trabalho realizado consiste em: 1°) ter sido feito honestamente e com convicção para um fim superior; 2°) ser para o bem do próximo; 3°) haver cumprido o dever, sem qualquer interesse ou recompensa material; 4°) fazê-lo bem feito e com zelo; 5°) ter aprendido, levando consigo, através de novas atitudes, o conhecimento adquirido. Tudo isso permanece como nosso patrimônio, constituído pelo mérito adquirido diante da justiça da Lei, valor que fica como propriedade, permanente, em benefício de quem o ganhou.

O fruto do trabalho consiste também nas boas qualidades assimiladas pela personalidade, que constituirão muito futuros instrumentos da sua potência. É assim que se constrói o homem superior dotado de inteligência, boa vontade, honestidade, espiritualidade, altruísmo, senso de dever, capacidade construtiva etc. A aquisição de tais qualidades significa evolução para um plano mais alto, em que a vida é menos dura. O homem se torna mais livre, autônomo, senhor do seu destino, consciente dos seus movimentos, dirigidos para o bem. Assim se alcança o maior resultado possível em uma vida: o de ter subido um degrau na escala da evolução. Trata-se indiscutivelmente de grandes vantagens. Mas para poder usufruir disso, é preciso ter alcançado o grau de inteligência necessário para compreender a utilidade de adotar esta nova técnica de vida.

Os outros resultados terrenos não perdem o valor por isso, mas ficam subordinados àqueles outros, o que nos livra de toda a amargura e desilusão quando se revela a sua caducidade. Eles não são desprezados nem negligenciados. Mas esclarecidos os equívocos, eles não são supervalorizados, mas simplesmente colocados no seu justo lugar, reconhecendo e apreciando a sua função. Assim, cada tipo de atividade é introduzido, em todo o nível, na grande corrente de forças animadoras do organismo da vida e, segundo sua natureza e qualidades, dá os seus frutos na mesma proporção. Tudo isso sabe o homem que se põe diante de Deus e vive consciente diante da Lei.

CONCLUSÃO

Chegamos ao fim desta obra. A teoria básica foi desenvolvida nos volumes: *A Grande Síntese, Deus e Universo, O Sistema, A Lei de Deus, Queda e Salvação, Princípios de uma Nova Ética*. Os outros volumes completam essa teoria, desenvolvendo problema colaterais. Na última parte da Obra, como já foi anunciado no prefácio deste volume, descenderemos ao terreno das conseqüências e aplicações práticas dos princípios antes afirmados e demonstrados nos citados volumes. Assim, a teoria de base encontra aqui uma espécie de controle experimental, posta em contato com a realidade dos fatos. Estes não a desmentiram, e ainda a confirmaram plenamente.

Chegamos ao presente volume resolutivo do problema básico de nossa vida, o do racional enquadramento do indivíduo no funcionamento orgânico do universo em que vive, e seguindo a Lei de Deus, que dirige esse funcionamento e o realiza. Defrontamo-nos, desse modo, com um novo método de vida baseado na sua racional planificação e dirigida para a sua meta final, a redenção. Tal método constitui uma técnica de salvação. Já escrevemos um volume: *A Lei de Deus*,

mas não basta afirmar que tal Lei existe. É necessário mostrar, nas particularidades, a técnica do seu funcionamento, porque o segredo de nossa salvação consiste em saber funcionar de acordo com tal Lei. Por isso escrevemos o presente volume, além do citado acima.

Este novo estudo nos leva a um mais alto conceito de Deus, mais verdadeiro que o atualmente possuído, um conceito independente das humanas divisões religiosas, conceito universal, porque alcançável através das vias racionais da ciência. Uma concepção antropomórfica da divindade é necessária para as massas subdesenvolvidas que, para poder imaginá-la, precisam reduzi-la a seu nível mental. Para tais seres a capacidade de compreender um conceito é fato básico para a sua aceitação, o que exclui o conceito da Lei, que para eles é uma abstração inconcebível, ainda que corresponda à verdade. Estes preferem crer, aceitando de outros soluções já prontas, porque é cansativo pensar e resolver por si problemas, que, naturalmente, ainda são incapazes de resolvê-los. Porém, também é certo que alguns indivíduos excepcionais, sabendo pensar, têm necessidade de uma representação mais avançada que mais se aproxime à realidade e exprima mais exatamente o conceito verdadeiro de Deus. É bom expô-la, a fim de que as pessoas comecem a habituar-se a essa nova aproximação e a uma visão mais clara, porque este é o objetivo da evolução que deverá arrastar, com o seu impulso, todos os seres do futuro. Sei bem que essas indagações não são adequadas para conquistar a popularidade de um escritor, mas quando um indivíduo chega a compreender, mesmo se às massas não interessa essa compreensão e permanecem surdas às suas palavras, ele deve falar, a fim de que possam compreender aqueles que já estão capacitados e muitas vezes ansiosos por tal alimento. Por isso quisemos oferecê-lo, com a convicção de cumprir um dever, em relação àqueles que estão maduros, porque pode ser-lhes de vital importância, embora seja indiferente para os involuídos.

Este novo conceito de Deus não é o clássico do Deus Senhor que comanda arbitrariamente, castiga, e a quem os dependentes obedecem por temor. Trata-se de um conceito de um Deus ordem que é a sua Lei, à qual Ele, primeiro que todos obedece, porque obedece a si mesmo; Lei à qual, seguindo este exemplo, todos obedecem, porque nisto está seu bem. Quando conseguimos compreender que Deus é uma Lei, uma espécie de pensamento diretor e ação que opera dentro de nós e em torno de nós em tudo o que existe, não nos encontramos mais diante de um Deus ausente, isolado na sua glória nos céus, mais diante de alguma coisa de positivo, real, porque O vemos funcionar vivo conosco. Então a sua presença não é só um ato de fé, Deus não existe apenas enquanto se crê na sua existência, mas é um fato perceptível e controlável, é uma inteligência com que se pode raciocinar, questionar e obter respostas. Como isso ocorre já explicamos suficientemente neste livro. Não se trata de crer mas de ver. E como não perceber a presença deste Deus quando Ele é uma Lei, na qual estamos todos mergulhados e só existimos enquanto integrados no seu funcionamento?

Dissemos que esta Lei é o S que permaneceu incorrupto, o Deus imanente, presente para salvá-lo mesmo no AS. Tudo é lógico e claro. Neste conceito de Deus-Lei poderão finalmente fundir-se, completando-se, os dois pólos opostos da mesma unidade, a religião que só vê o espírito e a ciência que só vê a matéria. Já a ciência entrevê a existência de um outro universo feito de antimatéria, que constituiria a outra metade espiritual, complementar do universo material que conhecemos. Poder-se-á assim sair da nebulosidade da fé e consciente, de olhos abertos, se poderá entrar em contato com o pensamento de Deus, ao menos na parte que mais atinge a nossa existência, aquela que interessa ao nosso trabalho de redenção. E o conhecimento da técnica funcional dos fenômenos do espírito nos induzirá a uma conduta mais sábia que, evitando o erro, evita também a dor. Aprenderemos assim racionalmente, cientificamente, a redimir-nos conhecendo a técnica do processo de salvação.

Quando os astronautas vão ao espaço, sabem bem o que acontece se não observarem as Leis. Por isso a ciência as estuda e ninguém pensa em desobedecer a elas. No campo moral, igualmente regido por leis, o homem se propõe violá-las e nisto consiste a sua bravura. Os desastres que se seguem mostram com os fatos como é grande a sua inconsciência. A sabedoria consiste em entrar no jogo da Lei, secundando-a, e não em definir contrastes, oposições, porque neste caso, sendo a Lei mais forte, o indivíduo sempre levará a pior.

Estas conclusões modificam a concepção comum da vida, passamos a vê-la não mais em função do AS, mas em função do S, de forma positiva. A dor não é mais entendida como

uma condenação, mas como uma escola, e pode ser usada pelo sábio como instrumento de evolução. A Lei não é uma pessoa que possa ser ofendida e que se vingue, punindo; nem é alguma coisa que se faça funcionar com fingimentos. A Lei é um sistema de forças, que as palavras não têm poder de mover, somente os fatos, as nossas ações. A sabedoria de salvar as aparências com a hipocrisia de nada serve. Trabalha-se sobre o real em que a forma não vale, mas a substância. No campo da moral, cheio de mentiras, tais conceitos representam uma revolução, de modo que fingir é inútil, sendo antes um mal que o indivíduo inflige a si mesmo e cujos efeitos danosos se podem calcular. Cai assim toda a técnica de simulação tão aperfeiçoada pelo homem, e torna-se necessário inaugurar um sistema mais rendoso e menos dramático, o sistema da clareza e da sinceridade. O homem consciente da Lei se sente sempre na presença de Deus, sabe que nada lhe pode esconder. Ele não usa mais tantas escapatórias absurdas com as quais os subdesenvolvidos crêem evadir-se da Lei, e assim evita tantos erros e tantas dores. Ele sabe que cada um, automaticamente, provoca o próprio prêmio ou a própria condenação, na justa medida, segundo o próprio mérito. Tal resultado é infalivelmente atingido por todos, qualquer que seja a sua fé, em todo o tempo e lugar.

A presença da Lei, isto é, do S ou do Deus imanente em nosso universo, que com íntima sabedoria o corrige e leva à salvação, não obstante a sua imperfeição de superfície, transforma-o em um universo substancialmente perfeito. Os seus males e dores são de fato reduzidos a um elemento transitório, eliminável por meio da evolução. O transformismo tem tendência corretiva. O real senhor do caos do AS é a ordem do S, que continua a funcionar no íntimo do AS. A presença de Deus é um fato positivo, porque canaliza todos os fenômenos, conduzindo-os aos caminhos estabelecidos para os fins desejados.

A descoberta desta verdade dá à vida um significado profundo, faz dela um instrumento de grandes conquistas, um meio para atingir fins altíssimos, enquanto dá ao indivíduo um absoluto sentido de segurança de quem sente a presença de Deus regendo tudo com justiça. Cai então toda a grande Maya, toda a ilusão que envolve o mundo, compreende-se o jogo e a diversa realidade que está por trás dele. Tornamo-nos sábios e não caímos mais nos seus enganos. Sabe-se que, quando o homem, com os métodos do AS crê vencer, perde, e quando crê que perde, vence. O jogo está todo na imersão do S em AS e no ajustamento do AS em S. Basta assumir a posição do S para colocar cada problema na posição correta. Infeliz é quem goza, afirmando-se nos caminhos de decadência do AS, porque está involuindo. Afortunado, porém, é o ser que se afirma nos caminhos ascensionais do S, porque está evoluindo. A salvação está na evolução. Para cada ato nosso há, por obra da Lei, uma contabilidade de deve e haver, justa e exata, no banco de Deus.

Tudo isso ocorre perfeitamente, sem que haja necessidade da intervenção de qualquer censor ou moralista que a imponha. Estes se exprimem com palavras, às quais se responde geralmente com outras palavras, fingindo obediência. A lei não pode ficar a mercê desse jogo. Ela é um funcionamento real, que ninguém tem o poder de deter, e que responde à substância para a qual as palavras não contam. Eu mesmo, movido do desejo de ver os outros melhorarem, em alguns escritos passado insisti, com finalidade corretiva, na denúncia dos defeitos alheios. Num ambiente de luta, como é o humano, isso poderá ser entendido como acusação malévola, mesmo que a finalidade seja justamente a oposta. Tenta-se salvar e se é tomado por crítico agressivo, sendo a boa vontade, entendida como orgulho, como uma indevida intromissão, uma falta de respeito pela liberdade alheia. Num regime de luta, querer impor uma virtude ao próximo significa impor-lhe uma limitação contra a qual ele se rebela porque aquela limitação, em geral, é benéfica a quem a prega e pesada para quem a pratica.

Perguntei-me então: é possível que a aplicação da Lei de Deus deva depender de quem a prega? Como poderia isto acontecer se de fato se lhe obedece tão pouco? Como a Lei deve funcionar? Deus seria vencido pelo caos do AS? Olhando bem, vi que a Lei não tem necessidade de pregador para funcionar. Ele pode ser útil para advertir, transmitir a idéia, mas não representa a força decisiva, determinante da atuação. O que leva necessariamente à aplicação da Lei não são as palavras, mas os fatos, não as ameaças de pena, mas as penas reais que atingem os transgressores, que representam o único discurso, suficientemente claro para ser compreendido por todos. Entendido o problema, deixei as exortações, convencido de que a Lei sabe ensinar por si, e me pus a demonstrar como automaticamente ela sabe fazer-se respeitar e pôr-se em prática por si mesma. Vi que a Lei já contém o remédio do mal, sabe atingir seus fins, nada havendo a acrescentar,

de modo que não me restou senão a posição de espectador, a obrigação de, por sentido de dever, limitar-me a contar, a quem pode ser de utilidade, o que vejo ocorrer.

Assim, ao invés de denunciar as culpas do mundo sobre as quais nada posso, em vez de exigir de quem não quer, admiro a perfeição da Lei que sabe corrigir com os seus meios bem persuasivos, justos, proporcionais à insensibilidade humana, e assim sabe salvar o mundo, mesmo que este não o deseje. Desse modo, terminou aquele meu sofrimento pelo mal e o erro, que não havia razão de ser, porque são corrigidos pela dor, que anula o seu poder destrutivo. Na convicção de que o mal não tem nenhum poder para vencer, porque, mesmo no inferno do AS Deus é o senhor, encontrei a paz, porque agora sei que cada coisa está no lugar que lhe cabe e que a ordem permanece, faça o homem o que fizer ou diga o que disser. Senhor para cometer erros e servo para pagá-los, isso nada altera na justiça de Deus, antes constitui a sua realização. A minha alma agora repousa na contemplação daquela maravilha que é a perfeição da Lei de Deus e na sensação da sua imanência salvadora.

Esta visão do triunfo do S sobre o AS, do bem sobre o mal, de Deus sobre tudo; a constatação da impotência do homem para ofender a Deus, como ele no seu orgulho deseja crer, achando-se capaz de alterar alguma coisa da Lei; a sensação da presença de Deus, viva e inviolável, ininterruptamente agindo dentro de nós, constituem a minha maior segurança e garantia de vida, a grande alegria de encontrar, como conclusão, no final de tão longo caminho, tudo isso no vértice da Obra.

S. Vicente (S. Paulo) Brasil

Páscoa 1969.

F I M